

INSTITUTO DAS
FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

“CRONISTORIA”

4

4 Q 3.4

Portuguese

INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

"CRONISTORIA"

A HERANÇA DE MADRE MAZZARELLO
PASSA ÀS MÃOS DE MADRE DAGHERO

(1881 - 1884)

4.º VOLUME



Organização de
Ir. G. CAPETTI

Tradução:

INSPETORIA MADRE MAZZARELLO

Belo Horizonte — 1988

INTRODUÇÃO

Com este 4.º volume, abre-se um novo período de história do Instituto. As memórias nele contidas se iniciam com o mês de junho de 1881, quando, ainda em afetuoso lamento pela morte de Madre Mazzarello, aguarda-se em prece a sua sucessão. Prosseguem, abraçando os primeiros anos de governo de Madre Catarina Daghero, até o fim de 1884.

Anos marcados por provações e lutas freqüentes, em tempos difíceis de aberto anticlericalismo; no entanto, não diminui a rápida expansão do Instituto e o grande aumento de vocações.

Revela-se também, de modo admirável, a contínua assistência da SS. Virgem que, desde o começo do governo de Madre Daghero, através de um sonho misterioso que se repete por noites e noites consecutivas, mostra a Dom Bosco a materna solicitude de Maria pelo Instituto e, em cenas sucessivas, o previne a respeito de perigos que o ameaçam.

Entre os acontecimentos mais importantes desses anos, está a celebração do Capítulo Geral que prepara a maturidade do Instituto e, ao mesmo tempo, a revela.

E é justamente desse Capítulo que parte a deliberação de compilar a CRONISTÓRIA: deliberação que, se não pôde ser logo posta em prática, fez sentir, desde aquele tempo, a importância de se conservar essa memória e, com as

primeiras e incompletas tentativas, tornou possível o trabalho posterior.

Na revisão feita para a fase de impressão, teve-se presente o mesmo critério adotado nos volumes precedentes, de reduzir parte dos insertos limitando-nos a incluir apenas os documentos considerados necessários, ou pelo menos convenientes a ilustrar melhor as circunstâncias e o clima do tempo, e sugerindo — com oportunas indicações — a consulta às Memórias Biográficas e ao Boletim Salesiano.

Também neste volume, Madre Mazzarello permanece viva na lembrança de suas contemporâneas e são incluídos ensinamentos, palavras e fatos de Dom Bosco em relação ao Instituto. São muitas vezes coisas bem pequenas, mas sempre fios luminosos, fragmentos do espírito do Fundador, que não podem ser perdidos.

As memórias desses anos se ligam, portanto, às origens, e têm o objetivo de manter vivo, com o suceder-se da história do Instituto, o sopro vivificador do seu espírito.

Roma, 8 de setembro de 1977
Natividade de Maria Santíssima

Ir. Giselda Capetti

HERANÇA MATERNA

A primeira superiora geral das Filhas de Maria Auxiliadora — Madre Maria Domingas Mazzarello — deixou em herança àquela que dentro em breve deverá sucedê-la no governo do Instituto, vinte e seis Casas, das quais dezessete na Itália, três na França e seis na América. As obras compreendem quinze oratórios festivos, três casas de beneficência, cinco colégios, cinco escolas e salas de costura para alunas externas, cinco jardins de infância, doze comunidades religiosas a serviço da cozinha e roupa dos colégios dos salesianos.

As Irmãs professoras são cento e trinta e nove, cinqüenta as noviças, e, de cinco a seis mil, as almas que, no nome de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco, recebem educação e formação cristã. Chegaríamos quase às vinte mil, se contássemos aquelas que, de 5 de agosto de 1872 até este momento, sentiram mais diretamente o benefício da obra de Madre Mazzarello e de suas filhas.

Portanto, já está bem encaminhada, em todos os campos, esta segunda família salesiana, agora privada de sua timoneira forte e sábia. Saberá continuar o caminho empreendido?

É essa a grande preocupação da jovem vigária geral, Madre Catarina Daghero, de apenas vinte e cinco anos de idade. Teme, apesar das confortadoras palavras do bondoso Padre Cagliari, da confiança em Dom Bosco e, sobretudo, da fundada esperança no auxílio divino. Essa é também a secreta preocupação de quem participa com ela da responsabilidade, e é objeto da silenciosa oração de cada Irmã que vive da lembrança da querida Madre que se foi, mas ainda está espiritualmente muito perto.

Mas, as primeiras semanas de luto não são apenas de tristeza: as funções do mês de Maria reúnem grande número de jovens aos pés da Virgem, e isso constitui conforto para todas.

As Irmãs de Chieri comunicam que, com suas alunas internas e oratorianas, representam muito bem as de Nizza nas grandiosas celebrações de Valdocco, em honra de Maria Auxiliadora.

UMA RESPOSTA AO PENSAMENTO DE DOM BOSCO

De Acqui chega também a notícia de que, justamente no dia da festa de Maria Auxiliadora, algumas cooperadoras salesianas — aquelas mais fiéis aos retiros de Mornese e de Nizza — estiveram reunidas em conferência, com verdadeiro proveito para suas almas e para as obras de Dom Bosco. Isso confirma quanto o venerado Pai havia dito às Irmãs: “Os sacrifícios que vocês fazem durante os oito dias de retiro espiritual para as senhoras, não são proveitosos só para elas, mas tornam o Instituto conhecido e despertam vocações para vocês e para nós; além disso, multiplicam as esmolas que, enquanto são a providência das obras salesianas, escancaram as portas do céu para os doadores. Alegrem-se, portanto, nos sacrifícios que têm de fazer”.

NOTÍCIAS DA AMÉRICA E VOLTA DO PADRE CAGLIERO

O diretor-geral reanimou os corações prometendo voltar a Nizza para a vestição religiosa no final de maio, e mandando notícias das missionárias que partiram ultimamente. Além disso, quis transcrever um trecho de carta do ex-diretor Pe. Costamagna a Dom Bosco: “Também as Irmãs o saúdam. As de La Boca continuam cheias de coragem e as de S. Isidro estão fazendo prodígios no ensino do catecismo e nos exemplos de piedade que dão. Todo o povoado está contentíssimo e as piedosas senhoras que convidaram para lá aquelas esposas de Jesus, não se cansam de se elogiar pela boa idéia”.

No dia 30, o Pe. Cagliero chega com muitas notícias de Turim e da América. Escuta, encoraja, atende confissão, ensaia os cantos do dia seguinte; e encerra solenemente o mês de Maria com doze vestições religiosas e com um sermãozinho digno de uma catedral.

Também no dia 1.º de junho, que na diocese de Turim é consagrado a N. Sr.ª das Graças, o diretor não deixa de animar a todas, Irmãs e alunas, a uma confiança ilimitada na divina patrona da Casa.

No seu regresso a Turim, todos agradecem a Dom Bosco que, de Valdocco, continua a velar por sua segunda família religiosa, e a conforta e abençoa.

NOVA ALA CONSTRUÍDA EM NIZZA MONFERRATO

O mesmo diretor-geral comunica que foi obtida a permissão de contratar os pedreiros para construir, ao lado da igreja, uma nova ala, com alpendre no andar térreo.

Ao começar essa nova construção, as Irmãs de Nizza sentem mais uma vez que o espírito da falecida Madre está de fato presente nessa casa singularmente abençoada por Nossa Senhora. Adiante, portanto, sem receio! Entre a superiora-geral no céu e o amado pai Dom Bosco na terra, o Instituto continuará a prosperar.

“BOLETIM SALESIANO” DE JUNHO

Mais cedo do que de costume, chega o Boletim Salesiano de junho, e a vigária, Madre Daghero, sempre esquiva de tomar a frente, recebe-o como um amigo que lhe fornece o assunto para a boa-noite. Apresenta-o como muito importante, e convida a comunidade a ouvir atentamente a leitura dele.

Além do relatório da festa de Maria Auxiliadora, ele traz a carta do Padre Fagnano, escrita na Patagônia no dia 18 de abril, e as conferências de Dom Bosco e do cardeal Alimonda, bispo de Albenga, aos cooperadores de Roma.

“Batizados oitenta e cinco adultos — diz a carta — entre os quais alguns “meninos” de setenta e oitenta anos. Demos também o batismo a quatrocentas crianças, e a comunhão pascal a cento e cinquenta meninos e meninas. Para estas, as nossas Irmãs nos prestam uma grande ajuda”.⁽¹⁾

Essas palavras bastam para infundir serenidade.

Na sua conferência, Dom Bosco faz ressaltar a grande necessidade de contrapor-se à ação dos protestantes.

As Irmãs de Bordighera — Torrión estão lá, justamente para isso, e as de Nizza se sentem animadas de novo zelo.

Não é menor a atenção que se presta às palavras do Cardeal Alimonda. Transcrevemos alguns trechos dessas “lembranças de família”, para que as futuras gerações vejam como o Instituto, desde seus primeiros anos, se preocupou em formar os próprios membros às exigências da vocação religiosa — salesiana — missionária.

“Benditos aqueles corações que, vendo o mal, fazem de tudo para impedi-lo e afastá-lo; são semelhantes ao coração de Deus. Ele viu o

(1) Bollettino Salesiano — junho 1981, ano V, n. 6, pág. 5.

mal do homem e se compadeceu; às ameaças juntou uma promessa: Jesus Cristo. Ele vê o homem no vício e o encaminha à virtude; ele o vê fraco e o fortalece; caído e o levanta; abre-lhe o céu para torná-lo feliz. Nesse amor se acendia o coração de São Paulo, quando dizia: "Quem de vocês está doente, que eu também não me sinta enfermo?" O coração dos Salesianos é como o coração dos servos de Deus. Essa congregação parece ter sido instituída pela Providência para trazer um bálsamo a tantas feridas, reerguer muitos que caíram, trazer paz a tantos desesperados, para glorificar o nome de Deus.

Vocês ouviram o fundador dos Salesianos falar de todo o bem que já se fez. . . E agora, o que farão os Salesianos?

Todo bem possível: procurarão meninos que instruirão, levando-os de novo ao bom caminho, combaterão a iniquidade. . .

Os protestantes semeiam dissensões. . . ; o materialismo, o comunismo, o socialismo invadem a sociedade.

Convém trabalhar com entusiasmo e vencer o mal com o bem. O que aflige os povos? Dissipação de idéias, perversão de costumes, esquecimento e desprezo da religião. Nos dias santos o povo se diverte em viagens, excursões, danças, dissipações de toda espécie; não se vai à Missa, não se ouve a Palavra de Deus, não se aprende o catecismo nem se freqüentam os Sacramentos. Antigamente as classes operárias tinham a sua Sociedade e um santo protetor; aos domingos se reuniam para rezar juntos. Agora o santo cedeu lugar a uma outra bandeira, as reuniões de domingo foram substituídas por outras reuniões, e a congregação, pela seita. Até as mulheres mudaram. Não são mais aquelas santas e heróicas mães de família, educadoras de filhos virtuosos. Agora não freqüentam mais a igreja, mas a rua, dando escândalos, e educam os filhos mais para o vício que para a virtude.

Esses são os males. Como serão vencidos? São Paulo responde: com o bem. Esta é a tarefa dos Salesianos! . . . Esta é a tarefa dos Cooperadores salesianos!

Sejamos generosos pela salvação das almas. Também Deus o foi conosco. Vêem o sol, a lua, as estrelas, as flores? São um dom da criação. Vêem o Calvário, o sangue, as chagas de Cristo? Também não são um dom? O dom da Redenção. E a Igreja não nos faz um dom com seus Sacramentos, com a difusão da divina Palavra? Tudo é dom.

Demos nós também o nosso dom, pelo bem de nossos irmãos!"

PELA SUPERIORA GERAL FALECIDA

O artigo "A superiora-geral das Irmãs de Maria Auxiliadora" ficou reservado para um outro momento: a vigária o usará como assunto da conferência à comunidade.

Ele é a reprodução quase literal do que foi publicado no dia 21 de maio passado na "Unitá Cattolica" ⁽²⁾ e que começa assim:

"O nosso Instituto das Irmãs de Maria Auxiliadora..."

Aquele "nosso", usado pela primeira vez pela redação do Boletim Salesiano e, sem dúvida, querido pelo próprio Dom Bosco na presente circunstância, quer dizer que agora o Instituto pode contar com maior direito sobre o seu coração de pai.

Consoladora também a promessa final:

"Desta alma eleita estamos preparando uma breve biografia que será publicada nos próximos números do Boletim Salesiano".

A vigária chama a atenção sobre a comunicação relativa aos novos opúsculos das Leituras Católicas.

Entre os destinados às meninas, o primeiro, Angelina, foi escrito pelo próprio D. Bosco. Também isso parece confirmar o seu paterno interesse por nós e pelas meninas que a divina Providência nos confia.

EM BORDIGHERA: BÊNÇÃO DA NOVA CAPELA

Lá pela metade do mês, as Irmãs de Bordighera comunicam a sua alegria pela festa de Maria Auxiliadora e bênção da nova capela. São notícias sumárias que dão esperança naquele novo apostolado. A diretora, Ir. Adele David, com muita razão pode concluir que só a bênção do Papa Pio VII ⁽³⁾ e de nosso bom pai Dom Bosco podiam fazer esperar tais triunfos de fé e de amor a Maria Auxiliadora.

Também essas notícias contribuem para animar as Superiores e Irmãs de Nizza, com a esperança de brevemente poder ler no Boletim Salesiano outros detalhes.

LEMBRANÇAS FECUNDAS DE BEM

O assunto principal das conversas das Irmãs e das internas continua sendo a lembrança da querida Madre. Ainda há quem chore um pouco; a vigária não desaprova, mas acrescenta: "Não está errado;

(2) Cronistória III, 329.

(3) Cronistória II, 171.

pelo contrário, revela melhor o tesouro que perdemos e multiplicará o bem que a nossa santa Madre fez no meio de nós. Não deixemos perder nada de tanta graça". É um empenho que todas acolhem de boa vontade: entre elas as professoras Ir. Preda, Ir. Telesio, Ir. Brusasco e Ir. Ravazzo; as noviças Ir. Bardina, Ir. Bressone, Ir. Genta, Ir. Malvino e as postulantes Antonieta Baratti e Elisa Marocchino.

O Boletim Salesiano foi lido também no refeitório das internas e chegaram também alguns comentários desta ou daquela Irmã, principalmente de Madre Henriqueta. E entre elas, novas lembranças. Clélia Armelonghi recorda a boa Madre, quando ia ao refeitório delas, para animá-las a fazer cara boa às castanhas com leite e à polenta com couve, dizendo que deviam comer de boa vontade o que aparecia à mesa, para fazer "uma florzinha". Então tudo era bom e todas ficavam felizes de poder dizer-lhe quanto eram gratas.

Diz também que várias vezes a encontrara na escada que desce para o andar térreo e a Madre lhe perguntava: "Ainda sentes muito a diferença entre a comida piemontesa e a tua? (a menina era da Emília). Gostas muito de castanhas? Então, procura Madre Ecônoma, para que te dê algumas; depois... boca fechada, sim?"

— "E porque Madre Ecônoma me achava sempre magrinha e sabia que eu ia procurá-la a mandado da Madre, enchia de castanhas os bolsos do meu avental, dando-me licença de repartir com as colegas mais fraquinhas, sem dizer onde as havia conseguido; senão... E eu, obediente até o escrúpulo, para não perder tamanha sorte!"

Sofia Cairo também tem a sua para contar, gloriando-se entre as colegas de ter sido medicada várias vezes pela boa Madre, quando, devido ao frio intenso, apareciam as frieiras nas mãos e ela não sabia como livrar-se delas; e sente pena de não ter conseguido, como muitas outras, algum retalho de objetos usados por aquela santa superiora, para conservá-los como relíquia.

Luisa Varvello não se agüenta, e confessa que sempre evitou encontrar-se com a Madre, pelo grande receio de que ela lhe falasse de vocação religiosa, coisa em que ela absolutamente não queria pensar; e, se faz rir as companheiras, diz depois à sua assistente: "Que tormento essa bendita vocação!..."

Na verdade, essa menina já tem na frente o evidente sinal de um chamado divino.

Nas poucas palavras de boa-noite volta o eco fiel da Madre que se foi, porque a humilde vigária não sabe nem quer dizer nada de

seu. A seu ver, ela não está ali a não ser por engano e para se exercitar na humildade. Por isso repete os ensinamentos da querida Madre:

“A nossa boa e santa Madre apreciava muito a ordem exterior, reflexo da interior; queria que fôssemos cheias de caridade para com as Irmãs; ensinava-nos o modo de santificar todo o nosso trabalho. Portanto, procuremos praticar realmente aquilo que ela sempre nos recomendava”.

E, noite após noite, retoma alguns conselhos da Madre sobre vários detalhes da ordem pessoal e dos objetos.

“São coisas pequeninas — comenta — mas fazem-nos conseguir méritos para o Paraíso, honram o nosso estado de religiosas e tornam mais leve a vida de quem trabalha conosco. Assim nos ensinou a nossa querida Madre e assim devemos fazer, para continuar sendo suas filhas”.

NO CEMITÉRIO

Nesse clima de afetuosas e comovidas lembranças, é natural que o passeio semanal tenha por meta o cemitério. Em pequenos grupos, as Irmãs vão até lá seguindo atalhos que cortam os campos dourados de trigo.

Indo e voltando, não conversam coisas tristes, mas relembram de preferência as reflexões da Madre sobre as maravilhas da criação.

Sobre a cova querida ainda não há uma cruz; mas isso não é para se espantar. Há outras na mesma situação, a dos pobres; e é essa a condição das Irmãs.

Daquele humilde sepulcro não se eleva uma voz de pranto; pelo contrário, parece emanar uma suave impressão de paz, que conduz a mente ao mistério da ressurreição e tranqüiliza o espírito.

MADRE CATARINA EM TURIM

O dia 24 de junho, festa onomástica de Dom Bosco, está próximo; as Irmãs de Valdocco o recordam à Madre Catarina, convidando-a a ir vê-las; mas ela não se decide a sair de Nizza, a não ser que o Superior mesmo a chame.

Vai o Diretor, Dom Cagliero, em nome de todo o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, embora nenhuma Casa da Itália e do exterior deixe de mandar cartas de augúrios e felicitações.

Dom Lemoyne lê seu poema, sempre original e sentido; apresenta a humilde homenagem das filhas ao venerado Pai e, voltando a Nizza, diz à vigária que Dom Bosco e Dom Cagliero a esperam em Turim.

Todas se alegram, imaginando como ela terá necessidade de se encontrar com Dom Bosco, depois de tanto sofrimento e sob o peso de sua grande responsabilidade. Madre Catarina apenas sorri, como se pensasse no papel que lhe foi imposto, e do qual gostaria de escapar, por humildade e timidez.

Dom Bosco e o Diretor-geral a acolhem com grande bondade; mas, por certas palavras ditas de leve por Pe. Cagliero, ela não tarda a perceber que continuam as penosas tramas contra Pe. Bonetti ⁽⁴⁾ e que, de Roma, devem ter chegado novas preocupações para Dom Bosco.

— Que será? — pergunta preocupada a si mesma — será que agora, que não temos mais a Madre, vão querer por acaso suprimir o nosso Instituto?

Antes de sair de Turim, cede à insistência das Irmãs e à necessidade de seu próprio coração, dirigindo à comunidade sua palavra de exortação, servindo-se, também desta vez, dos pensamentos da pranteada Madre.

Recomenda aquele amor a Deus que torna alegre o sacrifício e aquela ajuda recíproca que faz a delícia das almas religiosas. Sabendo que a casa de Turim está entre as mais expostas ao perigo de ouvir, entre as oratorianas, críticas e piadas grosseiras contra os sacerdotes, ao mesmo tempo que está entre as mais afortunadas por poder ser testemunha de virtudes sacerdotais, comenta muito bem a conhecida expressão de Madre Mazzarello: “De boa vontade eu me abaixaria, muitas vezes, para beijar o chão onde um padre pôs seu pé”. ⁽⁵⁾

PARADA EM CHIERI

Madre Daghero vai depois a Chieri, acompanhada por Ir. Marieta Rossi, convalescente de uma operação, pensando fazer uma agradável surpresa à irmã dela, Ir. Angelina.

Pode constatar pessoalmente a tranqüilidade das Irmãs e meninas, apesar dos inevitáveis comentários que se fazem na cidade, a respeito do esperado regresso do Padre Bonetti.

(4) Anexo n. 1a) cf Ed. It., pág. 335.

(5) Relação de Ir. Delfina Guido a Ir. Marietta Cane.

Voltando a Nizza com Ir. Marieta, traz interessantes notícias para a comunidade.

NOTÍCIAS DA ARGENTINA

Dando a boa-noite, Madre Daghero transmite a bênção de Dom Bosco, os cumprimentos do Diretor-geral e das Irmãs de Turim e de Chieri, e dá notícias de Buenos Aires, que Dom Cagliero recebeu numa carta de Ir. Madalena Martini: “Espero que tenha recebido as duas cartas que lhe mandei, após a chegada das Irmãs. Com muito pesar elas nos contaram que tinham deixado doente a nossa venerada Madre-Geral; e ela mesma nos havia mandado dizer que não estava bem. Esperamos que Deus ouça as nossas preces”.⁽⁶⁾

— “O restante não é para vocês — disse Madre Catarina, esforçando-se para esboçar um sorriso. A data da carta é de 7 de maio. Sete de maio, percebem? Quando nossa Madre já se preparava para nos deixar. Aquelas pobrezinhas, será que já sabem que estamos todas sem ela? Invoquemo-la, a fim de que nos alcance a graça de seguir seus exemplos e, bem depressa, ter entre nós aquela que deverá tomar o seu lugar”.

IR. MARIETA CONTA

Ir. Marieta, assim que pode, entra na conversa, em meio ao interesse geral: “Eu tenho ótimas novidades para contar, mas não são para todas; porque, como se diz na minha terra — mudando os tempos, mudam até as rosas — aquilo que hoje achamos bom, amanhã, quem sabe que sabor e que cor pode tomar. . .

Entrei no Hospital Mauriciano — aquele que fica debaixo da galeria Subalpina — com minha trouxinha: um pobre jaleco de dormir e uma gorrinha, do jeito que tinham vindo da lavanderia, sem passar, é claro. Para a pensão de duas libras diárias, o Diretor-Geral providenciou.

No Hospital tinham preparado para mim um quarto muito bonito e bem mobiliado, justamente porque seria ocupado por uma Irmã de Dom Bosco. . . Ao entrar ali, pensei logo na pobreza da minha trouxinha e, desapontada, disse a mim mesma: “Está mesmo de acordo com este luxo”.

(6) Cópia da Carta (em espanhol) de Ir. Martini ao Pe. Cagliero de Almagro, 715/1881, Arq. Geral FMA.

Durante o mês em que fiquei hospitalizada, minha mãe, meu irmão e Dom Cagliero foram visitar-me.

Entre as outras normas, Dom Cagliero me havia dado também esta: “Quando te trouxerem as refeições, cuidado para não comer tudo, mas deixa sempre alguma coisa...”.

Eu, pelo contrário, tinha como primeira e grave moléstia, uma grande necessidade de me alimentar, e comeria até o prato! A mesma coisa em relação à sede. Oh! que sede!...

A Irmã enfermeira havia posto sobre a mesinha perto da cama um copo d'água; mas, não estando eu em condições de usar livremente os braços, nem de levantar-me um pouquinho na cama, vocês podem imaginar se não pensava nas Almas do Purgatório! Num dado momento em que julgava que não podia mais resistir, comecei a rezar ao meu Anjo da Guarda, para que me mandasse alguém. Ainda não tinha acabado de rezar, quando bateram à porta.

— Entre! — disse logo. E entrou um padre que eu não conhecia. Tento fazer-lhe um gesto de cumprimento e lhe pergunto um pouco desapontada: — Desculpe-me, mas com quem tenho a honra de falar? E ele: “Sou o Padre Francesia; venho em nome de Dom Bosco”. Então me animei e tomei a liberdade de pedir que me desse de beber.

Deixando o Hospital, voltei para a comunidade de Valdocco, mas ainda precisava de cuidados; Madre Catarina, que estava em Turim, não cedeu a outras esse ato de caridade e foi para mim como uma mãe e uma hábil enfermeira.

Durante a viagem também, não podia ter maiores atenções comigo. Mais de uma vez me comovi até às lágrimas, com tanto afeto e delicadeza. Penso que, se esta for a nossa nova Superiora-Geral, podemos realmente agradecer a Deus”.

Em Nizza, prepararam para Ir. Marieta Rossi, como por privilégio, o quarto que fora da Madre, dando-lhe como companheira uma postulante que não gozava de muita saúde.

Ir. Marieta certamente gostou da delicadeza que tiveram para com ela, mas não pôde negar que experimentou um pouco de receio, dissimulado virtuosamente. Ela mesma contou:

— “Esta noite eu vi a Madre! Inclinou-se sobre a minha cama e me perguntou:

— Está com medo?

— Não, Madre — respondi, tremendo um pouquinho.

— Não tenha medo. Logo você virá também.

Mas, dizendo as últimas palavras se afastou, parando perto da cama da postulante; ela estava acordada e deu um grito tão forte que me acordou.

— Que é isto? — perguntei em tom de reprovação — porque está gritando assim?

— É que eu vi a nossa Madre passar aos pés da minha cama!

— Então não fui só eu que a vi — disse comigo mesma, procurando dominar-me e adormecer de novo; o mesmo fez a postulante.

E quanto à expressão “Logo você virá também”, não pude entender bem se era para mim ou para a postulante. O tempo irá dizer”.⁽⁷⁾

UMA PALAVRA TRANQUILIZADORA DO PADRE LEMOYNE

A leitura do Boletim Salesiano de julho relembra a Madre Daghero a penosa interrogação que a preocupara em Turim.

Confidencialmente toca no assunto com o Padre Lemoine que, com toda a franqueza de seu espírito e a confiança na prudente virtude da vigária, responde que, realmente, neste ano, S. João Batista pagou a festa de Dom Bosco com algumas amêndoas amargas, seja com relação ao caso do Padre Bonetti, seja por um certo conselho a respeito das Irmãs, que lhe foi dado por um bom amigo de Roma.⁽⁸⁾

Mas não há motivo para se preocupar, porque, se em Roma alguém pode pensar que as Filhas de Maria Auxiliadora já são capazes de se governar sozinhas, independentemente de Dom Bosco, ele, pelo contrário, sabe que estão ainda na infância. E não pretende mudar o sistema por enquanto, e quem sabe até quando! Portanto irá adiante conforme a palavra do Santo Padre Pio IX que lhe disse justamente que faça a sua segunda família depender da primeira, como as Filhas da Caridade, dos Lazaristas. Logo. . .

A vigária, tranquilizada, compreende e aprecia ainda mais aquelas páginas do Boletim Salesiano que transcrevem o discurso de Dom Bosco aos cooperadores de Turim, na vigília da festa de Maria Auxiliadora. Faz um especial comentário sobre ele à comunidade, reco-

(7) A postulante morreu poucos meses depois.

(8) O advogado Leonori, no dia 21 de junho escrevia a Dom Bosco: “Agora aconselharia que o Senhor pedisse a aprovação das Constituições das Irmãs, mostrando as mesmas normas que seguiu para a aprovação do seu Instituto masculino, assim ficariam eliminadas todas as questões” (MB XV 352).

memorando que “o conservem bem na lembrança”. Por isso, nesta nossa história de família guardamos um trecho desse discurso.

DOM BOSCO FALA

“... Dom Bosco disse que naquela noite poderia ter feito um sermão sobre a excelência da caridade ou sobre o poder da religião para o bem-estar da sociedade civil; mas que achava mais conveniente fazer uma simples exposição do que havia sido realizado durante o ano e que se estava fazendo pelo bem espiritual e material de tantos jovens pobres. Destacou o aumento de Casas para os Salesianos e para as Filhas de Maria Auxiliadora, em favor dos meninos e das meninas; falou sobre o número sempre maior de almas encaminhadas na estrada do céu e, de modo particular, deteve-se a falar sobre as colônias agrícolas, as escolas e jardins de infância e, especialmente, sobre os oratórios festivos femininos.

Disse Dom Bosco: “Piedosas cooperadoras, vocês poderiam ter uma idéia do bem que se faz, se fossem à casa das nossas Irmãs de Turim ou da vizinha cidade de Chieri, aos domingos. Iriam ver centenas e talvez milhares de meninas ao redor daquelas Irmãs, ouvindo aulas de catecismo, recebendo uma instrução adaptada a elas, assistindo às sagradas funções da manhã e da tarde; veriam um bom número delas distribuídas em classes para aprender a ler e a escrever; veriam todas passarem as horas mais perigosas do dia em santa alegria, assistidas e bem guardadas, enquanto tantas outras, infelizmente, longe da igreja ou dos olhos dos pais, vão perambulando pelas ruas da cidade, dando e recebendo escândalos deploráveis.

Diante daquele espetáculo vocês experimentariam uma grande consolação, e desejariam sem dúvida que outros institutos semelhantes fossem abertos em outras partes da cidade, aliás, em todas as partes do mundo. Ora, aquilo que se faz aqui perto de nós, em Turim e em Chieri, é feito hoje em quarenta e tantas Casas dirigidas pelas F.M.A...⁽⁹⁾ na Itália, na França, na América, até mesmo na bárbara Patagônia. Oh! quanto bem se poderia fazer a mais, se dispuséssemos de meios!”⁽¹⁰⁾

Já que seu pensamento tinha sido entendido, a Vigária se alegra e acrescenta que, para completar, seria preciso considerar, não apenas

(9) As casas são na verdade 26, mas talvez na mente do Pai há a soma complexiva das casas das duas famílias.

(10) Bollettino Salesiano, julho 1881, ano V, n. 7, pág. 5ss.

a costumeira bondade de Dom Bosco de publicar no Boletim o convite às piedosas senhoras, para o retiro espiritual de agosto, em Nizza, mas também a de fazer aparecer no "L'Unitá Cattolica" a grande participação das nossas Irmãs de Bordighera à última grandiosa festa daquele lugar, e reproduzi-la depois no Boletim de julho.

"Ir. Adele David — diz ela — não nos deu muitas notícias; mas são coisas que, conhecidas, nos convencem sempre mais de que temos em Dom Bosco um verdadeiro Pai, e dirão às que vierem depois de nós, que Dom Bosco nunca deixou passar uma ocasião de pôr-nos em destaque e, com isso, jogar sementes de santas vocações também para nós".

Concordando filialmente com seu modo de pensar, transcrevemos entre as memórias de família a parte que mais nos interessa, resumindo o resto, relativo a Vallecrosia em geral.

No dia 12 de junho se celebrou nas Planícies de Vallecrosia (perto de Ventimiglia) uma festa realmente consoladora em honra de Maria Auxiliadora, com a bênção da nova capela, às 6.30 h. O Rev. Mons. Roggeri, vigário geral da diocese de Ventimiglia, logo após a bênção, celebrou na nova capela a Santa Missa da Comunhão geral. Muitos devotos se aproximaram da Mesa Eucarística, com grande fervor, e santificaram inteiramente aquele dia que jamais será esquecido naquela região. Durante a comunhão um coro de jovens cantou um "motteto" com o acompanhamento do harmônio. Às 10.30 h houve outra função muito comovente. Mons. Roggeri, acompanhado pelo clero e pela multidão de fiéis, foi da nova para a antiga capela, transportando processionalmente o Santíssimo Sacramento.

Duas filas de jovens vestidas de branco, alunas das Irmãs de Maria Auxiliadora, abriam a procissão. Entre elas um grupo de meninas cobertas com véu branco, trazendo um lírio na mão; com seu semblante angelical atraíam os olhares de todos e faziam lembrar o coro das virgens que acompanham no céu o divino Cordeiro. Elas haviam recebido naquela manhã a Primeira Comunhão e tinham direito àquele lugar de honra próximo a Jesus.

Em seguida vinham as senhoras, e depois, o clero. E entre luzes e incenso ia adiante o Rei dos reis, acompanhado pela banda musical que concorreu espontaneamente para tornar mais bela a solenidade. Por último uma multidão, com a cabeça descoberta, seguia com veneração o seu Deus. Muitos olhos foram vistos úmidos de lágrimas.

Chegados que foram, teve início a Missa solene, cantada pelo Rev.mo Padre Francisco Cerruti, diretor do colégio de Alássio; um

grupo de Filhas de Maria Auxiliadora cantou a Missa da Santa Infância, do teólogo Cagliari.

É incalculável a massa de gente que veio dos lugares vizinhos para participar dessa festa. A estrada municipal estava cheia, e a todo momento e de toda parte chegavam charretes com peregrinos.

Às quatro da tarde a igreja se encheu novamente de fiéis, para as sagradas funções. Houve o canto das vésperas, o sermão de Monseñor Roggeri, seguido do canto solene do 'Te Deum' e do 'Tantum ergo', concluindo com a bênção do SS. Sacramento.

Durante o dia todo foi um contínuo estourar de foguetes e, ao entardecer, algumas famílias residentes nas proximidades da igreja quiseram ainda manifestar seu contentamento, iluminando as casas. A música continuou até a noite, enquanto um balão subia aos ares avisando aos lugares mais distantes que a festa terminara".⁽¹¹⁾

NOTÍCIAS DO URUGUAI E DA ARGENTINA

No fim de junho chegou a Turim Dom Luís Lasagna, diretor do Colégio Pio IX, de Vila Colón (Uruguai), trazendo notícias do trabalho realizado pelas nossas Irmãs missionárias e elogiando seu espírito de piedade, de zelo e de sacrifício a toda prova. Mas, da pobre Irmã Lucca, o que se pode esperar de pior que a sua saída do Instituto? Triste para ela, dolorosa para o Inspetor, Padre Costamagna, para o Padre José Vespignani e para a Inspetora, Ir. Madalena Martini.

Do resumo das penosas declarações feitas ao Diretor-geral, para informar as superiores de Nizza do provável regresso da pobrezinha, colhe-se a confirmação daquilo que Ir. Josefina Pacotto já havia escrito.⁽¹²⁾ Continuava a perseguição de quem a havia envolvido e de seus dignos emissários e, estando a incauta sob a mira deles, tornou-se necessária uma vigilância especial, de dia e de noite, para impedir uma invasão à residência das Irmãs.

Depois a Irmã foi transferida de Buenos Aires — Almagro a La Boca, e de La Boca a Santo Isidro; repetia suas incoerentes promessas, mas voltava imediatamente a um comportamento merecedor de censura.

Compreende-se então como a Inspetora pudesse dizer que nem mesmo a festa de Maria Auxiliadora, com a presença do Arcebispo, D. Aneyros, com quatro vestições e cinco profissões religiosas, tinha

(11) Bollettino Salesiano, julho 1881, ano V, n. 7, pág. 23-24.

(12) cf. Cronistória III, 288.

conseguido aliviá-la da angústia de ver-se obrigada, talvez bem de pressa, a fazer voltar à Itália semelhante “desgraça”; sentia-se pior ainda, pensando na Madre doente. Imagine se soubesse que ela já havia morrido! . . .

O Padre Cagliero, com seu espírito de confiante otimismo, se consola: “Nada de novo debaixo do sol, minhas filhas! Disso também a divina Sabedoria saberá tirar um bem! É inegável que a Madre realmente viu claro; e, essa experiência será tão eficaz para mim como para vocês.

Ânimo! E vamos para a frente, rezando e esperando; Nossa Senhora, nossa querida Mãe, conserta sempre os nossos erros”.⁽¹³⁾

Mais ou menos na metade de julho chega também a Nizza o eco dos tristíssimos acontecimentos de Roma contra os venerados despojos de Pio IX; a reação se faz através de horas e dias de reparação, em comum e em particular.

NOTÍCIAS TRISTES E LUTO POR MADRE FERRETTINO

Chega de Alássio a notícia de que o estado da Madre ecônoma se agrava. Quem escreve é Ir. Elisa Roncallo, que desde a primeira semana do mês está em Sampierdarena, hospedada na Casa dos Salesianos, com as Irmãs e alunas que devem prestar exames de habilitação.⁽¹⁴⁾

A vigária gostaria de ir até lá, imediatamente; mas, não tendo recebido uma ordem expressa dos superiores, entrega a missão materna a Nossa Senhora que — como costuma dizer — não precisa deste traste para consolar suas filhas”.

No dia 22, Madre Ferrettino já não vivia mais. Renovou-se o clima de pranto de quem pudera avaliar todo o seu mérito, desde o alvorecer do Instituto: Madre Petronilla especialmente, e todas as que gozaram de suas atenções sem número e de sua caridade sem medida.

Filha da Imaculada como a Main, foi também sua companheira de vestição e profissão, competindo com ela no sacrifício generoso e no vivíssimo amor a Jesus, Maria e José.

Valeu-se do natural vigor físico para se entregar incansavelmente aos trabalhos domésticos ou como enfermeira e ecônoma. Da vocação

(13) De correspondência especial e de memórias de Superiores sobreviventes conservadas na Arq. Geral FMA.

(14) Carta de Ir. Elisa Roncallo à Madre Catarina Daghero de 19/7/1881. (Arq. Geral FMA).

religiosa lhe vinha o ardor da piedade feita de gratidão e de total dedicação. Era-lhe familiar esta prece: "Oh! bom Jesus, que graça imensa me concedestes fazendo-me toda vossa! Como não agir e sofrer tudo e só por amor de vós, tão generoso para comigo?".

Depois da morte da Madre, ela havia sido mandada a Alássio, pelo Diretor geral, para se refazer um pouco.

Sentindo que melhorava dia-a-dia, recordava as últimas palavras de sua inesquecível Mãe: "Pense em se preparar para a morte; porque embora lhe pareça que ainda vai viver muito, você irá, antes da festa de Sant'Ana. E dizia às Irmãs da Casa: "Destas vezes ela se enganou. O dia de Sant'Ana está chegando e eu posso dizer que estou quase curada".⁽¹⁵⁾

No entanto, era ela que se enganava, porque, surpreendida por uma crise gravíssima, bem depressa se achou em perigo de morte. E antes da festa de Sant'Ana partia desta terra.

Contava nove anos de vida religiosa e quarenta e nove de idade. E deixa um vazio que não será fácil preencher.

Em Nizza pedem-se por ela os sufrágios prescritos pela Regra; o mesmo se faz nas outras Casas, às quais se envia, o mais rápido possível, a triste notícia. Mais ou menos pelo fim do mês, se vem a saber do solene funeral que lhe fizeram em Alássio.

Ir. Luisinha Desirello acrescenta: "Nunca, como nesta dolorosa circunstância, nos sentimos tão filhas deste bom Diretor, tão parco de palavras. . . E nunca como nestes dias, entendemos quanto somos apreciadas, não só pelos Salesianos e pelos meninos do Colégio, mas até por seus parentes, pelos benfeitores e conhecidos da cidade. Como é verdade que o sofrimento irmana as almas boas e as revela como são!"

CARIDADE SALESIANA

Também as Irmãs e alunas que voltaram de Sampierdarena não se cansam de elogiar a fraterna e paterna caridade dos Salesianos. Serve como amostra o relatório da arguta Luisinha Varvello:

"Nós nos divertimos bastante arrumando as malas para ir a Sampierdarena, e de lá a Gênova; gostamos muito de trocar o uniforme do colégio pelo vestidinho que havíamos recebido de casa especialmente para isso. Podemos dizer, porém, que nos divertimos ainda mais, indo e vindo, várias vezes por dia, naqueles bondes. Quantas

(15) Relação de Ir. Luízinha Desirello.

coisas bonitas para ver e quantas risadas gostosas, embora a lembrança dos exames não nos saísse da cabeça!

As nossas Irmãs, companheiras de estudo e de risco, procuravam moderar-nos um pouco; felizes delas e de nós, se conseguíamos! Até as pessoas no bonde gozavam com a nossa alegria e diziam: “Como se percebe que são de Dom Bosco!”

Os bondosos Salesianos de Sampierdarena nos hospedaram em alguns quartinhos simples, limpos e bastante separados dos deles. Ali a gente tomava café, almoçava, merendava e jantava; ali se estudava, se tagarelava, se ria, se rezava também, e se dormia como podia. Como verdadeiras molequinhas — boas, porém — ficávamos de olho nos lindos tomates da horta salesiana, tão vermelhos e tão grandes... e alguns foram bem-vindos clandestinamente à nossa boca. Era impossível que de lá não nos vissem, mas ninguém nos disse uma palavra. Pelo contrário, aquele bom Diretor, Padre Álbera, quando vinha perguntar-nos se precisávamos de alguma coisa e se nos tratavam bem, quase sempre terminava dizendo que continuássemos alegres... que a alegria aumenta o apetite...

Se formos aprovadas, depois de Deus e de Nossa Senhora, nós o devemos àqueles bons Salesianos. O Padre Clemente Bretto vinha todos os dias de Alássio para nos dar aulas de matemática e esclarecimentos sobre aqueles benditos logaritmos, e se preocupava também com a nossa alimentação; parecia mesmo um papai. E no primeiro dia o achamos tão sério!... Nós podemos dizer que era um verdadeiro santo.

De Alássio vinha também visitar-nos o Diretor, Padre Cerruti, com o fim de desfazer qualquer dúvida e afastar de nós todo receio sobre o resultado dos exames.

Nós, alunas, cheias de compaixão por aqueles pobres clérigos que tinham de lavar, eles mesmos, seus pratos, nos oferecíamos para substituí-los; mas só uma vez nos deram licença de fazê-lo.

Quantas recordações bonitas temos daquela Casa e daqueles ótimos Salesianos! Sem dúvida vamos guardá-las por toda a vida e, se tivermos de voltar para os exames superiores, acho que iremos pulando!

Aquilo que nós, meninas, dizemos, já foi dito também pelas Irmãs: Ir. Guido, Ir. Malvino, Ir. Bardina, Ir. Prandi, Ir. Elena Emanuela, Ir. Genta; e Ir. Elisa Roncallo, que funcionou como superiora naqueles dias, pode logo assinar este relatório”.

RETIROS PARA AS SENHORAS

Até o dia 30 de julho, último sábado do mês, as internas quase todas já foram para casa, após a premiação do dia 21 que, neste ano, teve um caráter de menor solenidade.

Chega o dia da Porciúncula, e desde a manhã é um alegre chegar de senhoras e moças que Dom Bosco convidou a vir a Nizza, desejosas de se disporem aos oito dias de contato mais direto com Deus.

Chegam também algumas Diretoras que vieram mais cedo, para poder fazer uma devota peregrinação ao túmulo da falecida Madre superiora, e para estar na casa materna no dia da festa de N. Senhora das Neves.

Todas são igualmente acolhidas com salesiana alegria e, juntas, aguardam a próxima chegada de Dom Bosco.

Porém, à tarde chegam os dois pregadores sozinhos: o Diretor geral e Padre Cândido, dominicano.

DOM BOSCO EM NIZZA

Ele chegou, de fato, no dia 4, acompanhado pelo Salesiano, teólogo Padre José Bertello, e pelo conde Balbo, com quem se havia comprometido para a homenagem a ele oferecida pela “União Operária Católica” da cidade, cujo presidente de honra era o próprio conde Balbo, sendo presidente efetivo o ex-aluno do Oratório, senhor Carlos Brovia. ⁽¹⁶⁾

Dom Bosco foi recebido festivamente pela comunidade e pelas retirandas e, como acontecera em Mornese após a morte do Padre Pestarino, agora na Casa N. Sr.^a das Graças de Nizza Monferrato, podem-se ler, aqui e ali, cartazes com estes dizeres: “Vem, Padre e Superior, vem trazer alegria ao nosso coração... Viva, viva Dom Bosco, o Venerado Superior e Pai que está hoje entre nós para nos consolar!” ⁽¹⁷⁾

A SOBRINHA EULÁLIA

Dom Bosco dirige às presentes, palavras de cumprimento e de santo augúrio paterno; depois conversa com a sobrinha Eulália que, do internato de Chieri, foi diretamente para Nizza, a fim de fazer o retiro.

(16) Bollettino Salesiano, setembro 1881, ano V, n. 2, pág. 10.

(17) Relação de Ir. Luisinha Boccalatte.

— Oh! muito bem! — lhe diz — você está aqui? Maria, sua irmã, queria entrar como postulante, este ano; mas N. Senhora a quer consigo no Paraíso e, no lugar dela, aqui, quer você.

— Não, tio, não! — responde a menina assustada, e sem a mínima intenção de ficar em Nizza — Maria não vai morrer, Mamãe me escreveu que ela está melhor. E eu não quero ser Irmã.

— Maria irá para o Céu. E você, Eulália, será Irmã. Aliás, enquanto o peixe está na rede, seria bom não deixá-lo escapar.

Dadas as circunstâncias especiais deste ano, não se dá à querida data de 5 de agosto o já tradicional caráter de solenidade. Mas não pode faltar à celebração litúrgica, a nota especial dos cantos e da palavra do Fundador. Nesse dia foi marcada a data de 12 de agosto, para a eleição da nova Superiora Geral.

IR. OLÍMPIA MARTINI GARANTIU SEU LUGAR NO PARAÍSO

Em Turim, no dia 6, encerrou sua breve existência a Ir. Olímpia Martini, irmã da Inspetora da América.

Dom Bosco a visitara alguns dias antes de ir a Nizza, e lhe perguntou: “Você quer uma bênção que a cure ou, pelo contrário, uma bênção que a faça ir depressa para o Céu?”. E ela respondera: “Escolho a última, Pai; quero ir para o Céu”.

E se encaminhou para receber o prêmio eterno, sempre desejado nos seus pequenos atos de virtude de cada dia.

Sua morte será um golpe para o coração de sua irmã distante; mas ela decerto saberá repetir o que já escreveu ao Diretor Geral: que à dor de saber que ela saíra da Congregação, embora por motivo de saúde, preferiria a notícia de “sua santa morte, na Congregação a que temos a sorte de pertencer”.⁽¹⁸⁾

DOM BOSCO ENTRE AS RETIRANDAS

Superioras e Irmãs, retirandas ou não, aproveitam da presença de Dom Bosco em casa. As poucas alunas internas que ficaram no colégio, também vão bater à porta dele; e até os pedreiros e carpinteiros, que se apressam por terminar a nova ala do prédio, trabalhando com entusiasmo. desde junho, vão procurá-lo.

Interessante o que conta uma certa Margarida Vezzoli, vinda por acaso de Brescia, com um jeito nada parecido com o de uma moça decidida a ficar vários dias fechada num convento, em silêncio.

(18) Carta (em espanhol) de 17/5/1881 (cópia no Arq. Geral FMA).

— Formei-me há poucos dias e quis viajar para descansar um pouco. Na estação encontrei algumas moças que vinham a Nizza para este retiro, e vim com elas. Portanto, estou aqui só por curiosidade. Mas agora me sinto presa na armadilha da palavra de Dom Bosco; fui procurá-lo um pouco por curiosidade, e também para receber uma bênção, mas pretendia ir embora logo.

Que nada! Ele ficou tão pensativo e me olhou tão profundamente, que eu não pude fugir; e me disse:

— Ir embora daqui logo? E Jesus? Ele a ama tanto e lhe deu um coração igual ao meu, que ama tanto as crianças!

— Sim, é verdade — eu respondi — mas, fora eu farei aquilo que não poderia fazer aqui!

— Ah! isso não! Com o coração que tem, fora você iria para o inferno! — e deixou cair duas lágrimas. Depois continuou:

— Oh! se ficar, há de ver, há de ver. . . Vamos abrir muitas Casas na Lombardia. . . e mais além, na sua Brescia. Irão para lá muitos Salesianos e muitas Irmãs, escolhidos pelo Senhor entre a juventude de Brescia. Mas se você voltar para casa, muito desse bem não será feito, e todo o castigo recairá sobre a sua alma.

Agora. . . chega. Vamos ver como vai acabar este negócio”.

Neste ano as retirandas não são muitas (apenas sessenta); talvez porque toda paróquia de cidade ou de povoado já teve ou está para realizar pregações extraordinárias em vista do jubileu.⁽¹⁹⁾ Mas as que vieram se distinguem pelo empenho espiritual e fervorosa piedade.

Além disso, entre Padre Cagliero e Padre Cândido não faltam boas e saudáveis sacudidelas para o espírito; e já que ambos os pregadores parecem dispostos a não deixar nenhuma delas voltar para casa, sem ter garantida a preciosa indulgência jubilar, elas correspondem com toda a alma.

INFORMAÇÕES SOBRE A SITUAÇÃO ATUAL DA VIDA CRISTÁ. LUTA CONTRA A IGREJA.

Durante esses dias, lêem-se com proveito alguns números de “A boa semana”,⁽²⁰⁾ periódico religioso popular de Turim, que dá uma idéia clara e precisa do atual estado das nações, e particularmente da

(19) Jubileu Extraordinário concedido por Leão XIII no dia 12/3/1881 devido às grandes dificuldades que assolam a Igreja em todas as partes.

(20) Particularmente os números de 20 de fevereiro, 10 de abril e 24 de julho de 1881.

Itália. Percebe-se a urgente necessidade de uma vida cristã, não apenas de palavras, como sempre repete o Padre Cagliero, mas de fé prática, de graça divina, de boas obras, de apostolado católico; é o conceito reforçado por Padre Cândido, para uma verdadeira ressurreição individual e social, para conforto da Igreja e do Sumo Pontífice.

São leituras profundamente sentidas e meditadas por todas; e servem para confirmar os espíritos nas disposições de oração e de reparação já suscitadas, na metade do mês passado, pelas notícias da grave profanação realizada pelos revolucionários, durante o cortejo fúnebre que transportava os restos mortais de Pio IX a Verano, na noite de 12 para 13 de julho.

Logo foram oferecidas horas e dias especiais de oração em reparação desse escândalo; e agora se percebe toda a dimensão dele e se reaviva o desejo de um constante empenho de apostolado. ⁽²¹⁾

UMA PROFISSÃO PERPÉTUA

No dia 10 de agosto se realiza uma profissão perpétua extraordinária, exigida pelas circunstâncias especiais da casa de Este, muito provada neste ano por doenças e outras dificuldades.

Foi concedida pelo próprio Dom Bosco à Irmã Josefina Bolzoni; embora não tenha completado ainda nem o primeiro ano de votos religiosos, ela já deu prova de espírito de sacrifício e de observância pouco comum, também na comunidade de Borgo São Martinho, onde fora noviça.

AS BOAS-NOITES E A “LEMBRANÇA” DE DOM BOSCO ÀS RETIRANDAS

As boas-noites de Dom Bosco coroam todo o bem realizado durante os dias de Retiro, pela palavra e pelo ministério dos Pregadores, e também pela dedicação das Superiores.

O tema preferido é o da caridade.

Caridade para com a própria alma, colocando-a em condições de possuir a graça de Deus, e conservando-a sempre pronta a passar à vida eterna.

Caridade para com o próximo, amando-o de todas as formas, sem medir sacrifícios.

(21) Anexo n. 2, cf Ed. It., pág. 339.

Caridade para com Deus, procurando conhecê-lo sempre melhor, a fim de amá-lo mais, e fazer com que Ele seja conhecido, amado e servido pelo maior número possível de pessoas.

A última boa-noite tem um tom especial:

“Muita gente diz que Dom Bosco é um santo, que faz coisas maravilhosas. No entanto, eu posso dizer a vocês que Dom Bosco é um pobre padre, um instrumento nas mãos de Deus para fazer grandes coisas, é verdade, e para trabalhar pela salvação das almas, especialmente da juventude.

Mas, ele não poderá fazer nada sem a cooperação dos bons, sem as ofertas e o socorro de seus benfeitores.

Por isso, ele espera também o socorro espiritual de suas orações, que serão tanto mais eficazes quanto mais a vida das senhoras for verdadeiramente cristã. E espera ajuda material: ofertas, pequenas e grandes, conforme suas possibilidades.

Portanto, façam-me a caridade de recomendar-me sempre ao Senhor e a Maria Auxiliadora, e de ajudar-me o mais que puderem. Se não dispõem de outro meio, tornem nossas obras conhecidas por aqueles que têm condições de sustentá-las, com a pena ou com a proteção particular e pública.

No Céu, além dos merecimentos, as senhoras estarão rodeadas de muitas almas, salvas precisamente por essa caridade”.⁽²²⁾

No dia 11, todas as funções de encerramento são celebradas por Dom Bosco; ele deixa como lembrança “uma sincera, profunda e prática devoção a Maria Santíssima, Mãe das Graças, porque Mãe da Divina Graça — Jesus. Mãe poderosa, porque elevada pelo próprio Deus ao cume da glória celeste. Mãe de amor para todos os homens, especialmente os cristãos e, de modo especial, para seus devotos mais fiéis”.

Dos frutos recolhidos entre as senhoras e moças — algumas das quais ficam, para estudar a própria vocação — é sinal muito significativo a palavra que Dom Bosco repete várias vezes: “Se eu não tivesse fundado a Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora, gostaria de fundá-la, nem que fosse apenas em vista de tamanho bem”.⁽²³⁾

(22) Relação de Ir. Orsolina Rinaldi.

(23) Da narração oral das superiores contemporâneas.

RETIRANDAS E ELEITORAS

A partida das senhoras coincide com a chegada das Irmãs que participarão do Retiro seguinte, e das Diretoras convocadas a Nizza, para elegerem a nova Superiora Geral.

O recente luto comum torna mais comovido e fraterno o encontro recíproco, sobretudo com Ir. Felicina Mazzarello e Ir. Orsola Camisassa, provenientes da Sicília. Dom Bosco, Padre Cagliero e Padre Lemoyne, testemunhas ocasionais de tais manifestações fraternas, se mostram satisfeitos.

PREPARATIVOS DA VÉSPERA

Madre Daghero se desdobra nos preparativos necessários; mas está tão calma e serena que se volta para Ir. Teresina Mazzarello, que fora sua professora em Mornese, e lhe diz: “Tome esta carteira de dinheiro; é tudo o que temos em casa. Guarde-o até quando souber quem é a nova superiora, a quem o entregará.”

Indo falar com Dom Bosco sobre os últimos acertos a serem feitos, ouve-o dizer: “Para a pobrezinha que for eleita, eu já preparei uma bonita caixinha de ‘amaretti’, porque... coitadinha!”

Não havendo na ocasião outro lugar conveniente para a reunião, decide-se que a eleição se faça na igreja, tendo-se o cuidado de preparar para os sacerdotes cadeiras e mesinhas perto da balaustrada, o crucifixo, a urna para recolher as cédulas e as próprias cédulas a serem distribuídas às 21 eleitoras. ⁽²⁴⁾

Por benévola concessão de Dom Bosco, poderão assistir à eleição também as outras Irmãs da Casa, inclusive, se for conveniente, o grupinho de alunas que ainda não foram para as férias, desde que não entrem senão após a exortação que se segue ao canto do ‘Veni Creator’.

DIA DE ELEIÇÃO

O dia 12 se inicia com as práticas de piedade comuns, para implorar graças especiais sobre o Instituto. À hora marcada, ao toque

(24) Eis os nomes por ordem alfabética: Ir. Camisassa Orsola, Ir. Daghero Catarina, Ir. David Adele, Ir. Deambrogio Angiolina, Ir. Guiglielmetti Teresa, Ir. Maccagno Maria, Ir. Marassi Pierina, Ir. Mazzarello Felicita, Ir. Miotti Elisabetta, Ir. Mosca Emilia, Ir. Oberti Anna, Ir. Pestarino Carlotta, Ir. Pestarino Rosalia, Ir. Pisciolli Santina, Ir. Rasino Margarida, Ir. Ricca Catarina, Ir. Sorbone Henriqueta, Ir. Tamiatti Rosa, Ir. Tamiatti Anna, Ir. Torta Josefina.

do sino, as eleitoras — e todas as que podem ou querem estar presentes — tomam lugar na igreja.

Entra também Dom Bosco, com o Padre Cagliero e o Padre Lemoyne. Prostrado diante do SS. Sacramento para um breve ato de adoração, entoa com voz clara o 'Veni Creator' seguido do relativo 'oremus' da ave-maria e da invocação 'Maria, Auxilium Christianorum'; depois dirige às presentes algumas palavras de orientação e de sereno estímulo.

Começa atribuindo à Divina Providência a escolha desse dia — sexta-feira, festa de Santa Clara, virgem monástica — para realizar um ato de tanta importância na vida do Instituto.

Disso ele tira argumento para exortar ao amor à Paixão de Jesus e às dores da divina Mãe; e, da lembrança de Santa Clara que, por sua fé na SS. Eucaristia faz recuar os assaltantes do convento, o confiante ardor pelo SS. Sacramento. Três pontos essenciais para se manter no caminho da cruz, adiantar-se na santidade e triunfar de qualquer batalha.

Depois ele fixa de propósito a atenção das presentes sobre certas dificuldades que podem surgir na vida religiosa, tanto para os superiores como para os súditos filialmente submissos e devotados, para fazer da vida religiosa uma verdadeira sala de espera do Paraíso.

E já que hoje se deve fazer a escolha de uma superiora que deverá estar acima de todas as outras, é evidente a necessidade e, portanto, a obrigação moral de não consultar a si mesmas, mas somente a Deus, a fim de que a eleição responda aos mais altos interesses das almas e àqueles que são próprios da Congregação.

Passando depois a explicar o modo de proceder na votação secreta e o recolhimento das cédulas, convida o Diretor local a ler claramente os artigos da Regra que tratam desse assunto; diz ainda uma palavra de paterno estímulo, e depois cruza as mãos sobre o peito como quem se recolhe em profunda oração.

Esta é a primeira eleição preparada com tanta solenidade e, pelas fisionomias, pode-se compreender a comoção de todas.

Dom Bosco sorri a cada nome lido; e como a votação não atinge ainda o resultado, convida as eleitoras a invocar, com a mente e o coração, o Espírito Santo, para uma nova votação decisiva.

Alguém mais corajosa propõe com humilde confiança filial: "Se o venerado Pai achasse conveniente apresentar-nos uma lista de três nomes, não teríamos mais dispersão de votos". Mas o Diretor Geral

se opõe imediatamente. Dom Bosco se limita a um benévolo sorriso e se retoma serenamente a votação secreta que apresenta como eleita Madre Catarina Daghero.

A interessada chora silenciosamente; as Irmãs, comovidas, choram também. E assim que a palavra autorizada do Fundador confirma o resultado obtido, proclamando-o com visível e paterna satisfação, os corações já entoam seu 'Magnificat'.

"Vocês agora já têm a sua nova Madre Geral — diz Dom Bosco — mas falta ainda a vigária, e, com a morte de Madre Ferrettino, também a ecônoma. É preciso pensar nisso também, mas noutro momento — acrescenta, entendendo-se com o olhar com seus dois assistentes. O canto do 'Te Deum' ficará para o término das eleições. Entretanto, deixem que eu lhes recorde que a Madre Geral é a representante de Nossa Senhora no meio de vocês e para vocês. Portanto não se considere a idade, a ciência, a experiência; ela deve ser vista apenas como verdadeira representante de Maria Auxiliadora. Como tal, escutem-na, obedeçam-lhe, ajudem-na, confortem-na; e que não se passe um só dia sem que vocês rezem por ela.

Então, Nossa Senhora lhes mostrará sua complacência, há de fazê-las felizes em sua vocação e lhes concederá a graça de realizar um grande bem e de ganhar muitas almas para Deus".

O altar se ilumina, canta-se o 'Magnificat' e, após a bênção eucarística, entoa-se um louvor a Maria.

Saindo da igreja, a comunidade se enfileira no corredor para esperar a nova Superiora geral, e mal conseguem dominar a própria exultação. Das janelas que dão para o corredor surgem as cabecinhas das poucas internas que, do coro, haviam assistido à eleição, e já estão com as mãos prontas para bater palmas. Mas a Madre não se atreve a aparecer e continua no seu lugar com o rosto entre as mãos.

Porém, Ir. Teresina Mazzarello não demora a se aproximar dela para lhe devolver, com afetuosa liberdade, aquela magra bolsinha onde está toda a riqueza do Instituto, e faz a pobre Madre Daghero sorrir entre as lágrimas. Agora ela não pode mais repetir: "Ah! que bom! Daqui a uma hora mais ou menos, este problema não será mais meu!"

Dom Bosco aparece entre os dois Diretores e os aplausos irrompem. "Onde está a Superiora Geral de vocês? — pergunta logo às que estão mais perto, rodeando-o alegremente — Vão buscá-la e digam-lhe que venha ficar aqui conosco".

Mortificadíssima, quase humilhada, Madre Catarina sai da igreja e, entre vivas comandados pelo Padre Cagliero, apresenta-se a Dom Bosco e se inclina para beijar-lhe a mão. Ele lhe diz: “Está aqui a caixa de “amaretti” que eu havia prometido. Tome... realmente tenho pena de você! — como se quisesse dizer: “Tão jovem e com uma cruz tão pesada...” E completa logo depois: “Coragem, minha pobre filha, nós estaremos sempre prontos a ajudá-la em tudo”.

— “Sim, é claro! — acrescenta o Padre Cagliero — mas faça o possível para não andar sozinha por aí, nem mesmo nos corredores; porque, senão, quem vai reconhecê-la como Madre Geral?”.

Todos riem gostosamente e sorri também a querida Madre Daghero, abençoada por Dom Bosco, cumprimentada pelos dois Diretores e rodeada pelas filhas que disputam a vez de beijar-lhe a mão, manifestando sua dedicação afetuosa.

Do corredor da capela se passa ao alpendre, encaminhando-se para os degraus que levam à ala antiga da casa. Aí a Madre recebe a primeira homenagem das internas que, também em nome das companheiras ausentes, lhe faz a pequena Catarina Tavella. Depois de vários dias de estudo amoroso, ela declama com muito sentimento a poesia que o Pe. Lemoyne havia escrito para essa ocasião.

Segue-se um momento de expansão para a comunidade, não para Madre Catarina, que pede que a deixem sozinha com Deus, para poder reencontrar-se e dominar o pranto que lhe enche o coração.

É neste momento que, sob as asas do seu Anjo da Guarda, lê as palavras que acompanham a caixinha que o venerado Pai lhe ofereceu:

À futura Madre Superiora Geral das
Filhas de Maria Auxiliadora

Reverenda Madre Superiora Geral,

aqui estão alguns confeitos que poderá distribuir às suas filhas. Guarde para si a doçura que deverá praticar sempre e com todos; mas esteja sempre pronta a receber os “amaretti”, ou melhor, os pedaços amargos, quando Deus achar bom oferecer-lhe alguns.

Deus a abençoe e lhe dê virtude e coragem para santificar-se e santificar toda a comunidade que lhe é confiada.

Reze por mim que, em Jesus Cristo, sou seu

humílimo servo
Sec. João Bosco (25)

(25) O original autógrafo no Arq. Geral FMA.

A Madre diz imediatamente a si mesma: “Doçura sempre; pronta a engolir o amargo; a virtude e a coragem virão de Deus!” Ao levantar de novo a frente, pareceu-lhe que seu Anjo da Guarda lhe recordava o lema tão querido: Fazer, calar, sofrer. Engolindo todas as lágrimas, entrou no refeitório onde era esperada, com a atitude de quem repete com o apóstolo Tomé: “Vamos e morramos com Cristo!”

Os olhos vermelhos de pranto brilham de materna bondade, ao receber todas as demonstrações de afeto que retribui com nobre e profunda ternura.

No refeitório, aclamações e versos improvisados, sem esquecer um gesto de afetuosa compreensão para Madre Felicina que se esforça para participar da festa comum, mas não consegue reprimir uma ou outra lágrima, lembrando-se da falecida irmã e Madre.

Entretanto se fazem projetos para maiores festejos no dia das outras eleições, enquanto surgem os comentários naturais: Madre Catarina merece, por sua humildade e caridade... Aquilo que a nossa querida Madre Mazzarello obtinha com sua amável energia, Madre Daghero alcançará com sua bondade materna. É verdadeiramente o anjo que Deus mandou para nós; mereceu realmente a confiança dos superiores e das eleitoras.

NOTÍCIAS E COMUNICADOS DIVERSOS

De Turim chega o secretário Padre Berto, e o Padre Bertello vem da casa dos condes Balbo, trazendo várias notícias e algumas preocupações a mais para Dom Bosco. Tomam-se ainda diversas providências para os dias de retiro, e algumas retirandas vão chegando ainda.

As comunicações do Diretor geral, feitas em nome de Dom Bosco, na manhã do dia 13, tocam os seguintes pontos:

— acolher uma outra disposição da Divina Providência, não começando o retiro nesta noite, mas no dia 16; contentar-se com uma pregação, hoje, em lugar da leitura espiritual da tarde.

— preparar-se para festejar, amanhã, na medida do possível, a nova Superiora Geral e as outras superiores que serão eleitas amanhã mesmo. O Padre Cagliero acrescenta, por sua conta: “Se em Turim estão preparando uma grande festa para celebrar, no dia da Assunção de Maria, os 66 anos de vida de Dom Bosco, nós aqui não faremos nada?”

— quem não estiver impedida por ocupações especiais, deverá passar o dia recolhida como Maria, a fim de obter para Dom Bosco e a nova Superiora Geral, as graças de que têm necessidade. Porém, nos momentos previstos pelo horário, todas estejam reunidas para uma fraterna e serena expansão dos corações.

— festejar Nossa Senhora da Assunção com um fervor que marque a nossa vida e seja capaz de nos fazer merecer, durante o retiro, as indulgências do Jubileu.

Assim acontece. Algumas vão com o Padre Cagliariro ensaiar o canto; outras preparam a celebração das funções da igreja e da festa no pátio e no refeitório; umas ajudam na cozinha ou dão uma mãozinha onde é preciso; há quem descubra a hora certa de ir falar com Dom Bosco e quem se demora em oração diante de Jesus Sacramentado.

O recreio do almoço se prolonga por mais meia-hora e permite que estejam todas juntas, também as Irmãs que não puderam dar essa ajuda ocasional, porque especialmente cansadas pelo trabalho intenso de todo o ano.

RETALHOS DE CONVERSAS

É uma conversa simples e espontânea de quem goza com as pequenas coisas da família.

— Fiquei contente hoje quando vi o lindo prato de pêssegos que estava na mesa de Dom Bosco. Não são do Piemonte! Feliz de quem pôde oferecer um presente tão bonito!

— Eu sei quem mandou. Foi a mãe de Ir. Elisa Roncallo. Ela sonha de noite o que pode fazer de dia para dar prazer ao querido pai. Mandou um cesto grande daqueles pêssegos. . .

— Para dar tão certo, acho que foi Ir. Elisa que deu a idéia à sua mãe. . .

— Nem há dúvida. Com certeza ela escreveu que no dia 12 já se teria feito a eleição da nova Madre e que Dom Bosco estaria aqui. . .

— Claro! A mamãe Roncallo é gente de casa, e Ir. Elisa costuma repetir o que Dom Bosco lhe disse em Turim: “A mãe de cada Salesiano e de cada Filha de Maria Auxiliadora deve sentir-se como a mãe das nossas casas e obras: porque é deste modo que o amor multiplica o bem e as forças para ampliá-lo sempre mais”.

— E você, Ir. Luisinha (Boccalatte), não se cansa de levar sempre a mesma coisa para a mesa de D. Bosco?

— O que vocês acham? Quando ele chegou, foi logo dizendo: “Não se preocupem comigo; dêem-me polenta e abóbora e está tudo bem”. E nós, ingenuamente, lhe damos abóbora e polenta todo dia!

— Dom Bosco esteve em Penango — disse Ir. Colomba Cei — e quis ver-nos trabalhando; recomendou ao Diretor que provesse tudo aquilo de que nós pudéssemos precisar, e não nos deixasse faltar nada.

— Eu vi Dom Bosco em Alássio — conta Ir. Rosina Bertone — e me lembro de que nos disse: “Olhem, quando vocês tiverem muito trabalho, levantem os olhos e digam: — Tudo por vós, ó meu Jesus!”

Ir. Úrsula Camisassa ia falar, mas se deteve, duvidosa:

— Antes de dizer isso, deveria esperar que a coisa acontecesse. . .

— Conte assim mesmo!

— Como de costume, Dom Bosco foi a Borgo São Martinho para a festa de São Luís; enquanto lhe servia um cafezinho, eu lhe disse que gostaria muito se minha irmã também fosse F.M.A.; mas isso só poderia acontecer depois da morte de minha mãe, porque, sendo paralítica, ela não pode dispensar os cuidados da filha. E acrescentei que não tinha certeza de que minha irmã tinha vocação. Dom Bosco me respondeu simplesmente: “Reze. . . sim. . . sua irmã virá”. Aquela resposta para mim já é uma segurança; e me alegra como uma graça já alcançada.

— Fico muito feliz quando aparece a ocasião de praticar aquilo que a nossa querida Madre nos recomendava quando ia ver-nos no local de trabalho. Lembro-me de que, em 1878, ela chegou inesperadamente a casa, pouco depois do Retiro Espiritual.

Além da Diretora e de Ir. Ermelinda Rossi, na casa de Borgo São Martinho éramos, na ocasião, apenas seis professoras “mal saídas do forno”, mas (modéstia à parte!), gente de valor. Após o jantar, antes de atacarmos os pratos e panelas que esperavam ser lavados, ali mesmo no refeitório ela nos deu a “boa noite”: “De todo o coração eu lhes recomendo todo o amor e respeito para com Dom Bosco e os Salesianos. Nós somos pouca coisa; o que faríamos sem eles? Vocês viram durante o Retiro: Dom Bosco nos mandou Mons. Belásio para nos explicar a Missa, o significado dos paramentos sagrados e das várias cerimônias; e não nos deixa faltar a direção espiritual salesiana, para fazer de nós verdadeiras religiosas segundo o seu coração e o de Maria Auxiliadora. Portanto, estamos entendidos: amor, respeito e gratidão profunda para com Dom Bosco e seus queridos filhos”.

— Eu também gosto de recordar a nossa querida Madre Mazzarello. Amanhã faz três meses que ela se foi, e parece que algumas têm receio de tocar nesse assunto. . .

— Talvez seja por causa da Madre Felicina, sua irmã; no entanto, acho que ela choraria de consolação, ouvindo contar tantas coisas.

— Eu também penso assim; mas, justamente ontem, logo depois da eleição, alguém disse baixinho: “De agora em diante é bom não tocar no nome da outra Madre, porque com isso poderíamos fazer a nova sofrer!”

— Oh! Não meçamos os santos com o nosso metro!”

Os toques do sino convidam as Irmãs ao recolhimento e, depois de cantarem juntas o louvor a Maria SSma., entram todas na igreja para a visita ao SS. Sacramento.

Madre Catarina também se une à comunidade. Sob pretexto de fazer companhia a Madre Felicina e a Madre Petronilla, ela não estivera presente ao recreio, em obediência ao Padre Cagliero que lhe dissera que nem hoje, nem amanhã se preocupasse com as Irmãs, porque elas teriam muito que fazer e ela não devia saber de nada.

Porém, não são apenas as Irmãs que têm muito que fazer: Dom Bosco, também, para pôr em dia a correspondência que chegou com o Padre Berto e também da América; o Padre Bertello tem de desempenhar as diversas incumbências que Dom Bosco lhe deu e preparar as pregações para o próximo Retiro. Têm muito que fazer os dois Diretores, um ocupado em preparar os cantos da capela e do pátio, e o outro, a poesia de augúrios que as circunstâncias exigem. . . Isso sem falar nas infalíveis horas de confessionário.

Portanto, a nova Madre Geral poderia ficar tranqüilamente afastada de tudo, como se estivesse em Retiro. Mas agora ela já não pode mais pensar em si; atende, escuta e acolhe a quantas a procuram para lhe pedir conselho.

PARA DOM BOSCO E PARA A MADRE ELEITA

A leitura espiritual da tarde, como também a meia hora de meditação da manhã, é substituída pela pregação do Padre Bertello, que, com sua palavra simples e iluminada, segue um tema de preparação à festa de N. Sr.^a da Assunção. A boa-noite do Diretor Geral tem o sabor de um noticiário comentado brevemente.

Ele comunica que, no dia seguinte, a Missa da comunidade será celebrada por Dom Bosco segundo as intenções de suas filhas. pre-

sententes e ausentes. Avisa que a eleição das Superiores se fará durante a manhã e, por isso, sugere que se reze para que se use mais a cabeça do que o coração. Não faltará o almoço de gala, e que tudo seja para a maior glória de Deus e a boa alegria salesiana.

Garante que Dom Bosco estará presente à festinha da tarde e convida a retribuir o presente, oferecendo desde esta noite todo o bem que se fizer amanhã, como homenagem de gratidão e devotamento de todas as F.M.A. ao seu Fundador nos seus 66 anos de vida. De sua parte, Dom Bosco poderá, na mesma Missa, fazer dessa oferta um presente a Deus e a N. Senhora, segundo suas próprias intenções e não poucas necessidades espirituais e temporais.

Ele não queria dizer, mas deixa escapar a única palavra que entristece esta vigília: “Amanhã, a esta hora, Dom Bosco já estará em Turim!”

ELEIÇÕES DAS OUTRAS SUPERIORAS

Na manhã do dia 14, à hora marcada, as vinte e uma eleitoras se reúnem na capela, acompanhadas por quase toda a comunidade: o ato das eleições é presidido pelo Diretor Geral, assistido pelo Diretor local e pelo Padre Bertello.

Começa-se com a oração ritual e depois se lê a ata de eleição da Superiora Geral. ⁽²⁶⁾

Após rápidas palavras de exortação e de explicação a respeito do que se vai realizar, passa-se imediatamente à votação e, logo depois, sai o resultado dos sucessivos escrutínios:

Vigária	Ir. Henrichetta Sorbone
Ecônoma	Ir. Anna Tamietti
1. ^a Assistente	Ir. Emília Mosca
2. ^a Assistente	Ir. Elisa Roncallo

Canta-se novamente o ‘Magnificat’ e, enquanto se aguarda a palavra do Fundador, a comunidade vai para o pátio onde se expande a alegria geral.

À hora do almoço, saem do corredor ao lado da capela, D. Bosco e o Diretor Geral que se apressa em dizer: “Vão logo para o refeitório, minhas filhas. Dom Bosco vai rezar com vocês!”.

(26) Anexo n. 3, cf. Ed. It., pág. 343.

Na mesma hora algumas se aproximam dos Superiores, alguém corre para tocar o sino, outras vão pelas escadas e corredores, repetindo a notícia: “Depressa! Depressa! Dos Bosco vai rezar conosco no refeitório!”

O Pai vê e sorri; sorri também o Diretor Geral. Madre Catarina, humilde entre as outras Superiores e algumas Irmãs, não sabe como manifestar a sua alegria e, ao mesmo tempo, o seu embaraço por ter de fazer os Superiores esperar, de pé, no alpendre por onde passam as professoras, noviças e postulantes, para entrarem no refeitório.

A última destas, Teresa Germano, cheia de desaponto, se viu de repente bloqueada entre as Superiores e os Superiores; e, enquanto tentava escapar, ouviu Dom Bosco dizer ao Padre Cagliari: “Já são bem numerosas! Virá o dia em que as Superiores não estarão mais em Nizza, mas em Turim, mais perto dos Superiores”. Na hora, ela não pensa no que ouviu; mas assim que se viu livre do seu embaraço, se pergunta preocupada: “Será que isso vai acontecer mesmo?”

Quando todas já estavam em seus lugares, no refeitório, todo alegre e florido, entraram as Madres do novo Conselho Superior, com Dom Bosco e o Padre Cagliari.

Foram acolhidas com um ruidoso aplauso ao qual Dom Bosco se une amavelmente. Depois diz sorrindo: “Vocês esperam a minha aprovação para cada uma das eleições desta manhã: estão todas aprovadas!” Ergue as mãos em sinal de alegria e os aplausos se repetem: “Obrigado, Pai! Viva o nosso Pai! Vivam as Madres! Viva a nossa Madre Catarina Daghero!”

Quando se fez silêncio novamente, Dom Bosco mandou que rezassem a oração de costume e, quando todas se sentaram, virou-se para Madre Emília e perguntou:

— Posso ver a quantidade de sopa e de comida servida a cada uma?

— Oh! imagine, Padre! — e Madre Assistente mesma faz o possível de mostrar-lhe um dos pratos mais bem servidos. Mas Dom Bosco diz:

— Madre, o que estão fazendo? Estas Irmãs trabalham muito; é preciso tratá-las bem. Façam como nós, que temos dois pratos.

Madre Catarina, toda vermelha, ajudada pelas outras Madres, quer explicar que as Irmãs se contentam com menos, que não precisam de se alimentar tanto como os homens; e que já têm tanto trabalho para lavar tantos pratos. . . Então Dom Bosco insistiu: — “Ah!

se é por isto, ponham junto, se quiserem, carne ou peixe ou outra coisa e verdura, no mesmo prato, mas em quantidade maior, mais abundante! Nós temos que trabalhar muito!”

Dom Bosco e o Padre Cagliariro foram almoçar, deixando a Comunidade com as Madres; comecem então as poesias, os vivas, os cantos mornesinos e outros novos, com brincadeiras originais e tão interessantes, que até Madre Felicina sorri e não parece mais a mesma dos dias anteriores.

Madre Petronilla a acompanha e as duas comentam: “Mornese! Mornese! Ainda estamos no feliz Mornese da Maín e do Padre Costamagna!”

Para coroar a expansão geral, uma voz alta e forte se eleva, sintetizando o entusiasmo de todas numa frase colhida e adaptada de uma conhecida página de doutrina espiritual: “Oh! se o mundo nos visse e nos ouvisse! Quantas assaltariam este convento, para se fazerem filhas de Dom Bosco e de Maria Auxiliadora!”

UMA HORA DE FESTA EM FAMÍLIA

A tarde é ocupada nos últimos preparativos para a hora de íntima festa que reúne toda a comunidade ao redor das Superiores e dos Superiores, após o canto das Vésperas, do ‘Te Deum’ e da bênção.

Dom Bosco chega com o Padre Cagliariro e com uma senhora, a condessa Gatti, que ele deseja apresentar à nova Madre.

— Onde está a Madre Geral? — pergunta às que estão perto dele. Vão procurá-la e digam-lhe que apareça. Quantas vocês são aqui? Como vê, condessa, a casa é grande; mas será maior ainda; chegará até à “Bruna”! Coragem, boas Irmãs, coragem! Vocês perderam uma Madre humilde e santa, mas agora têm uma que não é, nem o será menos do que a outra.

— Ah! aí vem ela! — diz o Padre Cagliariro — Onde estava escondida?

— Entre os baús do sótão, Padre, onde ainda está o seu colchão, como durante o Retiro das senhoras. Estava chorando. . .

— Está bem, está bem — diz Dom Bosco — nós agora a faremos rir, cedendo-lhe a cadeira entre nós dois, não é, condessa?

Chegou a hora da festa. O alpendre serve de platéia. O patamar, no fim dos primeiros degraus que dão para o corredor interno, é o palco; nalguns bancos, ao longo do murinho que serve de parapeito ao andar térreo, ficam o coro, o piano e o harmônio, para acompanhar

os dois hinos a serem cantados por coros fortes, com partes intercaladas entre si.

Pobre Madre Catarina! Como se sentirá entre a condessa Gatti e Dom Bosco! Uma ou outra lágrima aflora ainda aos seus olhos, enquanto sorri àquela brincadeira da obediência.

Canta-se primeiro, para Dom Bosco, o hino composto pelo Padre Lemoyne e musicado pelo Padre Cagliero. ⁽²⁷⁾

Seguem-se cumprimentos pelo aniversário, ofertas espirituais, demonstrações de profunda gratidão e promessa de filial devotamento.

Depois os corações se voltam jubilosos para a Madre, com a poesia declamada pela noviça Ir. Vincenzina Bessone, a menor e a mais nova de todas, aquela de quem Dom Bosco dissera, ao aceitá-la como postulante: “Cabelos de ouro, coração de ouro!” ⁽²⁸⁾

O hino final canta mais uma vez a exultação das filhas pela nova Madre. ⁽²⁹⁾

ESTA É A MADRE DE VOCÊS

Depois do último “viva!”, Dom Bosco faz sinais de aprovação e de complacência e, dirigindo-se primeiro à comunidade, depois à festejada, diz: “Esta é, portanto, a Mãe de vocês; e a senhora, Madre, tem aqui as suas filhas! Muito bem! Muito bem! Estou vendo aqui duas caixinhas; uma tem confeitos e a outra, pequenos “amaretti”. Madre, dê uma colher de uns e de outros a cada Irmã, começando pelos “amaretti”.

A pobre Madre, confusa, começa a fazer a distribuição, como D. Bosco lhe dissera. Ele a observa e depois lhe diz: — “Faça sempre assim. A cada uma, e a todas, um pouco de “amaretti”, que sempre fazem bem à alma e ao corpo; e depois, um pouco de “confeitos”; porém, sempre por último”.

Um novo coro de vozes para um vivíssimo “obrigada”! e uma última palavra de augúrio ao venerado Pai; e depois do cumprimento à condessa Gatti, novamente se refaz a coroa de corações filiais em torno da querida Madre. Depois, o jantar e a boa-noite do Padre Lemoyne: “Maria é sempre a mesma: N. Senhora da Assunção ou das Graças, para nós é a mesma coisa. Honramos a sua Assunção, pedindo-lhe muitas graças. Entre elas, pedimos para Dom Bosco, para a

(27) Anexo n. 4 a), cf. Ed. It., pág. 344.

(28) Anexo n. 4 b), cf. Ed. It., pág. 345.

(29) Anexo n. 4 c), cf. Ed. It., pág. 347.

Madre e para nós, a graça de viver e morrer num contínuo agradecimento a ela e a Jesus”.

FESTA DA ASSUNÇÃO E NOTÍCIA QUE FAZ PENSAR

A festa da Assunção se reveste do tom das maiores solenidades da Igreja. Mas a manhã do dia 16 traz uma notícia que, se é motivo de sofrimento, serve para predispor os espíritos para o Retiro Espiritual: a morte de Ir. Clotilde Turco, aos 28 anos de idade.

A pobrezinha havia confiado nos cuidados da própria família, pensando em voltar com mais saúde à Congregação; no entanto, foi chamada à eternidade justamente quando estava em casa, sem poder ter junto a seu leito nenhuma daquelas que, na Casa de N. Senhora, tinham sido para ela irmãs afetuosas e mães cheias de ternura, com quem convivera durante seis anos.

DA ARGENTINA E DO URUGUAI

Padre Cagliero transmite à Madre Superiora notícias recentes vindas das Irmãs das missões.

“Madre, aqui estão “confeitos” e “amaretti” que chegam da Argentina e do Uruguai! Podem servir muito bem para o bom-dia e a boa-noite às Irmãs, nestes dias de Retiro.

“Confeitos” e “amaretti”, realmente.

A Inspetora Madre Madalena Martini havia escrito ao Diretor Geral, no dia 17 de maio: “Que Deus, na sua infinita misericórdia, não permita a triste conseqüência que se poderia prever da grave moléstia da nossa amadíssima Madre Superiora”. É possível que ainda ignore a nossa grande perda, se nestas cartas de junho e dos primeiros dias de julho, expressa seu ardente desejo de saber alguma coisa a esse respeito.

No entanto, dá como decidida a sorte da pobre Ir. Lucca, devolvida à Itália por ordem do Inspetor Padre Costamagna, e quase imediatamente seguida por quem a havia levado a esse passo. Confessa que se sente mal, moral e fisicamente, devido a tal desgraça e por algumas pequenas misérias que a deixam apreensiva em relação a outras Irmãs: uma do Uruguai e outra da Patagônia. Mas se apressa a acrescentar que a bondade de Deus tem piedade da sua fraqueza, porque, em compensação lhe dá muito conforto o grande bem que faz em todas as Casas, e as excepcionais virtudes das três Teresas de Vila Colón — Ir. Rinaldi, Ir. Mazzarello e Ir. Gedda — da humilde Ir. Angela Vallese, e de algumas outras que ela conhece mais de perto.

Continua temerosa de que sua irmã, Ir. Olímpia, acabe tendo de voltar à família devido à saúde frágil; e se diz pronta a sofrer tudo o que Deus quiser lhe mandar, para obter a graça da perseverança da irmã e para que se conserve o bom espírito entre as suas queridas Irmãs missionárias.

Por sua vez, o Inspetor Padre Costamgna e Padre Vespignani afirmam a Dom Bosco e ao Padre Cagliari que Ir. Madalena Martini, com suas virtudes, e as Irmãs de Buenos Aires — Almagro, conservam o fervor, a piedade e o espírito de trabalho, de sacrifício e de alegria, próprios de Mornese.

Sem o saber, também a América salesiana segue o conselho de Dom Bosco, oferecendo os “confeitos” no fim.

RETIRO ESPIRITUAL

À noite do dia 16 começa o Retiro espiritual, e Madre Daghero, vencendo-se intimamente, apresenta-se às Irmãs reunidas para lhes fazer as recomendações gerais: “Não devemos pensar que a nossa Madre está morta; ela ainda está viva entre nós, com todo o tesouro de seus santos exemplos e de seus preciosos conselhos. Por isso, procuremos que entre nós não suceda o que acontece no mundo: dos mortos não se fala mais! Pelo contrário, quem tiver alguma boa recordação da nossa querida Madre, conte-a durante o recreio; será um aumento de bem pessoal e comunitário. E a nossa inesquecível Madre obterá com isso maior glória no céu, onde esperamos que já se encontre”.

FESTA DO PAPA E JUBILEU

Um segundo assunto forte para as exortações destes dias é oferecido pela festa onomástica do Papa — dia 21, S. Joaquim — que o calendário eclesiástico estabelece no primeiro domingo depois da Assunção de Maria. Isto dá ocasião para um comentário especial do trecho de carta reproduzido na primeira página do Boletim Salesiano de agosto, como homenagem dos cooperadores salesianos ao Santo Padre.

Na boa-noite do dia 20, dada na capela após as últimas orações da comunidade, o Diretor Geral faz a leitura dessa carta: “Como filhos bem-nascidos, nós aproveitamos de boa vontade esta excelente ocasião para nos unir aos católicos de todo o Orbe e apresentar-vos a homenagem da nossa mente e de nosso coração. Antes de tudo pro-

testamos que vos amamos e vos amaremos até a morte. Tomamos parte nas vossas alegrias e nas vossas penas; queríamos multiplicar aquelas e diminuir estas. Aliás, queríamos eliminá-las de fato, mesmo à custa de nossa vida”.

O Diretor continua falando por um quarto de hora sobre o amor de Dom Bosco ao Papa, e sobre o duplo dever de rezar muito e fazer também algum sacrifício por ele, especialmente nestes momentos tão procelosos para a Igreja e de tantas angústias para o Santo Padre: duplo dever, porque somos cristãs e religiosas salesianas.

Padre Cagliero encarrega o Padre Bertello, seu colega de pregação, de falar sobre o aquisição do Santo Jubileu, de modo a garantir uma morte serena e a libertação das penas do Purgatório.

Aconselha as retirandas a lerem, na revista “La buona settimana” do dia 7 deste mês, as páginas que se referem aos sofrimentos atuais da Igreja e do Santo Padre. E também o seguinte artigo intitulado “Protesto e reparações” que fala do fervor da fidelidade e de devoção suscitado entre os bons.

“... É consolador ver o entusiasmo com que o Episcopado e os católicos de cada país se apressam em protestar contra as selvagens agressões da noite de 13 p.p. e a enviar suas condolências ao Pontífice Leão XIII.

Elas chegam copiosas de todos os cantos, até os mais distantes do globo, da França, da Inglaterra, da América; é um verdadeiro plebiscito que revela a crescente reverência e afeto dos fiéis para com o Vigário de Cristo e a Santa Sé. O “Osservatore Romano” já publicou dois suplementos inteiros cheios de telegramas, cartas e saudações dos Bispos, Associações Católicas, pessoas notáveis etc. A essas vozes podem se ajuntar as dos diplomatas acreditados junto ao Vaticano, os quais, em nome de seus governos, se declaram extremamente pesarosos pelos acontecimentos. Não são menos eloqüentes as peregrinações dos romanos à Basílica de S. Lourenço, e as orações que se elevam fervorosas sobre a tumba do glorioso Pio IX, em reparação dos ultrajes com que seus venerados despojos foram atingidos por gente que pretende ser chamada de liberal”.

Nenhuma das Irmãs quer faltar a uma prova assim universal da devoção para com o Romano Pontífice; e as ofertas espirituais a Deus e à SS. Virgem, aumentam em número e intensidade, para consolar o Papa e a Igreja.

ENCERRAMENTO DO RETIRO: VESTIÇÕES E PROFISSÕES

O Retiro termina com onze vestições, vinte quatro profissões, duas renovações e nove votos perpétuos.

Entre as admitidas a esta última graça, apesar de ter apenas um ano de profissão, está Ir. Amália Meana, com quem já se pensa contar para uma nova fundação na França.

As “lembranças” de encerramento respondem à última ferida que o coração paterno do Diretor Geral recebeu com a “tragédia” americana: “Sinceridade, minhas filhas! Piedade e fidelidade até a morte!”

PRECISAMOS APRENDER UMAS DAS OUTRAS

No final do recreio desse mesmo dia 23, Madre Daghero convida a Diretora Ir. Adele David a falar; não tanto sobre a festa de junho passado, de que o Boletim Salesiano já tratou, quanto sobre o trabalho, isto é, as humilhações e os sacrifícios com que as Irmãs de Bordighera já realizaram um grande bem, e prevêem um futuro de obras florescentes para a sociedade daquela zona invadida pelo protestantismo.

— “Precisamos aprender uma das outras — diz a nova Madre Superiora — por isso, querida Ir. Adele, fale de você também, como se falasse de uma da América; e Nossa Senhora fará com que tudo sirva para o bem”.

Ir. Adele conta, com edificante simplicidade, a realidade da indigência em que vivem: falta de alimentos, de roupas, de móveis... saídas para pedir auxílio, com e sem resultado, orações de braços abertos e ajoelhadas no chão de ladrilhos rachados. Para completar, os insultos que, em particular e em público, recebem dos protestantes, e os não poucos atos de virtude, junto com o cansaço do trabalho e as dificuldades para se manterem. Tudo é oferecido para obter auxílios materiais e ajuda braçal para continuar a casa e a igreja.

Ainda falta bastante, mas a maior parte já foi feita; e com o tempo, a oração, o trabalho, a penitência e a santidade do Diretor Padre Cibrário e das Irmãs, virá também o resto. O fruto será para quem vier depois.

— “Muito bem, Ir. Adele; muito bem, queridas Irmãs de Valle-crosia! — repetem as presentes — Nós as ajudaremos com nossas panelas e os nossos trapos — acrescenta alguém brincando, em nome daquelas que, a serviço das Casas dos Salesianos, não têm a satisfação de trabalhar diretamente com a juventude.”

— “Era isto que eu queria — conclui Madre Daghero — gozar e participar dos bens de família e sempre pôr tudo em comum: trabalho, orações, mortificações, alegrias e sofrimentos, porque realmente se trata de uma única finalidade e um único patrimônio.”

RETORNO E TRANSFERÊNCIAS

Com esse programa de vida salesiana, são preparadas as partidas para as diversas destinações.

Há várias mudanças neste ano; começando por Nizza, onde a nova vigária geral, Madre Henriqueta Sorbone, será Mestra das noviças, já que Madre Petronilla Mazzarello foi nomeada diretora de Lanzo Torinese. A primeira Assistente, Madre Emília Mosca, além da coordenação geral dos estudos, terá de se interessar especialmente pelas postulantes. A segunda Assistente, Madre Elisa Roncallo, por quanto for possível, substituirá na direção do Colégio a Ir. Madalena Morano, que foi nomeada diretora de uma terceira fundação da Sicília.

Diversas transferências de Diretoras e Irmãs foram necessárias, depois que foram aceitos três novos Jardins de Infância em Fontanile, Nichelino e Visone, além da já mencionada obra de Marselha, na França. Assim, da tarde de 23 até o meio-dia de 25, as Superiores e o Diretor Geral tiveram de enfrentar grandes problemas e não poucas preocupações.

Mas, quando tudo ficou resolvido e cada uma foi para a própria Casa, Nizza logo voltou à vida de trabalho recolhido e silencioso de todos os dias.

NOVA TURMA DE RETIRO

Entretanto, em Turim já se prepara o segundo Retiro para as Irmãs; e quando o Padre Cagliero e Madre Catarina chegam, mal dá tempo para uma acolhida festiva à nova Madre Geral, porque já está na hora do sino para o início do Retiro.

Os dois pregadores são o Padre João Batista Francesia e o Padre Ascânio Sávio.

Dom Bosco, ocupado com o Retiro dos Salesianos e com seus importantíssimos compromissos, não pôde aparecer no meio das Irmãs; mas, em tais casos, o Diretor Geral se multiplica para que a ausência do Pai e Fundador não seja muito sentida. Transmite a palavra dele, seus conselhos, sua bênção, e leva fielmente a ele o coração devotado das filhas.

EM OBEDIÊNCIA À ORDEM DO ARCEBISPO

Nada de novo, portanto, nem mesmo em Turim: as mesmas recomendações de Nizza, o mesmo fervor para ganhar as indulgências do Jubileu e a Oração pelo Papa.

Conforme fora determinado pela autoridade eclesiástica, é lida na capela a carta do Arcebispo a respeito dos insultos feitos aos restos mortais de Pio IX. ⁽³⁰⁾

A essa leitura segue-se o comentário do pregador das instruções, Pe. Francesia que, não se contentando de deixar as retirandas só com a comoção do momento, lhes revela os motivos mais graves das angústias do Pontífice: a declarada invasão dos inimigos de Deus e da sua Igreja; a ofensa aberta e a perseguição desenfreada contra os religiosos e eclesiásticos; o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo exilado da consciência pública e individual.

Tudo isso, conhecido assim pelas Irmãs, obtém não apenas a oração desses santos dias, mas do ano todo, da vida inteira, fazendo com que até o trabalho, o sacrifício e o próprio repouso se tornem oração contínua pela Igreja e pelo Papa, pelos bons e pelos maus, pela Igreja e pelo mundo inteiro.

Ótima disposição, portanto, para obter as graças do Jubileu e um novo ano de grandes merecimentos para o Céu.

NOVAS PROFISSÕES E FESTA DE ENCERRAMENTO

O dia 1.º de setembro marca o encerramento desse Retiro e, ao mesmo tempo, a 1.ª profissão de onze noviças e seis profissões perpétuas.

O Diretor geral, que preside a tudo, apresenta a mesma “lembrança” dada em Nizza recentemente: “Para manter o coração no lugar, é preciso piedade, sinceridade e constância, até a morte”.

Terminada a função, a alegria é geral. Umás festejam as novas coroadas, outras comentam suas impressões com esta ou aquela Superiora; há também quem se alegre de, finalmente, poder contar o que durante esses dias guardou só para si, também por amor ao Papa.

Ir. Vicência Razzeti e Ir. Teresa Tricerri, de Lu, contam o trabalho que tiveram com as crianças do Jardim, as meninas da sala de costura e as oratorianas, a fim de prepará-las para receberem solenemente o novo pároco, no dia onomástico do Papa. E descrevem o

(30) Anexo n. 5, cf. Ed. It., pág. 348.

completo êxito de todas as manifestações escolares, populares, municipais . . . e também salesianas, porque Dom Bosco mandou nada menos que um dos seus representá-lo junto ao festejado e a toda a cidadezinha. Porém elas não conseguem esconder seu pesar por terem de voltar a Lu sem a sua Diretora, Ir. Ana Tamietti, que foi eleita Econômã geral.

Ir. Brígida Prandi deseja contar o que calou, durante a semana toda, porque queria praticar uma “florzinha” durante o Retiro: — “Que pena não termos tido a presença de Dom Bosco no meio de nós, nem por uma hora! Desde maio passado, quando ele foi a Chieri, eu não o vi mais; e escutem só o que eu testemunhei naquela ocasião:

Era domingo, e um pobre sapateiro, sabendo que Dom Bosco estava conosco, levou-lhe uma garotinha de quatro ou cinco anos, parálitica das pernas, para que ele a abençoasse. Dom Bosco o atendeu prontamente e, depois de dar a bênção à criança, disse ao pai que a soltasse porque ela podia perfeitamente andar sozinha. De fato, a pequena se pôs a caminhar livremente. Isto não é pouca coisa, concordam?

Mas não é só. No dia seguinte, enquanto o nosso Pai tomava o café da manhã, experimentei passar por perto e ele me fez parar para tomar um pouco de café com ele. Estava ali também uma benfeitora, a senhora Lupo, e vocês podem imaginar como fiquei: toda envergonhada, mas muito alegre!

Dom Bosco devia partir às 9h mas alguns Sacerdotes, entre os quais o cônego Camino, fizeram com que ele perdesse o trem. Quando percebeu, disse: “Paciência, tudo bem!”, continuando tranqüilo como se não fosse com ele. Às 11h30h aqueles reverendos o levaram de carruagem até Trofarello. A meu ver, só um santo, e um santo muito bom, faz coisas assim, não acham?”

Ir. Inês Ricci, depois de cumprimentar muito cordialmente sua ex-diretora, Madre Felicina, afasta-se um pouquinho para elogiá-la:

“Nós não temos mais a Madre Mazzarello conosco, mas, aquela que voltou da Sicília é a sua cópia fiel. Como foram bonitos e santos os anos que vivi com ela, em Borgo São Martinho! Com ela nós gozávamos realmente do Paraíso! O trabalho era muito, os sacrifícios não tinham conta; mas havia muito amor de Deus e muita santidade em nossa Diretora, que nos queria todas alegres, obedientes, mortificadas, todas perfeitas como era ela mesma. Perfeitas mesmo!

Certa manhã, alguém deixava uma cadeira fora de lugar. A Diretora tinha visto, mas não disse nada. Numa hora oportuna perguntou:

— Quem deixou aquela cadeira ali?

Ninguém respondeu, para não faltar à caridade; mas pouco depois apareceu a tal. E Madre Felicina revelou:

— Eu já sabia, mas quis experimentar até onde ia a caridade fraterna de vocês. Estejam atentas a nunca faltar nesse ponto; queiram-se bem e nunca apontem os erros das outras, porque essa é uma falta que não podemos tolerar entre nós.

Lembro-me, como se fosse agora, de que a Madre, vindo visitar-nos, nos recomendou que fôssemos muito gratas aos Salesianos de quem todas recebemos tanto; que os estimássemos muito, sem esquecer a prudência nas palavras e nas obras. E disso, a nossa Diretora era um exemplo luminoso.

Durante o recreio, Ir. Inês Ricci tem de contentar aquelas a quem havia dito: — “Garanto que com vocês ainda não aconteceu nada parecido com o que tivemos em Este.

Talvez essa expressão tivesse sido logo esquecida, se entre as mais interessadas não estivesse Ir. Josefina Quarello que, renunciando ao seu diploma, porque não tinha vocação para o magistério, foi ajudar as Irmãs de Biella na sala de costura.

Ir. Inês continua: — “Eu conto, se vocês prometerem que não vão se escandalizar, mas tirar proveito disso. É uma experiência de vida, e, portanto, um motivo a mais para ficarmos sempre alertas, sem escorregar como eu, mas, mantendo-nos em pé com a oração e a humildade.

Depois da morte da nossa querida Madre, eu não tinha sossego, por ter sido talvez a última a dar-lhe um aborrecimento. Havia escrito a ela, com muita franqueza, que nenhuma de nós queria mais ficar na Casa de Este. Ela me respondera deixando-me esperança de que todas voltaríamos a Nizza.

O nosso problema era o seguinte: Antes de nós, algumas senhoras se encarregavam da rouparia do Colégio Salesiano; naquele tempo um coadjutor tinha a tarefa de preparar as sacolas de roupa dos Superiores e dos alunos. Isso, todo sábado.

Quando nós chegamos e aquelas senhoras foram dispensadas, também a arrumação das sacolas ficou para as Irmãs. Mas aquele coadjutor sofria tanto com isso que, para forçar as Superiores a devolver-lhe o ofício, começou a trocar as coisas, mudando todo o conteúdo das sacolas.

Não é difícil imaginar a desordem que acontecia nos dormitórios e nos quartos, e o falatório contra nós no pátio, no refeitório, em toda parte.

Choviam reclamações sobre reclamações e, pobres de nós! Depois de ter feito o máximo e nos cansado bastante, colhíamos esse resultado. Nossas desculpas e explicações não valiam nada e tudo acabava com o mesmo estribilho: — “Com as empregadas não acontecia isso. Que Irmãs mais desordenadas! . . .”

Aquele Irmão fazia outra beleza conosco: os colarinhos dos Padres, que nós engomávamos e passávamos, ele os exibia como trabalho seu; e os cerzidos que as senhoras haviam deixado mal feitos, ele mostrava como incompetência nossa. A Diretora não sabia como resolver o caso; nós, Irmãs, chorávamos a valer, e a vida se tornara impossível.

É preciso acrescentar que, justamente naqueles meses, a Casa de Este passava por um período muito duro de doenças e outros problemas, o que causava aumento de trabalho e dificuldades para nós.

Nossa querida Madre, sabendo de tudo, tinha pena de nós e nos consolava com a esperança de sairmos daquela bendita casa!

No entanto, poucos dias depois ela morria e, à grande pena de não tê-la mais, se juntava a de ver fugir a esperança de uma troca. E, com o frio que se sentia lá dentro, no meio daquelas caras fechadas, até nos primeiros dias do nosso luto, motivos para chorar não nos faltavam. O único que nos animava um pouco era o Diretor, que talvez começasse a entender aquela história.

Algumas semanas depois da morte da nossa querida Madre, os outros Padres também entenderam e decidiram contentar o tal Irmão, dando-lhe de novo a tarefa de preparar suas queridas sacolas. Com isso, tudo foi resolvido.

Nós logo dissemos que era uma das primeiras graças da nossa Madre que fora para o Céu.

Mas, para concluir, eu teria de contar outra coisa. Não faz muitos dias, alguém disse em confiança: — “Vocês têm sorte de ter como Diretor um Pe. Tamietti! Quando ele se encontrou em Turim com alguns outros Irmãos que não eram do Oratório, fizeram-lhe a proposta de assinar um pedido para que as Irmãs fossem afastadas dos colégios deles, porque, como se sabe, com as Irmãs não se pode agir livremente, como com as empregadas. Mas ele, com toda franqueza, respondeu: — “Vocês estão todos loucos! Por mim, quero todas as minhas Irmãs e que nenhuma seja trocada”.

Agora, veremos se será mesmo assim. Mas é preciso dizer: Desde que o nosso Diretor viu claramente onde estava o erro e pôde medir melhor o nosso sacrifício de cada momento, passou a tratar-nos como verdadeiro pai.

Para ser inteiramente justa, ainda devo dizer: Não só nós, mas também os Salesianos, coitados, fazíamos nossas primeiras experiências. É preciso que nós nos convençamos de que não podemos mandar na casa deles e que eles, do seu lado, têm de fazer contínuos atos de humildade em depender de nós até quando precisam de um lenço ou de um gole de café. Por isso, como nos disse tantas vezes a nossa querida Madre Superiora, se não nos contentarmos só com o trabalho, mas procurarmos agir com muita humildade e compreensão, como boas irmãs, cheias de reverência para com os superiores, certamente não nos faltará, da parte deles, aquela estima e respeito tão necessários à paz comum”.

“É isto mesmo — afirma por todas Ir. Josefina Bolzoni — muitas vezes Ir. Orsola Robustelli se dizia honrada porque o Pe. Leveratto, prefeito do Colégio de Borgo San Martino, se oferecia como ajudante de cozinha, quando nem ela, noviça de poucos meses, nem as outras, entendiam nada do ofício. Ele lhes ensinava como cortar a carne e o queijo, como servir à roda etc. Mandava um Irmão coadjutor acender o fogo, para que as Irmãs ficassem tranqüilas durante as práticas de piedade da manhã. E era sempre ele que desculpava com os salesianos alguma falta involuntária das Irmãs, dizendo que eram mártires do trabalho e da fidelidade a Dom Bosco e às suas obras”.

Aquelas que escutavam Ir. Ricci, começaram a reevocar lembranças dos tempos passados; a roda de Irmãs foi aumentando e o assunto do recreio acabou sendo um só: a nossa querida Madre. Aquela que — sem tirar nada à atual Madre Geral — está sempre presente no coração e no pensamento das filhas, como se vivesse ainda nesta terra.

Parece uma espécie de ladainha: nossa Madre era franca, reta, sincera, ardente, cândida, simples, fervorosa, humilde, pura, imparcial, submissa. . .

Ela parecia austera, mas na verdade o era consigo mesma: procurava a perfeição nas pequenas coisas; tinha muito cuidado com as doentes, as jovens, as tímidas. Nos recreios nos fazia ficar alegres e, ao mesmo tempo, unidas a Deus; gostava da observância e queria a perfeição da pobreza. O amor de Deus a consumia e, em vista da caridade para com o próximo, não apenas não se poupava, mas se

multiplicava dia e noite, com um espírito de sacrifício que chegava ao heroísmo. O mais bonito é que cada uma tinha um exemplo bem claro para comprovar o que afirmava.

Quando, poucos minutos antes da visita ao SS. Sacramento, Madre Catarina encontra as Irmãs reunidas falando dessas coisas, diz apenas: — “Vocês não poderiam me dar um prazer maior. Indo agora à capela, peçamos a graça de sermos todas verdadeiras filhas de tão grande mãe”.

FUNDAÇÃO DE TRECSTAGNI

Antes do fim do dia, as Irmãs das casas mais próximas já haviam partido; as outras, que não pertencerão à comunidade de Turim, voltam na sexta e no sábado, menos as quatro escolhidas para a nova fundação de Trecastagni, na Sicília: Ir. Madalena Morano, Ir. Luisa Bardina, Ir. Emanuela Elena e a noviça Ir. Marieta Giacone. Irão na segunda-feira, dia 5, com Madre Felicina Mazzarello e Ir. Orsola Camisassa.

Para elas uma bênção especial de Dom Bosco: Trecastagni ainda é considerado um local muito distante; por isso Madre Daghero, embora não esteja passando muito bem, fica mais uns dias em Valdocco, para poder acompanhá-las até embarcarem para Roma.

A despedida, com os votos da Madre e das filhas, é cheia de ternura; e Ir. Morano, da janelinha do trem já em movimento, repete várias vezes: “Até a volta, logo, logo, logo!”

A oferta do antiquíssimo Conservatório das Virgens, em Trecastagni, foi feita no mês de agosto, pelo Arcebispo de Catânia, Dom Dusmet, numa carta dirigida ao Pe. Cagliero. ⁽³¹⁾

As primeiras notícias chegadas da Sicília garantem que a obra começou sob bons auspícios, no dia 14, quarta-feira, com a proteção especial de São José.

FUNDAÇÃO DE NICHELINO

A Madre Geral, voltando a Nizza, acerta o grupo de Irmãs destinadas a Nichelino: Jardim da Infância, Oratório e talvez sala de trabalho. A obra foi aceita pelo Diretor geral, em espírito de caridade

(31) Anexo n. 6, cf. Ed. It., pág. 530

para com seu amigo, Pe. Reviglio, ⁽³²⁾ embora sem muita esperança de que dure muito.

“Experimentar não faz mal! — disse o Pe. Cagliero — e, se não se puder aguentar por falta do necessário, a boa semente não deixará de dar fruto”.

Foi marcado o domingo, 11 de setembro, para a entrada das Irmãs, de modo que as pessoas do lugar pudessem recebê-las na festa do Nome de Maria, celebrada naquele dia. Como Diretora foi escolhida a Ir. Delfina Guido, de apenas 21 anos de idade e 20 dias de profissão, que um mês antes conseguira o diploma de professora do pré-escolar. Uma Irmã que se destaca pelo critério prático e, não menos, pelo espírito de piedade, de zelo, de sacrifício e de observância.

PRIMEIRAS NOTAS BIOGRÁFICAS DE MADRE MAZZARELLO

A festa da Natividade de Maria SS.ma traz consigo, para a comunidade de Nizza em especial, uma comoção e uma alegria: o Boletim Salesiano, entre outras coisas, dá notícia da eleição da nova Superiora Geral, Madre Catarina Daghero e apresenta, em breves traços, toda a meninice de Madre Maria Domingas Mazzarello.

Renovam-se com isso as ternas e agradáveis lembranças; fica fortalecida a esperança de ver reconhecida, também pelos de fora, a virtude pouco comum da primeira filha e Superiora da Congregação; Dom Bosco é louvado por ter cumprido a palavra dada em julho e as Irmãs agradecem cordialmente o bom Diretor local que escreveu a pequena biografia.

Ninguém melhor do que o Pe. Lemoyne teria podido escrever sobre uma alma tão privilegiada; e ninguém teria mais condições do que ele para colher em Mornese e em Nizza, através das cartas do Pe. Costamagna, dos depoimentos do Pe. Cerruti, do Pe. Cagliero e do próprio Dom Bosco, as provas da merecida estima por uma Superiora tão exemplar.

SUFRÁGIOS POR MADRE MAZZARELLO EM CASCINETTE

Atendendo ao desejo geral, Madre Daghero repete, na boa-noite, o fato contado por Ir. Rosa Cordara.

O Reitor de Cascinette não se dava muito bem com a nossa querida Madre, porque ela não se dobrava a certas exigências dele.

(32) A carta de pedido, contendo os relativos acordos-convencões está no Arq. Geral FMA.

Mas, apesar disso a estimava muitíssimo, declarando-se grande admirador de suas virtudes. Deu prova disso na solene celebração do 30.º dia do falecimento da Madre. No domingo anterior convidou publicamente todos os paroquianos para que participassem, dizendo: — “Saibam que se trata de uma mulher forte, de uma virtude viril, mas tão terna e afetuosa com suas filhas, que poderia igualar-se a Santa Teresa. Portanto, venham dar este sinal de estima por ela, pelas suas e nossas Irmãs”. Depois convidou os sacerdotes dos lugares vizinhos, para que a cerimônia fúnebre fosse mais solene, e assumiu todas as despesas, também com a ornamentação da igreja paroquial e com os cantores.

CARTAS DA AMÉRICA

Por ocasião da festa de N. Sra. das Dores, a comunidade de Nizza realizou uma espontânea vigília noturna; e, como uma prova de agradecimento da parte da celeste Mãe, chegaram notícias da América.

A Inspetora, Madre Madalena Martini, abatida pela dor ainda recente, escreve à sua irmã, Ir. Olímpia (que há um mês e meio já partiu também para a eternidade):

Minha querida Ir. Olímpia,

No mesmo dia em que recebi a doloríssima notícia da morte de nossa tão amada Madre Geral, tive a consolação de receber boas notícias de você, através do nosso Pai, o Pe. Cagliero.

Que grande perda sofremos, minha querida Olímpia, com a morte da nossa boa Madre! Quanto fez ela pelo nosso bem e para nos tornar estáveis na nossa vocação!

Rezemos para que Deus recompense a grande caridade e paciência que ela teve conosco e nos conceda a graça de poder imitá-la nesta vida e ficar junto dela na vida futura. Coragem, minha boa Olímpia, sejamos constantes em amar e servir ao Senhor, mesmo que nem sempre Ele nos acaricie: é nas penas e nas aflições que podemos lhe dar provas de nosso amor sincero. Ele está nos observando, e fica mais satisfeito com um ato de conformidade à sua Vontade santíssima, quando passamos por alguma tribulação, do que por mil agradecimentos quando as coisas acontecem como nós queremos.

Felizes de nós, minha querida Ir. Olímpia, se pudermos nos unir ao nosso celeste Esposo Jesus, e sofrer alguma coisa por amor dele! Ele é nosso Pai, e na hora certa saberá também acariciar-nos.

Portanto, abandonemo-nos nas suas mãos e estudemos o melhor modo de agradar-lhe, cumprindo bem a sua santa vontade.

Seja sempre alegre; jamais abra a porta para a melancolia, sob nenhum pretexto; esse animal horrível é tão perigoso que não convém deixá-lo entrar em nossa casa.

Tenho uma coisa bonita para lhe dizer: todas as boas Irmãs daqui rezam por você. Está contente com isso?

Adeus! Reze muito por mim que estou precisando demais. Se tiver oportunidade, dê minhas lembranças aos nossos parentes. Diga muitas coisas por mim às Reverendas Superiores e queridas Irmãs.

Que o Senhor a abençoe comigo.

Almagro. 18 de julho de 1881.

af.ma

Ir. Maria Madalena Martini (33)

Mandando essa carta a Nizza, o Pe. Cagliero acrescenta: “Seja lida às Irmãs. Ir. Martini afirma que este é, para ela, o ano das cruzes. E não se enganou, pobrezinha!”

O Diretor geral manda também outras cartas americanas que podem ser lidas à comunidade.

Ir. Rita Barilatti escreve, também em nome de suas companheiras de profissão:

“Ó querido Pai, que doloroso choque! Estávamos na capela para a visita do SS. Sacramento, quando vimos o Pe. Costamagna entrar com um semblante amargurado; e ali, diante do altar, dizer-nos chorando: — “Minhas Irmãs, tenho uma notícia muito dolorosa; neste último dia do mês consagrado ao seu Coração, Jesus pede a vocês um sacrifício muito grande: A nossa querida Madre Mazzarello voou ao Céu! Somente agora chegou a carta do Padre Cagliero!” E, chorando muito, foi para São Carlos, onde, segundo disseram depois, ficou fechado no quarto durante o dia inteiro. Nós, na capela, soluçávamos! A querida Madre Inspetora, as Irmãs que chegaram por último, não podiam conter as lágrimas e choravam tanto ou mais que as primeiras. O senhor pode imaginar o que sentíamos nós, professoras de apenas dois meses e pouco!”

No dia seguinte, o nosso Arcebispo Dom Aneyros se apressou a vir consolar-nos, pondo-se à disposição para qualquer coisa de que pudéssemos precisar e dirigindo-nos palavras de pai, e de pai santo como ele é. Mas, agora, quem nos darão como Madre?...”

(33) Cópia no Arq. Geral FMA.

“Estamos chegando da celebração de sufrágio — escreve de La Boca Ir. Josefina Vergniaud; — nada de solene, porque a nossa pobre casa não comporta isso. Mas, o que o senhor nos diz, Pai? Parece-nos ter perdido um pedaço do coração.

Quem veio dar-nos a dolorosa notícia foi o nosso Inspetor, Pe. Costamagna; ele também parecia meio morto, tanto que não conseguiu dizer-nos uma só palavra de conforto.

Contou-nos apenas que é profundo o sofrimento da comunidade de Almagro, principalmente da nossa Madre Inspetora, e que imediatamente se fizeram copiosos sufrágios, apesar de que, todas nós, que conhecemos a nossa Madre mais intimamente, estejamos sempre repetindo: “Era uma Santa de verdade!”

E agora, vamos ficar algum tempo órfãs de mãe, ou quem sabe já terão escolhido uma outra, santa como a primeira?

Por caridade, Reymo. Padre, faça-nos saber logo e não nos deixe assim no escuro por outros meses!”

Do Uruguai escreve Ir. Terese Gedda:

“Então, a nossa querida Madre se foi mesmo no mês de N. Senhora?!”

Parece-me vê-la ainda, quando, na Casa de Alássio, encontrando-nos tão sobrecarregadas de trabalho, ela ia conosco para a cozinha, para lavar a louça, limpar a verdura etc., e fazia com que estivéssemos alegres e, ao mesmo tempo, recolhidas; com jeito materno e desenvolto, rezando jaculatórias nos ensinava a multiplicar as intenções para progredir na santidade. E nós, ao redor dela, nos sentíamos como meninas perto da própria mãe.

Agora não receberemos mais suas cartas tão queridas que nos faziam chorar de alegria e nos tornavam sempre melhores!”

Ainda do Uruguai, não falta a palavra de Ir. Josefina Pacotto que, depois de expressar toda a sua dor pela perda de sua querida Madre, relembra um pouco o passado, ligando-o ao presente:

“Lembro-me dela — e como! — quando um dia me chamou para que eu a acompanhasse à sala de visitas; estava com um avental tão desbotado que não pude me conter: — “Madre, pense que a senhora é a Superiora Geral!” E ela respondeu: — “Penso, sim; e é justamente por isso que devo dar bom exemplo!”

Vejo-me ainda em Mornese, quando me pedia que fosse com ela falar com o Diretor, Pe. Lamoyne, e no caminho dizia: — “Que

religiosas nós somos! Não sabemos nem mesmo apresentar-nos convenientemente!" E ficava vermelha e ria.

Mas, para que estou indo tão longe, enquanto devo dizer outra coisa? Nós a vimos aqui, em Las Piedras... e ela nos falou!

Na mesma manhã em que a nossa querida Madre Geral morreu, Ir. Vitória Cantù tinha pedido licença para não se levantar; não se sentia muito tranqüila para poder comungar, e não queria que as alunas ficassem mal impressionadas, vendo que ela não ia receber a comunhão. Mas, quando as Irmãs saíram do dormitório, sentiu que alguém puxou a cortina da sua cama e viu ali perto a Madre, com seu jeito de sempre; entre séria e brincalhona, ela lhe disse:

— Levanta-te, Ir. Vitória, e vai comungar!

— Não posso, Madre — respondeu ela — por isto e por aquilo.

— Pede perdão a quem deves e depois vai comungar.

A Irmã obedeceu, sem sentir nenhum medo; pelo contrário, experimentou um certo alívio, quase alegria por ter visto a nossa querida Madre e ter ouvido a sua palavra, apesar de estarmos tão distantes.

Alguns dias depois, aconteceu a mesma coisa comigo; na dúvida de aproximar-me ou não da S. Comunhão, tinha preferido não me levantar. Foi quando percebi que puxavam a cortina e ouvi a Madre me dizer: — “Levanta-te e vai comungar, porque, quem sabe até quando não poderás fazê-lo?” Eu lhe obedeci, e o fato é que na manhã seguinte já não pude comungar, porque adoeci; foi uma moléstia rápida, mas séria.

Aconteceu o mesmo a Ir. Rosina Bosco. Só que ela não quis levantar-se logo; e com isso ficou de cama por três meses, com tifo, sem poder ir à igreja; comunhões, pôde fazer bem poucas, durante a doença e a convalescença.

Na mesma noite em que a Ir. Bosco viu e ouviu a Madre, eu também sonhei com ela, dizendo-me:

— Por que me chamas tantas vezes durante o dia?

— Porque tenho medo de que a Irmã que dorme perto de mim perca a vocação, respondi.

— Pois dize-lhe claramente que seja mais obediente, mais sincera, mais desapegada da família; caso contrário, perderá a vocação, e pior para ela!"

Enquanto as Superiores transmitem e comentam essas notícias à comunidade de Nizza, lamentam o silêncio das Irmãs da Patagônia onde, sem dúvida, o correio sofre um atraso sempre maior.

MORTE DO PADRE CHICCO

O Diretor local recomenda à piedade e gratidão das Irmãs a santa alma do Padre Estêvão Chicco, falecido em Cremona na noite de 16 deste.

Ele tinha sido o primeiro diretor de Nizza e, portanto, o primeiro consolador daquelas que tinham deixado o coração em Mornese e que, no ex-convento da "Madonna", haviam encontrado os escombros desolados da profanação precedente. Quem estava lá na época, se recorda da sua salesianidade profunda e cordial; quem não o conheceu, sabe como o próprio Dom Bosco o havia recomendado às orações individuais e comunitárias quando, em agosto, dera notícia de sua grave enfermidade e elogiara nele o zelo sacerdotal e a regular observância religiosa. Todas as Irmãs oferecem orações, vias-sacras, comunhões e as práticas de piedade do dia todo; e o fazem também como um ato de gratidão, em vista do sagrado ministério que o pranteado morto exerceu no Instituto "N. S. das Graças", na sua hora mais difícil.

ORAÇÕES PELA PAZ

Justamente nestes dias a casa de Nizza passa por um momento difícil, por ter trocado de médico, preferindo o Dr. Barberis ao Dr. Martini, que atendia antes, mas não foi julgado bom para o Instituto. Ele se ressentiu e isso causou aborrecimentos e preocupações aos Superiores e à casa. Por isso o Pe., Lemoyne recomenda às orações da comunidade a graça tão desejada pelas Superiores, de que a paz seja mantida, também no relacionamento com as pessoas de fora.

PARA AUMENTAR A DEVOÇÃO AO PAPA

De Turim o Padre Cagliero comunica ao Padre Lemoyne que Dom Bosco deseja que as Irmãs de Nizza também sejam informadas a respeito das alegrias e dos sofrimentos do Vigário de Jesus Cristo, para que cresça nelas a devoção filial, e possam oferecer orações contínuas pelo Papa e pela Santa Igreja Romana.

Excelente oportunidade para isso é a festa de S. Miguel Arcanjo: e, na hora da leitura espiritual, o Pe. Lemoyne reúne a comunidade na capela e, diante de Jesus Sacramentado, convida as Irmãs a meditarem sobre a luta dos exércitos celestes contra os inimigos da Igreja.

A introdução não é longa; pausada, como para meditação, ele faz a leitura de alguns trechos da revista "La buona settimana".

Antes de mais nada, relembra com oportunos comentários, o que já foi dito no dia 7 de agosto sobre os protestos de fidelidade e de reparação que chegaram de todas as partes, após os acontecimentos sacrílegos de julho p.p. ⁽³⁴⁾

Depois lê o seguinte trecho da alocação do Santo Padre aos Cardeais, no último Consistório do dia 4 de agosto.

Expostos na sua realidade os tristes fatos acontecidos em Roma na noite de 13 de julho, o augusto Pontífice prossegue:

"Já era do conhecimento de todos, que nós nos encontramos numa condição difícil e, por vários motivos, insuportável; mas o recente fato de que falamos tornou mais clara a situação. Ao mesmo tempo veio demonstrar que, se é amargo para Nós o atual estado das coisas, muito mais amargo é o temor das que virão. Se o traslado das cinzas de Pio IX deu ocasião a desordens tão indignas e a gravíssimos tumultos, quem exageraria pensando que a audácia desses infelizes poderia chegar às mesmas exorbitâncias quando Nos visse passar pelas ruas de Roma, da maneira conveniente à Nossa dignidade? Ainda mais se julgassem ter motivo para tanto, porque Nós, impedidos pelo dever, condenássemos leis injustas decretadas aqui em Roma, ou reprovássemos a malvadez de algum outro ato público? Em vista disso, é mais do que evidente que, nas atuais circunstâncias, Nós não podemos permanecer em Roma, a não ser como prisioneiros do Vaticano. Aliás, quem prestar atenção a certos indícios que se vão manifestando aqui e ali, e considerar ao mesmo tempo que as seitas se conjuraram abertamente a exterminar o nome católico, terá razão de afirmar que projetos ainda mais perniciosos estão amadurecendo contra a religião de Cristo, o Sumo Pontífice e a fé do povo italiano. Nós continuamos, é claro, como é Nosso dever, a olhar com atenção o crescimento dessa luta feroz e, ao mesmo tempo, procuramos os meios de defesa mais oportunos. Pondo em Deus toda esperança, estamos prontos a combater até o fim pela incolumidade da Igreja, pela independência do Sumo Pontífice, pelos direitos e pela majestade da Sé Apostólica; e, nesse combate, prontos a não fugir ao sacrifício e nem temer qualquer dificuldade. . . ." ⁽³⁵⁾

(34) Ver pág. 43.

(35) De "La buona settimana" de 21/8/1881.

O Padre Lemoyne lê também o que D. Gastaldi, Arcebispo de Turim, escreveu na sua Carta Pastoral sobre o Papado, do dia 1.º de setembro, na qual, lamentando ainda os penosos acontecimentos do traslado dos restos de Pio IX, acrescenta:

“Mas não há dúvida de que esse foi apenas o começo da nova e ferocíssima guerra que desejavam declarar ao Pai dos fiéis.

Sem perda de tempo começaram a promover comícios em Roma e nas principais cidades da Itália, para incitar as multidões enganadas e acendê-las de fanatismo contra a Santa Sé Apostólica. O primeiro comício realizado em Roma foi um claro incitamento a exterminar e esmagar, se possível, em toda a terra, o divino poderio do Sucessor de S. Pedro.

As mais horrendas blasfêmias foram lançadas contra o Vigário de Jesus Cristo, acusando-o de inimigo das ciências e da liberdade, de inimigo da Itália, de mentiroso, de lobo; chamando sua casa de asilo e abrigo de malfeitores; Pio IX, para eles, era um Pontífice nefando; a Igreja Católica, um cretinismo; e o Papado, como instituição religiosa, a negação da razão e da consciência; por isso, invocando o Estado a não reconhecer absolutamente o poder do Sumo Pontífice Romano, pretendem que o privem dos Palácios Apostólicos, reduzindo-o à condição de homem comum, despojado de toda a autoridade.

Essas e outras blasfêmias e imprecações ressoaram por toda parte (ou seja, nas principais cidades da Itália), onde foram realizados outros comícios.

Ora, quem não sente a alma profundamente sacudida por viva dor e não se acende de zelo para defender a máxima Autoridade que existe na terra? Autoridade que, direta e imediatamente, representa o próprio Deus no meio dos homens, e da qual depende a manutenção da Religião na terra, a eficácia da consciência, da justiça, da ordem, do amor fraterno e, conseqüentemente, da civilização?...”⁽³⁶⁾

O Padre Lemoyne, mais comovido do que as que o ouvem, vai acrescentando algum comentário ao resumo de outros números de “La buona settimana”, porque o que interessa a Dom Bosco lhe interessa também: que cada uma de suas filhas espirituais saiba estar com a Roma católica, tanto nos triunfos como nas angústias, e entenda bem o grande dever da oração e da vida santa para obter o conforto e as graças de que o Papa e a Igreja têm necessidade.

(36) De “La buona settimana” de 25/9/1881.

Para isso elenca assim as maiores devastações morais do mundo moderno:

- 1.º — a educação da juventude foi subtraída à autoridade da Igreja;
- 2.º — foi concedida toda liberdade de imprensa, de ação e de propaganda a qualquer culto e religião, exceto à Igreja Católica;
- 3.º — escancarou-se a porta a toda imoralidade, a toda ação subversiva, menos à verdade e atividade da nossa santa Fé;
- 4.º — prega-se e defende-se a lei do divórcio e nega-se qualquer valor jurídico ao matrimônio-sacramento.
- 5.º — cresce assustadoramente a imprensa voltada contra o Papa e governo da Sé Apostólica;
- 6.º — Roma se tornou centro de toda propaganda anti-católica; e só por escárnio se reconhece a Soberana Majestade Pontifícia, relegada concretamente aos limites do Vaticano;
- 7.º — a Bélgica, sem nenhuma razão, manda embora o Núncio Apostólico, e a França se vangloria de mover perseguição contra todas as Ordens e Congregações Religiosas;
- 8.º — multiplicam-se os esforços para banir a Igreja do consórcio humano; não conseguindo isso, chega-se ao impossível para impedir a sua influência espiritual sobre as consciências e sobre os povos.

Por tudo isso, e mais ainda, o Diretor continua convidando as Irmãs a ficarem reverentemente de pé, para ouvir a augusta palavra do Papa, S.S. Leão XIII, que no dia 12 de março deste ano abria assim seu coração traspassado:

“Vários Institutos, obra do zelo e da munificência de Nossos Predecessores, foram tirados de nós; não deixaram intactas nem mesmo as sagradas dependências da “Propagação da Fé”, tão benemérita da religião e da civilização dos povos, que jamais alguma força inimiga do passado ousou atacar.

Várias igrejas foram fechadas e profanadas . . . os templos do erro e da iniquidade, ao contrário, se multiplicaram. Foram publicadas leis contrárias ao sentimento católico; e tudo isso até à sombra do Vaticano . . . Estando assim rebaixada e desprezada a autoridade suprema de quem faz as vezes de Deus na terra, é claro e evidente que a

autoridade humana, privada do poderosíssimo freio religioso, não conseguirá dominar o atrevimento das multidões revoltadas, com seus desejos loucos de liberdade.

Não faltaram nem faltam desastres gravíssimos, com inundações na Bélgica, no mês de janeiro deste ano; o terremoto de Casamicciola, em fevereiro, que continua ameaçador agora em março. Mas, a sociedade atual se mostra atemorizada com tudo isso? A gente pergunta: não virão para ela castigos talvez maiores?..."

Terminada a leitura, o Pe. Lemoyne sente que realizou o desejo do Pai comum, e conclui com a eficaz recomendação de que tudo seja transformado em oferta de impetração e reparação: Missa, Comunhão, orações, trabalho, observância religiosa etc. unindo-se também às intenções do Papa e repetindo com freqüência: "Jesus, venha o teu Reino! Maria, Auxílio dos Cristãos, rogai por nós!".

NOTÍCIAS DA PATAGÔNIA

No dia 2 de outubro, festa dos Anjos da Guarda, chegam as tão esperadas notícias da Patagônia.

São dos primeiros dias de agosto; Ir. Borgna escreve em nome de todas, não tratando, desta vez, de outro assunto a não ser a grande dor pela morte de Madre Mazzarello:

"Não estamos realmente no fim do mundo? A notícia que saiu da Itália na metade de maio, só nestes dias chegou aqui, nas poucas palavras de um telegrama e nós entendemos logo o motivo: certamente o Pe. Costamagna estava chorando e não quis se estender sobre o assunto.

Estava na hora de ir para a capela para a leitura espiritual e o Pe. Fagnano, cuja fisionomia não parecia mais a mesma, nos deu a notícia com muita caridade e prudência. Corremos para a capela a fim de chorar e rezar, porque não havia consolo para nós a não ser na Vontade de Deus.

Nossa Diretora, tão santa e tão humilde, chora "como uma Madalena" e nós lhe fazemos boa companhia, porque todas formamos um só coração e uma alma só. Nossas meninas choram conosco e as índias, que ainda não sabem chorar como as civilizadas, gemem e fazem caretas de fazer pena.

Já foram feitos os sufrágios prescritos pela Regra e continuamos a fazê-los, embora estejamos certas de que a nossa Madre já está no Céu.

Ontem à tarde trouxeram o Boletim Salesiano de junho; lendo a notícia da morte da nossa incomparável Mãe, nós sentimos o coração aliviado. Que bondade a de D. Bosco e a dos Salesianos, fazendo conhecidos particulares da doença e da morte de nossa santa Mãe. Publicando tudo isso no Boletim, aumentam os sufrágios por ela, as nossas obras se tornam mais conhecidas e até nós, daqui deste fim do mundo, ficamos sabendo alguma coisa. Como a gente se sente mal sem notícias de quem tanto amou e ainda ama!

Será que já elegeram a nova Superiora? Escrevam logo a estas pobres coitadinhas patagonesas; na verdade nós estamos aqui com o corpo, mas a mente, o coração e o espírito estão em Nizza.

Então, vão escrever para nós? Digam que sim; caso contrário, voltaremos todas para a Itália e vocês vão ver quem somos nós: as afetuosíssimas, amarguradíssimas filhas e irmãs, da sempre mais querida e preciosa Patagônia, tão distante!”.

MORTE DE IR. TERSILLA GINEPRO

Estas notícias boas, anunciadas logo, na boa-noite, ficam para outro dia, para que todas possam oferecer esse sacrifício em sufrágio da alma de Ir. Teresa Ginepro que, precisamente no dia dos Santos Anjos e de N. Senhora do Rosário, passou da casa de Nizza à eternidade.

Tinha apenas cinco anos e meio de profissão e pouco mais de trinta e cinco de idade. Mas, como era amada e querida pelo seu bom caráter, humildade, obediência, laboriosidade e afeição sincera e generosa para com Superiores e Irmãs!

Nos últimos dias de sua vida, ouvindo do seu quarto as Irmãs cantarem na lavanderia, disse toda contente a quem estava perto dela: “Escute só! Quando eu trabalhava lá com elas, diziam: — “A senhora trabalha por três e, mesmo assim, a gente não tem tempo nem para cantar um louvor. Se faltasse a sua ajuda, quem daria conta disso aqui? “Pois é; eu faltei e elas têm mais tempo de cantar do que antes. É mais do que verdade que ninguém é indispensável neste mundo; assim que um Papa morre, logo se elege outro!”

O Pe. Lemoine, que a assistiu até o fim, teve razão em dizer: “Vocês estão sentindo? Daquele quarto vem um perfume de rosas!”.

FUNDAÇÃO EM VISONE E EM FONTANILE

O dia 6 de outubro marca a partida de outras Irmãs de Nizza para Visone e Fontanile, onde se ocuparão das crianças que, tanto os pais como os Sacerdotes, querem que sejam educados para o bem.

É caridade verdadeira essa que não soube recusar esses dois novos pedidos, especialmente o de Visone, um arraialzinho marcado pela miséria, onde não se pode prever como e por quanto tempo as Irmãs poderão ficar. Mas o seu patrocinador — o bom arcebispo de Melazzo, Pe. José Chiabrera — soube insistir tanto sobre as exigências espirituais que o Pe. Cagliero precisou concluir assim: “Vamos contentá-lo, ao menos por enquanto”.

Madre Emília Mosca acompanha até lá três Irmãs: Ir. Orsolina Marocco, que será a Diretora e professora de Jardim; Ir. Felicina Bezzato, que cuidará da sala de costura, e a noviça Ir. Maria Brega, encarregada da cozinha e dos outros trabalhos da casa. Todas as três têm 21 anos de idade, e são tão fervorosas, que correm alegremente ao encontro das dificuldades que lhes foram anunciadas, tanto no que se refere aos meios de sobrevivência, como no que diz respeito à insuficiência e falta de comodidade do local em que irão morar.

Se Visone não passa de um subúrbio de Acqui, Fontanile, a poucos quilômetros de Nizza, pode ser considerada uma cidade de certa importância. Apesar disso, também ali exige-se boa disposição para o sacrifício, porque as aulas do Jardim irão começar no paiol do vigário e as Irmãs terão, no início, apenas o estritamente necessário. Espera-se que mais tarde as coisas melhorem, com um legado cujo usufruto pertence a um bom sacerdote do lugar. Para lá também vão somente três Irmãs cujas idades, somadas, não chegam a sessenta anos e profissão, a seis meses. Imaginem se faltasse, em quem as envia, a fé na intervenção do Alto, além da confiança na boa vontade de quem vai por obediência! As três são: Ir. Maria Genta, responsável pelo Jardim da Infância, e que terá também o encargo de Diretora; Ir. Josefina Malvino, para a escola elementar; as outras tarefas são confiadas a Ir. Rosina Barberis. Seria preciso mais uma, mas por enquanto não é possível. ⁽³⁷⁾

PROVAÇÕES FAMILIARES E VOCAÇÃO VITORIOSA

Um fato recente faz lembrar os primeiros tempos de Nizza, com o caso da famosa Bedarida.

(37) As convenções para Fontanile conservam-se no Arq. Geral FMA.

No dia 13 apareceram no Colégio o irmão e a mãe da postulante Cândida Rho, uma jovem que, tendo feito o retiro em agosto, quis ficar para se tornar F.M.A. Inutilmente lhe haviam escrito cartas insolentes, na tentativa de fazê-la voltar para casa; por isso vieram com a intenção de levá-la à força. Não a encontrando em casa, partiram para as ameaças e outras coisas incríveis, até que ficaram sabendo onde ela se escondera; foram até lá com a carruagem, para buscá-la. Obrigaram-na a entrar no colégio apenas para trocar de ousa, e depois partiram todos para Chieri.

A pobrezinha gemia e chorava muito, vendo-se tratada como um trapo, esbofeteada como se fosse uma delinqüente. Mas ela é tão boa que acabará vencendo.

A boa-noite não é possível deixar de mencionar o acontecimento. E, em meio ao silêncio geral, a jovem Margarida Vezzoli, de Brescia — que até então estava duvidosa quanto à vocação — dirigiu-se à Madre e disse com visível entusiasmo: — “Madre e Irmãs queridas, dêem para mim a capinha dessa postulante; farei o possível para não desmerecê-la e para...”

Os aplausos de todas as presentes abafam o restante das palavras generosas daquela oferta espontânea; mas quem não a entende? Alguns dias depois a capinha cobre os ombros de Margarida, que se inclinam reverentes como para se sujeitar à temida cruz do Divino Mestre.

Somente oito dias se passaram e a querida postulante Cândida Rho, que havia sido forçada pelos seus a deixar o Instituto, retorna à Casa de N. Senhora. Soubera lutar tão nobremente que o irmão, coronel da Marinha, escreveu uma carta de desculpas, digna do mais amplo perdão.

E pensar que, quarenta e oito horas antes, a Diretora de Chieri havia procurado o pai dele para ver se conseguia mudar o rumo das coisas, e recebera esta resposta: — “Todos estão contra ela; não há mais nada a fazer”.

A MADRE EM ROMA

O dia 14 traz uma novidade bem diferente. O Diretor Geral já havia escrito de Roma à Madre Superiora, dizendo que continuaria a viagem até a Sicília; por isso queria que ela acompanhasse a Roma as três Irmãs que Madre Morano estava esperando. Ele as levaria. E assim a Madre poderia representar todas as suas filhas num ato de devota reverência ao Sumo Pontífice.

Como no dia 16 a solene peregrinação do Piemonte se apresentaria aos pés de S.S. Leão XIII, ela deveria sair dois dias antes, a fim de acertar tudo, de acordo com o que ele combinara com Dom Bosco.

Chegou portanto o momento de embarcar para Roma, junto com Madre Emília, Ir. Carlota Negri, Ir. Amália Telésio e a noviça Ir. Elena Brigatti. A comunidade inteira se reuniu para as despedidas e augúrios à Madre que, pela primeira vez, iria ajoelhar-se diante de Leão XIII para ser abençoada pessoalmente por ele.

Tanto quem parte como quem fica, eleva ao Céu oração e coração, implorando toda sorte de bem àqueles que em Roma irão testemunhar ao “doce Cristo na terra” a devoção e a incondicional adesão da vontade a todas as diretivas de seu Magistério.

“EU IRIA ESTRAGAR TUDO”

Voltando de Roma, a Madre Geral conta às Irmãs de Nizza só coisas grandiosas, coisas santas da Cidade Eterna, do Papa e, sobretudo, da graça imensa de sermos católicas, Filhas de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco.

A quem lhe pede pormenores sobre isso ou aquilo, ela responde simplesmente com um olhar cheio de luz: — “Eu iria estragar tudo! O Pe. Cagliari diz que tudo vai ser publicado no Boletim Salesiano. É preciso experimentar para saber o que se vê e se sente em circunstâncias como aquelas!”

De fato, o Boletim de novembro trata amplamente dos acontecimentos, publicando o relatório da Peregrinação italiana a Roma, no dia 16 de outubro. Uma carta do Pe. Cagliari ao Pe. Bonetti narra os pormenores da audiência concedida pelo Papa aos Salesianos e F.M.A. no dia seguinte, 17. ⁽³⁸⁾

IR. LÚCIA BERTOLO MORRE

Na última quarta feira de outubro, dia 26, S. José vem colher uma nova flor na casa de Nizza: Ir. Lúcia Bertolo, a personificação do bom-humor. Era ela que, com uma moeda e com suas mágicas, costumava animar os recreios da comunidade.

Em apenas cinco anos de vida religiosa, ela tornou serena a sua própria vida e também a dos outros, através dos modestíssimos serviços de casa; mereceu finalmente uma morte que, para os seus vinte

(38) Anexo n. 7, cf. Ed. It., pág. 351.

e cinco, foi motivo de oferta generosa e alegre a Deus, e de santa inveja para toda a comunidade.

FUNDAÇÃO DE SAMPIERDARENA

Na manhã do dia 25, um grupinho de Irmãs, tendo como Diretora a Ir. Pierina Marassi, partia da estação de Nizza Monferrato, rumo a Sampierdarena, “a desejada!”. Era um adjetivo muito especial e significativo para exprimir a realização de um desejo longamente acariciado pelos Superiores locais e também pelas Superiores.

Há muito tempo os meninos e os Salesianos do Colégio S. Vicente de Paulo sentiam necessidade da presença das Irmãs na rouparia e na cozinha. Por sua vez, as Irmãs viam a conveniência de ter um ponto de apoio, se não em Gênova, pelo menos nas vizinhanças, quando tivessem de prestar exames escolares, ou por ocasião de partidas de missionárias. Assim não seriam um peso demasiado e motivo de transtorno para os bons superiores do colégio. Mas ainda não se dispunha de um lugar, pelo menos passável.

Agora, embora as condições não sejam muito melhores, se inicia assim mesmo a experiência, para satisfazer ao bondoso diretor, Pe. Albera que, pensando ter de aceitar uma transferência de Sampierdarena para Marselha, gostaria de que, com a entrada das Irmãs, diminuíssem os problemas de quem vier substituí-lo na direção da casa. O fato de poder com isso dar a ele uma prova de reconhecimento por todos os seus méritos, por tudo quanto fez e continua fazendo pelas F.M.A., faz com que Superiores e Irmãs estejam prontas a superar toda dificuldade.

FUNDAÇÃO DE MARSELHA

Depois da nova casa de Sampierdarena, pensa-se logo em outra fundação que há tempos está na mente e no coração de D. Bosco: a de Marselha.

Já em maio de 1880 ele escrevia ao vigário da paróquia de S. José, naquela cidade: “o Pe. Cagliero está muito feliz com a bela oferta que a generosa madame Jacques fez às nossas Irmãs. Vou escrever a ela, agradecendo diretamente. Vamos subindo um degrauzinho de cada vez e, caminhando para cima, chegaremos ao céu”.⁽³⁹⁾

No dia 16 de novembro, respondendo à pergunta se as Irmãs não poderiam ir, usando trajas seculares — o momento era de aberta hos-

(39) MB XIV 495.

tilidade contra os religiosos — Dom Bosco aceitava a proposta como medida de prudência, mas deixava que o vigário da paróquia marcasse a época mais oportuna para a chegada das Irmãs a Marselha.

No dia 2 de dezembro do mesmo ano, o Conselho Superior salesiano fazia constar na ata de reunião: “A época da chegada das Irmãs não foi fixada ainda. Será preparado o local a elas destinado e, se puder ser próximo ao Oratório “Saint Léon”, isso facilitará o trabalho delas. Formadas na escola de Dom Bosco, elas darão uma contribuição ativa, inteligente, devotada; e vindo a Marselha para colaborar na sua Obra, serão recomendadas naturalmente e de modo todo especial, à benevolência e solicitude do Comitê de Damas Benfeitoras”.⁽⁴⁰⁾

Atendendo ao pedido das senhoras do comitê de Marselha, e presidindo à sua reunião do dia 12 de fevereiro de 1881, Dom Bosco havia dito: — “Não posso deixar de me alegrar e de considerar providencial o que foi feito nestes cinco anos. . .

Seria preciso ampliar, comprando uma casa, cujas janelas que dão para o pátio causam incômodo. Poderiam ficar nela as Irmãs de Maria Auxiliadora que devem vir, não havendo com a nossa casa nenhuma comunicação a não ser aquelas indispensáveis para os serviços de rouparia e lavanderia. Seria fácil fazer as necessárias adaptações; e os inconvenientes notados agora, seriam evitados. Mas, para essa compra, precisaríamos de dinheiro; parece que a Providência está de acordo, porque o preço estipulado já baixou. Na verdade, vem baixando aos poucos, de modo que atualmente poderíamos adquiri-la por quarenta e cinco mil liras.

A divina Providência, que deseja essa Obra, mandará o necessário; e, quando eu digo a divina Providência, entendo dizer Deus. Já que Deus quer a nossa Obra. Ele nos dará os meios de realizá-la; quem trabalha para um fim, tem direito aos meios, e nós temos certeza de que estes virão. Nós somos instrumentos da divina Providência; e neste ano a divina Providência e Maria Auxiliadora nos têm protegido de modo bastante sensível”.⁽⁴¹⁾

Entretanto, a generosa madame Jacques, não querendo adiar mais a vinda das Irmãs, ofereceu uma sua garage que, ficando próxima do Instituto Salesiano de Saint Léon, com algumas adaptações provisórias, poderia servir, até que se pudesse conseguir um outro local mais conveniente.

(40) MB XIV 610-611.

(41) MB XV 44.

Dom Bosco quis logo ir vê-la, e achou-a muito úmida. No entanto, antes de sair de Marselha, ele mesmo realizou a cerimônia da bênção da casa, de forma reservadíssima, para não atrair a atenção do povo sobre uma segunda família religiosa que estava para entrar na França, enquanto outras se retiravam do país. ⁽⁴²⁾

Portanto, tais disposições e preparativos davam boas esperanças. No entanto, àquele mês de fevereiro sucederam outros oito, de “sim” e de “não”, devido às notícias da França em plena perseguição religiosa. Quando foi decidido que o Pe. Álbera sairia de Sampierdarena e iria para Marselha, como Inspetor daquelas Casas, Dom Bosco, escrevendo ao Pe. Bologna, diretor do Instituto Saint Léon, indaga, mais ou menos na metade de outubro: — “E então, o que me diz das Irmãs?” ⁽⁴³⁾

Finalmente, no último dia de outubro, modestamente vestida em trajes seculares, partiu Ir. Amália Meana, com duas companheiras de aventura: Ir. Carolina Bensi e a noviça Ir. Brígida Bagnasco. Na França teriam ocasião de experimentar todos os incômodos da pobreza, as confusões e vexames dos revolucionários republicanos, enquanto se tornariam mães e irmãs dos órfãos e abandonados, recolhidos sob a bandeira de Dom Bosco e de Maria Auxiliadora.

LEMBRANÇA DOS BENFEITORES

Dando a boa-noite à comunidade, na véspera de Finados, depois de ter recomendado vivamente à piedade de todas, as santas almas do Purgatório, a Madre dirige o pensamento para os benfeitores espirituais e temporais, freqüentemente esquecidos depois de sua partida desta terra. Na oportunidade chama a atenção para uma notícia do Boletim Salesiano de novembro: a morte da senhorinha Elena Jackson, falecida em Montevideú no dia 5 de setembro p.p.

— “Foi a nossa primeira benfeitora da América — diz a Madre — a quem devemos a nossa casa de Villa Colón, a primeira nas nossas missões americanas. Embora ainda não tenham escrito, imagino como as nossas queridas Irmãs de lá estarão chorando e sentindo falta dela!

Certamente o Senhor terá contado a seu favor, não apenas a sua e nossa obra de Villa Colón, mas também as outras que derivam dessa primeira. Podemos crer que já esteja gozando a eterna recompensa no Paraíso.

(42) MB XV 56.

(43) MB XV 455.

Todavia, temos obrigação de rezar muito especialmente por ela, também porque, se queremos ter o espírito de nosso querido pai Dom Bosco, devemos, como ele, viver de gratidão por quem nos ajuda a fazer o bem a nós e aos outros.

Sim, agradeçamos sempre ao Senhor, a Nossa Senhora e a Dom Bosco por sermos o que somos, e por vermos a Congregação se estender como se estende; porém não nos esqueçamos jamais, nas nossas orações e boas obras, dos benfeitores vivos e defuntos, porque, sem eles, nem Dom Bosco poderia ir adiante e fazer tudo aquilo que vem fazendo, perto ou longe daqui”.

A Madre lembra também o grande missionário da África Central *, Padre Daniel Comboni, falecido no dia 11 de outubro. Dele o Instituto herdou o ardoroso lema das primeiras missionárias de Maria Auxiliadora: “Patagônia ou morte!”.

Voltando a falar da senhorinha Jackson, de Montevidéu, exorta as Irmãs a esculpir no coração as lembranças edificantes que ela deixou, para tê-las presentes nas conversas com senhoras e moças que, conhecendo uma alma tão nobre e generosa, poderiam imitar-lhe as virtudes e enriquecer-se dos mesmos méritos. ⁽⁴⁴⁾

E conclui: — “Não nos esqueçamos jamais do que nos repetia a nossa Madre Mazzarello: O Boletim Salesiano deve sempre sugerir-nos o modo de seguir Dom Bosco na prática do bem e ensinar aos outros como fazê-lo.”

* Neste mês de novembro o Boletim nos faz conhecer também a graça especial concedida pelo Santo Padre com a prorrogação do Jubileu; todas ficaram animadas a aproveitá-la para o próprio bem e do próximo.

NOTÍCIAS DE TRECSTAGNI

Para completar as poucas informações fornecidas pelo Diretor geral sobre Trecastagni, chegam logo depois as notícias de Ir. Madalena Morano; ela conta alegremente que receberam a visita do bondoso Padre Cagliero, e manda cópia do convênio para a aceitação legal daquela obra, embora ainda em caráter experimental. O documento é datado de 15 de setembro — o primeiro dia inteiro passado naquela casa — mas na verdade foi assinado pelas duas partes, durante a passagem do Diretor Geral por lá, e redigido com base no esboço

* N.T.: África Central — NIGRIZIA.

(44) Bollettino Salesiano, novembro 1881, ano V, n. 11, pág. 617.

que, em Turim, havia feito Padre Cagliari hesitar, dizendo: — “Será que isto é pão para os nossos dentes?” O quinquênio de experiência vai nos dar a resposta. ⁽⁴⁵⁾

VENDA DO COLÉGIO DE MORNESE

De Turim chega a notícia de que no dia 8 de novembro foi concluída a venda do ex-colégio de Mornese. ⁽⁴⁶⁾ Por isso, parece estar próximo o dia em que se poderá pagar boa parte da dívida contraída para a construção do Educandário N. S. das Graças, em Nizza. Os trabalhos continuam ainda.

As superiores se entreolham pensativas: Será isso motivo de alívio? . . . Nos olhos delas aponta uma lágrima que brota espontaneamente do coração.

As dívidas pesam, quem não sabe disso? O dinheiro foi pedido com insistência quase exigente — ao ecônomo S. José, para que, com Madre Mazzarello, Madre Ferrettino e todas as Irmãs do outro mundo, se apresente à Mãe da divina Providência para obter o que é necessário. Mas não se pode deixar de sentir pena por ter que vender o colégio de Mornese. . . .

Enquanto se ia adiando a decisão, ficava sempre um fio de esperança de não ser preciso chegar a esse ponto. Mas agora o Céu e a terra levam a essa conclusão, não resta outra alternativa senão adorar o plano da divina Sabedoria e, resignadas, pronunciar o Amém!

As superiores estão a par do que se diz e se faz em Mornese e nos arredores, para acusar de injustiça Salesianos e Irmãs, e sofrem com isso, não tanto por si mesmas, quanto pelo venerado e querido pai Dom Bosco.

Se a prefeitura de Mornese tivesse acolhido logo a proposta de Dom Bosco que, reconhecendo os méritos da cidade, lhe oferecia o edifício por apenas doze mil liras, ela o teria visto, sem dúvida, ocupado por alunos e alunas da escola municipal e, desse modo, seria aliviado o descontentamento de todos. Mas, não! Talvez o prefeito Valentino Campi não tenha achado conveniente apresentar a proposta ao seu Conselho, ou então quis encaminhar as coisas com habilidade, de modo a tirar vantagem do caso. O fato é que não escreveu uma só palavra em relação à proposta; e só depois de uma réplica de D. Bosco, propôs um aluguel anual, não em nome do município, mas como coisa pessoal.

(45) Texto da Convenção — Arq. Geral. FMA.

(46) Anexo n. 8, cf. Ed. It., pág. 356.

Foi atendido, pagando duzentas libras; renovou o contrato por mais um ano, e nesse tempo o ex-colégio foi transformado em depósito de lenha, de vara para videiras etc. Alguns cômodos foram sublocados secretamente, e à noite, luzinhas que iam e vinham faziam pensar em um castelo mal-assombrado.

Todos os velhos do povoado, sem nenhuma reserva, passaram a repetir: “Olhem lá o nosso colégio em que deu: uma casa de bruxas e de almas penadas. Claro! Aquela luzinha que passeia de um lado para outro, quando a noite é mais escura, ou é a alma do Padre Pestarino ou de alguma das nossas infelizes que morreram lá dentro de fome e de miséria, e que vêm lembrar-nos o dever da vingança! Mas nós vamos dar um jeito nisso!”

Os comentários venenosos não terminam sem as costumeiras blasfêmias e imprecações.

Ultimamente, e não se sabe a partir de que fonte, começou a circular no povoado o boato de que, se D. Bosco cederia o colégio ao município por apenas doze mil libras, a particulares certamente não o cederia por tão pouco. A estes, exigiria pelo menos o dobro! E o povo todo, também as mulheres, diziam: “Vai ver que o Campi... Veja só! Aquele colégio é nosso! E se nós nos juntamos para pô-lo de pé com nossas pedras, nossa madeira, nossos tijolos; se nos unimos para ceder até o nosso vinho, os nossos produtos do campo e até o nosso ouro, estamos ainda prontos a nos unir e empenhar ali até os ossos, para fazê-lo desaparecer! Aquele colégio é nosso, porque nasceu dos nossos braços e do nosso coração. Se hoje — infelizmente! — é o colégio da trapaça e da injustiça... veremos se amanhã não será o da vingança!”.

As Superiores sabem de tudo. É por isso que a notícia de que a venda foi concluída, as deixa preocupadas, quase angustiadas: — “Quem o terá comprado? O que poderá acontecer ao nosso querido Dom Bosco por causa disso?”

Agora, a oração mais insistente não será, portanto, para obter dinheiro e ficar livre das dívidas; mas para que Dom Bosco não seja envolvido e a ira dos mornesinos se aplaque.

PRIMEIRA CONFERÊNCIA SALESIANA EM CASALE MONFERRATO

O bom Diretor Geral, Padre Cagliero, manda dizer à Madre que, para a primeira conferência aos cooperadores salesianos na diocese de Casale Monferrato, seria bom poder mandar a Dom Bosco, em

Borgo S. Martinho, um relatório das vocações surgidas naquela diocese para o Instituto de Maria Auxiliadora. A conferência será no próximo dia 17 e, por isso, há urgência.

Feita a pesquisa, constata-se o belo número de quarenta e uma professoras, algumas das quais já falecidas. Entre os nomes da lista figuram os de Madre Angela Vallese, chefe da primeira expedição missionária na América e de Madre Henriqueta Sorbone, primeira das cinco irmãs acolhidas sob o manto da Auxiliadora, e eleita ultimamente vigária geral.

O Pe. Lemoyne comenta que Dom Bosco ficará muito contente com essa relação, e com ele, seu querido amigo, o bom Bispo de Casale. Madre Daghero, seguindo o curso de seus pensamentos, diz apenas entre um suspiro e um sorriso triste: — “É tão pouco o que podemos fazer para consolar Dom Bosco!”. No coração dela está presente o problema da situação jurídica das Filhas de Maria Auxiliadora, diante da qual a autoridade eclesiástica ainda tem algumas reservas; e ainda não teve solução o caso de Chieri, em que Pe. Bonetti é o principal implicado. ⁽⁴⁷⁾

No entanto, a confiante clarividência de Dom Bosco não se detém diante de obstáculos e dificuldades, porque visa sobretudo à glória de Deus e o bem dos jovens.

DE BORGIO SÃO MARTINHO ESCREVEM DE DOM BOSCO

Dom Bosco, mostrando sempre que não dá importância senão à boa vontade de suas filhas, não perde ocasião de torná-las conhecidas e estimadas; com isso lhes dá condições de se dedicarem com entusiasmo às meninas e jovens, da Itália e do exterior.

Na conferência do dia 17 aos cooperadores salesianos da diocese de Casale, em breves traços de história ele fala da instituição da sua segunda família religiosa e relata suas consoladoras realizações. Confirmam isso as Irmãs de Borgo São Martinho: elas escrevem que puderam mais ouvir D. Bosco, do que vê-lo em casa, porque tiveram muito trabalho, especialmente na festa de S. Carlos, com tantos convidados à mesa. Ai delas, se não fosse o bom prefeito Pe. Isnardi! Tinham pedido a ele que lhes avisasse o momento da partida de Dom Bosco; ele, sabendo disso, foi à cozinha, com a desculpa de tomar uma xícara de café, para agradecer a elas por todo o trabalho daqueles dias e de sempre, e deixar-lhes uma lembrança boa: — “Pobres filhas!

(47) Anexo n. 1 a), cf. Ed. It., pág. 335.

No meio de tanto trabalho, de tanto cansaço, vocês muitas vezes terão vontade de se queixar. Mas o trabalho não deixa folga para pecar e o cansaço faz dormir bem à noite. Portanto, não digam nunca em tom de queixa: — “Que cansaço! Que calor! Que frio! . . . Mas, se lhes escapa uma palavra dessas, vocês não cometem pecado. Evitem-nas, se puderem, e fiquem tranqüilas. Lembrem-se de que foi Dom Bosco quem disse isto”.

As Irmãs não sabem expressar sua alegria por essa visita que compensou mil vezes a renúncia à viagem a Casale, para assistir àquela conferência tão esperada por todos. Em cada uma delas cresceu a satisfação de se dar inteiramente para o crescimento das obras de Dom Bosco.

Tudo isso conforta muito a jovem Superiora Geral e suas colaboradoras, que confiam sempre no auxílio divino e na caridade de Dom Bosco.

PRIMEIRA FESTA ONOMÁSTICA DA NOVA SUPERIORA GERAL

Este ano o dia de Santa Catarina de Alexandria — também chamada “da roda”, por causa do instrumento do seu martírio — foi escolhido para a festa onomástica da Madre Superiora.

Por causa da época, ela é também chamada, familiarmente, de “Santa Catarina das castanhas”. Os votos de Dom Bosco são os primeiros a chegar, com o precioso autógrafo no verso de um santinho de Maria Auxiliadora:

“Deus a abençoe e Maria lhe obtenha toda a saúde que não for contrária ao bem de sua alma”.

Sac. João Bosco ⁽⁴⁸⁾

Outros chegam da Sicília, com a notícia das duas primeiras vestições religiosas em Bronte e da profissão de Ir. Maria Giaccone, em Trecastagni.

Seguem-se as cartas de felicitações de outras Irmãs da Itália e da França. E o que não se inventa, na casa de Nizza, para exprimir a ternura filial?

Desde a véspera, quinta-feira, suspendem-se as aulas, para que alunas e Irmãs fiquem livres para preparar tudo, de modo a tornar alegre e festivo o dia 25. Se algumas sabem se comportar direitinho,

(48) Original no Arq. Geral FMA.

há outras, mais levadas, que descobrem logo a diferença: na família não existe sino, silêncio, horário, disciplina; portanto... O resultado é que disciplina e ordem ficam um pouco relaxadas. Mas a festa está nos corações, e no primeiro dia, e parte do segundo, são os corações que comandam; assim, quando chega o momento dos augúrios e das funções religiosas, são espontâneas, solenes e agradecidas as ofertas da piedade filial e religiosa.

Embora seja sexta-feira, por causa de Santa Catarina o refeitório das Irmãs e o das alunas são preparados para a festa. Mas à tarde do dia 25 e no dia seguinte, uma "feira", organizada principalmente por Madre Elisa, serve de pretexto para um clima excessivamente barulhento, baseado num princípio mal-entendido: "não façamos pecados, mas desafoguemos livremente a nossa vivacidade".

Nas bancas da "feira" há de tudo, para todos os gostos: caramelos, doces, garrafinhas com licores de mentira e águas de cheiro feitas em casa; brinquedos diversos, material escolar, artigos de armarinho; coisas provenientes, em primeiro lugar, da caridade industriosa da mãe de Madre Elisa, e também das sempre queridas oratorianas de Turim.

As bancas estão enfeitadas de galhos e de ramos de flores; também quem vende e quem compra está fantasiada de cigana, de florista, de feirante, vestindo trapos e usando cachinhos de pano ou de papel na cabeça, o que provoca risos em todas.

Quem está de posse de um "vale" especial pode comprar; e o número de "vales" distribuídos pela Madre Ecônoma às alunas, varia de acordo com o depósito que cada uma tem. As Irmãs também recebem "vales" e ficam felizes de poder participar da festa.

Por sorte, o dia é esplêndido e debaixo do pórtico, no pátio, nos corredores, na sala de costura, nas salas de aula, no estudo e até no dormitório, se grita e se canta, sozinha ou em coros mais ou menos harmônicos. De vez em quando não faltam as inevitáveis discussões entre pequenas e maiores, por coisinhas de nada.

As pobres Irmãs assistentes e professoras, tentam moderar e acalmar as mais agitadas: — "Meninas, assim é demais! Respeitem pelo menos os quartos das Superiores e tenham pena de nossos ouvidos e da garganta de vocês! Descansem um pouco!" Mas é tudo inútil; a resposta é sempre a mesma: — "Não estamos pecando! Estes dias são de liberdade! Viva a liberdade!".

E a pobre Madre Elisa? Não consegue mais se fazer entender; está rodeada por aquelas que não têm mais "vales" e choram e fazem

cenas para obter mais alguns, por misericórdia dela. Com as mãos na cabeça ela repete: — “Nunca mais, nunca mais faremos isso! Tudo o que é demais não presta! Ah! a experiência... a experiência é uma grande mestra!”

Uma das que são mais amigas dessa Madre, tão querida por sua bondade, inventa preparar para ela nada menos do que um trono, com seis colchões tirados das camas das colegas e os coloca sobre o de Madre Elisa. Imaginem a entrada no dormitório!

— “Minha filha, o que você aprontou? O que queria com isso?”

— “Nenhum pecado, querida Madre! Nenhum pecado! Uma simples brincadeira, um gesto de liberdade de um coração filial”.

Algumas dão risadas, outras se irritam, alguém faz um sermão para a levadinha que, impávida, enfrenta todas as censuras. Há quem resmungue como uma velhinha, enrolada no lençol: — “A que ponto nós chegamos!”. Mas há também quem se ajeita com resignação: — “Ainda bem que já estamos no fim!”.

A lâmpada de querosene ilumina o rosto entristecido da Assistente que, sozinha no meio daquele tumulto de novo estilo, deixa cair grossas lágrimas contidas há muito tempo. As alunas que estão mais perto, percebem e dizem umas às outras: — “A Irmã está chorando. Vamos parar com isto!”

Passados alguns minutos de silêncio, ouve-se do outro lado do dormitório, um assobio longo e agudo. É uma molequinha que, com o apito comprado na feira, acha bom reacender a alegria das colegas, já prontas para aproveitar a nova pintação.

A paciência da pobre Assistente já se esgotou.

Por sorte aparece Madre Emília, sempre senhora de si. Não fala. Apenas observa... e, a passos de formiga, caminha pelo dormitório, parando, de vez em quando, perto da cama das mais endiabradas que, como todas as outras, escondem a cabeça debaixo da colcha. Nenhuma dá sinal de vida, exceto algumas das mais excitadas, que não sabem dominar completamente um soluço.

Durante a noite, nenhuma novidade a mais. O domingo é melancólico, também para as mais displicentes, e a boa-noite completa a lição.

As palavras de Madre Assistente breves e calmas, são eficazes como sempre: — “A sabedoria divina sabe tirar o bem até mesmo do mal; que o erro de quem, por falta de controle e de cumprimento do dever, mereceu nota baixa de comportamento, sirva para que vocês

entendam que a disciplina colegial é um dever para a aluna. Não se falta à disciplina, sem faltar ao próprio dever. O dever é Deus, na presença das Superiores, na observância do regulamento; a verdadeira liberdade é o domínio de si, mesmo nas ocasiões de maior tentação. Quem tem bom ouvido que entenda.

A nossa querida Madre Elisa, permitindo tudo o que permitiu, deu prova, ao mesmo tempo, de seu humilde e filial devotamente à Superiora Geral — que antes foi sua humilíssima súdita — e de sua confiança em vocês, que não são más. Quem sabe que abusou dessa prova de confiança, reconheça o próprio erro e remedeie logo, com um comportamento exemplar.

Não queremos dar à Madre Superiora o desprazer de saber que a sua festa não foi uma verdadeira festa para todas; quem sabe que deve pedir perdão, que o peça a Deus e a Nossa Senhora. E rezem ao Anjo da Guarda, para que as prepare para celebrar dignamente a Festa da Imaculada.

A querida Madre Elisa, com as Assistentes e professoras, também esquecerão aquilo que não querem mais lembrar, a não ser para tirar disso um bem. Certamente o ano escolar continuará melhor nesta casa bendita que é toda de Nossa Senhora. Boa noite!”

Muitas estão de cabeça baixa e não poucas “filhinhas” enxugam uma lágrima de afetuosa compreensão.

NOVENA DA IMACULADA

Aguarda-se a chegada do Diretor Geral. Como ele não pode marcar o dia exato em que virá a Nizza Monferrato, manda ao Diretor, Pe. Lemoyne, a cópia das “flores” que Dom Bosco deu aos seus de Valdocco, para a novena da Imaculada, ⁽⁴⁹⁾ acrescentando: — “Escreverei, quando puder marcar também o dia da próxima vestição reli-

(49) Em honra de Maria, minha mãe queridíssima, durante esta novena, com a sua proteção e com a ajuda de Jesus, seu Filho, quero:

1. Frequentar a S. Comunhão
2. Ser pontual aos deveres de piedade
3. . . aos meus deveres temporais e obedecer
4. Fugir do ócio
5. Fugir dos maus olhares
6. Fugir das más conversas e daqueles que as fazem
7. Evitar tudo o que seja contrário à santa virtude da modéstia
8. Examinar a minha consciência com relação às confissões passadas
9. Preparação para uma santa morte.

Dia da festa: Quero consagrar-me a Maria e recitar muitas vezes: *Sagrado Coração de Maria, sede a minha salvação!*
Sac. João Bosco (MB XV 469-70).

giosa; entretanto, façam o que devem fazer para agradar a Nossa Senhora”.

O Pe. Lemoyne faz logo a adaptação das preciosas “flores” à realidade de Nizza, com sermõezinhos que entusiasмам Irmãs e meninas, predispondo-as a uma festa realmente fervorosa. Lembra ainda o convite do Boletim Salesiano, em que se comemora o 40.º aniversário dos Oratórios Festivos, iniciados justamente no dia da Imaculada; essa data deve ser celebrada com atos de devoção em todas as casas de D. Bosco e de Maria Auxiliadora, e por todos os cooperadores e cooperadoras salesianos. ⁽⁵⁰⁾

NOTÍCIAS DA FRANÇA

Nossa Senhora satisfaz o desejo de todas, especialmente o da Madre, fazendo com que cheguem notícias da França, onde os freqüentes ataques revolucionários causam muita preocupação.

A Diretora, Ir. Amalia Meana, fala pouco e diz muito: embora contentíssima no meio das roupas sempre necessitadas de remendos, diz que não tem tempo de sentar-se para escrever; suas duas companheiras de trabalho também não param. Pedem à Madre Geral e a todas as Superiores que não se preocupem com elas, porque em Marselha, como em Nizza Monferrato, se está muito bem, sob o manto da Auxiliadora.

Através das Irmãs de Saint-Cyr, que foram a Marselha fazer compras, é possível saber alguma coisa mais. Elas foram visitar as novas inquilinas da garage oferecida provisoriamente pela principal benfeitora de Saint-Léon, madame Jacques.

“Encontramos as nossas Irmãs naquela garage úmida e escura, onde não faltam apenas os móveis convenientes e necessários para o trabalho que devem realizar, mas até o indispensável fornecimento de água. Basta dizer que a Diretora e as Irmãs aproveitam a escuridão da noite para ir até o córrego vizinho lavar suas coisinhas e jogar o lixo na água. Para as práticas de piedade, têm de se arranjar como podem. Recreio? Não conhecem nem mesmo o nome. No entanto, estão serenas e tranqüilas. Uma delas nos dizia: — “Não temos tempo para rir, mas também não o temos para chorar. Um olhar de bondade da nossa Diretora, mesmo que seja muito rápido, alguma palavrinha que, passando por aqui, o paterno Pe. Álbera nos dirige, bastam para a gente ir para a frente, de manhã à noite, e para dormir bem”.

(50) Bollettino Salesiano, novembro 1881, ano V, n. 11, pág. 2.

Uma outra, a quem ajudávamos no trabalho que fazia, nos disse: — “Os revolucionários não nos aborrecem, porque todos pensam que nós somos empregadas do Patronato Saint-Léon. Vamos pouco à rua, mas vemos tantas crianças inocentes no meio de moleques, que sentimos uma vontade louca de chegar perto delas e fazer um pouco de bem; mas fugimos dali, para que ninguém desconfie que somos religiosas. E se, voltando para casa, contamos à Diretora a tentação que tivemos de parar com aqueles meninos, e a pena que sentimos de ficar só mexendo com roupas velhas, em vez de procurar meninos e meninas para levá-los a Deus, elas nos responde: — “Façamos o que temos de fazer, por amor de Deus e das almas, e seremos de Dom Bosco da mesma forma”. Com isso ela quer nos dizer que nós também seremos apóstolas e missionárias. Pelo amor de Deus! A Ir. Diretora não pode saber que estou lhe contando essas coisas; ela não quer que falemos de nossos sacrifícios, e não se cansa de cantar o mesmo refrão, como boa-noite e como bom-dia; — “Deus sabe tudo e vê tudo; portanto...”

Antes de sairmos de lá, nós duas nos atrevemos a perguntar à Ir. Meana:

— “As damas do “comitê” costumam vir tomar o tempo de vocês?”

— “Vêm, e não vêm...”

Por intermédio de algum Salesiano que passava por acaso em Saint-Cyr, ficamos sabendo que elas passam falta até de comida. Mas da boca das Irmãs, nem uma palavra.

Ah! querida Madre Geral, se as nossas três de Marselha ainda não fazem milagres, falta pouco para isso!”

Nem é preciso dizer que notícias como essas, enquanto enchem o coração de ternura, dão assunto para a boa-noite da Madre: — “Queridas Irmãs, convençamo-nos de que os sofrimentos escondidos e o amor generoso são dois grandes meios de santidade; não deixemos passar um só dia sem nos lembrarmos de que cada sofrimento bem aceito nos permite ganhar uma alma para o Paraíso”.

NOVA CARTA DA ARGENTINA

O Pe. Cagliariero manda ao Pe. Lemoyne a última carta que recebeu de Ir. Madalena Martini e encarrega o Diretor de lê-la à comunidade das Irmãs, antes da festa da Imaculada. Na margem ele escreveu uma

notinha: “De tudo e de todos, a gente sempre pode aprender alguma boa lição”.

Almagro, 7 de outubro de 1981.

Meu Reverendíssimo e bom Pai em Jesus Cristo, que espinhos doídos acompanham as poucas rosas encontradas neste pobre mundo!

A notícia de que já não estávamos órfãs e de que, na virtuosa Ir. Catarina Daghero teremos uma madre digníssima, sucessora da saudosa e santa Madre que no céu continua a nos proteger, encheu-nos de júbilo.

Agradecemos ao Senhor por essa eleição; e, com o auxílio divino, esperamos prestar à tão querida Madre aquele respeito, submissão e filial confiança que ela merece de suas filhas. Agora conheço melhor a grande graça de ter passado alguns meses perto dela em Turim, onde logo me senti plenamente à vontade, e ela pôde conhecer um pouco das minhas misérias. Assim, embora de longe, saberá guiar-me com facilidade e dar-me os conselhos necessários.

Devemos reconhecer mesmo que o Senhor é bom e que faz com que tudo aconteça para o nosso bem.

Estamos esperando que V. Revma. cumpra filialmente sua promessa de trazer a nossa nova Madre para visitar-nos, a fim de que todas possam conhecê-la e ela possa ver como vão as coisas por aqui: se tudo está bem ou não, e se nestas Casas reina o espírito da nossa santa Congregação. Faça-nos este favor, Padre, e nós lhe seremos muito gratas.

Porém... eu não esperava que a morte da minha tão querida Ir. Olímpia acontecesse tão depressa! É claro que, depois que V. Revma. me escreveu que quase não havia esperança de cura, eu estava um tanto preparada para receber a notícia; no entanto, não pude deixar de sentir demais essa perda.

Também nesse cumprimento da Vontade divina se apresenta para mim a ocasião de dizer um “fiat” muito custoso. Parece que neste ano, mais do que nunca, o Senhor teve o gosto de me fazer experimentar que estamos num vale de lágrimas, lugar realmente de provação. Paciência! Tudo é pouco, se penso no que valho diante de Deus!

Reverendo Padre, não pense que estou triste e abatida pelo que aconteceu; ⁽⁵¹⁾ não, meu Reverendo Padre. Pelo contrário, bendigo o Senhor pelas muitas graças e a assistência especial com que me favo-

(51) Alude evidentemente ao caso de Ir. Lucca.

receu; e desejo amá-lo sempre mais e agradar-lhe, aceitando humildemente qualquer pena e angústia que ele quiser me mandar no futuro.

A lembrança de que Jesus está conosco e de que, aos seus pés santíssimos eu posso pedir por mim mesma, por minhas Irmãs, recomendar-lhe todas as minhas coisas, é um motivo de conforto tão grande para mim que, se isso viesse a me faltar, não sei como agüentaria.

Rev. do Padre, se o senhor soubesse como Deus é bom, aqui na América também! Eu não sei expressar exatamente como sinto isso e o experimento em mim mesma. Agradeça-lhe, em meu nome e tenha a bondade de rezar muito por mim, a fim de que me conceda a humildade e a caridade, virtudes que me fazem tanta falta”.

Seguem algumas notícias particulares da Casa de La Boca e daquela comunidade, e a carta acaba assim:

“Rev. do Padre, tenha a bondade de recomendar-me às orações de Dom Bosco, nosso amado Pai, e de apresentar a ele nossos humildes cumprimentos.

Quanto ao senhor, Reverendo Padre, aceite as humildes saudações destas suas pobres Filhas; queira abençoar-nos a todas, muito especialmente esta que é a mais necessitada e que se declara, de V. Revma., em Jesus, pobre filha.

Ir. Maria Madalena Martini F.M.A.

FESTA DA IMACULADA

A festa de Maria Imaculada traz consigo o solene encerramento do Santo Jubileu. Na fervorosa comunidade de Nizza Monferrato, o Diretor, além de poeta, mostra-se místico pintor da beleza virginal de Maria.

As alunas têm nos olhos o esplendor da inocência e nos lábios, o canto de amor pela toda bela e toda pura. E as Irmãs parecem não encontrar um modo melhor de se expandir do que dizer, umas às outras: — “Ah! seria bom morrer na santa alegria desta festa, para ir logo ver Nossa Senhora e ficar junto dela no Céu!”.

A festa talvez tivesse sido mais grandiosa, se fosse possível realizar também as funções de vestição e recepção de novas Filhas de Maria; porém, neste ano, as circunstâncias forçaram o adiamento.

Com a alma cheia dessa celebração, preparam-se cartas e cartinhas recheadas de notícias; elas serão enviadas por meio do Pe. Lemoyne ao Pe. Lasagna, que está se preparando para voltar ao Uruguai, e com elas poderá alegrar as Irmãs missionárias.

O afeto religioso é sempre um doce elo que une os que estão perto; muito mais para quem está longe da pátria. Em Nizza isto é muito bem entendido e cultivado com espírito verdadeiramente salesiano, como já se fazia no tempo de Madre Mazzarello.

MORRE IR. CATARINA SUCETTI

No dia de N. Sr.^a de Loreto — sábado, 10 de dezembro — Ir. Catarina Sucetti deixa esta terra. É um outro elo da corrente que aos poucos se vai formando na feliz eternidade, onde já não são poucas as almas irmãs, sempre queridas e muito lembradas.

Sua partida foi um sorriso ao Esposo muito amado e fielmente servido durante toda a vida.

Com pouco mais de trinta e quatro anos, apesar de doente, ela era um elemento precioso na Casa de Alássio onde estava desde o início; as Irmãs lamentam a sua falta, como a de um tesouro perdido.

A doença que a afligia, embora não a obrigasse a ficar de cama, não lhe dava descanso algum; apesar disso, nos seus seis anos e meio de vida religiosa, ela soube ser Marta e Maria, trabalhando e rezando até quase o fim de seus dias. Até na morte soube mostrar que o bom-humor é um invejável prêmio à piedade, à humildade e ao verdadeiro amor de Deus e do próximo.

ALEGRE NOVENA EM PREPARAÇÃO AO NATAL

Padre Cagliari se encontra em Nizza Monferrato, como confessor extraordinário, por ocasião das “têmporas do Advento”. Por isso, a Novena de Natal começa com a alegria da vestição de dezessete postulantes que já esperavam há tempo por esse dia, e também do grupo de internas recebidas como Filhas de Maria.

No dia 18, domingo, a função da manhã é marcada para as nove e meia; a da tarde é atrasada um pouco, para que o Diretor Geral tenha possibilidade de não faltar ao compromisso com Fontanile e voltar a tempo.

PADRE CAGLIERO EM FONTANILE

De Nizza a Fontanile vai-se em meia-hora, se a charrete for puxada por um bom cavalo.

Por isso, o Pe. Cagliari aceita de boa vontade o convite; ainda mais porque está a par dos milagres de zelo que, segundo o pároco, as três jovens Irmãs realizam ali.

Não faltam imprevistos e contratemplos, mas de qualquer forma ele consegue entrar novamente na sacristia de Nizza, quando a comunidade se prepara para cantar Vésperas.

Quando tudo acabou, o Pe. Cagliero se congratula com as Superiores pelo fervor geral e conta alguma coisa de Fontanile.

“Em três meses, entendem? . . . em apenas três meses, elas souberam preparar quarenta meninas para a Companhia da Imaculada! Elas são masná; verdadeiras masná! Disso falaremos noutra oportunidade. Agora quero dizer apenas que, depois do jantar, levem o harmônio para o refeitório, para fazermos uma festinha original a Nossa Senhora. Eu não quero que depois vocês digam: — “No dia da Imaculada, Padre Cagliero não veio celebrar conosco o 4.º decênio dos Oratórios Salesianos!”

As Superiores arregalam os olhos, embaraçadas por não terem preparado nada para essa ocasião. E o Diretor: — “Estamos entendidos, não é? “Santo Arranja-te” é um grande santo!”

UMA FESTA ORIGINAL

Antes mesmo do harmônio, aparece no refeitório uma estatueta da Imaculada e Madre Assistente, tendo achado quem prepare rapidamente umas palavrinhas, diz em voz alta e com seriedade, sem perdêr o bom sorriso de seus olhos inteligentes: — “Vamos jantar depressinha e deixar tudo ordenado, porque não seria de admirar se Padre Cagliero viesse nos fazer uma surpresa”.

Após o jantar, chega Padre Cagliero com o Pe. Lemoyne.

— “Filhas, filhinas, vocês têm aí o Jovem Instruído de Dom Bosco? Se não, vão depressa buscá-lo!”

Voltam as Irmãs, noviças e postulantes com o livro de devoção e Padre Cagliero, depois de trocar algumas palavras com as Superiores, antes que a senhorita Lavagnino se sente ao harmônio, anuncia o programa: “canto de louvai a Maria, palavras de ocasião, uma ou duas estrofes dos louvores a Nossa Senhora, que estão no jovem Instruído, declamadas por cada noviça, e o canto final: És pura, piedosa . . . E, por hoje, basta isso”.

Quem puder descreva o resto e a doce impressão que ficou em todas.

No dia seguinte Pe. Cagliero parte para Turim, onde é anunciada a visita do Bispo Dom Espinosa, vigário geral do Arcebispo de Buenos Aires, que chefiou a peregrinação argentina de homenagem ao Santo Padre.

NOTÍCIAS DE FONTANILE

Chega de Fontanile uma carta de Ir. Maria Genta, trazendo notícias detalhadas daquela nova Casa.

Fontanile, 20 de dezembro de 1881

Queridíssima Madre Superiora e todas as Madres, ficamos bem felizes de ter aqui conosco, embora por tão poucos momentos, o nosso bom Pai e Diretor Geral; agradecemos às senhoras que deram um jeito para que ele satisfizesse o nosso desejo, a promessa que nos havia feito.

Já devem saber que tínhamos umas quarenta de nossas queridas oratorianas já preparadas para ser Filhas de Maria, e esperavam ser admitidas na festa da Imaculada. Mas nós havíamos dito a elas, com toda a certeza, que viria um Superior importante de Turim, só por causa delas, e que a função se realizaria na paróquia, num dia de festa, na presença de todo o povo; por isso era preciso manter a palavra. E nós a cumprimos realmente, para grande alegria nossa, do senhor Pároco, das meninas e de toda a população de Fontanile.

Quando o Padre Cagliari chegou, os sinos começaram a tocar festivamente, enquanto chegava gente de todos os lados, para participar da função vespertina na Paróquia. O senhor Vigário e nós não precisamos dar muitas explicações: nosso bom Diretor Geral logo entendeu tudo e nos pediu que lhe déssemos alguns momentos de reflexão, antes de falar a toda aquela boa gente.

Terminadas as Vésperas, as novas Filhas de Maria foram recebidas. Se vissem as mães, as meninas, os meninos, e até os pais! Estavam todos de pé em cima dos bancos da igreja, inclinados para o altar-mor, para ver e entender melhor o que diziam e faziam aquelas quarenta mocinhas, comovidas até as lágrimas.

Durante a imposição da medalha, elas mesmas cantaram um dos trinta cantos de louvor que nós lhes ensinamos e que já sabem direitinho; quando elas acabaram, nós três, Irmãs, começamos a cantar. Sabem o quê? Nada menos que "A Virgem dos Anjos!" Fizemos um trio que não tinha nada a invejar do grande coro de Nizza (modéstia à parte!).

Em seguida, Padre Cagliari fez um sermão daqueles, bem adaptado às novas "Filhas de Maria", às outras meninas do povoado, e aos pais, que devem sentir a responsabilidade de conservar seus filhos

verdadeiramente cristãos. Não falou muito, mas disse muito, e todos compreenderam muito bem!

Depois da bênção, convidamos o nosso bom Pai e o senhor Pároco a tomar um cálice de vinho em nossa casa. Aí aconteceu o melhor: Padre Cagliero me chamou a um canto e disse: — “Mas, minha filha, que despropósito você aprontou! Com tantos cantos que existem, vocês se meteram a cantar “A Virgem dos Anjos”! Sabe que até o Espírito Santo escapou e eu não achava mais o fio do sermão?!”.

É claro que eu, no primeiro momento, não soube dizer uma palavra para me desculpar; mas o senhor Pároco foi tão bom que me soltou a língua, dizendo a Padre Cagliero: — “Estas três Irmãs estavam cheias do vinho de Pentecostes, como os Apóstolos no Cenáculo: por isso exibiram todo o seu repertório!”

Basta, querida Madre e queridas Superioras. Padre Cagliero deixou Fontanile feliz e Fontanile está feliz por ter visto aqui Padre Cagliero!

Imagino as coisas que, voltando a Nizza, terá contado de nós o bom Padre. Depois nos contem, sim?

Entretanto, nós estamos certas de que Nossa Senhora nos quer bem e que as nossas boas Superioras, perdoarão todos os nossos erros, em vista de nossa boa vontade. É assim? Sim, tenho certeza.

Os votos de boas-festas nós iremos dar-lhe pessoalmente.

A sua pobre Ir. Maria Genta

Na verdade, o Diretor Geral não entrou em muitos pormenores; mas fez notar a necessidade de aproveitar todas as oportunidades que viessem a surgir para a formação das Irmãs, especialmente das escolhidas para a direção de cada Casa, mesmo as pequenas. Por isso, a mesma carta de Fontanile serve de sugestão para uma útil e agradável boa-noite da Madre Superiora às Irmãs professoras, sobre a prática do zelo associado a uma bem entendida prudência.

Quando a Ir. Maria Genta vem a Nizza, dar as boas-festas, com aquela ingênua simplicidade toda sua, começa a contar suas proezas, lamentando apenas não ter se encontrado mais com o bom Padre Cagliero, para comentar os acontecimentos e gozarem juntos. Então a Madre não deixa de adverti-la: — “Sendo o primeiro ano, bastavam uns três ou quatro cantos. Até em questão de fervor e de zelo, é sempre bom lembrar que o que é demais, enoja!”

NOTÍCIAS DE QUARGNENTO — LIÇÕES DE EXPERIÊNCIA

A noviça Ir. Teresa Vallino, escrevendo a carta coletiva de augúrios, começa com uma leve narrativa, que sugere uma lição parecida com a de Fontanile.

Queridíssima Madre,

antes de tudo, queremos dar-lhe uma consolação; é a seguinte: na Festa da Imaculada, entraram... adivinhe!... sessenta Filhas de Maria! A senhora acha pouco para Quargnento?

Com a ajuda do senhor Vigário, desde a festa de Santa Inês nós vínhamos fazendo a preparação, em reuniões dominicais na nossa casa, para todas as mocinhas do lugar; e elas, na verdade, corresponderam além da nossa expectativa.

O demônio não nos deixou passar de liso — é claro! — e aconteceu um episódio não muito agradável. Acha que devemos contar-lhe? Decerto! O que se pode esconder de uma Madre tão boa como a Senhora?

Entre essas meninas que se mostravam mais desejosas de ser Filhas de Maria, havia uma tal, de mais ou menos treze anos; com todas as suas histórias de extrema pobreza e tantos sofrimentos familiares, conseguiu comover a nossa querida Ir. Diretora, a ponto de obter dela, — não sem sacrifício! — uma boa bagagem de roupa branca, vestidos e até alguma coisa da nossa mesa, habitualmente limitada ao puro necessário.

A garota se mostrava contentíssima e nós a tratávamos como pessoa de casa. Quem podia imaginar que não fosse boa, com aqueles olhos sempre baixos e aquele pescoço humildemente inclinado para um lado?

Pois foi durante a novena da Imaculada que descobrimos trancada, e sem a chave, uma sala onde costumávamos reunir as meninas maiores, e onde tínhamos feito os preparativos para a função de entrada das nossas primeiras Filhas de Maria!

Que noite aquela! Ficamos acordadas fazendo conjecturas, maquinando suspeitas, preparando a ladainha que iríamos cantar bem alto para as meninas da costura, assim que chegassem na manhã seguinte.

Imagine o que teria visto e ouvido! Nós, com voz grossa e ameaçadora, e as pobres meninas a gritar mais alto do que nós: — “É ela, aquela raça ruim! É ela, que já foi várias vezes expulsa da escola pública, porque é uma ladra, uma ladrona!”

Algumas saíram para ir atrás dela e a arrastaram até nossa presença,, como uma condenada. E ela negando, protestando, gritando. Chegaram a bater-lhe “numa sincera demonstração de afeto”, enquanto as outras gritavam em volta: — “Diga a verdade, sua mentirosa! Ou você conta a verdade ou nós a entregamos à polícia, sua ladra!”

Que momentos terríveis, querida Madre!

Afinal descobrimos a chave no vão de uma das janelas da escola pública masculina; a nossa “pescocinho torto” a escondera exatamente ali, para buscá-la quando quisesse, na hora mais propícia ao seu plano de furto.

É claro que a cena não foi nada bonita, mas serviu para nos abrir os olhos e ensinou-nos muitas coisas para o futuro. Quando nos encontrarmos pessoalmente, nós lhe contaremos tudo, querida Madre. Por enquanto nos consolamos e consolamos também a Senhora, dizendo: “Já temos 60 Filhas de Maria! Este não é um feliz augúrio para as festas de Natal e Ano Novo?”

Tendo lido a carta, a Madre comenta com as Irmãs: “E vocês acham que este seja um feliz augúrio? Numa cidade como Turim, debaixo dos olhos dos Superiores, foram apenas cinco as primeiras Filhas do Sagrado Coração; e até agora se pensa bastante, antes de admitir uma oratoriana naquela associação!

O mesmo acontece em outras Casas nossas, onde há Filhas de Maria e Sacerdotes Salesianos como diretores espirituais: Chieri, Bordighera, Nizza. Nos lugarejos, porém, onde são pouquíssimos os auxílios para formar as jovens à piedade cristã, todo esse alvoroço para ter logo o maior número possível de meninas com uma porção de fitas e medalhas bem visíveis! Minhas queridas, não é o número que conta, mas a qualidade. Não se deve ter tanta pressa de ficar em evidência, mesmo quando se trata de coisas boas, mas dar tempo ao tempo; e, antes de fazer, rezar, pedir conselhos! Por sorte, temos Nossa Senhora que é para nós uma verdadeira mãe, sempre remediando os nossos erros e, como escreve Ir. Vallino — o que é um grande consolo — abrindo-nos os olhos para nos mostrar o melhor modo de agir no futuro.

Mas, vamos aproveitar a lição; e em vez das mãos para dar “sinal de afeto”... — é claro que nem Dom Bosco nem Nossa Senhora ensinam essas coisas tão feias! — usemos a cabeça para sermos mais perspicazes, mais reflexivas e senhoras de nós mesmas, também nas horas mais difíceis”.

A palavra materna, que não fere, mas orienta, desce ao coração das filhas e das Irmãs, como luz benéfica para as obras atuais e futuras das Filhas de Maria Auxiliadora.

CELEBRAÇÕES NATALINAS

A novena e a festa do Natal acontecem no tradicional clima de entusiasmo religioso. Logo depois o Pe. Lemoyne vai a Turim, para levar os votos de Feliz Ano Novo a D. Bosco, em seu nome e no de toda comunidade; antes havia mandado os augúrios de Natal, por intermédio do Pe. Cagliero.

Em Turim ele recebe uma outra prova da estima e do paterno afeto de Dom Bosco, que lhe conta um “sonho”, seu último sonho deste ano, justamente no fim de dezembro, e todo relacionado com suas filhas. ⁽⁵²⁾

Além disso, o Diretor Geral o encarregou expressamente de comunicar às Superiores que o Arcebispo de Buenos Aires escreveu a Dom Bosco que as Irmãs de lá, assim como os Salesianos, são para ele um grande auxílio e conforto; por isso ele louva o Senhor, e envia a Dom Bosco agradecimentos e felicitações. ⁽⁵³⁾

PRESENTE DO CÉU

A volta do Pe. Lemoyne a Nizza traz outros motivos de conforto para a Madre Geral e as outras Superiores. A promessa que ele fez de contar com detalhes o sonho e, com a permissão do venerado Pai, deixar com elas uma cópia fiel, aumenta a gratidão e a confiança em Dom Bosco. Por tudo isso, o canto do Te Deum que se eleva em coro agradecido ao Santíssimo exposto, é mais sentido e fervoroso neste solene encerramento do ano de 1881.

(52) O sonho será narrado por extenso, pelo Pe. Lemoyne à Comunidade de Nizza (Ver pág. 88-91).

(53) Bollettino Salesiano, fevereiro 1882, ano VI, pág. 23.

ANO DE 1882

O DESEJADO “SONHO”

Este domingo — primeiro dia do ano e festa da Circuncisão — desperta nos corações afetos suavíssimos. À noite, depois do canto do ‘Veni Creator’, da renovação das promessas do Batismo e da bênção com o Santíssimo, se entoa com entusiasmo o canto de louvor, enquanto cada uma das presentes vai bejar os pezinhos do Menino Jesus.

Mais tarde o Pe. Lemoyne diz às Superiores que D. Bosco tem muito prazer de que as Irmãs conheçam o “sonho das castanhas”.

— “Das castanhas?! — exclama Madre Vigária — então nós somos as castanhas de Dom Bosco, Padre Diretor?”.

Uma alegre risada é a resposta, espontânea como a pergunta; mas a resposta do sábio Diretor espiritual é que esperem a festa da Epifania: o sacrifício irá merecer a graça de entender bem o “sonho” e pôr em prática a lição que ele encerra.

Com a Epifania, portanto, foi relatado o sonho tão esperado. A narrativa escrita ainda estava somente no rascunho.

“Dom Bosco sonhou que estava colhendo castanhas num castanhal próximo a Castelnuovo. Havia muitas castanhas, grandes e bonitas, espalhadas pelo chão coberto de relva. De repente apareceu uma mulher que foi passando à frente, colhendo também as castanhas e enchendo um cestinho. Dom Bosco ficou espantado com a liberdade com que aquela mulher agia numa propriedade alheia, e lhe perguntou:

— Com que direito a senhora entrou aqui? Eu não posso entender como teve a coragem de vir colher castanhas no meu terreno.

— Mas, como?! — respondeu ela — eu não tenho esse direito?

— Ou muito me engano, ou o dono disto aqui sou eu.

— Tudo bem; mas eu estou colhendo castanhas para você também.

A mulher falava com um tom tão decidido e sem parar a sua colheita, que Dom Bosco achou melhor não insistir, e continuou o seu trabalho. Quando ele e a mulher encheram os cestos, ela disse a Dom Bosco:

— Sabe quantas castanhas há aqui?

— Que pergunta mais estranha!

— Responda ao que lhe perguntei. Sabe quantas são?

— É claro que não. Eu não sou um adivinho.

— Então eu lhe direi.

— Muito bem. Quantas são?

— Quinhentas e quatro.

— Quinhentas e quatro?

— Exatamente. E sabe o que elas simbolizam?

— O quê?

— As casas das FMA. É o número das casas que serão fundadas pelas suas filhas.

Enquanto conversavam, ouviu-se uma gritaria de homens furiosos; pareciam vozes de bêbados. E aqueles homens vinham vindo no meio das árvores.

Dom Bosco e a mulher correram, mas tiveram de parar à margem de um rio. Não podiam ir para a frente, nem pensar em voltar atrás. Dom Bosco estava aflito. Aqueles homens vinham chegando e, enquanto caminhavam, iam esmagando e pisoteando com raiva as castanhas que estavam no chão.

(Aqui o Pe. Lemoyne comenta: Talvez representem as vocações impedidas principalmente pela perseguição movida contra as casas das nossas Irmãs; ou talvez a sorte daquelas que ficam no mundo).

A esse ponto Dom Bosco despertou; porém, logo depois adormeceu de novo e voltou a sonhar.

Pareceu-lhe estar sentado à margem de um riacho; à pequena distância estava a mulher com seu cesto cheio de castanhas. Em certos momentos ouviam-se ainda os gritos daqueles homens raivosos, distanciando-se como se estivessem indo embora, através das colinas.

Dom Bosco admirava aquelas castanhas. Realmente eram grandes e muito bonitas. De repente, observando-as melhor, viu que algumas delas estavam furadas pelo verme.

— Oh! — disse ele à mulher — olhe aqui! O que vamos fazer com estas que estão furadas?

— É preciso tirá-las, para que não estraguem as outras... É preciso mandar embora aquelas filhas que não são boas e não têm o espírito da Casa, porque trazem o verme da soberba ou de outros vícios. Principalmente as que são postulantes.

(Comentário do Pe. Lemoyne: No segundo sonho, as castanhas representam as FMA).

Dom Bosco continuava examinando as castanhas; jogou algumas fora e, percebendo que não eram muitas as estragadas, comentou isso com a mulher. Mas ela respondeu:

— Você pensa que as outras todas são boas? E as que têm o verme dentro, sem que por fora se perceba?

— Mas, então, como posso descobri-las?

— É, a coisa é difícil. Na verdade sabem fingir tão bem, que parece impossível pegá-las.

— E então? Como fazer?

— Olhe, só existe um meio. Submeta-as à prova das Constituições e preste muita atenção: verá quem tem ou não tem o espírito de Deus. Com essa prova, um observador atento dificilmente se iludirá.

Dom Bosco pensava, pensava, olhando aquelas castanhas; de repente, acordou. Amanhecia.

Durante uma semana inteira esse sonho se repetiu, todas as noites. Bastava que ele adormecesse, para que logo surgisse de novo a cena da mulher e das castanhas. Uma vez a mulher lhe disse:

— Fique atento às castanhas podres e às ocas. Experimente pô-las para cozinhar dentro da panela com água. É a prova da obediência. As podres, quando apertadas entre os dedos, logo espirram um líquido ruim que trazem dentro. Jogue-as fora. As ocas, vazias, sobem logo à tona. Não ficam embaixo com as outras, e querem subir de qualquer maneira. Tome essas com a espumadeira e jogue-as fora.

Mesmo as boas, quando já cozidas, precisam ser limpas e isso não se faz muito depressa. Primeiro é preciso tirar a casca, depois a película. Parecerão branquinhas, branquinhas. Porém, observe-as com

cuidado: algumas são duplas. Abra-as e verá, no meio, uma outra película. Ali, escondido, ainda há algum amargor.”

[Comentário do Pe. Lemoyne: Uma bela comparação para indicar os diferentes tipos de pessoas que existem numa casa religiosa, e como é difícil penetrar em certos corações, mesmo bons] ⁽¹⁾

As Superiores não se espantam, mas ficam profundamente compenetradas com a narrativa, na qual encontram tanta experiência prática. Consideram o sonho, como de fato é, um presente do céu. E sem palavras, com devoção comovida, fazem circular aquelas páginas abençoadas, com a intenção de conservá-las, como advertência preciosa para a sua tarefa de formação, no governo do Instituto.

Madre Catarina, que leu atentamente o Boletim Salesiano de janeiro, não pode deixar de considerar o rápido desenvolvimento das obras das FMA na Itália e no exterior, e de pensar no número “504” do sonho fatídico. E conclui:

— Se continuarmos nesse passo, se permanecermos com Dom Bosco, chegaremos depressa a esse número de Casas; e coitada daquela que terá de levar sobre os ombros esse doce peso! Pobrezinha! Pobrezinha!

— Mas terá sempre Nossa Senhora e Dom Bosco para ajudá-la — respondem as outras Superiores.

É esse pensamento que sustenta toda fraqueza, e impele a prosseguir no caminho da santidade e do apostolado.

MORRE IR. MARIA BREGA

No dia 10, a mansa Ir. Maria Brega faz os santos votos e voa ao encontro do Celeste Esposo.

Deixando a terra natal de Abruzzo ela se apresentara em Nizza, com um aspecto simples e jovial e foi sempre a mesma, nos onze meses passados ali, entre o postulado e o noviciado. E assim, com apenas 23 anos de idade, partiu para a Pátria Celeste, deixando como herança o seu refrão habitual: “Ah! deixemos passar! . . . deixemos passar! . . .” que ela repetia sorrindo, diante de qualquer dificuldade.

PROGRESSOS CONSOLADORES

O Boletim Salesiano de janeiro, lido no refeitório, faz refletir sobre o intenso trabalho dos filhos e das filhas de Dom Bosco, e

(1) Fotocópia da minuta do Pe. Lemoyne, Arq. Geral FMA, cf. MB XV 364.

torna conhecido o seu espírito de caridade e de apostolado entre os cooperadores e cooperadoras salesianos.

Se as Irmãs missionárias da Patagônia, embora tendo apenas quatro indiazinhas e setenta externas, já sentem necessidade de ampliar a casa para atender às crescentes necessidades da missão, não irão logo pedir também ajuda de pessoal? Quais e quantas serão as felizardas escolhidas? ⁽²⁾

Também se trata de uma nova construção em Buenos Aires — Almagro; a primeira igreja dedicada a Maria Auxiliadora; portanto, também lá, tudo caminha muito bem. ⁽³⁾

Por isso se acende nos corações o reconhecimento pelo dom da vocação e pela obra incansável que os Superiores realizam, em nome de Dom Bosco.

MAIS DOIS LUTOS

Enquanto as internas estão celebrando a festa de Santa Inês, em Nizza, morre Ir. Ângela Delodi.

Devido ao caráter pronto e à saúde muito fraca, passou oito anos na Casa do Senhor, em luta permanente contra as próprias limitações naturais; com mais freqüência vencedora do que vencida, sempre ajudada pela oração e pela humildade.

Expirou calmamente, invocando Jesus e Maria. Tendo trabalhado até o fim, conquistou o prêmio dos fortes.

Na manhã do dia 29 — domingo — celebra-se a festa de São Francisco de Sales, com Missa cantada; à tarde, apesar de outra função solene na capela, não falta uma nuvem que prepara para uma triste surpresa.

Por volta de duas horas da tarde, Ir. Ágata Roggero, que ainda não completou 19 anos e professou em agosto do ano passado, procurou a Madre e lhe disse: “— Sinto que vou morrer hoje, e gostaria de me confessar e comungar”.

Interrogada afetuosamente, não diz outra coisa: “— Por favor, permita-me confessar e comungar, porque vou morrer hoje”.

O fato é comunicado ao Pe. Lemoyne e ele, depois de refletir alguns instantes, responde: “— Vamos atender ao desejo dela”.

(2) Bollettino Salesiano, janeiro 1881, ano VI, n. 1, pág. 3 e 8.

(3) De notícias particulares, confirmadas pelas MB XV 612-16.

Ir. Ágata vai deitar-se, como para morrer. Confessa-se rapidamente e logo aparecem no seu rosto os sinais de que está no fim. Pede que lhe administrem depressa os Santos Óleos, renova os votos e, sem manifestar a mínima dor, já sorri à luz do Céu.

Um desaparecimento assim, apenas uma semana depois do outro, deixa a comunidade consternada, e o bom Diretor se apressa em confortá-la: “— Não há razão para chorar esta partida; a voz de Deus que hoje chamou Ir. Ágata, é a mesma que a fez triunfar sobre todos os obstáculos à sua vocação, e fez dela um modelo de piedade e observância. Feliz de quem ouve a voz do Senhor que fala ao coração e, como Ir. Ágata, o segue fielmente até a morte!”.

O MOTIVO DAQUELE “OREMUS”

Numa de suas boas-noites, a Madre recomenda à comunidade que suplique o dom da saúde, porque é grande a necessidade de trabalhar pelo bem das almas. E conta um fato em que Dom Bosco adverte sobre isso:

“Um dia o Pe. Cagliero nos disse que o “oremus” que se reza depois da Ladainha de Nossa Senhora, deveria ser o do Ángelus, e não o que nós rezamos; e que ele, por três vezes, lembrara isso a D. Bosco, recebendo sempre a mesma resposta: “— Meu querido, mas você não percebe a grande necessidade que temos de saúde, para nos entregarmos de corpo e alma à salvação da juventude, tão assediada pelo demônio? O “oremus” que rezamos é justamente para isso. Diga isto às Irmãs, para que o rezem com fé, também depois da comunhão. Se elas não entenderem, faça com que o entendam bem, e verá que perceberão toda a vantagem disso”.

“Portanto — conclui a querida Superiora — é vontade de Deus que nós peçamos a graça da saúde; peçamo-la especialmente com esse belo “oremus”. Façamos como o bom Pai nos ensina e reavivemos a nossa fé na oração. Se, apesar disso, o Senhor nos quiser dar “a eterna alegria” em vez da boa saúde, nós diremos da mesma forma e com muito amor o nosso Amém! na vida e na morte. Ele é o Senhor, e nós somos as suas pobres servas, em tudo e sempre”.⁽⁴⁾

NOTÍCIAS SOBRE A VISITA DE DOM BOSCO A MARSELHA

No dia 5 de fevereiro, Ir. Alexandrina Hugues, de Saint-Cyr, escreve à Superiora Geral:

(4) Relação de Ir. Henriqueta Sorbone.

“Prometi à Ir. Meana que enviaria as primeiras notícias da visita de Dom Bosco a Marselha, já que estive lá nestes dias. Estou cumprindo a promessa. Mas, como e o que escrever, se as coisas que devo contar são tantas e tão bonitas?

Os corredores do Oratório Salesiano de S. Leão estão sempre cheios de pessoas de todo tipo: doentes, aflitos, incrédulos, incertos do próprio futuro. Nem sempre todos esses têm a sorte de ouvir de Dom Bosco uma palavra pessoal, dado o grande número dos que afluem de toda parte. Porém, a custo de qualquer sacrifício, ninguém sai sem pelo menos vê-lo; e todos se consideram felizes quando podem ao menos tocar na batina dele, que já teve de ser trocada três vezes, por ter sido picada pela multidão que o comprime de maneira indescrevível.

Dizem que ele libertou do demônio uma moça que já havia sido exorcizada antes, sem resultado.

Contam também que a senhora Noli Prat, grande benfeitora do Oratório de S. Leão, tendo recebido o privilégio de uma visita de D. Bosco, em sua residência, lhe disse: “— Como se explica, Dom Bosco, que eu penso em seus filhos e Nossa Senhora não pensa nos meus, que me dão só desgostos?”.

E quando Dom Bosco lhe respondeu: “— É porque a senhora ainda é muito soberba!”, ela ficou tão contente que lhe deu logo oitenta mil liras para a nova igreja de Bordighera.

As nossas Irmãs já estiveram com ele, que falou sobre elas com as damas do Comitê; mas, a respeito disso, Ir. Meana irá escrever-lhe. Dom Bosco viajou ontem para Toulouse e dizem que ficará lá alguns dias, voltando depois a Marselha. Em seguida esperamos tê-lo em Saint-Cyr e em La Navarre. Então teremos outras coisas para contar”.

“BEM DEPRESSA NO CÉU” COMO DOM BOSCO HAVIA DITO

De Villa Colón chega a notícia de que, no dia 13 de dezembro, Ir. Ângela Denegri também havia dado à terra o adeus definitivo. Falam dela como de um anjo de inocência batismal, acrescentando: “— Nós não sabemos se devemos rir ou chorar, pensando na sua fuga desta terra”.

As Irmãs de Nizza se lembram dela ainda menina, no dia em que entrou como postulante em Mornese (tinha treze anos e meio); outras a revêem no dia da vestição religiosa, dez meses depois, e no dia da profissão e da partida para a América, no grupo das primeiras

missionárias. Lembram também que Madre Mazzarello tinha dúvida se devia ou não admiti-la à profissão assim tão novinha — estava sempre precisando de descer a barra das saias. . . Mas Dom Bosco havia afastado toda incerteza da Madre, com uma daquelas suas palavras decisivas: “— Pode aceitá-la como professa, porque irá bem depressa para o Céu”.

Ainda menina, lendo as Máximas Eternas, de S. Afonso de Ligório, tinha escolhido para si o programa: “— Salvar a própria alma e não se importar com o resto”. A mãe procurava afastá-la da idéia de partir para as missões assim tão jovem e lhe dizia:

— Para contentar os outros, você se jogaria no fogo.

— Você tem razão, mamãe — respondeu ela — eu me jogaria no fogo para salvar as almas.

Em cinco anos de trabalho missionário, quantas ela terá orientado para o Céu! Quantas um dia lhe farão coroa lá em cima, na proporção de seus ardentes desejos!

CARTAS DE IRMÃ MEANA

Da França, outras notícias de Ir. Amália Meana.

Marselha, 9 de fevereiro de 1882

. . . pedi licença ao meu Anjo da Guarda para roubar mais uma meia hora de sono, e assim aproveitar um portador. a fim de lhe contar aquilo que a boa Ir. Hugues não poderia ter contado, porque saiu antes.

É voz geral que o nosso querido Pai Dom Bosco é um milagre vivo. Nós esperamos a volta dele dentro de alguns dias; então veremos as coisas bonitas que fará também por nós; já fez muito, desde o dia 3 do mês passado.

Na reunião das Damas e Patronas do Comitê S. Leão, elogiou o zelo e o trabalho feito por elas em favor dos Salesianos, e agradeceu, de modo muito cordial, a caridade que as leva a se reunirem, não uma vez por ano, mas todas as semanas, para consertar as pobres roupas dos orfãozinhos de Nossa Senhora. Animou-as a se tornarem sempre mais um só coração e uma mente só, para maior perfeição da caridade cristã. Depois passou a um outro assunto que não lhe interessava menos.

Madre querida, eu não sei se já lhe escrevi que, na véspera de Todos os Santos, deixamos o nosso primeiro palácio, a garagem de

Madame Jacques, e passamos para uma casinha que fica a poucos passos do Oratório S. Leão. Pois bem; o nosso bom Pai tocou nesse ponto, com muito interesse. Disse que muita coisa já tinha sido feita, mas que era preciso pensar em mais. Deu a entender que em S. Leão estão os Padres, os clérigos, os alunos e os empregados, e que o fato de as Irmãs estarem assim tão perto poderia causar algum inconveniente. Deu o exemplo da Casa do Oratório de Valdocco em que, na parte destinada às Irmãs existe um salão reservado para as bondosas senhoras que vão ali costurar ou fazer alguma reunião. Fez todas rirem, dizendo que aquelas senhoras não só consertam roupas rasgadas, mas, de duas ou três fazem uma em condições de ser usada por algum tempo, sem perigo de cair pelo caminho. Voltando ao início, fez compreender que a casa das Irmãs deveria ser um pouco mais distante da dos Salesianos; que ele preferiria ver as duas arrasadas, a dar motivos para comentários e perigo para o recato salesiano.

Concluiu dizendo que já havia olhado uma casa que considerava apropriada e dissera ao Diretor e ao Inspetor, o que naquele momento dizia a elas: “— É preciso dar às Irmãs uma moradia conveniente e definitiva; a Divina Providência pensará em mandar os 35.000 francos necessários para a compra”.⁽⁵⁾

Eu fiquei sabendo de tudo isso, porque alguém me contou confidencialmente, acrescentando. “— Diga se não é própria de um santo esta coragem e confiança, num clima como o que atualmente se vive na França; e esta capacidade de infundir em nós o mesmo fervor e a mesma confiança, quando todos sabemos que, só nos últimos meses (um ano e meio), o Governo republicano estatizou mais de duzentas e cinqüenta propriedades eclesiásticas, e foram expulsos mais de cinco mil e seiscentos Religiosos, pertencentes a cerca de quarenta Congregações diferentes...”⁽⁶⁾

E a senhora, querida Madre, o que pensa disso?

Agora, se me dá licença, vou dormir, porque meus olhos já se recusam a parar abertos; deixo o resto para quando tivermos de novo aqui, o nosso venerando Dom Bosco, dentro de dois ou três dias.

(5) MB XV 485-88.

(6) A “Buona Settimana” de Turim, de janeiro de 1882, precisa: desde março de 1880 a dezembro de 1881, foram expulsos 5 643 religiosos de 39 diferentes Famílias ou Congregações e passaram para o Governo Republicano 261 propriedades da Igreja.

Abençoe a todas nós, Madre querida, e até o nosso breve encontro! (Foi o Pai quem nos prometeu isso.)

V. J. M. J).

Sua filha af. ma e devotada
Irmã Amália Meana

O DIRETOR GERAL ESCREVE

Uma carta do Diretor Geral anuncia a próxima chegada de algumas jovens sicilianas, apresentadas pelo Bispo de Acireale. "Entrego-lhe, de uma só vez, um belo feixe de postulantes para o Instituto das F.M.A." (7) O Pe. Cagliero, depois de ter feito referência à vistoria realizada em Rosignano para a próxima fundação, e acenado à sua visita às Irmãs de Quargento, faz votos de que a Madre Superiora possa voltar logo à França, conforme o desejo do "pai Dom Bosco".

ORAÇÕES PELO PAPA

De acordo com a recomendação de Dom Bosco, o quarto aniversário da eleição do Papa traz também à comunidade de Nizza a onda de agradecimento e de exultação filial que parte das almas devotas, em forma de preces de gratidão e de louvor a Deus.

CARNAVAL

Estamos no Carnaval. A Jesus Sacramentado, solenemente exposto, pode-se dizer aquilo que brota do espírito recolhido e devoto, especialmente nestes dias de maiores loucuras mundanas; ao mesmo tempo, na tarde do último dia, pode-se participar da alegria do teatrinho do Colégio.

AS MANOBRAS DA ESPINHOSA HISTÓRIA DE MORNESE

Uma nova provação atinge o coração das Superiores, a propósito da história tão espinhosa de Mornese. Mas ela passa a ser um documento para o Instituto, e testemunha a reverência filial das Madres para com Dom Bosco, e a humilde confiança nos misteriosos caminhos da Providência.

Ninguém sabia exatamente como tinha sido a venda da primeira casa do Instituto: os Superiores de Turim tinham feito tudo, e isso bastava. Mas o bom Padre José Pestarino, irmão de Ir. Rosália e

(7) Carta autógrafa de D. Gerlando M. Gennardi ao Pe. Cagliero, de 7/2/1882 (Arq. Geral FMA).

sobrinho do inesquecível Padre Domingos Pestarino, e a sempre fiel Ângela Macagno não conseguem mais guardar só para si o grande segredo. Sem que um saiba do outro, aproveitam os dias de carnaval para um passeio a Nizza: o objetivo é descarregar aquela grande montanha. Não tanto para se sentirem moralmente aliviados, mas para evitar, se ainda for possível, um passo irremediável.

Através dos dois documentos confidenciais é que se torna possível saber de tudo.

Um certo Giacomo Mazzarello, apelidado de Giacomulo, voltando de Turim, se abreira com um amigo íntimo, contando-lhe tudo, do princípio ao fim.

Com freqüência ele passava horas na casa da família Campi, e jamais havia abusado da confiança dos dois irmãos, Valentim e Francisco. Certa noite, porém, o assunto era tão sério e tratado com tanta importância pelos dois irmãos, que Giacomulo, apesar do seu jeito desligado e sonolento, havia compreendido tudo direitinho, para, quem sabe, tirar proveito daquilo tudo.

Entendera muito bem que os dois estavam fazendo um acordo para arranjar um bom dinheiro, mesmo a custo de ter de pedir um empréstimo, a fim de enganar Dom Bosco e comprar o Colégio para eles, em vez de fazê-lo para a Prefeitura de Mornese. A revelação o chocara e o sono lhe fugiu; mas não para fazê-lo ir para casa. . . Pelo contrário, apesar da hora tardia, ele foi correndo ao castelo do Marquês D'Oria. Aqueles traidores tinham de pagar! O Marquês precisava saber da trama deles e furá-la, porque ele podia fazer isso! Portanto, não havia tempo a perder.

O Marquês já estava dormindo. Que importava? Era preciso acordá-lo e fazê-lo sair dos seus aposentos, porque Giacomulo tinha uma coisa muito importante para lhe contar. E o Marquês atendeu. Tendo ouvido tudo, respondeu: “— Você vai imediatamente a Turim, por minha conta e sem dizer nada a ninguém. Leve este dinheiro para garantir o compromisso de compra. Se ao voltar você puder me garantir que fechou o negócio, eu o recompensarei com a garantia do contrato para você e sua família trabalharem à meia para mim”.

Foi o que Giacomulo fez. Chegou a Turim quando Dom Bosco estava começando a atender às pessoas que queriam falar com ele. Vestido à moda de Mornese, como montanhês, ninguém pensaria em fazê-lo entrar antes. Ele, bem longe de se ofender por isso, até parecia satisfeito com a esperança de poder demorar quanto precisasse, quando chegasse a sua vez.

E foi exatamente o que aconteceu. O homem pôde expor tranquilamente o seu caso e apresentar-se como encarregado de comunicar a D. Bosco que a Prefeitura de Mornese não pretendia comprar o Colégio, porém ele estava pronto a pagar um bom preço por ele, desembolsando imediatamente a parte relativa ao compromisso de compra e venda.

Era a resposta da Providência invocada para o pagamento da dívida de Nizza; portanto, a proposta foi aceita sem discussão. No entanto, Dom Bosco ficou um tanto surpreendido quando, ao ler os termos do contrato, viu nele o nome verdadeiro do comprador: Marquês Andrea D'Oria.

Quando tocou o Ângelus do meio-dia, o Pe. Rua veio para acompanhar Dom Bosco ao refeitório; junto com eles, Giacomulo também saudara Nossa Senhora, com um fervor como nunca tivera em sua vida, e no fim da oração ouviu Dom Bosco dizer:

“— Sabes, Pe. Rua, que acabei de vender o Colégio de Mornese?”.

“— Vendeu o Colégio? Mas, o que fez, Dom Bosco?! Não se lembra de que havíamos dado a palavra aos irmãos Campi?”.

Mas, àquela altura tudo estava no ponto que Giacomulo queria. Ao sair daquele quarto ele estava tão alegre que nem achava a porta da rua. Voltando a Mornese, não cabia em si de contentamento e repetia continuamente a si mesmo: “— Como tudo deu certo! Como Dom Bosco foi bom comigo!”

O amigo a quem depois ele revelou tudo, prometeu silêncio, é claro, absoluto. Porém, com o passar do tempo, a consciência... a retidão... um maior desprezo pelos irmãos Campi que, por egoísmo, haviam chegado a tal ponto de injustiça... a própria transação que interessava a todos os mornesinos... acabaram fazendo com que ele se abrisse com aquela pessoa que ele considerava a mais compreensiva e prudente de Mornese: a Maccagno, e também com o Padre José Pestarino, o parente mais próximo e mais querido do Pároco, infelizmente já falecido.

Os meses se passavam sem nenhuma novidade. Não era mais possível continuar calados, porque o número dos conhecedores do segredo estava aumentando, com perigo de, a qualquer momento se juntarem para uma vingança coletiva. Mornese seria capaz disso? Talvez não. Mas os dois primeiros a tomarem conhecimento do fato e que estão mais por dentro da desagradável questão, chegam a Nizza.

O que podiam ouvir da Superiora Geral ou do seu Conselho?

“— Será que estamos em tempo para voltar atrás? Seria preciso falar primeiro com Dom Rua, depois com Dom Bosco... Se Deus permitir que uma de nós se encontre com Dom Rua, falaremos sobre o assunto. Enquanto isso, rezemos e continuemos caladas”.

Silêncio e oração, portanto, são agora as únicas armas empregadas pelas Superiores para acalmar o coração e abandonar-se filialmente às disposições do Pai Celeste.

FUNDAÇÃO DE ROSIGNANO MONFERRATO

Na tarde do dia 21, Madre Tamietti acompanha à nova casa de Rosignano as três escolhidas para iniciar a obra: Ir. Josefina Roccati, como Diretora, Ir. Elisa Marocchino e Ir. Amália Calaan.

Elas deveriam estar lá desde janeiro, mas surgiram alguns imprevistos; e só agora, conforme o combinado com o Pároco, Pe. João Bonelli, assumem o seu lugar. Rosignano é a terra natal das irmãs Sorbone e, não faz muito tempo, Madre Henriqueta, vigária geral, e Madre Emília Mosca estiveram lá a fim de dar a última palavra sobre a fundação.

A MADRE ANUNCIA SUA VISITA ÀS CASAS DA FRANÇA

Chega de Valdocco uma nova palavra de exortação à Madre, para que visite as Casas do Instituto, começando pela França. A carta de Dom Bosco termina com um agradabilíssimo convite: “— Mas, antes, não gostaria de vir receber a bênção de Maria Auxiliadora?”.

A Madre vai logo a Turim, regressando a Nizza na noite desse mesmo dia.

Dando a boa-noite às Irmãs e noviças, comunica que deverá deixar logo a Itália, para ir visitar as Irmãs da França a quem Dom Bosco prometera mandar a Madre. Recomenda-se às orações de todas para obter a graça de “não estragar as obras de Deus com a pouca experiência e virtude”. Afirma que só decidiu empreender essa viagem, por obediência aos Superiores e pela grande confiança que tem na proteção divina, sempre tão generosa com os fracos; e se consola pensando no grande espírito de fé de que suas filhas dão prova ao escreverem: “— Venha! Nós a esperamos de braços abertos!”. Termina exortando à gratidão para com Deus e a Congregação Salesiana, também porque são numerosos os pedidos de abertura de novas casas.

“— É a respeito de Mornese, Madre, o que pensa Dom Rua?”.

A Madre responde baixinho: “É... ele também pensa que não há outro remédio a não ser o silêncio, a oração e o abandono nas mãos de Nosso Senhor”.

RUMO À FRANÇA

Na manhã do dia 27, enquanto a comunidade está terminando as práticas de piedade na capela, a Madre Geral está partindo para a França.

Depois de uma primeira parada em Sampierdarena, seguirá para Alássio, de onde prosseguirá viagem em companhia do novo Inspetor da Ligúria, Pe. Cerruti. Com ela vão algumas Irmãs destinadas a suprir e reforçar o pessoal das Casas por onde passará.

Em Sampierdarena, a Madre acha conveniente aceitar o conselho do Diretor, Pe. Belmonte, de se encontrar com Dom Bosco, por ocasião de sua próxima volta da França. Por isso, fica ali até o dia 4 de março, e depois segue para Alássio. O Pe. Cerruti, que é também o Diretor daquela Casa, lhe dá quase certeza de que se encontrará com Dom Bosco em Nice, se ela concordar em fazer uma parada de alguns dias. A que a Madre não se sujeitaria, para receber pelo menos uma bênção do venerado Pai para aquelas primeiras visitas na qualidade de Superiora Geral?

De fato, Dom Bosco chegou a Nice no dia 7. Mas, na mesma hora, foi assediado por uma multidão de admiradores e benfeitores da sua obra, no Patronato São Pedro; e a Madre não conseguiu se aproximar dele, a não ser por alguns momentos. Ouviu do Pai um “Muito bem!”, por não havê-lo deixado mal com as Irmãs às quais prometera mandar a Madre. E ele mesmo fez o itinerário dela: de Nice a Marselha; depois às outras Casas, levando a todas a bênção de Maria Auxiliadora, dada com as duas mãos.

De Marselha a Madre escreve que muitas vezes sente o coração se dilatar, quando ouve falar das maravilhas que o venerado Pai realizou ali. De Saint-Cyr e de La Navarre, manda simples notas de viagem, prometendo completá-las quando voltar. De Nice, escreve que, por onde passa, tem a impressão de que até a brisa do mar fala de Dom Bosco.

REGRESSO FESTIVO

No dia 28, Madre Daghero volta a Nizza Monferrato e é acolhida com cantos, poesias e música; a comunidade inteira está reunida, ansiosa pelas notícias do exterior.

Uma conferência especial satisfaz a legítima curiosidade das professoras e noviças. A Madre se comove ao contar certos fatos prodigiosos realizados por Dom Bosco, e repete: “E pensar que somos suas filhas... Todas nós deveríamos ser santas como ele!”. Conta que as Irmãs de Marselha mal puderam chegar perto do Pai, sempre cercado de tantas pessoas necessitadas de ajuda e do conforto de sua bênção e de sua palavra.

Em Saint-Cyr, a cidade se tornou pequena para conter tanta gente que veio de fora para receber pelo menos uma bênção, e Dom Bosco tem de se demorar ali. Na conferência que fez na paróquia, ele recomendou insistentemente que se socorresse a pobreza da colônia Santo Isidoro, onde há um orfanato masculino e outro feminino.

Apenas a Diretora e a Ir. Sampietro puderam conseguir um rápido encontro com Dom Bosco, por causa das circunstâncias especiais que a Ir. mesma expõe na sua carta às Irmãs de Nizza.

A Madre a lê, em meio ao interesse geral:

“Dom Bosco não veio à nossa casa, mas eu fui procurá-lo. Há mais de um ano estava com uma unha encravada que me fazia sofrer muito. Manifestei a uma condessa benfeitora a vontade que tinha de receber a bênção do nosso bom Pai, para o meu pé; o dedo doente já apresentava uma carne esponjosa que me incomodava demais. A condessa mandou a carruagem apanhar-me e assim, com a Ir. Diretora, pude ir até Dom Bosco. Ele nos acolheu paternamente e, ouvindo o meu caso, disse:

“— Tudo bem. Se fosse preciso até cortar o pé...”

“— Oh! Dom Bosco! — respondi logo — Eu não tenho coragem! Já fui operada uma vez.

Então ele me mandou rezar e ergueu a mão para me abençoar. Naquele dia mesmo senti uma diferença no pé; as dores passaram e agora estou completamente curada. Viva o papai Dom Bosco!”.

A Madre queria terminar ali a conversa, mas a comunidade suplicava: “— Continue! Conte mais!”. Ela cedeu, comentando também os sacrifícios, nem poucos, nem leves, das Irmãs e meninas daquelas Casas. Ela os conhecera, não faz muito tempo, mas diz que estes dois últimos anos têm sido bem mais difíceis do que aqueles que ela viveu em Saint-Cyr, como Diretora da madame Pobreza, rainha daquele incipiente orfanato.

Ela, pelo menos, vestia-se como religiosa e era reconhecida como tal pelas pessoas, que a tratavam com certa consideração. As Irmãs

de agora, não: em todas as Casas da França, as nossas Irmãs passam por empregadinhas, e é como empregadas que elas se vestem, de modo que, passando pelas ruas e praças, não lhes faltam piadinhas humilhantes.

Os Salesianos, os alunos, e principalmente o Diretor, bem como algumas das senhoras benfeitoras, valorizam o trabalho delas e seu sacrifício; mas as oportunidades de encontro com eles são muito raras, porque o trabalho é sempre muito e com frequência se prolonga até durante a noite.

A Madre acrescenta que nestes dois anos as Irmãs nunca estiveram livres do medo de serem assaltadas em casa, insultadas nas praças, e medo até de violências mais sérias. Na verdade, são numerosos os sacerdotes e religiosos que já foram vítimas dessas provações; mas Nossa Senhora e a fé, com a oração de Dom Bosco, as livrou até agora de um susto maior; o mesmo se dá com os padres e os alunos. Por isso todas nos sentimos obrigadas a agradecer a Deus, principalmente agora, que a tempestade na França parece ter se acalmado.

Madre Catarina não deixa de dizer que La Navarre e Nice foram privilegiadas, porque Dom Bosco ficou cinco dias numa casa e quase dez na outra. As Irmãs, num breve encontro com ele, se sentiram compreendidas pelo seu coração de Pai, e animadas pelo que lhes disse: “— Coragem, minhas filhas! Estejam sempre alegres! O Paraíso compensa tudo!”.

Não foi menor o conforto que experimentaram com a notícia dos milagres e triunfos, embora tenha aumentado consideravelmente o trabalho delas na cozinha e em toda parte. Muitas personalidades tinham ido a La Navarre para a bênção da primeira pedra do novo edifício; e em Nice as multidões se renovavam para aclamar “o santo” das “curas instantâneas”, das conversões, da prodigiosa beneficência. . . Além disso, as contínuas visitas de sacerdotes, prelados, magistrados etc. sem hora e sem exceção.

Quando a narrativa terminou, Madre Assistente disse baixinho ao grupo que estava perto dela: “— A nossa Madre não contou nada do grande bem que ela fez por onde passou!”.

E Madre Vigária, prontamente e quase em voz alta: “— Ah! mas isso já está escrito no Céu, e aqui e ali os frutos vão aparecendo!”.

Num outro momento, a Madre comunica ao seu Conselho os efeitos produzidos pela sugestão de Dom Bosco às Damas do Instituto São Leão, em Marselha. Poucos dias depois da conhecida conferência do dia 3 de fevereiro, quando Dom Bosco estava indo de Mar-

selha para Valência, o sonho dele já se concretizava: ofertas generosas e imprevistas permitiram a compra dos dois imóveis pelos quais ele se havia interessado. Sendo assim, na próxima festa de São Miguel, as casas serão entregues pelos atuais inquilinos e colocadas à disposição das Irmãs.

O Diretor de São Leão está contentíssimo, embora saiba que tem em mãos apenas uma parte dos quase 80.000 francos necessários para o pagamento; mas o pároco de São José lhe repete sempre: “— A gente já sabe: Dom Bosco, com seu método de atrair as bênçãos de Deus através da caridade, gosta de conservar sempre algumas dívidas. para obrigar a Providência a intervir”.

São observações que valem como norma também para nós — concluem as Superiores — nós que muitas vezes não damos um passo para a frente, pelo pavor que temos das dívidas. ⁽⁸⁾

A Madre diz também que já foi cumprida a ordem que Dom Bosco deixou em Marselha, antes de sair de lá, em relação a uma janela e à colocação de uma “roda” entre o refeitório dos Salesianos e a cozinha. Ainda de Nizza o querido Pai mostrava seu interesse pelas filhas: numa carta ao Pe. Bologna, dizia que é também dever do Inspetor cuidar das Irmãs.

As duas medidas tomadas trazem grande vantagem para aquelas nossas Irmãs. ⁽⁹⁾

NOTÍCIAS DE MADRE MARTINI

Quando a Madre chegou da França, o Diretor Geral lhe entregou as últimas notícias das missionárias da América, com data de 27 de janeiro.

A Inspetora, Madre Madalena Martini, que não estava bem de saúde, diz que melhorou e se sente cada vez mais feliz de ser filha da Congregação e de estar na América, por verdadeira graça de Deus. Sente sempre mais o peso do seu cargo, tão cheio de responsabilidades e tão difícil de ser exercido. “Mas, paciência! — escreve — seja tudo por amor a Jesus; e para descontar meus pecados, estou resignada a carregá-lo enquanto Ele quiser”.

Alegra-se em saber que a coitada da Ir. Lucca, a “ovelhinha transviada”, como o Pe. Costamagna a chama, aceita seus sofrimentos atuais em espírito de reparação, e faz votos de que Jesus e Maria,

(8) MB XV 487-88.

(9) MB XV 512-13.

sua Mãe Santíssima, sejam para essa pobre Irmã, refúgio na vida e na morte. A carta, endereçada ao Pe. Cagliari, termina com uma referência aos últimos Retiros, que foram coroados com cinco vestições e três profissões perpétuas. E pede que ele transmita ao “nosso Pai Dom Bosco”, em cujas orações confia tanto, os mais humildes e cordiais cumprimentos. ⁽¹⁰⁾

SEGUNDA-FEIRA SANTA: VESTIÇÕES

A carta vem com um bilhete do Diretor: “Com não é possível chegar antes, irei domingo à noite, para as vestições na segunda-feira”.

É grande a alegria da comunidade, embora a função se realize na segunda-feira santa. Será também uma oportunidade para celebrar o feliz regresso da nossa Madre, que sentiu a França sempre grande admiradora e benfeitora do venerado Pai Dom Bosco.

As postulantes — doze — já estão de vestido e véu brancos, prontas para entrar na capela. Mas somente onze se aproximam do altar. É geral o espanto. Mais tarde o motivo se torna conhecido: uma candidata teve de se retirar, porque, no último momento, chegou de Sampierdarena uma palavra de ordem de Dom Bosco.

Entre as onze estão Cândida Rho e Margarida Vezzoli, de quem já falamos. A respeito desta, na página relativa às neo-noviças, aparece uma nota: “Conquistada pela caridade longânime do Pe. Cagliari e da Madre Geral. Que milagre a salvação desta filha! Como é querida por Maria Santíssima!”.

Terminada a cerimônia, depois de trocar com as Superiores as as notícias mais importantes, o Pe. Cagliari estende a toda a comunidade o augúrio feito às neo-noviças: que todas sejam transparentes como cristais, simples como pombas, sinceras como a inocência, e fervorosas como virgens prudentes, para consolar Jesus e Maria e preparar-se para uma Páscoa da Ressurreição realmente santa.

Volta depois a Turim, onde deve chegar a tempo para as funções da quinta-feira santa.

“REZAR SEMPRE, REZAR MUITO”

No dia de Páscoa, o Diretor Pe. Lemoyne anima a comunidade a participar das glórias do Divino Ressuscitado e das alegrias de sua Mãe SS. na medida em que cada uma assumiu como suas, durante a

(10) Cópia da carta em espanhol — Arq. Geral FMA.

semana-santa, as dores indizíveis de Jesus e de Maria, para consolá-los e alcançar muitos triunfos da graça celeste sobre justos e pecadores. E conclui: “— Rezem! Se vocês soubessem como é grande o poder da oração sobre o Coração de Deus, quando ela parte de almas puras e consagradas!... E se vocês tivessem ao menos uma pálida idéia das grandes necessidades que nestes dias a Igreja tem de orações ardentes e sacrifícios generosos, para resistir gloriosamente à guerra fria ou declarada que seus inimigos lhe movem!...”

No domingo “in Albis”, como de costume, depois do canto das Vésperas, o Pe. Lemoyne dá a aula de religião para toda a comunidade; e recordando a exortação de rezar pela Igreja, entra no assunto com uma narrativa sintética do ultraje perpetrado contra Deus. na pessoa de seu Vigário, pelo setor maçônico, anticlerical e liberal de Turim.

Justamente no dia da solene consagração da igreja de S. Secondo, no dia 11 do corrente, uma horda de sectários e vagabundos, em meio a assobios, piadas e projéteis, arrancou da fachada da igreja o busto de Pio IX, em cuja memória se construiu aquele tempo. Tanto o busto como a lápide com a dedicatória da população, ficaram reduzidos a migalhas.

Dom Bosco, que se encontra em Roma, deve estar a par de todos os pormenores de tão graves ofensas feitas a Deus, ao Papa e à Religião. O que não dirá e fará para consolar o Santo Padre? Certamente ele há de sentir no próprio coração o sofrimento por esses atos públicos de impiedade, também porque ele colaborou diretamente naquela construção, promovendo a participação dos cantores e da banda do seu Oratório de Valdocco. É mais um motivo para aumentar o fervor da súplica em reparação de tantas iniquidades de filhos degenerados e colaborar ao máximo para a renovação moral da Itália e impetrar o conforto necessário ao coração do Pontífice e do nosso Pai Dom Bosco, sempre mais amado. ⁽¹¹⁾

Também na aula dominical do dia 23, o Diretor conclui com o assunto que está mais vivo nele: rezar sempre, rezar muito pelo Santo Padre, o verdadeiro Pastor da Igreja universal; rezar sempre, rezar muito por Dom Bosco, o Pai da Congregação Salesiana.

É um trabalho contínuo do bondoso Diretor, Pe. Lemoyne, no sentido de animar a comunidade a ele confiada, com a lembrança sempre presente da Igreja, nossa Mãe, do Sumo Pontífice e do Fundador, Dom Bosco; na terra ninguém poderá avaliar sua eficácia. De

(11) MB XV 373 ss.

fato, tanto as Irmãs como as alunas se tornam, com esse alimento espiritual, centros de irradiação de exemplares virtudes religiosas, de adesão à Sede Apostólica, de catolicismo vivido.

MÊS DE MARIA UMA PÁGINA DO BOLETIM SALESIANO

Atendendo ao convite do Boletim Salesiano de abril, em toda sala de aula ou de trabalhos, em todo dormitório e corredor, há um altarcinho para Nossa Senhora, com flores e lâmpadas acesas. São as melhores alunas que cuidam deles. O propósito geral é evitar toda falta deliberada, porque o Diretor repetiu claramente que não é possível honrar Nossa Senhora ofendendo seu Filho. Rezar, trabalhar, divertir-se, em união com a Virgem Santíssima, oferecendo a Deus, pelas mãos dela, todos os atos, é a tarefa das professoras, assistentes e Filhas de Maria. E, contar alguma coisa sobre Nossa Senhora, em cada carta escrita à família e aos amigos, é uma promessa que até as pequenas das primeiras séries quiseram fazer.

Quando o Boletim de maio chega, o Diretor lê a primeira página na boa-noite que dá às Irmãs, noviças e postulantes.

“Se há uma circunstância em que gostaríamos de que nossa voz chegasse aos ouvidos de todos os fiéis, essa é precisamente a festa de Maria, Auxílio dos Cristãos, celebrada no dia 24 de maio.

Nessa oportunidade, quereríamos acender em cada coração ao menos uma chama de amor à grande Mãe de Deus; quereríamos reunir a seus pés um número infinito de fiéis; quereríamos que ela fosse honrada de acordo com seus valores e méritos; quereríamos entoar a ela um hino de agradecimento, o menos indigno possível dos benefícios de toda sorte que Ela concede à terra; quereríamos que um coro imenso de filhos afetuosos e gratos fizesse ressoar seu nome dulcíssimo, de um extremo a outro da terra. Se isso nos fosse possível, quereríamos atrair os habitantes das cidades soberbas, para as suntuosas basílicas erguidas pela piedade dos padres; levar os camponeses a festejá-la nas suas modestas capelinhas; os novos crentes das florestas e dos desertos a venerá-la em suas miseráveis cabanas. Quereríamos gritar: “Ouçam, grandes e pequenos, príncipes e plebeus, ricos e pobres, selvagens e bárbaros! Amcm, agradeçam, invoquem Maria, aquela que, depois de Deus, nos ama, nos beneficia e nos protege como irmã, como mãe que se tornou Rainha do Céu e da terra, árbitro de nossos destinos, dispensadora dos divinos tesouros; rezem a Maria, que é a delícia do Paraíso, o conforto da terra, o terror do

inferno; exaltem Maria, a quem as estrelas engrinaldam, os Anjos corcam, os Santos seguem em cortejo; celebrem Maria, de quem o Poeta canta:

Em ti, misericórdia, em ti, piedade,
em ti, grandeza; em ti se concentra
todo o bem que existe na humana criatura.

Aplaudam Aquela que por ninguém é igualada em beleza, amor e poder, suplantada apenas por Deus, seu Criador.

Como a nossa voz não pode chegar tão longe e a tão diversos lugares, nós recorreremos aos nossos Cooperadores e Cooperadoras, pedindo-lhes encarecidamente que, junto com suas famílias, queiram se unir a nós para celebrar dignamente a próxima festa de Maria Auxiliadora dos Cristãos. Celebrá-la com amor de filhos, gratidão de beneficiados, confiança de pobres necessitados”.

O comentário do Pe. Lemoyne exprime claramente sua finalidade: “Os pais que entregaram suas filhas a Nossa Senhora, para que sejam religiosas, ou para que conosco sejam educadas cristãmente, de acordo com o pensamento do nosso querido e venerado Pai Dom Bosco, são, todos eles, cooperadores e cooperadoras. Por isso, cada uma de vocês, falando ou escrevendo, procure despertar em todos uma lembrança, para que homenageiem a Nossa Senhora de Dom Bosco, a Nossa Senhora de vocês!”.

NOTÍCIAS DA ARGENTINA

Nestes dias chegou de Santo Isidro uma carta, escrita na última semana de março.

A Inspetora, depois de rápidas notícias das duas casas do Uruguai, Villa Colón e Las Piedras, “onde reina muita caridade e bom espírito”, fala da capital argentina: em La Boca, “as alunas já são um formigueiro de mais de duzentas, espertas como pólvora, quase todas descendentes de imigrantes genoveses”.

Em Santo Isidro “vive-se a Santa Regra e reina uma tão doce união que a gente se sente realmente bem ali”. Com visível complacência materna, ela declara que na casa de Buenos Aires — Almagro, embora não faltem motivos de grandes preocupações, as Irmãs são verdadeiros modelos de observância e de caridade, de modo a tornar as noviças sempre mais empenhadas na correção dos próprios defeitos e na conquista das virtudes salesianas.

A respeito de si mesma, a Inspectora repete que não é tão paciente quanto as circunstâncias e o bom exemplo exigiriam; pede orações para que possa adquirir a perfeição que é o seu ideal de santidade; sempre mais feliz de pertencer à Congregação Salesiana, protesta-se disposta a qualquer trabalho e sacrifício, para obter da misericórdia divina o dom da perseverança final.

Exprime finalmente o desejo de uma visita da nova Madre Geral, de quem todas já se sentem filhas devotadas, e pede a Dom Bosco, para si e para as Irmãs americanas, uma daquelas bênçãos que produzem milagres na alma e no corpo.

Notícias mais explícitas e detalhadas vêm através do Pe. José Vespignani, a quem foi confiada a tarefa de assistir as Irmãs de Buenos Aires-Almagro, no seu apostolado entre a juventude.

Ele começa quase brincando, repetindo uma expressão do Arcebispo Dom Aneyros. "Estou tão contente de ver que a obra salesiana entre nós está completa agora, com as Irmãs, que já não me importo que cantem o "Sancta Dei Genitrix" e o "Sancta Virgo Virginum" à italiana". Na verdade, ele era um dos mais ferrenhos defensores da pronúncia do latim à espanhola.

A propósito da Inspectora, que há pouco tempo se submeteu a uma séria intervenção cirúrgica, ele não mede palavras: "Desde as primeiras vezes que me aproximei dela, pude constatar a sua profunda piedade, a serenidade de seu espírito em meio às vicissitudes e sacrifícios das primeiras experiências num campo totalmente novo para ela; percebi o seu grande desejo de trabalhar para a glória de Deus, sua simplicidade em procurar fazer em tudo a vontade divina, e testemunhei a prudência e a discricção do seu governo, entre elementos nada fáceis, tendo de estender sua autoridade materna, das terras argentinas ao Uruguai.

Lembro-me de que, por ocasião da morte do Pe. Bodrato, Dom Bosco nos escrevia: "— Este é o momento em que vocês devem se manter muito unidos a Deus, reunindo-se sob o manto de Maria Auxiliadora e pondo nela toda a confiança." Pois bem, a boa Madre Martini participou do nosso sofrimento e das sérias dificuldades em que nos encontrávamos; e foi então que pude conhecer mais profundamente o espírito de fé e de confiança em Deus que a animava.

A morte do Pe. Bodrato aumentara também para ela as preocupações: começar e levar adiante novas casas, com extrema dificuldade de meios, pouca ou nenhuma cooperação externa, muitos pedidos de aceitação de meninas pobres no internato, sem mesmo ter

ainda uma casa própria... Mas, aquele seu espontâneo: "Deus vê e sabe de tudo isto. Nossa Senhora dará um jeito de nos ajudar e consolar, se, mesmo chorando, continuarmos a rezar e a esperar", foi para mim uma revelação.

Na verdade, naqueles dias pudemos verificar muitos sinais extraordinários da proteção e assistência divina, e a dor de todos, em breve se transformou em alegria, com a nomeação do novo Inspetor, Pe. Tiago Costamagna, o ex-Diretor das primeiras Irmãs de Mornese.

Quem podia estar mais contente do que as nossas Irmãs daqui? Elas, de modo especial, podiam esperar tudo de um Superior assim tão ligado às tradições mornesinas e que conserva tantas lembranças daquele abençoado berço das primeiríssimas Filhas de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco.

No governo dele, mais do que antes, eu pude perceber que entre as Irmãs daqui se revivia Mornese, da mesma forma que Valdocco, entre nós. E nisso há uma verdadeira porfia entre as nossas duas instituições. Não se trata de uma questão de nome, mas de semelhança real, até nos detalhes; tanto é verdade que, quando as Irmãs quiseram preparar uma cortina para um teatrinho, a Inspetora, de acordo com algumas Irmãs, me pediu que esboçasse nela o Colégio de Mornese. Isso, porque, tanto elas como nós, experimentamos uma espécie de doce saudade do espírito salesiano original, vivido sob os olhares de Dom Bosco.

Não me faltam ocasiões de ter de atender uma ou outra Irmã, e fico sempre admirado com o modo de pensar e de julgar que elas têm. Com que estima e veneração falam da Inspetora e de todas as Superiores! Estão sempre de acordo, sempre contentes e alegres, mesmo no meio da pobreza, do trabalho, do estudo, e fazem contínuas obras de caridade. Elas me edificam permanentemente".

Depois de alguns outros assuntos, o Pe. Vespignani fala da futura casa das Irmãs, em Buenos Aires-Almagro.

É preciso saber como foi a história, para avaliar os sacrifícios dessas nossas Irmãs e alegrar-se com o resultado finalmente alcançado através de tantas orações e vias-sacras.

Antes mesmo que elas viessem, o Pe. Bodrato se esforçara para encontrar uma casa jeitosa para elas, mas infelizmente não conseguiu. Por um lado, condições inaceitáveis; por outro, dificuldades tão grandes que não foi possível outra coisa melhor do que adaptar uma espécie de barracão, comprado há pouco e que seria destinado aos nossos estudantes.

Enquanto viveu, ele não deixou de continuar procurando; e, parece que assim que passou ao outro mundo, entregou o caso a Nossa Senhora, com a tarefa de prover à necessidade de suas filhas, porque o que aconteceu tem alguma coisa de prodigioso.

A carta continua assim:

“Adoeceu em Buenos Aires uma certa senhora Petronilha Rodríguez, possuidora de mais de 17.000.000 de pesos argentinos, e benfeitora de várias comunidades religiosas, entre as quais as Servas de Jesus Sacramentado, a quem os Salesianos prestam serviços religiosos.

Nunca ninguém nos pusera em contato com essa senhora, mas a boa Madre Benita Arias, fundadora das Servas, visitando a generosa enferma, falou da obra salesiana, especialmente da nossa, de Almagro, insinuando a idéia de incluir-nos na sua lista de beneficência, já que nos ocupávamos da juventude pobre, aceita gratuitamente, ou quase, nos nossos orfanatos e colégios. A viva recomendação de Madre Benita produziu fruto, e a senhora Rodríguez nos deixou em testamento a soma de 500.000 pesos em favor da nossa escola de Artes e Ofícios, de Almagro.

Logo que souberam disso, o Inspetor Pe. Costamagna e os outros Superiores da casa começaram a pensar assim: Essa herança é resultado da caridade com que nós nos prestamos a atender o nascente Instituto de Madre Benita. É fruto do nosso ministério junto àquelas Irmãs. Portanto, que essa quantia seja aplicada em favor das Irmãs e, mais ainda, de Maria Auxiliadora, nossa Celeste Mãe. As Irmãs estão precisando demais de uma casa; e nós precisamos da casinha e do terreno ocupado por elas. Vamos ceder-lhes a nossa horta, para que possam construir ali o colégio e uma igreja; que ela seja o primeiro santuário de Maria Auxiliadora na América e o nosso centro de união salesiana onde, por enquanto, possamos nos reunir, nós, as Irmãs, os Cooperadores e as Cooperadoras. Fazendo isso, estaremos resolvendo todos os nossos problemas atuais. Se Dom Bosco concordar, teremos muito em breve o que de melhor podemos esperar de um momento tão providencial.

O projeto foi logo enviado a Turim, junto com uma planta bem simples de construção, mas que demonstrava toda a perícia adquirida pelo Inspetor, nos seus anos de prática em Turim, Mornese e em outros colégios e conventos que visitara. Dom Bosco aprovou tudo e permitiu que se iniciassem logo os trabalhos.

No mês de maio próximo, espera-se poder lançar a primeira pedra. Se isso acontecer, teremos dias de grande solenidade. Para todos nós, Salesianos e Irmãs, será uma grande alegria. E o nosso querido Pai Dom Bosco certamente irá dizer-nos com todo o júbilo de sua alma: “Basta que tenham fé, e verão os milagres que Maria Santíssima sabe fazer”.

FUNDAÇÃO DE INCISA BELBO

O dia 12 de maio é marcado por mais uma fundação, no povoado de Incisa Belbo, que fica a mais ou menos 45 minutos de Nizza.

O Jardim da Infância, fundado graças à generosidade do Pe. Luís Ferraro, terá como Diretora Ir. Lúcia Ferraris; Ir. Maria Bodrato será professora, e Ir. Vicência Razzetti cuidará da casa e das compras.

Ali não faltarão o Oratório e a sala de trabalhos para as mocinhas da paróquia, mas, no primeiro momento serão feitas apenas as matrículas das crianças para o Jardim, enquanto se prepara a inauguração solene para o próximo mês de junho.⁽¹²⁾

PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DA MORTE DE MADRE MAZZARELLO

Na tarde do dia 13, o Diretor Pe. Lemoyne faz, com a comunidade, uma singela comemoração da inesquecível Madre Mazzarello.

As Constituições do Instituto não prescrevem sufrágios especiais no aniversário de morte da Superiora Geral, mas o coração das filhas espontaneamente quer fazê-los; até as alunas porfiam numa coleta para dar a espórtula da Missa de sufrágio, na próxima segunda-feira, já que o dia 14 é domingo.

Lembrando a boa Madre falecida, sua filha espiritual, o Pe. Lemoyne reevoca a índole ardente e resoluta que nela não tirava nada à atitude modesta e reservada da jovem cristã; e, com verdadeiros toques de mestre, fala das virtudes religiosas e salesianas da primeira Filha de Maria Auxiliadora e primeira Superiora do Instituto.

A um certo ponto ele eleva a voz e, mudando de tom, diz: “— Eu estou aqui com vocês, não apenas para ajudá-las a se tornarem santas

(12) A inauguração — como se lê na Crônica da casa — realizou-se solenemente no domingo, 4 de junho, na presença do Bispo Diocesano, Dom Sciandra, de representantes do clero, das autoridades municipais e de várias personalidades. As internas de Nizza contribuíram com seus coros, sempre muito apreciados.

religiosas, mas, como Dom Bosco está sempre me dizendo, também para esclarecê-las a respeito do seu importantíssimo dever de educadoras.

Portanto, nesta noite, em memória da boa Madre Mazzarello, eu quero refletir com vocês sobre um aspecto especial de sua vida, que lhes servirá de estímulo para se fixarem sempre mais no grande dever de formar cristãmente suas alunas.

Podemos dizer que a virtude da nossa Madre é fruto da educação doméstica: educação forte, sincera, que, inculcada na igreja por lábios sacerdotais, se transfundia nos pais mais exemplares do lugar, traduzindo-se em prática para a família inteira.

Se agora nós podemos nos orgulhar das fortes e grandes virtudes de nossa Madre Mazzarello, devemos agradecer a seu pai que, depois de Deus e de Nossa Senhora, soube conservar intacto aquele lírio de inocência. Com que prudência ele soube proteger aquela criatura virginal!

Ela se sentia livre nos alegres encontros com as meninas da sua idade e também com os parentes, mas o pai estava sempre por perto. E que prontidão para desviar a atenção da filha de palavras vulgares e piadas de rua, quase sem que a sua Maria percebesse esses cuidados paternos! E como sabia preveni-la sobre a necessidade de mortificar a vista, de não se mostrar ingênua ao entrar neste ou naquele lugar desconhecido, ou quando ia à feira e ao mercado.

Tudo isso vocês também devem ir fazendo com suas alunas, a fim de conservá-las puras, prudentes e fortes nas diversas circunstâncias da vida; e assim como os ensinamentos do querido papai de Madre Mazzarello estavam em perfeita coerência com os seus exemplos e o modo de viver da família, vocês também devem mostrar, com os fatos, que as suas lições de moral, de pedagogia, de religião são o sistema habitual de todos os seus atos e julgamentos.

Querem que eu lhes conte um fato que ninguém nunca comentou, embora eu mesmo tenha sido testemunha dele? Acredito que será suficiente para mostrar o homem respeitável que nos deu Madre Mazzarello.

No fim de sua vida, certa noite ele estava sentado à porta de casa, rodeado pelos filhos e netos. Uma vida de intenso trabalho e as intempéries a que se expusera, causaram-lhe uma séria doença articular, de modo que era obrigado a ficar em repouso e não podia frequentar a igreja todos os dias, como fazia antes. Mas ele nunca se queixava e, se alguém se referia a seus sofrimentos, o bom velho só

abria a boca para louvar a Deus que lhe dava motivo para fazer penitência e adquirir conhecimentos com aquela cruz.

Nessa noite, enquanto se entretinha com as visitas, chegou um amigo que logo começou a comentar, indignado, um fato acontecido alguns dias antes.

A mãe de nossa boa Madre fora acometida improvisamente de dores atrozes e todos pensaram que ela iria morrer. Foram correndo chamar o médico, mas esse simplesmente indagou: “— Quantos anos tem essa mulher?” E quando lhe disseram a idade dela, ele concluiu: “— Já viveu bastante! Portanto...”.

A coisa, contada assim sem rodeios, despertou a desaprovação de todos. Mas o bom velho fez sinal de que queria falar e, voltando-se para o tal amigo, disse: “— Você deve contar a verdade inteira. Aquele médico errou, sim, expressando-se daquela maneira indigna. Mas, se ele não se mexeu para vir examinar a doente, informou-se a respeito dos sintomas, receitou alguns remédios e eles deram bom resultado. Precisamos ser justos, em tudo e sempre!”.

Foi nessa escola de retidão cristã que a nossa Madre Mazzarello se formou. E vocês, professoras, assistentes, superiores, que devem formar suas alunas para a vida, insistam, insistam com elas na necessidade de adquirirem desde agora aquelas virtudes que amanhã deverão frutificar, no lugar para onde Deus quiser transplantá-las.

Com isso, nós realizaremos uma obra de merecimento inestimável perante Deus e, além disso, podemos aumentar a glória da nossa querida Madre, que acreditamos já esteja no Céu; todavia, nestes dias procuremos consolá-la com todos os meios que a nossa piedade nos sugerir”.

Essa exortação paterna reaviva o afeto e a gratidão de toda a comunidade; no domingo e na segunda-feira — 14 e 15 — os grupinhos se revezam na visita ao cemitério, demorando-se em oração junto àquele túmulo, sobre o qual, justamente nestes dias, foi colocada a pequena cruz dos pobres, símbolo da fé que é a vida dos redimidos em Cristo.

AS INTERNAS DE NIZZA VÃO A TURIM PARA A FESTA DE M. AUXILIADORA

Começa logo a novena de Maria Auxiliadora. O Pe. Lemoyne diz que as Irmãs e as alunas de Nizza Monferrato não podem se deixar vencer pelo fervor que há em Valdocco; por isso, quem tem mais, dê

mais, e quem mais sabe, mais faça saber tudo quanto pode servir para honrar Nossa Senhora, para glória dela e bem das almas.

E acrescenta que, se todas responderem a esse apelo, a festa do dia 24 não passará sem um lindo presente do Céu.

Sente-se na Comunidade um fermento novo! E o presente está pronto.

À tarde do dia 23, quase todas as internas, acompanhadas pelas professoras e assistentes, viajam de trem rumo a Turim, junto com muitíssimos devotos da Rainha de Valdocco, e admiradores das obras salesianas. Passam lá a noite, para estarem prontas para a primeira Missa, ao amanhecer. E não desanimam com os trovões, relâmpagos e o aguaceiro que desaba sobre a cidade, desde a madrugada. Encontram-se com a linda e barulhenta comitiva de cento e vinte oratorianas vindas de Chieri debaixo de chuva e de granizo, maravilhosamente protegidas por Deus, numa viagem em que os cavalos empinavam a cada estalo de um raio. ⁽¹³⁾

A casa se inunda de alegria e dela gozam também as duas moças francesas, Louvet e Deslyons, benfeitoras de Dom Bosco, que se encontram hospedadas conosco. À tarde, as internas voltam à Casa de Nossa Senhora das Graças, cheias de reconhecimento a Deus e aos Superiores que lhes proporcionaram um dia tão bonito e alegre, à sombra da igreja de Maria Auxiliadora.

O Diretor Geral, Pe. Cagliero, se despediu delas com um “até breve, em Nizza, no dia 1.º de junho, festa de Nossa Senhora das Graças. Encerraremos o mês de maio com novas vestições. Esperem por mim...”.

Mas depois ele teve de alterar esse programa, adiando a cerimônia da vestição para o dia 4 ou 5.

O PADRE CAGLIERO EM NIZZA

O Pe. Cagliero chega a Nizza à tarde do domingo, dia 4 de junho. Fica até tarde da noite no confessionário e, logo ao amanhecer, está lá de novo. Após a Missa da comunidade, conversa individualmente com as 10 candidatas à vestição.

No fim da solene cerimônia, deixa como lembrança uma expressão que é muito característica dele: “— Estejam sempre alegres, minhas filhas; Nossa Senhora lhes quer muito bem e conta com vocês para consolar Jesus e o nosso bom pai Dom Bosco. Ajudem-na a salvar muitíssimas almas, e, em primeiro lugar, a de vocês”.

(13) Bollettino Salesiano, junho 1882, ano VI, n. 6, pág. 94-97; MB XV 586.

Nenhuma delas pensa mais nas dificuldades do caminho e olha para o alto, repetindo o antigo e sempre novo refrão: “— Oh! que graça imensa a de ser Filha de Maria Auxiliadora e de um santo como o nosso bom Pai Dom Bosco!”. O Pe. Cagliero tem, de fato, o dom de serenar e elevar os ânimos. Quando ele está em casa, faz sempre bom tempo, mesmo se fora as nuvens estão pesadas e a chuva cai.

NOTÍCIAS DA AMÉRICA

As Irmãs do Uruguai estão em festa com a chegada feliz do Pe. Lasagna, o novo Inspetor. A Inspetora, Ir. Madalena Martini, teve de ser submetida a uma segunda cirurgia e, por graça especial de Maria Auxiliadora, sarou em pouquíssimos dias.⁽¹⁴⁾ As de Patagones já têm noventa alunas,⁽¹⁵⁾ embora abrigadas num miserável casebre. Elas escrevem a seguinte carta, que o Pe. Cagliero entrega à Madre.

Queridíssima Madre Superiora,

por duas vezes a senhora nos pediu notícias pormenorizadas sobre a nossa vida em Patagones, mas... a nossa Diretora e o nosso ótimo Diretor, Padre Fagnano, não se cansam de dizer que não devemos fazer as queridas Superiores sofrerem, contando-lhes isto ou aquilo.

Desta vez, porém, consegui convencê-los de que, em vez de sentir pena, ficarão bem contentes de saber como estamos, e rezarão muito mais por nós. Por isso, direi alguma coisa que talvez não saibam ainda, e mandarei diretamente ao Pe. Cagliero, para que ele, se quiser, libere esta lenga-lenga, escrita às pressas, nos retalhos de tempo.

Quando chegamos aqui, nós nos sentimos como pintinhos tontos. O lugarejo é de gente pobre e descuidada sob todos os aspectos.

Padre Fagnano nos animou logo a não deixar passar nenhuma obra de caridade e de apostolado. E nós, com todo o nosso fervor de missionárias estreantes, fomos logo nos prestando para tudo o que ia aparecendo, a cada momento, sem levar em conta a nossa inexperiência e os perigos que poderíamos encontrar, quando menos esperássemos.

Isso, durante o dia! À noite, ah! Quantas vigílias! Nós não tínhamos roupas prontas e tudo estava por fazer; não sei dizer quantos

(14) Carta de M. Martini — em espanhol — de Buenos Aires ao Pe. Cagliero, 24/4/1882 — (cópia Arq. Geral FMA).

(15) Carta de D. Fagnano de 11/4/1882 publicada no *Bollettino Salesiano*, julho 1882, ano VI, n. 7, pág. 117.

meses passamos usando roupas brancas apenas alinhavadas, o que provocava situações que nos faziam chorar de tanto rir.

Sofrendo medo e frio, muito frio! Fome, não, porque nos arranjávamos de qualquer jeito, colhendo ervas à beira da estrada e apanhando lenha no campo.

Demos tanto catecismo, que muitas vezes ficávamos com a garganta seca!... E tivemos de enfrentar situações que nos deixavam pasmas, de olhos arregalados durante a noite. Por exemplo, ir à paróquia quando já estava escuro, passando disfarçadas por ruas menos freqüentadas, para que ninguém nos visse: íamos ser testemunhas de matrimônios cristãos, na presença de sete ou mais filhos dos dois, que só então se uniam diante da Igreja...

Já faz algum tempo que começamos a visitar as famílias, para estimular os pais a mandarem os filhos à escola, ao Oratório, ao catecismo. Em geral não nos batem a porta na cara, como fazem com os padres, e sendo assim, podemos dizer uma boa palavra também aos adultos. Isso é feito na véspera dos domingos e dias santos.

Andando pela rua, retribuímos amavelmente os cumprimentos que nos dirigem e não nos mostramos ofendidas pela indiferença e até desprezo de certas pessoas. Com isso, muitos que antes nos viravam as costas, estão olhando para nós com simpatia e cumprimentando-nos. E, se acontece que, sem mesmo abrir a porta, nos dizem: "Aqui não se recebe ninguém", basta que a gente diga que somos aquelas Irmãs que o dono da casa cumprimenta na rua, para que aquela pessoa que não queria abrir a porta volte, para nos fazer entrar. Então a gente troca algumas palavras atenciosas; se permitem, entramos para visitar algum doente da família e... pouco a pouco vamos ficando amigos, sem começar logo a fazer sermões. Preparamos assim a chegada do Padre Missionário.

Aprendemos esse sistema com Padre Fagnano, a quem nunca saberemos agradecer bastante pelo que fez e faz por nós, encaminhando-nos pela estrada do apostolado, abrindo nossos olhos sobre tantas coisas que devemos saber, edificando-nos em tudo e tendo conosco cuidados de pai, sem perigo de demasiada liberdade. É bondoso, mas prudente e cheio de dignidade. Escuta, do começo ao fim, o relatório de nossas proezas; responde às nossas perguntas e, com toda liberdade, nos aprova ou desaprova, mas tudo sem muita conversa. Ele já é muito estimado aqui no lugar, e acreditamos que não vamos demorar muito para começar a colher grandes frutos de civilização e de religião.

Madre querida, por hoje chega, porque já tagarelei muito. Se o Pe. Cagliero concordar em lhe fazer chegar o que fui despejando como vinha, a senhora me mande um lindo "Muito bem, Ir. Giovanna!", e eu pularei de alegria, como uma menina.

Outras notícias a senhora receberá através da minha Diretora.

Por agora, cumprimentos afetuosos e um fervoroso Viva Jesus e Maria ao papai Dom Bosco e a Nizza inteira:

Sua afma, filha
Ir. Giovanna Borgna

DOM SCOTTON VÊ O QUE NOSSA SENHORA FEZ

O Boletim Salesiano de junho traz o último capítulo das breves memórias da saudosa Madre Mazzarello e uma parte do panegírico de D. Scotton, pronunciado na basílica de São Ciro, em Gênova, durante a festa de Maria Auxiliadora. Na comunidade de Nizza, algumas se lembram do que o mesmo Bispo dissera a respeito das primeiras Irmãs de Mornese. Naquela ocasião ele as julgara mais ou menos inaptas para a formação de uma nova família religiosa; no entanto, hoje as elogia junto à "tão florescente Congregação Salesiana".⁽¹⁶⁾ Quem sabe não estará repetindo para si mesmo, a resposta que ouviu então de Dom Bosco: "— Nós veremos o que Nossa Senhora vai fazer com elas!".

Sim, Nossa Senhora até hoje tem sabido tirar a sua glória da humildade das filhas e da confiança do seu e nosso Dom Bosco; e as filhas jamais quererão esquecer isso, para se conservarem humildes instrumentos nas mãos poderosíssimas de sua Mãe e Rainha.

ESCLARECIDA A CONFUSÃO DE MORNESE

Novas visitas de Mornese continuam trazendo notícias ruins. Além do Padre José, sobrinho do Padre Pestarino, outros também se sentem obrigados a comunicar às Superiores as últimas reações dos mornesinos àquilo que hoje já está bem claro para todos.

O famoso Giacomulo, depois que a venda do Colégio foi concluída, saiu do seu esconderijo. Pelo que ele mesmo contou, todos ficaram sabendo por que o imóvel passou a ser propriedade do Marquês D'Oria; por isso, a ruptura entre ele e os irmãos Campi foi total. As injúrias se multiplicam contra eles e, não tendo forças suficientes para se vingar do Marquês, as pessoas praguejam cada vez que passam

(16) Bollettino Salesiano, junho 1882, ano VI, n. 6, pág. 99.

diante do Colégio . . . além de tudo mais contra Dom Bosco, as Irmãs, e a religião.

É inútil procurar desculpas e razões para adoçar a pílula; mais inútil ainda é exortar ao perdão fraterno, ao respeito devido às pessoas consagradas e ao dever da resignação cristã, a fim de estar em paz com Deus e aproximar-se dos Santos Sacramentos. Os ânimos se exasperam ainda mais e, com poucas exceções, até mulheres e crianças vivem atijando o fogo da ira popular.

Pode ser que o tempo dê remédio a essa situação; mas, para que a calma retorne, e Mornese reencontre a sua paz, será preciso muita oração.

A SITUAÇÃO DE CHIERI — NOVOS RELATÓRIOS

Apesar dessas notícias desagradáveis, o Diretor e a Madre vão a Turim, para a festa onomástica de Dom Bosco, que está voltando de Borgo São Martinho, depois da festa de São Luís Gonzaga.

Os primeiros cumprimentos, depois da visita a Maria Auxiliadora, são para Dom Bosco e Pe. Cagliari. Logo em seguida a Madre encontra o que fazer em casa, onde as Irmãs estão felizes com a sua chegada, algumas desejando partilhar com ela seus próprios problemas e dificuldades.

Antes de qualquer outra, a Diretora de Chieri, Ir. Rosália Pestarino. Não sofre menos por aquilo que o irmão lhe contou, por alto, sobre os acontecimentos de Mornese, do que já estava sofrendo por causa do pobre Pe. Bonetti. Sente necessidade de dizer isso, e o diz, porque é justo que a Madre saiba aquilo que as filhas já conhecem abertamente e que se comenta nas praças de Chieri. Ela vai sofrer um novo golpe, mas as orações se tornarão mais insistentes, a fim de pôr um ponto final numa história tão dolorosa e nada edificante.

Ir. Rosália conta que, faz algumas semanas, se comenta que o Padre Bonetti foi julgado culpado até pela máxima autoridade romana, o que parece confirmar-se pelo fato de que ele não apareceu mais na cidade, nem mesmo para ministrar os santos sacramentos. Além disso, afirma-se que o Pe. Bonetti continua morando tranqüilamente em Chieri, apesar da proibição do Arcebispo e de todas as suspensões eclesiásticas.

Uns se revoltam contra o Arcebispo, outros contra o Pe. Bonetti, outros contra o vigário e os padres em geral; e outros ainda, contra

as freiras de Dom Bosco que, com as suas alunas do Oratório, teriam sido a causa de todo esse problema. ⁽¹⁷⁾

O que dizer, o que fazer com aqueles que vêm desabafar no locutório, ou com as oratorianas maiores que não agüentam mais ouvir tantas mentiras contra o santo Pe. Bonetti?...

O coração da Madre está sofrendo também com tudo isso e ela repete pela enésima vez: “Rezemos. Talvez ainda não tenhamos rezado bem como seria preciso. Rezemos melhor, ajuntando também alguma mortificação voluntária, especialmente da língua! E confiemos na misericórdia de Jesus e de Maria. Eles sabem o porquê de uma provação tão longa e tão dolorosa. É só deles que podemos esperar a solução”.

A MADRE EM VALDOCCO PARA A FESTA DE DOM BOSCO

Dom Rua diz à Madre que, se estiver no Oratório quando Dom Bosco chegar, ela poderá ver como é que seus filhos o recebem.

Por isso, acompanhada por algumas Irmãs, a Madre chega à hora determinada e pode assistir à manifestação de amor e reconhecimento filial, bendizendo a Deus que compensa desse modo os seus santos pelas amarguras desta vida.

Dom Bosco a vê, sorri e diz apenas isto: “— Muito bem! Vocês também estão aqui! Ótimo! Depois nos veremos!”. É o suficiente para que o coração delas vibre durante a festinha da noite — assistida de um cantinho do pátio — e no dia seguinte, nas funções litúrgicas e nas quase 3h de entretenimento familiar com música, cantos, oferta de presentes, diálogos e aplausos incontidos.

Não é a primeira vez que Madre Daghero tem oportunidade de apreciar uma dessas explosões de carinho; mas nunca, como agora, pôde avaliar as enormes proporções que a obra do venerado Pai vai assumindo, tantos são os alunos, os ex-alunos, os representantes eclesiásticos e civis da cidade e de fora, que o rodeiam atestando sua estima e apreço.

No dia seguinte, quando já havia perdido a esperança de poder se encontrar com Dom Bosco, Padre Cagliariero mandou chamá-la e acompanhou-a até o quarto de Dom Bosco que, mesmo cansado, se mostrou paterno como sempre. Ela saiu de lá extasiada. O restante do tempo passou-o em companhia de Madre Petronilla, que viera de Lanzo.

(17) Anexo 1 b), cf. Ed. It., 336 e MB XV 734.

MADRE PETRONILLA CONTA SUAS EXPERIÊNCIAS

Madre Petronilla tem várias coisinhas para contar, algumas até engraçadas. São as suas experiências e ela as comunica à Madre.

“Nós agora estamos rezando o terço durante a Missa, porque, estamos na igreja junto com os meninos e devemos fazer como eles. Foi o que o Pe. Bonetti nos escreveu de Turim. Nem queira saber como resmungamos por causa disso... pois todas nós sentimos não ter tempo para rezar um pouco do jeito que cada uma prefere. Mas, paciência! Há de haver alguém que reze por nós; e o sacrifício da nossa vontade também há de servir para alguma coisa! Eu lembro a mim mesma e às Irmãs, aquilo que o Pe. Lemoyné me disse certa vez: “— Não peçam a graça de um amor terno a Jesus; peçam o amor forte”.

— Sem pensar em nada e em ninguém, eu mandei algumas Irmãs virem a Turim para se tratarem; mas sabe? Houve logo quem me desse a entender que a casa onde a Irmã trabalha deve prover a todas as suas necessidades. Agora eu já aprendi a lição: primeira peça licença a quem pode concedê-la, depois combino e mando a Irmã. Assim, ninguém tem motivos para me chamar a atenção, e estamos todos em paz.

As Irmãs daqui de Turim, vendo que algumas vinham de Lanzo, pensaram que poderiam fazer o mesmo; assim, ora uma, outra outra, apareciam lá para passar conosco um ou dois dias de descanso. Pois lá também, logo me disseram que eles, os Salesianos, quando vão a uma outra casa deles, pagam uma espécie de pensão. Tive vontade de responder que elas vêm à minha casa como minhas irmãs...

Mas depois falei sobre isso com Dom Bosco, para saber como agir; e ele, mostrando-se um pouco aborrecido, respondeu-me: “— Quando os Salesianos pagarem às Irmãs pelo trabalho que fazem por eles, as Irmãs pagarão aos Salesianos por aquilo que gastam nas casas deles”.

Um dia, mais ou menos às 11 horas, chegaram duas Irmãs. Como Dom Bosco estava em Lanzo, eu levei as duas até ele, para cumprimentá-lo. Ele perguntou:

— Já avisou a cozinheira que hoje há mais duas para o almoço?

— Não, pai. Mas duas a mais ou duas a menos... a gente se arranja da mesma forma.

— Nada disso. Nesses casos é bom avisar a tempo na cozinha e no refeitório, para que as responsáveis não fiquem confusas e embaraçadas. Façam sempre assim; isso também é caridade!

Não faz muito tempo, um Diretor salesiano que estava de passagem por Lanzo, trouxe uma fazenda, para que nós lhe fizéssemos um “pálio”. Eu peguei o pano e fui à sala de trabalhos perguntar se alguém sabia me dizer o que era pálio... Só uma soube responder que era uma espécie de frontal de altar. Todas nós ficamos contentes de saber uma coisa nova.

Noutra ocasião, apareceu uma senhora pedindo que fizéssemos para ela dois “zinali”. “Zinali”?! Mais uma palavra nova para mim. Mas não quis passar por ignorante e aceitei a encomenda, na esperança de que alguém na casa soubesse me explicar de que se tratava. Por acaso o Diretor estava por perto e perguntei a ele. Rindo gostosamente, me disse: “— É o mesmo que avental”.

Vindo uma vez a Turim e encontrando-me por acaso com Dom Rua, tive a lembrança de perguntar a ele como é que se deve entender que “a confissão mensal seja mais cuidadosa que de costume”. E tive a resposta: “— Significa não apenas acusar-se do mal cometido, mas também do bem que se teve ocasião de fazer, examinando como foi feito. Em relação às práticas de piedade, por exemplo: por que foram feitas, e com que proveito, o bem que se fez ao próximo, com que intenção e se estava de acordo com as normas de Dom Bosco”.

Um dia me encontrei com o Pe. Bonetti e ele conversou comigo a respeito de uma Irmã que não estava muito bem de saúde. No fim, me disse: “— Faça com que se entenda bem que a cozinheira deve ser o primeiro médico e o primeiro farmacêutico da comunidade”.

Contando esses casos, a Madre faz deles o assunto da boa-noite, como oportuna experiência para a vida prática de cada Filha de Maria Auxiliadora, especialmente as que trabalham em casas dos Salesianos, ou em obras administradas por civis ou párocos.

UMA CARTA DE BORGIO SÃO MARTINHO

Outros temas de exortação são tirados pela Madre de uma carta de Irmã Luisinha Boccalatte, que escreve de Borgio São Martinho, contando o que pôde ver e colher durante as festas em honra de S. Luís Gonzaga. Dela transcreveremos alguns trechos mais importantes:

Borgio São Martinho, 25 e 29 de junho

Minha querida Madre,

aqui está a sua fiel Ir. Luisinha, a quem a senhora disse: “— Não chore tanto por ter de trocar Turim por Borgio. Dom Bosco vai lá

também com frequência e até passa vários dias; talvez você possa gozar mais da presença dele, lá, do que em Turim. E, se for assim, me escreva, cada vez, tudo o que puder ver ou saber a respeito do nosso querido Pai”.

Não me esqueci da promessa e, entre hoje, que é domingo, e quinta-feira, festa de São Pedro e São Paulo, tenho intenção de lhe contar tudo aquilo que ficou gravado no meu coração, para que a senhora e nossas Irmãs de Nizza possam gozar também. Não repare o papel, os garranchos e tudo mais que não é de “professora”, mas somente o amor e a gratidão de quem lhe escreve.

Tivemos três dias de festa, com balõezinhos iluminados ao longo de todo o caminho, desde a estação até o colégio; e também fogos de artifício, porque a vinda de Dom Bosco coincidiu com a festa do Jubileu Episcopal do nosso Bispo.

Nem queira saber quanto ao trabalho extra e quantas pessoas vieram, até das localidades próximas. Como nos anos anteriores, Dom Bosco veio todos os dias celebrar a Missa na nossa capela. E na hora do café, ele nos dizia: “— Nestes dias de tanto movimento, não se preocupem comigo; nós estamos em família. Mas façam tudo o que puderem para atender bem aos que vierem para a festa. Nossas festas são feitas exatamente para atrair os de fora também, para que possam conhecer as nossas obras educativas e beneficentes e, ao mesmo tempo, dar-lhes oportunidade de se aproximarem de Deus, por meio da caridade e dos sacramentos. Para nós, os de casa, fica o trabalho e o cansaço; mas fiquemos contentes com a nossa parte: o Senhor nos recompensará por isso”.

Nós lhe dissemos que não tínhamos tempo para fazer as práticas de piedade, e à noite o sono nos vencia. Ele respondeu: “— Rezem três ave-marias, o mais devotamente possível, e vão dormir tranqüilamente, porque já estão cansadas demais pelo trabalho do dia. Mas na Missa e na Comunhão, repitam a Jesus o pedido de saúde, santidade, alegria e perseverança, e que Ele faça de vocês outras Santas Teresas”.

Cada manhã, com bondade verdadeiramente paterna, sugeria à cozinheira o que ela devia fazer para o almoço. No último dia lhe disse também: “— Recolham, vez por vez, os pedaços de pão que os meninos deixam nas mesas; e uma vez por semana, usem esse pão para fazer uma boa sopa para todos”.

Os Superiores vinham à nossa casa, para dar bom-dia a Dom Bosco.

Tínhamos tantas frutas, que chegavam a cair das árvores. Uma tarde eu achei bom dar algumas aos trabalhadores, que são todos desocupados, aos quais o colégio dá um serviço, até que consigam um emprego fixo. Varrem os pátios, os corredores etc. Dom Bosco, passando por ali depois do jantar, percebeu a coisa e disse: “— Cuidado para não habituar essa gente a comer fruta como sobremesa. Se têm pão, sopa e outra coisa, já é suficiente; se adquirem esse hábito, quando saírem daqui e não tiverem mais essa possibilidade, poderão cair na tentação de roubar”.

Uma manhã, Dom Bosco disse ao Pe. Cagliero. “— Fale você a estas nossas Irmãs. Diga a elas alguma coisa bonita”.

Mas o Pe. Cagliero respondeu logo: “— Quando o pai está presente, os filhos não sabem o que dizer”.

Então a Diretora lhe pediu que nos desse um lembrete para o dia. Imediatamente Dom Bosco a contentou: “— Estejam sempre alegres! O demônio tem medo das pessoas alegres. E não se queixem nunca, nem do calor, nem do frio”.

Certa manhã, nós o ouvimos elogiar cada um dos Superiores que estavam perto dele:

“— Voc[^] Pe. Cagliero, é o meu braço direito. Você, Pe. Bonetti, é o meu braço esquerdo. Pe. Belmonte, você é o confidente de N. Senhora”.

“— E eu? — perguntou o Pe. Bertello.

“Oh! você é o homem justo”.

O Pe. Montiglio também ia perguntar, mas Dom Bosco se antecipou:

“— E você, meu querido Pe. Montiglio, é a pérola do Evangelho”.

As Irmãs daqui me contaram o que ouviram de um Salesiano, na festa de São Luís do ano passado. Estava quase terminando o almoço, quando chegou de Turim um telegrama, anunciando a Dom Bosco o perigo de todas as suas escolas serem fechadas, porque nem todos os professores tinham diplomas. Todos viram o suor que corria da fronte do pobre Pai, e ouviram dele esta pergunta: “— Nenhum de vocês se anima a prestar exames para obter um diploma ou um registro?”. Na mesma hora, os seus queridos Pe. Cagliero, Pe. Bonetti e outros responderam: “— Eu vou! Eu! Eu também!”.

A filhos desse tipo, Dom Bosco só pode fazer elogios, não é?”.

A última parte da carta contém assuntos pessoais, com uma verdadeira ladainha de cumprimentos e augúrios, que a Madre resume para todas.

AINDA AS MISSIONÁRIAS

No dia seguinte, o Pe. Cagliero manda de Turim duas cartas, endereçadas a Dom Bosco, e que chegaram um pouco atrasadas da América. Uma delas é da Inspetora, Madre Madalena Martini; a respeito desta o Diretor Geral escreve: "Dom Bosco autoriza a ler à comunidade o que julgar oportuno e edificante". Na outra, das valentes missionárias de Patagones, está escrito: "É Dom Bosco que lhe manda, para que se preparem outras a irem ao encontro das primeiras, na Patagônia".

Nós as transcrevemos integralmente, porque, como diz a Madre, "nada será demais para quem vier depois de nós".

Almagro, 16 de maio de 1882.

Revmo. Pai em N.S.J. Cristo,

lembro-me de que, antes de vir para cá, V. Revma. me prometeu que, se lhe fizesse um "rendiconto", me mandaria a absolvição por escrito. Sua grande bondade e o amor que o senhor sempre demonstrou pela minha alma, desde o dia em que tive a sorte de conhecê-lo, me animam a abrir-lhe meu coração e confiar-lhe minhas misérias, na esperança de obter de V. Revma. algumas palavras de orientação e de conforto. E, ainda que eu não pudesse alcançar tão grande favor, do qual sou tão indigna, eu me contento de que o senhor saiba o que se passa comigo e, na sua caridade, recomende tudo a Nosso Senhor.

Na verdade, só tenho que me queixar de mim, da minha pouca correspondência à graça, da minha pouca confiança em Deus, e do meu amor próprio que ainda não consegui dominar como queria e que, infelizmente, muitas vezes me cega e engana. Custa-me um pouco fazer, como deveria, as práticas de piedade; sou muito distraída, mas graças a Deus, rezo de boa vontade e, se não encontro consolo na oração, dela me vem ajuda e conforto em minhas necessidades.

Bendito seja Deus, por me ter dado na oração um meio tão eficaz para obter graças. Estar na presença de Deus e fazer tudo com pureza de intenção, é outra coisa que não consigo; e é por isso que não passo nem um dia sem cometer alguma falta de caridade para com minhas Irmãs.

Às vezes, por ressentimento ou aversão, eu as repreendo com aspereza ou deixo de lhes dizer uma palavra de animação, mesmo sabendo que precisariam ouvi-la. Mas, graças a Deus quero bem a todas e sinto muito não ser capaz de vencer a minha índole má e tratá-las com a caridade e a doçura que deveria ter. Apesar disso, elas me querem bem e, umas mais, outras menos, têm confiança em mim. Parece até que o Senhor encobre meus defeitos aos olhos delas, e deixa que vejam apenas aquele pouco de bem que parece existir em mim.

Digo “parece”, porque às vezes tenho receio de que em mim tudo seja exterioridade e aparência de bem. Que Deus não o permita! Frequentemente me deixo abater também, diante da cruz que tenho de carregar e dos deveres a cumprir.

Algumas vezes me sinto tão abandonada e sem ânimo, que me parece impossível carregar a cruz de tamanha responsabilidade. Isso me acontece quando, pensando em mim mesma e nas dificuldades que tenho de superar, não recorro logo a Deus, pondo nele toda a minha confiança. Quanto ao resto, o fato de pertencer à nossa Congregação e ter vindo para a América, me torna sempre mais contente e, de todo o coração, dou graças ao Senhor por ter querido favorecer assim uma coitadinha como eu. São realmente muito grandes as graças que recebi de Deus, por intermédio de Maria Santíssima Auxiliadora e de São José; isso me abre o coração à doce esperança de receber também, por intercessão deles, a graça preciosíssima da perseverança final.

Diga-me, Revdo. Pai, o que devo fazer para ser verdadeiramente humilde, paciente e amar muito o Senhor? Queria sofrer qualquer coisa por Ele, gostaria de agradar-lhe em tudo e tornar-me santa; mas, na hora “H”, eu me sinto fraca e carente de virtude para conseguir tudo isso.

Por isso, peço a V. Revma., que pode tanto junto a Maria Auxiliadora, que me alcance a graça de ser forte e constante no sofrimento.

Perdoe, Revdo. Pai, a minha liberdade e o incômodo que lhe causo com esta carta; já fazia muito tempo que não lhe escrevia, porque acredito que o Pe. Cagliero o mantém informado a respeito das coisas principais. A ele e à Revda. Madre Geral eu escrevo com mais frequência e também com mais detalhes.

No momento, graças a Deus, as coisas vão razoavelmente bem, quanto à moralidade. Temos duas Irmãs um pouco adoentadas, mas

por enquanto não há coisas graves. Foi preciso fechar as escolas de Las Piedras e Santo Isidro, por motivo de doença entre as meninas, o que nos aborreceu bastante; esperamos poder reabri-las bem depressa.

Sem estender-me mais, apresento-lhe nossos humildes cumprimentos e com minhas Irmãs e também os meus familiares, recomendo-me às suas orações. Queira abençoar aquela que, com toda estima e respeito, se declara

de V. S. Revma.

pobre filha em Jesus Cristo,

Ir Maria Madalena Martini (18)

Viva São João!

Patagones, 21 de maio de 1882.

Querido Pai em Jesus,

o senhor não pode imaginar o nosso ardente desejo de vê-lo aqui entre nós; mas as nossas esperanças são sempre frustradas. Fica-nos um consolo: o de poder, de vez em quando, escrever-lhe uma cartinha. E sabendo que isso dá prazer ao seu coração, nós o fazemos com maior entusiasmo.

Portanto, Revmo. Pai, desejando unir-nos a tantos filhos e filhas que neste dia tão lindo lhe fazem gloriosa coroa, procuraremos estar aí, espiritualmente, e com esta carta apresentar nossas homenagens.

Antes de tudo, tomo a liberdade de dar-lhe algumas notícias desta nossa casa: graças a Deus, todas gozamos de ótima saúde e trabalhamos sempre, ensinando as meninas. Começamos as aulas no dia 13 de março e, graças a Deus, vamos indo bem. Já temos sessenta alunas, e aos domingos, muitas outras participam das funções religiosas.

Nestes dias da novena de Maria Auxiliadora, temos a celebração na nossa capela e muitas pessoas comparecem. Nossas alunas contribuíram para ajudar-nos na ornamentação e, para isso, fizeram sacrifícios, privando-se de alguma gulodice. Se pudesse ver como estão contentes e com que entusiasmo cantam os louvores de Nossa Senhora! Isso torna menos duro para nós o sacrifício da saudade das grandiosas celebrações que nestes dias se fazem na Itália! Por isso nos recomendamos muito às suas santas orações, a fim de que possamos prosseguir em nossa missão, tornar-nos santas e fazer muito bem a essas almas.

(18) Cópia no Arq. Geral FMA.

Nós faremos todo o possível para corresponder a tantos cuidados de nossos amados Superiores, especialmente aos de V.Sa. Revma. Neste dia em que a Santa Igreja festeja o seu Protetor, nós duplicaremos as nossas orações, para obter de Deus as melhores bênçãos e todas aquelas graças que pode aumentar sua felicidade.

Entretanto, lhe desejamos boas-festas e, não podendo enviar-lhe um presente, ficamos felizes de poder oferecer-lhe nosso coração. Certas de que Nosso Senhor não se recusará a atender às nossas súplicas, nos sentimos contentes de poder dizer que somos, de V.Sa. Revma.,

filhas obedientíssimas em Jesus,

Ir. Angela Vallese

Ir. Giovanna Borgna

Ir. Caterina Fino

Ir. Angela Cassulo

Ir. Maria C. Minguez (19)

FECHADA A CASA DE VISONE

Com o encerramento do ano escolar, dá-se por encerrada também a obra das Filhas de Maria Auxiliadora em Visone.

Isso já estava previsto, por causa da absoluta falta de meios para o sustento, tanto das Irmãs, como da própria obra. As famílias do lugar nada podem dar, pois mal têm com que se manter; o presidente, que se responsabilizara pela parte relativa à terceira Irmã, esperando que os menos pobres colaborassem com ele, ao ver que ninguém ajudava, voltou atrás no seu compromisso. O bondoso pároco de Melazzo, primeiro patrocinador da causa, não tem como abrir mais a própria mão. E como não pode conseguir dos Superiores a permissão de ficarem ali apenas duas Irmãs, é forçado a resignar-se a vê-las sair definitivamente. Um ano atrás, com a chegada delas, ele parecia ter ganho a loteria!

É uma pena para todos. Mas Deus não pretende o impossível.

RETIRO ESPIRITUAL PARA AS SENHORAS

No dia 1.º de agosto, desde cedo, começam a chegar à Casa de Nossa Senhora, de Nizza Monferrato, as piedosas senhoras e senhoritas que pretendem participar do Retiro, atendendo ao convite feito através de uma circular e também do Boletim Salesiano.

Já passam de uma centena e são acolhidas cordialmente pelas Superiores e Irmãs da Casa, bem como pelo Pe. Cagliari, que está

(19) Cópia no Arq. Geral FMA.

sempre presente para recebê-las com os cumprimentos de Dom Bosco. No entanto, só se ouve uma pergunta: "E Dom Bosco? Ele não virá? Quando vai chegar?!",

Todas têm alguma coisa a lhe dizer, ou esperam ouvir dele uma palavra: outras querem oferecer-lhe um presente.

Os pregadores, já conhecidos pelo calor de sua palavra e pela virtude apostólica que os distingue, são o Diretor Geral e o Arcipreste da Matriz de Acqui, Cônego Raimundo Olivieri, que há dez anos assistiu, em Mornese, ao nascimento do Instituto. Agora, admirado, ele pode constatar seu admirável progresso.

É ele que, com uma meditação, já início ao Retiro Espiritual, destacando a importância desses retiros, preparados pela Virgem Santíssima, não por uma pessoa qualquer. Ninguém melhor do que Ela saberia providenciar para elas dias tão importantes e preciosos, também para alcançar as graças do Jubileu. Nos primeiros cinco dias ocorrem duas festas de Maria: a da Porciúncula — ou de Nossa Senhora dos Anjos — e de Nossa Senhora das Neves.

DOM BOSCO CHEGA

Espera-se para o dia seguinte a chegada de Dom Bosco. E ele não falta. Sua presença e o atendimento individual consolidam os bons propósitos e fecundam o terreno já enriquecido pela pregação, para uma eficaz ação apostólica.

O Pai não deixa de fazer na igreja o predileto sermãozinho de boa-noite. Depois das primeiras palavras de acolhida às retirandas, muito recolhidas e atentas, ele passa à exortação: procurar conservar a graça de Deus no coração; cumprir, com as melhores disposições possíveis, os atos prescritos para obter as indulgências do Santo Jubileu, dando muita importância à oração pelas intenções do Sumo Pontífice. Fala sobre as muitas e grandes amarguras que, na própria Itália, ele sofre por parte de seus filhos mais beneficiados. Aconselha a unir, à devota frequência dos santos sacramentos, o exercício da caridade cristã, nas formas mais bem aceitas pelo próximo e mais de acordo com as necessidades morais e materiais a que se costuma acudir.

No dia 5 — celebrando o primeiro decênio do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora — o assunto não pode ser diferente: Por que Dom Bosco assumiu também o encargo de uma nova família religiosa feminina?

Porque Nossa Senhora o queria, a fim de que se cumprisse plenamente o seu programa “Da mihi animas, cetera tolle”. Dom Bosco não fez mais do que obedecer.

Mas, para que esse programa fosse cumprido, não bastavam as duas famílias religiosas salesianas; era preciso a terceira: a dos Cooperadores e Cooperadoras de Dom Bosco, essa também querida por Maria Auxiliadora.

Por isso, todas as senhoras e senhoritas presentes, sem exceção, são convidadas por Nossa Senhora a ajudar o pobre Dom Bosco, através da oração, da vigilância, da exortação na família ou na escola, do bom exemplo e da esmola. São convidadas a não esquecer nunca que a divina tarefa de salvar almas é um dever sagrado para quem queira se dizer e se sentir de fato católico.

Ele aconselha a ler ou reler atentamente o que o Boletim Salesiano de julho deste ano fala sobre a esmola, e prende a atenção sobre o prêmio que Deus concede na vida presente e na outra, a quem tem o coração e as mãos abertas para a caridade espiritual e material. As almas salvas pela ação salesiana serão a mais bela coroa para os Cooperadores e Cooperadoras, no Reino dos Céus.

O venerado Pai deve ter lido nos olhos das presentes os vivos propósitos de bem que suas palavras suscitaram, porque concede a uma delas um precioso autógrafo.

Instituto das Irmãs de Maria Auxiliadora
em NIZZA MONFERRATO

Deus nos diz: “Dai, e vos será dado o cêntuplo na vida presente e o prêmio eterno na vida futura”.

Deus vos abençoe e vos conceda boa saúde.

Nizza, 5 de agosto de 1882

Sac. João Bosco

Conforme a paterna confiança de Diretor, Pe. Lemoine, Dom Bosco envia junto com uma carta ao Procurador Geral, Pe. Francisco Dalmazzo, um bilhete que começa assim:

“Estou aqui, na nossa casa de Nizza Monferrato, para um Retiro que se costuma proporcionar às professoras e às mães de família. São cerca de cento e cinqüenta e verdadeiramente edificantes: dão esperança de serem outros tantos apóstolos no meio do mundo”.

No dia 6 surge um novo aborrecimento para o venerado Pai. O doutor Martini, que não desiste de se vingar por ter sido dispensado

de seus serviços médicos da Casa de Nossa Senhora, manda-lhe uma insolente citação. Dom Bosco a recebe serenamente e entrega o caso ao advogado Gallo, também de Nizza.

Durante o tempo em que as retirandas estão ouvindo as pregações ou se confessando, Dom Bosco se dedica às da casa; entre essas, Letícia Lavagnino que, cedendo finalmente ao convite de Nossa Senhora dos Anjos, já está vestida de postulante, e a aluna Rosina Gilar-di, desejosa de consultá-lo a respeito da própria vocação.

Segundo suas próprias palavras, ela não somente é ouvida com paterna bondade por Dom Bosco e interrogada sobre a virtude angélica, mas recebe dele uma medalha com estas palavras tranquilizadoras: "Coragem! Um dia você será Filha de Maria Auxiliadora!"

Com os olhos brilhando de alegria, a jovem garante que conservará sempre no coração o olhar manso e profundo do Pai e nele buscará força e auxílio em qualquer momento de sua vida, que já promete não ser fácil.

Naquela mesma tarde, a boa-noite é quase uma despedida.

DOM BOSCO PARA O PAPA

Dom Bosco pensa que amanhã deverá estar em São Benigno Canavese, onde D. Ricciardi, Bispo de Ivrea, que está fazendo a visita pastoral, reservará um dia para aquela casa salesiana.⁽²⁰⁾

Fala, mais uma vez, daquilo que enche o seu coração e, lembrando às retirandas e às Irmãs o próximo dia 20, festa de São Joaquim, convida a reler o que o Boletim Salesiano⁽²¹⁾ recomenda para o conforto do Santo Padre Leão XIII. Insiste no pensamento de que, se os filhos de Satanás não se contentam de honrar seu maldito príncipe, mas se servem de tudo e sacrificam tudo para mostrar a força de suas perversas convicções, da mesma forma não é suficiente que os católicos dêem provas de sua devoção ao Papa no seu onomástico. É preciso que não poupem nem palavras, nem trabalho, nem sacrifício de tempo, de bolsa, de saúde e, se for preciso, até da própria vida, para se opor às insídias de Satanás. Assim também é necessário colaborar com os esforços do Pontífice para manter a integridade e a propagação da doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo e a renovação da sociedade moderna, mediante a educação cristã da juventude e o apostolado de bem nas famílias cristãs.

(20) Bollettino Salesiano, setembro 1882, ano VI, n. 9, pág. 151.

(21) Bollettino Salesiano, setembro 1882, ano VI, n. 8, pág. 129-30.

“As grandes dores, — diz Dom Bosco — são muitas vezes fontes de grandes consolações. Nestas horas de gravíssimas tribulações, o Papa espera muito das professoras, das mães cristãs, além de seus sacerdotes e religiosos. Portanto, que nenhum de nós falte ao apelo, e que a próxima festa do Papa nos encontre todos prontos para a luta aberta contra o mal, e entregues à prática dos deveres que a nossa santa religião e a caridade nos impõem”.

A noite, mãe dos bons pensamentos, dá o seu fruto. Na manhã do dia sete, entre as retirandas surge espontânea a idéia de oferecer a Dom Bosco a coleta do óbulo a ser enviado ao Papa, como protesto de filial devoção. A quantia é razoável e Dom Bosco fica satisfeito, prometendo comunicar pessoalmente à redação do “Unità Cattolica”, junto com outras ofertas recebidas com a mesma finalidade, a fim de estimular outras pessoas a seguir o exemplo delas. ⁽²²⁾

AGORA, NÃO! MAIS TARDE. . .

O cônego Olivieri, testemunha de tudo, e sempre mais encantado com o bem que vem sendo feito pelo Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, pergunta a Dom Bosco: “— O senhor não aceitaria entre elas o nosso grupo das Novas Ursulinas de Acqui? Desde janeiro deste ano começaram a viver em comum; pode-se dizer que elas são um ramo das Filhas da Imaculada, de Mornese. Eu, que sou o Diretor, poderia prepará-las, sem dificuldade, para realizarmos a fusão e a união. . . Que pensa disso, Dom Bosco?”

O venerado Pai reflete por um instante; depois, com um benévolo sorriso, responde: “— Agora, não. Continuem, por enquanto, sob a sua orientação. Depois, mais tarde; mais tarde!” ⁽²³⁾

O Cônego Olivieri espera realmente que mais tarde o grupo das Novas Ursulinas de Acqui se unirá às nossas. Se forem rosas, florescerão!

DOM BOSCO DEIXA NIZZA

Dom Bosco não parte sem ter ido ver os pedreiros trabalhando na nova construção, que deverá abrigar um locutório mais amplo, adequado a um colégio tão florescente; ele se ligará ao velho braço do ex-convento, pelas respectivas passagens internas. Dom Bosco aprova, anima as Superiores e os operários, e eleva a mente de todos à

(22) Bollettino Salesiano, setembro 1882, ano V, n. 9, pág. 156.

(23) A união realizou-se em 1913.

finalidade maior: “Que tudo seja feito por Deus e por Nossa Senhora, a fim de que tudo sirva para a salvação eterna do maior número de almas, nunca esquecendo a nossa”.

No corredor da igreja, a comunidade inteira se alinha para os cumprimentos agradecidos e devotos ao venerado Pai, cujo sorriso abraça a todas, alegrando os corações. Mas a palavra específica é para as postulantes: “Estas serão todas missionárias! Todas para as missões!”.

Depois que ele parte, começam os comentários: “— Será mesmo? Nós todas iremos para as missões? Até você, danadinha? Até aquela aí, tão tímida e recolhida?”.

Ângela Cagliero diz logo: “Se eu conseguir ser missionária, vou me lembrar sempre de Dom Bosco, como o vi nesta manhã durante o sermão, naquela atitude mortificada e angelical. Nem apoiava as costas supercansadas no espaldar da cadeira!”.

ALEGRIA RENOVADA

A despedida das retirandas reflete a alegria dos corações e o propósito das vontades. “— É impossível esquecer este Retiro! No próximo ano, nós todas voltaremos e vamos trazer outras conosco!”.

Mais ou menos ao meio-dia, do dia 14, já se encontram em Nizza o Diretor Geral e o Pe. Antônio Notário. Chegam as Irmãs para o Retiro.

Antes de terminar o recreio, o Pe. Cagliero aparece no pátio, para contentar especialmente aquelas que não o viram durante todo este último ano. Ele explica logo os motivos pelos quais desta vez o Retiro terá um dia a menos e uma festa a mais: a do Papa! Sente não ter podido acertar uma data melhor, que não fizesse passar em silêncio a maior festa de Nossa Senhora, mas promete que haverá festa da mesma forma, porque não faltarão a Missa e as Vésperas cantadas, e a pregação terá como tema as grandezas da divina Mãe e o poder de seu amor misericordioso.

É unânime a adesão das presentes, manifestada com fortes aplausos.

O encerramento, no dia 20, se faz com oito vestições, dezessete profissões, duas renovações e dezessete votos perpétuos.

Em algumas é evidente a vocação missionária, como no caso de Ângela Cagliero, Clementina Rabagliati e Úrsula Rinaldi. Nelas já se pode ter fundada esperança.

O sermão das “lembranças” resume a pregação feita nestes dias: vitórias quotidianas sobre os próprios defeitos, sobretudo os da mente e do coração, a fim de cumprir o dever de tender à santidade; assumir como próprios os sofrimentos da Igreja e do Romano Pontífice, e tê-los presentes na oração e na prática das virtudes cristãs e religiosas; nas escolas, nos oratórios e também entre parentes e conhecidos, descobrir os melhores meios de dar uma idéia da grandeza do Pontífice e do dever cristão da obediência, amor e veneração ao Papa, Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo na terra.

Os cantos na igreja, os versos no refeitório e a sessão acadêmica ao ar livre, na hora menos quente da tarde, expressam a devoção dos corações que homenageiam o Santo Padre e dão o programa de trabalho espiritual para o próximo ano letivo. ⁽²⁴⁾

FECHA-SE TAMBÉM A CASA DE CASCINETTE

Se em Nizza o clima é de festa, o mesmo não acontece em Cascinette, porque aquele 20 de agosto é o último dia de permanência das Irmãs na obra. O povoado está tristíssimo.

Aquela casa foi aberta por muita insistência do Pe. Pedro Quílico, reitor da paróquia e presidente da administração daquele Jardim da Infância. Desde o início não foi fácil convencê-lo a aceitar três Irmãs; como ele pretendia apenas duas, Dom Bosco jamais teria permitido a fundação. Ele mandara escrever: “Que sejam pelo menos três Irmãs, e que elas tenham possibilidade de ter também o Oratório festivo e uma sala de trabalhos”. Então ficou combinado assim: Se a administração não tivesse condições de fazer o pagamento total, as famílias da paróquia completariam a quantia, com ofertas livres e particulares. ⁽²⁵⁾

A Prefeitura havia sofrido prejuízos bastante graves para o seu orçamento; em vista disso, o pároco voltou a insistir com Dom Bosco para que limitasse a comunidade a apenas duas Irmãs. Mas Dom Bosco não cedia: “por razões de Regulamento e por causa de numerosos pedidos que recebia de outros municípios e de vigários, em melhores condições materiais e morais”.

(24) De relação oral de Irmãs contemporâneas.

(25) Ver Convenção 1.º/8/1880 — Arq. Geral FMA.

Isso se deu no primeiro semestre de 1881, tanto que, no dia 29 de maio, o Pe. Quílico escrevia que, em vista dessa resposta, no fim do ano letivo as Irmãs estariam à disposição do próprio Superior. ⁽²⁶⁾

No entanto, o povo tornou a propor uma contribuição em gêneros alimentícios, e as Irs. cederam às insistências daquelas pessoas, tão ricas de coração quanto pobres de dinheiro. Renovaram a experiência por mais um ano.

Hoje fazem o sacrifício de partir, porque mesmo essas ofertas espontâneas se mostraram absolutamente insuficientes para cobrir as mínimas necessidades das Irmãs e da casa.

RETIRO ESPIRITUAL EM TURIM

Na tarde do dia 24, um outro grupo de Filhas de Maria Auxiliadora se reúne em Valdocco, para fazer o Retiro anual, pregado pelo Superior Salesiano, Pe. Francesia, e pelo Pe. Notário. A Madre Geral está presente e não falta a assistência sempre desejada do Pe. Cagliero. Todas gostariam de poder receber pelo menos uma bênção de Dom Bosco, mas, como de costume, nesta época ele está com os Salesianos, também em Retiro.

O encerramento está marcado para o dia 1.º de setembro, com a alegria de três novas profissões e quatro profissões perpétuas. As “lembranças” são as mesmas que foram dadas às retirandas de 20 de agosto.

MORRE IRMÃ INOCÊNCIA BOLOGNA

No dia 3 de setembro, a “irmã morte” visita de novo a casa de Nizza Monferrato e leva consigo a jovem Ir. Inocência Bologna, verdadeiro modelo de calma, obediência e vida escondida. Ela estava pronta para o Céu, com apenas 23 anos de idade e dois anos e meio de vida religiosa.

Muito reflexiva, tinha uma única pena: a de se julgar completamente inútil para o Instituto. Mas as Superiores e Irmãs a consideravam um “modelo de piedade e trabalho”.

Felizes essas almas que, sem fazer barulho, correm depressa ao encontro do prêmio eterno, exaltando as maravilhas que a graça realiza nos corações simples e retos!

(26) Ver cópia das cartas do Pe. Quílico de 23 e 29 de maio de 1881 — Arq. Geral FMA.

A Madre Geral, que volta a Nizza a tempo de assistir ao enterro, consola as Irmãs com os testemunhos que brotam espontaneamente do coração, louvando as virtudes silenciosas da querida extinta e de tantas outras Irmãs que, como esta, sabem amar generosamente ao Senhor, na humildade e no sacrifício.

O destaque que a Madre dá a esses dotes preciosos revela claramente as preferências do seu coração de religiosa e de superiora, e as filhas se animam reciprocamente a praticar essas virtudes.

NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

À boa-noite a Madre transmite à comunidade as notícias de além-mar que trouxe de Turim.

Diz que as Irmãs do Uruguai desejam adquirir as virtudes da obediência e da caridade fraterna, para fazer de suas casas uma sala-de-espera do Paraíso e serem felicíssimas Filhas de Maria Auxiliadora e do querido Pai Dom Bosco.

A Madre comenta: “— Ótimo! É justamente dessas duas virtudes que nós precisamos, da manhã à noite, para sermos de fato boas Irmãs e deixar todos contentes: Deus, em primeiro lugar, Nossa Senhora e nossa consciência!”.

Acrescenta que a Inspectora de Buenos Aires escreve afirmando do as Irmãs da Patagônia fazem lá um grande bem, e espera visitá-las antes do fim do ano. E faz uma pergunta. “— Quem de vocês se sente preparada para ir ajudá-las?... Tantas assim? Mas, estar preparadas significa sentir fome e sede de sacrifício, sabiam? O entusiasmo vale pouco para quem não sabe ir espontaneamente ao encontro do sacrifício de cada momento, sem fazer cara feia e entortar o pescoço...”.

As Irmãs riem. Entenderam a lição. E a Madre continua: “— Agora eu lhes conto que, em junho deste ano, as Irmãs de Buenos Aires-Almagro tiveram uma função realmente solene, com o lançamento da pedra fundamental da primeira igreja da América dedicada a Maria Auxiliadora. Será a Igreja da comunidade. Padre Cagliari me disse que tudo será publicado no Boletim Salesiano deste mês; portanto, vamos aguardar o momento de lê-lo. Entretanto, pensemos que a “pedra fundamental” da nossa igreja pessoal — nossa alma — já foi colocada desde o batismo e a vocação religiosa salesiana. Cabe a nós fazer o possível para ir construindo, dia por dia, o edifício completo, como Maria Auxiliadora quer, em honra de Jesus Sacramen-

tado. Este pensamento não é meu, mas do nosso Diretor Geral; e cada uma de nós procure aproveitá-lo como puder”.

SOLUÇÃO PONTIFÍCIA PARA O CASO DO PADRE BONETTI

Finalmente, uma boa notícia!

Parece que os últimos dias de agosto trazem a conclusão da penosa história do pobre Pe. Bonetti. Embora não seja inteiramente satisfatória, ele tem a alegria de ter sido bem compreendido pelo Papa, cujas disposições acolhe com perfeita serenidade. ⁽²⁷⁾

“É uma graça que foi muito desejada — diz a Madre ao seu Conselho e que nós, Filhas de Maria Auxiliadora, jamais chegaremos a agradecer suficientemente a Deus e a Nossa Senhora, porque não podemos esquecer que os primeiros e mais agudos espinhos de toda essa história apareceram no nosso Oratório de Chieri. E nós sabemos que o zelo do Pe. Bonetti nos ajudou demais a orientar aquelas queridas meninas. Que pelo menos isso agora acabe de uma vez! Assim, também o nosso querido Dom Bosco se sentirá um pouco aliviado. Por algumas meias-palavras do Diretor Geral, eu pude entender que Dom Bosco não ignora o que se disse e se fez contra ele, suas escolas, seu sistema de educação, numa das localidades do Monferrato. ⁽²⁸⁾

Rezemos muito e peçamos orações pelo nosso querido Pai — exorta a Madre — porque a gente sabe que ele sempre tem o que sofrer; e nós não podemos, nem devemos ficar indiferentes aos seus sofrimentos. Nunca, e especialmente neste tempo de tantos ódios contra os padres que se consagram mais diretamente ao verdadeiro bem da juventude”.

MOTIVOS DIFERENTES PARA UMA MESMA EXORTAÇÃO

Irmã Marieta Rosi viajou para Turim, no dia 26 de agosto, para ser operada pela segunda vez. A Madre Superiora dá boas notícias dela, mas não esconde a preocupação: quando certas doenças se repetem, há perigo de que acabem mal. Convida a rezar também por essa intenção, porque a saúde é indispensável para trabalhar.

Até o dia 20 de setembro não se fala noutra coisa a não ser as inundações que atingem toda a Itália, com inúmeros desastres e perdas, especialmente na região do Vêneto.

(27) Ver anexo 1 b), cf. Ed. It., pág. 336-338.

(28) Cf. MB XV 579-581.

As Irmãs de Este escrevem poucas linhas que revelam toda a incerteza delas em relação ao futuro. Terão de abandonar o colégio?... Onde e como irão se refugiar? ⁽²⁹⁾

A Madre comenta: “— Estão vendo? Deus está chamando todos a fazer penitência. Ouçamos a voz do Pai Celeste, invoquemos com insistente confiança a materna ajuda de Nossa Senhora, e procuremos ser muito boas e fervorosas, para obter a graça de que esse flagelo cesse...”

PREPARATIVOS PARA O ANO LETIVO

Aproxima-se o reinício do ano letivo. É preciso fazer a limpeza do dormitório novo; do salão de estudo e de teatro, para que estejam prontos para a chegada das numerosas internas já matriculadas para o próximo ano. Comenta-se: “É um acréscimo de trabalho e de cansaço, mas, ao mesmo tempo, um novo meio de fazer o bem às meninas que virão; além disso, é outra forma de alegre penitência e de oferta para obter graças para todos, no meio de tanta água que está arruinando tudo”.

Mais ou menos no fim de setembro, Ir. Marieta Rossi volta a Nizza, com Ir. Teresa Baioni, sua companheira no Hospital Mauriciano. As duas têm muito a contar sobre a caridade com que foram tratadas, por serem “as Irmãs de Dom Bosco”.

PROPAGANDA LIBERAL...

Estando para iniciar o anterior ano letivo, Milão, liberal, com seu Congresso de professores primários, havia deliberado tirar Deus do coração das crianças, abolindo o ensino do catecismo nas escolas e convidando os professores a não tocar absolutamente em religião.

Este ano, justamente no início de setembro, Nápoles não apenas imitou, mas superou Milão no propósito de substituir o Reino de Jesus Cristo na terra, pelo de Satanás. Com seu Congresso de professores primários da Itália, propôs e ordenou que as crianças sejam educadas no ódio ao Papa, à Igreja e ao próprio Deus; que elas se tornem capazes de zombar de toda verdade sacrossanta, de desprezar a crença na imortalidade da alma, no juízo final, no inferno e no Céu. Numa palavra, educados para promover toda espécie de iniquidade.

(29) Cf. MB XV 659.

... E REAÇÃO

Os jornais católicos e os pastores de almas levantaram imediatamente a voz e não deixam de se opor a um atentado tão diabólico, exortando os pais e educadores cristãos a não perder nenhuma oportunidade de, em público ou em particular, esconjurar o perigo de termos, daqui a pouco, uma geração incrédula e perversa. ⁽³⁰⁾

O Diretor Pe. Lemoyne também não pode se calar, neste momento em que está se iniciando o novo ano letivo; por isso, ele se empenha em fazer conferências especiais às Irmãs de Nizza Monferato, exortando-as a dar catecismo: “— Salvemos a juventude, ensinando a religião; inculquemos na nossa querida juventude a paixão pelo ensino do catecismo nas famílias, nas escolas, nas paróquias, de modo que cada jovem se sinta atraída para esse apostolado, como por um irresistível ímã celeste”.

Em nome de Dom Bosco, o Diretor Geral manda por escrito, de Turim, mais ou menos as mesmas recomendações, junto com as últimas notícias vindas da América, com data de 14 de agosto.

NOTÍCIAS RECENTES DA AMÉRICA

A Inspectora, Madre Madalena Martini, garante que se sente muito melhor de saúde, depois de oito meses de sofrimento; alegra-se pelos progressos do Instituto no antigo continente, especialmente na Itália; reza e pede orações para que Deus o abençoe sempre mais, aumentando em todos os membros o espírito de fortaleza e de fervor na observância religiosa. Com filial simplicidade, pede que “não mandem para as missões Irmãs que tenham desejos de ser superiores; pelo contrário, façam com que elas se conscientizem dos trabalhos e sacrifícios inerentes à missão, onde o espírito de humildade, de renúncia e de dependência não podem ser inferiores ao zelo pela salvação das almas”.

O Pe. Cagliero transcreve quase textualmente um trecho da carta, traduzido para o italiano:

“Se eu soubesse que as próximas missionárias que virão não serão acompanhadas por V. Revma. e pela nossa nova Madre Geral, eu me atreveria a acrescentar: ‘Durante a viagem, estejam sempre juntas, não fiquem andando sozinhas para baixo e para cima no navio; falem pouco e não tenham intimidade com ninguém’.

(30) Cf. Bollettino Salesiano. outubro 1882, ano VI, n. 10, pág. 157-160.

Se me chamarem de volta à Itália, e eu tiver de abandonar para sempre este campo abençoado, paciência! Seja feita a vontade de Deus, custe o que custar! Embora as circunstâncias atuais das casas e do pessoal sejam tais que pareçam precisar de quem segure as rédeas de todas e de tudo, Deus me ajudará, e procurarei obedecer imediatamente, deixando cada coisa, do jeito que a obediência me indicar, entregando-me à Divina Providência, com tudo o que até agora me foi confiado.

Repito, de coração: iria sentir demais, porém, estou disposta, com a graça de Deus, a ir ou ficar, em qualquer lugar ou casa, ocupando-me somente de obedecer e amar o meu bom Jesus. É, pelo menos, aquilo que penso, se é que o amor próprio não me cegou completamente".⁽³¹⁾

Da carta de Ir. Ângela Vallese a Dom Bosco, o Diretor Geral manda uma cópia, para que sejam lidas para a comunidade as notícias gerais que transcrevemos aqui:

"O Céu me concedeu nestes dias um grande favor: O Revdo. Padre Costamagna chegou aqui no dia 20 de julho e ficou mais de um mês conosco, empregando todo esse tempo em fazer bem às nossas almas e às pobres meninas que freqüentam nossa casa. Pregou o Retiro, do qual participaram também as alunas maiores; aproveitaram tanto que, no encerramento, quase todas receberam os santos sacramentos.

Fundou aqui a Companhia das Filhas de Maria (são trinta e oito), o que foi muito edificante para as outras e até para as pessoas deste mundo perverso.

Revmo. Pai em Jesus, conto-lhe ainda que, no mesmo dia, duas Irmãs fizeram os votos perpétuos: Ir. Giovanna Borgna e Ir. Ângela Cassulo. As duas me pedem que lhe agradeça o grande favor que o senhor lhes concedeu por intermédio do Pe. Costamagna. Também a noviça que tínhamos aqui em casa, fez os santos votos...

Quanto ao resto, esperamos que Jesus e Maria nos ajudem a nos tornarmos santas; entretanto, nos recomendamos de todo o coração às suas orações, especialmente no Santo Sacrifício da Missa; queira pedir ao bom Jesus que nos abrase a todas no seu amor; e nós lhe prometemos que nunca haveremos de esquecer V. Sa. Revma. nas nossas orações.

(31) Cópia da carta de 14/8/1882, em espanhol, Arq. Geral FMA.

Finalmente, amado Pai em Jesus, aceite os cumprimentos mais sinceros, que de coração lhe enviamos, nós, suas pobres filhas da Patagônia.

Ajoelhadas a seus pés, pedimos sua bênção paterna, felizes de nos podermos afirmar

suas humílimas filhas em Jesus,
e a mais pobre e indigna delas.

Ir. Angela Vallese (32)

TERCEIRO CENTENÁRIO DE SANTA TERESA

O terceiro centenário da morte de Santa Teresa de Jesus levou o Pe. Bonetti — seu grande devoto — a tratar de sua vida no voluminho intitulado *A rosa do Carmelo*. (33) O livrinho foi lido na comunidade e entre as alunas, como preparação à festa de 15 de outubro “que se deveria celebrar mais solenemente que de costume — como diz a Madre superiora — seja porque se trata de um centenário e de uma Santa nossa particular patrona; seja porque cai num domingo e na festa da Pureza de Nossa Senhora; enfim porque Santa Teresa concorreu de algum modo para consolar o Pe. Bonetti, truncando exatamente neste ano a interminável série dos acontecimentos de Chieri, surgidas precisamente daquele Oratório muito florescente aos olhos dos maus”.

PARTIDA PARA A SICÍLIA E PROVAS INESPERADAS

Enquanto se fazem os preparativos para a festa, chega uma outra carta do Diretor Geral, marcando a data da viagem da Madre Superiora à Sicília. É a primeira vez que ela vai até lá; irá acompanhada pelo próprio Diretor, por Ir. Maria Genta e Ir. Angelina Buzzetti, escolhidas para a nova fundação de Mascali-Nunziata.

Na véspera da partida — 13 de outubro — a postulante Josefina Louvel, depois de dar sinais evidentes de desequilíbrio, volta ao lugar de onde viera. Estava conosco, em experiência, desde o dia 5 de julho. Fora mandada por Dom Bosco, que não pudera dizer logo um “não” a certas pessoas influentes que se interessavam pela moça. Aliás, não muito moça... A idade dela já era suficiente para torná-la

(32) Da carta de Patagones (25/8/1882) — cópia no Arq. Geral FMA.

(33) *Bollettino Salesiano*, setembro 1882, ano VI, n. 9, pág. 147 e outubro, n. 10, pág. 160-162.

pesada a si mesma e à comunidade; mas vinha sendo suportada caridosamente, na esperança de que chegasse a entender que não estava no lugar certo e se retirasse espontaneamente. Hoje, o problema se resolveu de forma inesperada, e todos vêem nisso uma graça providencial, embora o fato em si seja bastante penoso, pelas conseqüências, que deixou nas companheiras dela.

Depois de uns dois dias passados livremente em sua casa, a pobrezinha, já recuperada, começou a dar trabalho, com uma constante troca de cartas entre o seu administrador e o Instituto. A longa série de cartas e visitas insultuosas, se juntou um recurso ao Procurador Real. Por causa dos poucos bens que trouxera ao entrar no Instituto, fez surgirem falatórios e tantos aborrecimentos, que até o prefeito da cidade se preocupou. Ele bondosamente nos aconselhou que, em vez de sustentar nossos direitos, era mais conveniente aceitar as estranhas exigências daquela pobre mente, para acabar, o mais depressa possível, com a lamentável questão. Seu parecer foi seguido, sem demora.

No entanto, as provações não tinham acabado.

Depois de uma semana — no dia 21 — percebe-se a falta de duas noviças. Pensa-se: “Hoje é sábado e Nossa Senhora não deixará de vir nos ajudar”. Mas todas estão muito preocupadas.

Madre Vigária, então, não tem sossego, e convida-nos a multiplicar orações e ofertas para obter algum esclarecimento sobre o fato. Chega-se a pensar no pior, e, em angustiosa busca e insistentes orações, passa-se assim um dia e uma noite.

Finalmente, no segundo dia, chega uma carta do vigário da paróquia de Santo Estêvão (Alexandria), comunicando que as duas coitadinhas, exaustas de cansaço, foram se refugiar na casa paroquial, e ele estava com ambas ali, aguardando uma palavra das Superiores.

Madre Vigária, acompanhada por uma Irmã, toma imediatamente o trem que vai para Santo Estêvão, a fim de agradecer ao vigário a grande caridade e convidar as fujonas a voltarem para Nizza.

Uma delas, Rosa Garzo, aceita, enquanto espera o momento de voltar para junto da família; porém, Quinta Saglia prefere ficar logo independente e procurar um trabalho.

O acontecimento, bastante triste para as noviças e para as Irmãs, é uma lição que faz refletir e não será esquecida facilmente.

ATAQUE ANTICLERICAL

Ainda não se passaram muitos dias, e novos ataques nos vêm, através da imprensa. O jornal "L'Avvisatore Alessandrino" publica, no dia 4 de novembro, um artigo calunioso:

"Faz alguns dias que se ouve falar de um fato que, se for verdadeiro, deveria interessar um pouquinho à autoridade judiciária. Digamos que não passe de um boato; mesmo assim, é preciso que seja desmentido ou assumido por quem deve.

A história que corre de boca em boca é esta:

Uma velha criada de um padre honesto — não intrigante como alguns que funcionam como cabos eleitorais, mas pacífico, todo dedicado à religião — havia acumulado uma razoável fortuna, fruto de muita economia.

Que diabo teria entrado na cabeça dela? Um belo dia virou-se para o patrão e disse:

— Padre... é bom que o senhor arranje uma outra empregada.

— Que é isto? — respondeu o bom padre, arregalando os olhos — que loucura é esta?

— Não, senhor vigário. Tenho vocação para ser freira.

— Como? Na sua idade? Você está louca!

— Não adianta me dizer isso. O Padre... disse que a vida religiosa é a única estrada segura que leva ao Paraíso.

O bom padre, encolhendo os ombros, exclamou: "— Seja feita a sua vontade!"

Alguns dias depois, a velha solteirona partia para o convento que, segundo se diz, fica em Nizza Monferrato. No começo foi muito bem acolhida, mas não sei como foi que a coisa caminhou. O certo é que ela foi mandada embora, antes de ter vestido o hábito e sem ter feito votos. E lá se foi sozinha, pobre como Jó, porque a bolsinha dela já não existia mais... Passara a outras mãos.

Dizem que esse convento está sob a proteção do famoso Dom Bosco.

Atualmente, a miserável criada está meio louca, e é obrigada a mendigar; perdeu tudo o que tinha; é bem provável que acabe, por caridade, num manicômio, o que será até uma sorte para ela.

As freiras dirão que aquilo que entra no convento se torna propriedade de todas e que, saindo de lá, o indivíduo não é mais dono de nada. Mas, será que a criada solteirona sabia disso?

Por outro lado, hoje em dia esse direito não tem mais valor, uma vez que essas freiras não são reconhecidas pelo governo”.

Depois disso, valeria a pena desmentir publicamente os difama-dores? Por isso, o Pe. Lemoyne exorta: “— Cabe a nós sofrer por causa disso e rezar; aos superiores, tomar as decisões e tentar reparar o mal, seja qual for a origem dessas colúrnias”.

NOTÍCIAS DA SICÍLIA

Nesse meio tempo, para consolo de todos, chegam as primeiras notícias da viagem da Madre à Sicília. É Ir. Maria Genta que escreve.

Depois de dizer que só pessoalmente poderá contar os cansaços e as peripécias da viagem de Nizza a Nápoles, diz que a primeira parada foi a de Nápoles, na casa das Irmãs de Sant’Ana, muito dedi-cadas ao Pe. Cagliari. Depois, embarcaram de novo. Puderam gozar “delícias indescritíveis” no estreito de Messina, até que, sempre cer-cadas pelos paternos cuidados do Diretor Geral, chegaram à estação de Catânia, festivamente acolhidas por Irmã Camisassa e Ir. Piccono.

As Diretoras de Bronte e Trecastagni foram com elas à casa do Arcebispo, para a visita protocolar, e ele as recebeu como um presente do Céu. Ficaram alguns dias na casa de Madre Felicina, para descansar um pouco.

Não se podia dizer que a nova casa de Mascali estivesse perfeita-mente em ordem... Por isso, era preciso esperar algum tempo, mo-rando numa casa provisória, a fim de dar início ao trabalho combi-nado, ou pelo menos, orientá-lo.

O Pe. Cagliari começou os entendimentos com o arcepreste, Pe. Ângelo Patané; e quase todas as Irmãs das três casas se reúnem para um Retiro espiritual, que terminará com cinco vestições e uma profissão trienal.

E a Ir. Genta conclui:

“O tempo passa como por encanto. Quem conhece Madre Mora-no e Irmã Buzzetti, sabe como as duas têm um bom-humor inesgo-tável. Nestes dias, então, mais do que de costume, porque Irmã Buz-zetti, sabendo que será a Diretora da nova casa, chora e ri ao mesmo tempo inspirando os comentários mais engraçados de Madre Morano, que sabe manter todo mundo na maior alegria”.

Depois de pouco mais de uma semana, uma cartinha da Madre informa que Mascali parece um pequeno paraíso terrestre, e que o

clero do lugar é muito piedoso e cheio de zelo. Numa palavra, aquelas Irmãs podem se considerar felizes.

Antes que a Madre volte, chega uma outra cartinha de Catânia. Irmã Piccono resumiu tudo em poucas linhas: “o Pe. Cagliero e a Madre Superiora pensaram em tudo, para todas e para cada casa. Depois do Retiro, que terminou no dia 28 de outubro, cada qual foi para o próprio campo de trabalho. Quanto a nós, estamos em Mascali desde o dia 9 de novembro.

Voltando ao continente, a Madre leva consigo os nossos corações e a ilha inteira”.

Finalmente, no dia 20 de novembro, as Irmãs de Turim se alegram com a chegada do Diretor Geral e da Madre Superiora, de volta da Sicília.

A SOBRINHA-NETA DE DOM BOSCO É POSTULANTE

No dia 14 de novembro, as Irmãs de Nizza Monferrato se alegram com a entrada de Eulália Bosco como postulante. Quase todas a conhecem como sobrinha-neta de Dom Bosco, e muitas foram colegas dela em Mornese ou em Chieri. Ela mesma gosta de repetir o que o tio queridíssimo exclamou, quando ela lhe disse que estava decidida a entrar no postulado: “Oh! você é a minha consolação, Eulália!”. E comenta: “Ele me disse isso olhando para o alto, com os olhos brilhando de satisfação, porque, é bom que se saiba, mais de uma vez manifestara o desejo de ter entre seus sobrinhos um padre ou uma Irmã”.

DA SICÍLIA AO PIEMONTE

No dia 21, o último trem da tarde traz a Madre de volta, e assim a casa de Nizza também vive um prelúdio de aclamações onomásticas, que têm início na manhã do dia 22, primeiro na capela e depois na casa toda, até a tarde do dia 25, de formas variadíssimas, e ainda mais primorosas que as do ano passado que, no dizer de Madre Elisa Roncallo, foi um “ano experimental”.

A jovem postulante Carolina Grillo, que a Madre trouxe consigo da Sicília, se entusiasma com tudo aquilo e diz: “— Por que não podemos ter aqui também a minha bela e querida ilha? O Piemonte teria um pouco do nosso céu azul e estrelado, e a Sicília poderia se encontrar com Dom Bosco, como eu me encontrei, e gozar daquilo que eu estou gozando nesta grande casa de Nossa Senhora!”.

Além de gravá-las no coração, ela quis escrever as palavras de Dom Bosco: “— Pediremos a Nossa Senhora que não deixe você escapar. Ao nome de Maria, que o Pe. Cagliero lhe deu, eu acrescento: Filha de Maria Auxiliadora. E quando você professar, nós a mandaremos à sua Sicília, para acender lá o fogo. Não o fogo material, mas o do amor de Deus. Nossa Senhora lhe prepara muitas consolações!”.

Madre Superiora não fala das muitas alegrias que espalhou por onde foi passando, mas do bem que se poderá fazer lá no sul, onde o sol dardeja nas almas tanto como no azul do firmamento.

IRMÃ CEVENNINI, A PRIMEIRA DA SICÍLIA A IR PARA O CÉU

Na sua volta, a Madre deixou em Bronte a Ir. Rita Cevennini tão preparada para ir para o Céu, que causava inveja. A doente dizia: “— Como é doce saber que o prêmio eterno está próximo, depois de ter trabalhado e sofrido por amor a Deus e às almas!”.

A Madre gostaria de ter ficado com ela até o fim, mas o Diretor Geral lhe deu a entender que isso não estava nos planos divinos, e ela partiu. Agora o coração lhe garante que Ir. Rita já está na eternidade.

Passados poucos dias, chegam de Bronte as primeiras notícias sobre a morte serena de Ir. Cevennini; ela se foi no mesmo dia em que a Madre chegava de volta a Nizza, entre vivas e aplausos de suas filhas.

Irmã Rita sofreu muito, física e moralmente, edificando a todas pelo domínio alcançado sobre o próprio caráter. Enfrentou todo tipo de sacrifício no orfanato de Carcaci, em circunstâncias nada fáceis. Exemplo de Filha de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco no meio das órfãzinhas, alunas e oratorianas, tinha dado provas evidentes de grande fortaleza, durante a doença que a minava impiedosamente.

A administração da obra se ofereceu espontaneamente para custear as despesas de um tratamento especial no sanatório de Catânia, mas a doente não hesitou, nem por um momento, em preferir a pobreza do pequeno hospital de Bronte, onde podia contar com a assistência de suas Irmãs.

Antes que aparecessem os sintomas do fim, ela pediu que lhe pusessem um lírio entre as mãos, para estar pronta a chegar com ele à presença de Deus. Quando atenderam ao seu pedido, sorriu suavemente, e nesse ato, exalou o último suspiro.

Tinha pouco tempo de vida religiosa: apenas cinco anos e meio; mas eles foram preciosos aos olhos do Senhor, e conquistaram a estima de todos que tiveram contato com um espírito tão elevado.

NOVENA E FESTA DA IMACULADA

O primeiro dia da novena da Imaculada leva a outros pensamentos, “todos cândidos”, na expressão do Pe. Lemoyne, sempre fervoroso e poético. As mais novas da comunidade aguardam a vinda do Pe. Cagliari; umas, para vestir o hábito religioso, outras para receber a fita azul de Filhas de Maria. Mas o Diretor Geral escreve que, devido a circunstâncias imprevistas, não pode cumprir a promessa; e pede às Irmãs, noviças e postulantes, e também às internas, que conservem o mesmo fervor até o Natal, quando ele fará o possível para contentá-las.

IRMÃ BOCCALATTE VOLTA COM BOAS NOTÍCIAS

Chega de Borgo São Martinho a Irmã Luisinha Boccalatte, contando como foi a ida de Dom Bosco àquele colégio.

“...Neste ano também nós o tivemos conosco para a festa de S. Carlos; com ele, uma bonita coroa de padres, salesianos ou não.

Vinha celebrar a Santa Missa na nossa capela, e depois ficava conversando um pouco. Entre outras coisas nos disse: “— Tudo o que é bonito e anima a praticar a virtude, devemos dizê-lo; mas o que não leva ao bem, caemos. Infelizmente, nós já somos inclinados ao mal por natureza, e nos deixamos levar, sem ser preciso que nos dêem inspirações...”.

Passando pela cozinha, repetiu: “— Agora que a festa acabou e não há mais visitas em casa, preparem para nós coisas simples; polenta com abóbora, só”.

A nossa coziueira, na sua simplicidade, pensou que deveria obedecer literalmente, e passou a preparar todos os dias, um prato de polenta e abóbora, variando só o modo de fazer. Ainda bem que a Diretora percebeu a tempo de arranjar alguma coisa mais de acordo com o pobre estômago de nosso Dom Bosco.

O irmão coadjutor, encarregado de fazer a limpeza no quarto de Dom Bosco, conta que achara bom colocar um tapete naquele chão tão frio. Na manhã seguinte, encontrou-o debaixo da janela. E quando, de cabeça baixa, ele se apresentou a Dom Bosco, para saber

se estava precisando de alguma coisa, ouviu a resposta: “— Seja bonzinho, e não me arranje tapetes, sim? Se nós nos permitirmos certos luxos, eu tenho receio de que o Senhor não abençoe mais a Congregação e... quem sabe, deixe que ela se destrua. Não seria este o primeiro caso, em consequência da pobreza religiosa não observada.

Diga às Irmãs também que elas me desagradam, quando passam a ferro a roupa de cama e a roupa pessoal, porque isso não combina com quem fez voto de pobreza. É preciso estarmos atentos ao que é supérfluo, a não procurar comodidades desnecessárias. Sejamos econômicos, não desperdicemos nada. Enquanto vivermos como pobres, a Providência virá em nosso auxílio, e teremos condições de acolher alguns jovens a mais nas nossas casas. Esse é um grande bem que nós não devemos, nem podemos desprezar”.

No mesmo dia talvez, fazendo uma visita à sala de trabalhos, na hora em que costumamos fazer os 15 minutos de leitura espiritual, recomendou-nos que economizássemos o mais possível, também ao fazer os nossos trabalhos, para termos condição de receber mais jovens, e assim, salvar um maior número de almas. Demorou-se ainda mais refletindo: “— Lembrem-se de que todas as roupas que passam pelas mãos de vocês, bem como as travessas, painéis e painelinhos, podem ser meios para chegarem a tantos jovens que brincam, estudam e louvam o Senhor aqui na terra. Amanhã eles estarão no Céu, bendizendo a Deus, e serão a alegria e a coroa de vocês, por toda a eternidade. No meio de tanto trabalho, tão cansativo e sempre igual, pode ser que o demônio algumas vezes venha tentar vocês com o desânimo. Não dêem atenção a ele, fiquem alegres, porque o focinhudo tem medo de gente alegre, e foge”.

Terminou fazendo-nos rir com suas brincadeiras e perguntando: “— Vocês estão muito adiantadas no latim?”.

Nós respondemos em coro:

“— Imagine! Coitadas de nós!”

E ele:

“— Então... mais um motivo para estarem alegres, porque não tem nada a ver com vocês o ditado: “Defendam-se das mulheres que sabem latim!”.

Mais de um Salesiano comentou que desta vez, o que mais impressionou em Dom Bosco foi a gratidão para com todos os seus

benfeitores, mesmo os mais modestos, quase insignificantes. Alguns que vieram com ele, de Turim, contaram que a mesma coisa foi percebida nas palavras do bom Pai, no dia da consagração da igreja de São João Evangelista. De fato, nós lemos isso no Boletim Salesiano de novembro, e entendemos que Dom Bosco considera benfeitores seus, não apenas os que o ajudam de alguma forma a fazer o bem, mas também aqueles que não o impedem de fazê-lo”.

NOTÍCIAS DE BORDIGHERA

Chegam de Bordighera-Torrione duas notícias inesperadas: uma é a abertura da nova escola, anexa à pequena casa das Irmãs, e que é a esperança de muitas famílias do lugar. A outra é a respeito do clima que reina entre os familiares de Letícia Lavagnino, que não conseguem aceitar que ela tenha vocação. Eles haviam feito tantos planos, inclusive de ordem financeira... Segundo dizem, Letícia é um gênio musical, capaz de arrancar melodias dulcíssimas até de pobres instrumentos. Por que *obrigá-la* a ser freira?

Obrigar? Na verdade ninguém a força. É ela que deseja salvar a alma, evitando expor-se aos perigos, inclusive os de um teatro... Mas o mundo não sabe julgar e escolher de acordo com os caminhos de Deus; por isso, envenena com palavras e atos que só agravam as dificuldades do ambiente. A Diretora, Irmã Adele David, sempre mais firme na sua fé ardente, não liga muito para esses falatórios e continua impávida no seu apostolado.

CARTA DE BUENOS AIRES PARA O PADRE CAGLIERO

Chega uma carta da Inspetora de Buenos Aires, escrita em setembro. ⁽³⁴⁾ Talvez tenha ficado perdida no meio de outras endereçadas ao Pe. Cagliero, durante a viagem dele da Sicília ao Piemonte.

Madre Martini dá boas notícias das casas: é bom o espírito religioso e salesiano, cresce o número de alunas e oratorianas, entre as quais vai aumentando o espírito de piedade, com a inscrição entre as Filhas de Maria. Ela mostra um certo pesar por ainda não ter, na casa de Almagro, um local suficiente para receber tantas meninas que certamente poderiam freqüentar a casa.

Informa também sobre uma recente visita da irmã do Arcebispo. Para solicitar a desejada fundação de Morón, ele mandou mais dinheiro, a fim de cobrir as despesas necessárias.

(34) De Buenos Aires, em espanhol, 5/9/1882 — (Cópia no Arq. Geral FMA).

LEMBRANÇA DE IRMÃ CEVENNINI

Para lembrar Irmã Rita Cevennini, Dom Bosco quis que fosse dedicado a ela um artigo no Boletim Salesiano de dezembro. Nós o transcrevemos nestas páginas de crônica familiar, refletindo nas palavras do venerado Pai: “É coisa boa e santa conservar viva entre os presentes e os que ainda virão, a suave memória das almas especialmente santas”.

A PRIMEIRA IRMÃ DE MARIA AUXILIADORA FALECIDA NA SICÍLIA

O Celeste Esposo chamou a si uma das Filhas de Maria Auxiliadora, na nossa casa de Bronte, na Sicília. Com sua caridade, zelo e amabilidade para com as meninas, ela havia suscitado um grande entusiasmo no Asilo de Catânia — Carcaci — no Patronato de Trecastagni e, finalmente, no Colégio Maria, de Bronte. Tendo adoecido, sofreu com admirável resignação, e viu chegar o dia da morte com a alegria de uma noiva que vê muito próximo o dia de seu casamento. Foi chamada à presença de Deus na festa da Apresentação de Maria ao Templo; coincidência muito feliz para uma Irmã de Maria Auxiliadora, de apenas vinte e seis anos.

Para edificação de todos, publicamos a seguinte carta, que nos trouxe o anúncio de sua morte e de seus funerais, aos quais estiveram presentes mais de dez mil pessoas, num sinal de estima e de veneração.

Caríssimo Padre Cagliero,

com o coração realmente comovido, venho dar-lhe a dolorosa notícia da morte de Irmã Rita Cevennini, ocorrida ontem, mais ou menos às sete horas. Na vigília da festa da Apresentação, sentindo-se pior, pediu-me os santos sacramentos, que eu lhe ministrei na tarde desse mesmo dia e que ela recebeu com atitude angelical e santa alegria. Na manhã seguinte, dia dedicado à Apresentação da SS.ma Virgem, depois de termos rezado as últimas orações dos moribundos, entregou placidamente a sua alma ao Divino Esposo.

Justamente ontem, estava marcada a premiação das alunas. Como muitas pessoas tinham sido convidadas, foi preciso esconder a morte dela, até mesmo das Irmãs do Colégio, exceto a Madre e outras duas que se encontravam presentes no momento. Hoje cedo o corpo foi levado da igreja dos Capuchinhos para a do Rosário, com a pre-

sença de todo o clero. Cantou-se o Ofício dos Mortos e a solene Missa de "Requiem", e foi feita a encomendação.

Era indescritível a afluência de pessoas, durante todo o tempo. Às 15 horas sairia o enterro e aconteceu o inesperado: o povo todo estava do lado de fora da porta, e todos queriam ver mais uma vez aqueles restos mortais que, longe de inspirar horror, infundiam amor e veneração. As portas foram abertas, e toda aquela gente que enchia a grande praça, invadiu a igreja, pondo-se em volta do caixão aberto. Não se percebia nenhum odor, embora nada tivesse sido feito para evitá-lo.

Dali, acompanhado por todo o clero, muitas pessoas importantes do lugar, a banda de música e uma verdadeira multidão, o caixão foi conduzido ao cemitério, a quase dois quilômetros de distância.

As professoras da localidade também quiseram acompanhar o enterro, levando suas alunas vestidas de branco e usando véu de luto. Quando chegaram ao cemitério, Padre Felice disse algumas breves palavras que nos comoveram até as lágrimas. Foi um espetáculo que Bronte não se recorda de ter visto igual.

Louvado seja Deus que, chamando a si esta santa Filha de Maria Auxiliadora, quis mostrar a estima que os bronteses têm pelas Religiosas de Dom Bosco, e como apreciam a obra de santificação realizada por elas.

Abençoe-me no Senhor, e lembre-se de mim no divino Sacrifício, enquanto eu, com a estima de sempre e o mais profundo respeito, novamente me declaro

de V. S.a Rev.ma

humílimo e devotado servo em Jesus Cristo,

Padre José di Bella

Vigário forâneo ⁽³⁵⁾

PREPARAÇÃO PARA O NATAL

O Natal, como a Imaculada, é precedido por uma fervorosa novena e muitas "florzinhas" espirituais de toda a comunidade.

Nesse meio tempo, com as cartas de boas-festas, chegam outras notícias da França e da América.

Irmã Amália Meana pede desculpas pelo silêncio destes últimos meses e explica o motivo.

(35) Bollettino Salesiano, dezembro 1882, ano VI, n. 12, pág. 200.

A partir de agosto, Marselha também esteve tumultuada por violências socialistas, atentados anarquistas, fúrias de republicanos e manobras de comunistas. Por isso, elas seguiram o conselho do Inspetor, de não dar sinal de vida, nem mesmo por carta; ele mesmo daria um jeito de manter os Superiores e as Superiores a par de tudo.

Além das convulsões sociais e políticas, haviam aparecido uns casos isolados de cólera; por esse motivo, o Inspetor Pe. Albera tinha pensado em transferir o pessoal mais jovem para o vizinho subúrbio de Santa Margarida, com o objetivo de evitar os grandes perigos dos motins e da ameaçadora epidemia.

Irmã Meana acrescenta que todas as Irmãs foram preservadas de qualquer mal, a não ser o medo e os sustos. Atenderam ao pedido do Pe. Albera e foram cuidar da cozinha e roupa dos Salesianos de Santa Margarida, embora continuando sob a dependência da superiora de Marselha.

Atualmente estão esperando ver logo Dom Bosco, pois ele escreveu que pretende estar na França, mais ou menos no fim de janeiro.

Irmã Madalena Martini escreve de Morón (Argentina), no dia 10 de novembro, numa carta ao Pe. Cagliero:

“Finalmente foi aberta a casa de Morón, no dia 7 do mês passado. Fomos acompanhadas pelo Padre Superior e pela irmã do Ex.mo Sr. Bispo, Dom Aneyros.

Podemos dizer que esta é a casa do venerando Arcebispo, que pensou em tudo, desde a formação de um comitê de damas benfeitorias, à coleta de ofertas para conseguir a casa e tudo o que há dentro dela, e até no anúncio público de nossa chegada e da nossa missão aqui, para estimular as famílias deste lugar — aparentemente tranquilo, mas insidiado por muitos elementos perversos — a mandarem suas filhas à nossa casa.

Quanto à escola, não é o momento de se pensar, porque o ano letivo está terminando; mas, no catecismo e no oratório, sim. Vamos começar logo, de modo que esta gente fique nos conhecendo e possamos reunir as meninas, que já começaram a sorrir para nós e a aparecer por aqui.

Por enquanto, ficará como responsável por esta casa a Irmã Otávia Bussolino; a comunidade será de apenas três Irmãs. Mais tarde veremos o que fazer.

Chegamos justamente no início do mês de Maria, que aqui se celebra de 7 de novembro a 8 de dezembro. Portanto, foi Nossa

Senhora que nos trouxe aqui, e ela fará tudo por nós, se, de nossa parte, fizermos com que ela seja conhecida e amada, assim como o nosso Pai e Fundador D. Bosco.

A essa boa notícia, infelizmente tenho de acrescentar uma outra, nada bonita. Irmã Catarina Fino foi chamada da Patagônia, e está aqui conosco, não muito bem de saúde; e seu comportamento deixa a desejar... Ela sabe que está em experiência, porque até o Padre Inspetor mandou que tirasse o véu e se vestisse como postulante. Coitadinha! Atualmente não se comporta mal, mas é um peso para o meu coração, e eu a recomendo às suas orações".⁽³⁶⁾

NATAL

O Diretor Geral escreveu de Turim: não poderá vir, nem no Natal. Recomenda que se conserve 'o fogo na máquina', e que se cantem as glórias do Menino Deus, com o fervor dos Anjos na gruta de Belém.

É mais uma desilusão para o coração de todas, mas o Diretor Pe. Lemoyne nos exorta a tirar disso um novo motivo de amor desinteressado, no serviço divino.

A meia-noite santa é precedida por uma festinha muito original, que prepara uma entrada mais fervorosa na igreja.

Depois, como se faz em Turim-Valdocco, rezam-se as orações da noite, seguidas pela primeira Missa, com o canto do novo motete "Jesu Redemptor natus est", a três vozes, executado pelas Irmãs e alunas internas, enquanto se descobre a linda estatueta do querido Menino Jesus de Mornese, que nós costumamos chamar de "Menino Jesus de Dom Pestarino".

A segunda Missa, cantada, com uma breve homilia, é alegrada por 3 primeiras comunhões. Segue-se a terceira Missa, sem cantos. A saída da igreja é muito barulhenta, mas o refeitório já espera para um lanche. Dali, finalmente em silêncio, rumo ao dormitório, para encontrar o "presente do Menino Jesus", que está debaixo do travesseiro: um santinho, uma bugiganga, alguma coisa útil para a costura ou para a escola, uma ou duas balas.

Naturalmente, é impossível exigir a mesma disciplina silenciosa dos dias comuns; age-se com certa indulgência, enquanto as meninas gozam com as surpresas, numa alegria simples e franca. Depois, o

(36) Cópia da carta, em espanhol, Arq. Geral FMA.

sono chega, e tudo volta ao silêncio: Natal de inocência, Natal de amor, Natal de elevação espiritual!

CHEGADA DO PADRE CAGLIERO

A festa de São João Evangelista traz a Nizza o Diretor Geral. A comunidade inteira o acolhe com alegria. Pela primeira vez se realizará um tríduo, a fim de que as alunas possam se preparar para o novo ano e para a renovação das promessas do Batismo. Haverá uma preparação especial para as que foram aceitas como Filhas de Maria, e dela irão participar também as postulantes, principalmente as que foram admitidas à vestição.

O tríduo vai da tarde do dia 27 a todo o dia 31, em meio a uma intensa atividade espiritual e preparativos externos, para que as funções tenham a maior solenidade.

Nesses dias, o Diretor Geral encontra momentos para conversar separadamente com as Superiores, a quem dá notícias de Dom Bosco e da correspondência, sempre muito agradável, que lhe chega das Irmãs da América. A última carta veio da comunidade de Las Piedras, no Uruguai. ⁽³⁷⁾ Ele torna conhecidas as condições particulares de algumas casas, determinando a forma e o tempo em que devem ser tomadas algumas providências necessárias.

Com sua habitual paternidade, ele se interessa pelas inevitáveis dificuldades inerentes ao governo do Instituto. De acordo com o pensamento de Dom Bosco, decide que Madre Emília Mosca, além da direção geral das escolas e dos estudos, assuma também o internato, e que Madre Elisa Roncalo seja liberada para a tarefa de secretária da Madre Geral e diretora do Oratório Festivo, da Casa de Nossa Senhora. Começará assim o novo ano.

1882 deveria se encerrar com o canto solene do 'Te Deum', mas o Pe. Cagliero adia esse momento para o dia seguinte, durante as funções solenes. À noite do dia 31 ele manda que se cante o Salmo 50, em espírito de reparação pelas infidelidades e incorrespondências do ano transcorrido.

(37) V. anexo n. 9, cf. Ed. It., pág. 358.

ANO DE 1883

PRIMEIRO DECÊNIO DO INSTITUTO

O dia de Ano Novo está muito frio, mas a Casa de Nossa Senhora, de Nizza Monferrato, está quentinha de fervor. Além das funções previstas, Dom Cagliariero convida a todas a fazerem deste primeiro dia do ano, um turíbulo de incenso que acompanhe a oração de agradecimento ao Senhor e à Virgem Maria, por todos os favores concedidos ao Instituto, na sua primeira década da existência.

Esse acontecimento ainda não foi comemorado de maneira especial, embora Dom Bosco o tenha lembrado no dia 5 de agosto, ao dirigir a palavra às retirandas. Portanto, é justo que, pelo menos hoje, se torne motivo de gratidão especial e de alegria para todas.

É grande o fervor da comunidade inteira, mas a alegria maior fica por conta das dezessete neo-noviças, que já sonham com as missões. Também as numerosas internas que nesta tarde foram admitidas entre as Filhas de Maria, têm nos olhos um novo brilho de alegria.

UMA POSTULANTE “ESTRANHA”

Somente uma das postulantes se mantém afastada, com evidentes sinais de mau humor; não se faz muito caso disso, porque suas atitudes são normalmente bastante estranhas, e não aceita nenhuma palavra de conforto e de interesse por ela. Geralmente é educada, quase afetada, mas hoje parece francamente descortês.

Por isso, a deixam em paz, desculpando-a com fraterna compreensão; ter vindo da Sicília até aqui, e não fazer a vestição junto com a sua conterrânea, deve custar-lhe... coitadinha!

A própria Irmã Buzzetti, que em agosto a levava a Nizza, junto com Josefina Camuto, que agora é noviça, a fim de que fizesse uma experiência, não tinha mostrado grandes esperanças...

BOAS NOTÍCIAS DA ARGENTINA

Agradecendo as boas-festas de Natal e Ano Novo, Dom Bosco manda a Nizza o original de uma outra carta de Madre Madalena Martini, para que a comunidade partilhe com ele as notícias.

Rev.mo Pai em Nosso Senhor Jesus Cristo,

embora supondo que V. Rev.ma esteja informado, através do Pe. Cagliari, a respeito do que se passa conosco, quero assim mesmo dar-lhe algumas notícias, a fim de que, estando a par de nossas necessidades, queira, na sua caridade paterna, recomendá-las todas a Jesus e a Maria.

Está sendo preparada uma nova casa para as Filhas de Maria Auxiliadora, em Morón. Esperamos poder abri-la no mês que vem, que aqui é dedicado a Maria Santíssima, como o mês de maio, aí. Depois de Deus, é ao Reverendíssimo Senhor Arcebispo que nós devemos a casa de Morón. Ele é realmente um pai para nós e nos ajuda com muita bondade e dedicação. Temos muito a agradecer ao Senhor que quer se servir de nós, que não passamos de miseráveis instrumentos, para fazer crescer o seu reino no coração de tantas mocinhas que freqüentam as nossas escolas e oratórios festivos. Felizes de nós, se soubéssemos corresponder bem aos projetos de Deus!

Estou voltando da visita às casas de Colón, Las Piedras, La Boca e Santo Isidro. Encontrei as Irmãs cheias de trabalho, e ricas de boa vontade para ampliar o Reino de Jesus Cristo no coração das numerosas meninas a elas confiadas. Em todas as casas temos um grande número de alunas inscritas na Companhia da Imaculada. O fato de se saberem Filhas de Maria as anima à piedade, à devoção e à fuga dos perigos do mundo.

Recebi notícias das nossas Irmãs da Patagônia também. Lá, como aqui, trabalha-se muito, e o número das alunas do colégio de Santa Maria das Índias está aumentando. Reze, Rev.mo Pai, para que possamos orientar para Deus os corações selvagens de tantas pobres criaturas que a Divina Providência nos confiou, em ambas as margens do Rio Negro!

Para seu conforto, conto-lhe também que as muitas postulantes e noviças americanas estão animadas de verdadeiro espírito salesiano, e a todo custo querem seguir os passos das europeias.

A construção da nossa casa nova está indo adiante e daqui, da velha, nós a vemos crescer, e nos alegramos. Mas, o que mais nos alegra, é saber que, também na América, haverá um pequeno santuário em honra de nossa Santíssima Mãe Maria Auxiliadora. Que Deus não permita que tenhamos de interromper os trabalhos, por falta de meios. As meninas também estão contentes por ver crescer aquela casa, com a esperança de poder freqüentar a escola, o que agora não é possível, por falta de local. Realmente, elas são dignas de compaixão, pela grande necessidade que têm de ser instruídas nas coisas da Religião.

Fora alguns espinhos (creio que eles jamais faltarão neste mundo), nós todas estamos alegres e queremos ser santas a qualquer custo. É verdade que o inimigo das nossas almas nos faz guerra contínua, para impedir que tenhamos bom êxito nessa empresa; mas, não importa. Com Jesus, com a sua divina graça e a assistência de Maria Santíssima, conseguiremos a vitória. Assim esperamos, firmemente.

Quanto a mim, é tanta a alegria que experimento por ser Irmã de Maria Auxiliadora e estar na América, que não posso deixar de agradecer continuamente a Deus, por me ter concedido essa graça. Como o Senhor é bom conosco! Que felicidade seria a nossa, se pudéssemos amá-lo de todo o coração e ser todas de Deus! Por isso, nos recomendamos fervorosamente às suas orações.

Rev.mo Dom Bosco, queira aceitar os nossos humildes cumprimentos e abençoar a todas, especialmente aquela que, com toda estima, se declara,

de V. S.a Rev.ma

humílima filha em Jesus Cristo,

Irmã Madalena Martini ⁽¹⁾

IRMÃ MARIA TERZANO, MISSIONÁRIA DE DESEJO

Uma carta como essa reaviva em todas o desejo de ir para as missões.

Para Irmã Maria Terzano, com o desejo vem também a dor da renúncia. Já faz algum tempo, ela está de cama, à espera do último chamado de Jesus. “— As missões! As missões no exterior. — exclama

(1) Cópia no Arq. Geral FMA.

ma com um fio de voz e o ardor da febre que a devora — Elas foram o meu primeiro sonho de vocação religiosa e o cadinho do meu permanente martírio como Filha de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco. Não era essa a vontade de Deus. Mas logo eu estarei lá em cima, onde nada é negado e se alcança tudo; de lá eu descerei aos campos missionários, sem que ninguém me veja nem me ouça. . .”.

Ao pai, que lhe faz uma afetuosa visita, ela repete ainda uma vez: “— Então, papai, estamos combinados. Mesmo depois que eu morrer, você deixará para o Instituto o dote que era meu, a “Bruna”, papai. Quero que a “Bruna” fique para a minha família religiosa. Eu lhe agradecerei eternamente por isso; quanto a você, receberá desde já o fruto de uma grande paz”.⁽²⁾

No dia 31 de janeiro, Ir. Maria encerrava sua trajetória terrena.

Muito viva e ardorosa, em apenas quatro anos de vida religiosa ela se consumira no esforço da vontade e controle de si. Nunca se esquecerá da palavra que Madre Mazzarello lhe dissera: “Você irá para a América, no dia em que aprender a fazer bem o silêncio”.

Nizza inteira chora sua conterrânea. O pai pede a graça de poder ir logo ao encontro da filha, no Céu; a comunidade da Casa de Nossa Senhora inveja sua vida santa e morte tão suave.

Irmã Maria completara recentemente vinte e um anos de idade.

ÚLTIMAS PÁGINAS DE IR. BERTELLO E IR. MIGLIETTA

A notícia dessa morte é comunicada a Dom Bosco, pelo Diretor Geral que, enquanto nos dá os pêsames, prepara os ânimos para um outro luto na família. Bem a seu estilo, Ir. Eleonora Bertello está esperando apenas a palavra da obediência, para ir ao encontro do seu Jesus e da boa Mãe Maria Auxiliadora.

O Pe. Cagliero lhe presta uma assistência especial — contam as Irmãs de Turim — evitando com isso que a doente sofra por não estar entre suas Superiores.

Ainda estamos sob a impressão dessa morte iminente, quando chega a notícia de que, no mesmo dia 26 de janeiro, com diferença de poucas horas, a morte levou de Turim, não uma, mas duas Irmãs.

Escrevem a respeito de Irmã Bertello: “— Sentia que iria logo responder ao “Veni” do Esposo, e insistiu com o sacerdote para que

(2) Em tal propriedade será construído, em 1895, o Noviciado Central para as Missões, consagrado a São José, conforme desejo expresso pela própria Ir. Terzano.

lhe trouxesse a Eucaristia e ficasse junto dela na última hora. Mas ele tinha Missa marcada para aquela hora e mandou dizer a ela que o esperasse tranqüila. Esperou. E quando pôde receber a Santa Hóstia, tomou uma atitude de plácida morte. Durante dez ou quinze minutos, nós a vimos com os lábios em prece e um luminoso sorriso. Certamente deve ter-se encontrado com o Senhor, seu viático e seu prêmio, porque sua partida foi pouco mais que um suspiro . . .”.

De Irmã Teresa Miglietta foi dito: “— Ninguém pensava que ela estivesse tão preparada para o Paraíso, com apenas três anos de vida religiosa; agora, umas falam a respeito de sua cândida e ardente juventude na casa paterna; outras lembram a sua observância religiosa; outras, ainda, seu exemplo de obediência.

O Pe. Cagliero não pára de repetir: “As duas estavam com muita pressa de deixar este mundo feio e mau. Mas, como se enriqueceram para a eternidade, com sua perfeita obediência, mesmo nas coisas mais pequenas!”.

UMA CARTA DE NUNZIATA DE MASCALI

O Diretor Geral manda a Nizza a carta de Irmã Buzzetti, depois de ter escrito à Irmã Angelina que não ficasse acordada à noite para escrever à Madre, porque ele mesmo lhe transmitiria as notícias.

— “Sempre pai, e cada vez mais paterno conosco, que somos tão pobrezinhas!” — comenta a Madre com as Irmãs, que aguardam a leitura da carta. Nós a transcrevemos, para que fique como uma nova marca da simplicidade primitiva das filhas e da áurea paternidade do Superior.

Viva Maria Imaculada!

Reverendo e caríssimo Pai em Jesus,

estou chegando, sabe de onde? Da aula. Já temos dez alunas externas. À medida que elas aparecem para se matricular, nós as entretemos com alguma atividade; mas as aulas normais só começarão no dia 1.º de fevereiro. Ficou decidido que nós as aceitaríamos só até a idade de doze anos, mas . . . como fazer? Não há jeito de mandá-las embora. Por outro lado, o senhor recomendou-nos especialmente as mocinhas, dos doze aos dezoito anos, não é? Por isso, foi preciso fazer algumas exceções e receber algumas, pelo menos até quatorze anos. O que acha disso?

Ah! querido Pai! Se visse como elas são espertas! Temos a irmã do Sr. Maestro e outras duas que quereriam fazer a terceira série,

mas nós as deixaremos na segunda. Porém, estou com um problema: como o senhor deve saber, Irmã Maria nunca deu aula, não conhece método algum e nem tem instrução suficiente. O que fazer? Pensei o seguinte: Se Deus me conservar a saúde que tenho atualmente, eu mesma irei lecionar para as maiores. Porém... tenho receio de não ter tempo, porque no dia 1.º chegarão também as internas; creio que, por enquanto, serão quatro. Tenho de ser também porteira, porque Irmã Santina, estando na cozinha, não pode atender à portaria, porque uma fica muito longe da outra.

Ontem, Padre Francisco disse que, em maio, quer mais duas Irmãs; a pianista e a porteira. Eu não consigo convencê-lo de que, na Casa Mãe, não há Irmãs preparadas em música.

Mas... estou lhe falando a respeito das aulas... sem lhe ter dito, antes, que já estamos no colégio, e que a nossa entrada aqui foi comoventíssima. Irmã Morano, que por acaso estava aqui naquele dia 20 do corrente, chorou, chorou de alegria. A cerimônia foi toda religiosa, e tão bonita que superou toda expectativa. Foi assim:

Era um sábado e, por isso, dedicado a Maria. Bem cedinho, a magnífica estátua da Imaculada foi conduzida ao colégio; o senhor deve tê-la visto na casa do Sr. Arcipreste. Às 9 horas a nossa capelinha estava toda prontinha; e acima do altar, num lugar apropriado, a Mãe, como dona da casa. Estava tudo pronto para a celebração da Missa; os convidados já haviam chegado e, entre eles, também o Cavalheiro Zanghi com sua excelentíssima família. Os sacerdotes eram tantos que eu não os fiquei conhecendo, nem sei quantos eram. Parecia um dia de feira.

A função começou com a bênção da capela e da casa, dada pelo Sr. Arcipreste. O celebrante da Missa foi um sobrinho dele. Foi linda a celebração! Os cantos foram executados pelos Filhos de Maria, acompanhados ao piano pelo Padre Francisco Barbagallo.

Oh! querido Pai! Como foi comovente o momento que se seguiu à consagração! Nenhuma de nós conseguia conter as lágrimas. Pela primeira vez, Jesus descia pessoalmente àquela nossa casa, para nos abençoar! Que graça enorme!

Terminada a Missa, o Rev.do Pe. Ângelo disse algumas palavras que interessaram a todos os presentes. Começou dirigindo-se ao Rev.do Arcipreste que, sentado numa cadeira especial, parecia um verdadeiro Patriarca; elogiou o esforço dele para concluir aquela obra que lhe custou inúmeros sacrifícios e aborrecimentos. Por isso, comparou-o a grandes personagens do Antigo Testamento, como Moisés, Josué etc.

e terminou dizendo: “— Continua, meu caro, a tua obra; continua a suplicar a Maria Imaculada, de quem recebeste a ordem de construir este colégio para o bem da juventude, a fim de que venham copiosas bênçãos celestes sobre todas as juvenzinhas que serão acolhidas aqui”.

Depois, voltando-se para nós, falou assim: “— Ó Filhas de Maria Auxiliadora! Vocês vieram de lugares distantes, com um único objetivo: fazer o bem. Lembrem-se de que devem santificar estas paredes com a conservação de sua virgindade, a prática da pobreza e a bela virtude da obediência. Estas são as correntes de ouro que as mantêm unidas ao seu Esposo Jesus. Lembrem-se de que o Esposo que escolheram é santo, santíssimo. Santa, puríssima, é a sua Mãe Imaculada. Portanto, vocês, Filhas de Maria, devem ser todas puras e santas. Não se esqueçam também de todas as outras virtudes que adornaram a Celeste Mãe, quero dizer: a mansidão, a humildade, a caridade para com Deus e com o próximo, a mortificação e a simplicidade religiosa.

Recomendo-lhes, sobretudo, o bom exemplo. O homem de hoje valoriza mais os fatos do que as palavras. Façam muitas coisas, portanto, e as façam bem. Sim queridas Filhas de Maria Auxiliadora, nós confiamos aos amorosos cuidados de vocês a melhor parte da nossa paróquia. Eduquem na virtude o coração dessas queridas meninas; procurem instruí-las nos verdadeiros e sólidos princípios de nossa santa Religião, e um dia vocês terão o prêmio no Céu...”

Disse ainda muitas outras coisas e encerrou o discurso, convidando todos os presentes a louvar e agradecer ao Senhor pelas grandes coisas realizadas por Ele, e dizendo que a terra de Nunziata não será a menor nos decretos de Deus, como disse um dia o profeta Isaías, a respeito da pequenina terra de Belém.

Depois, tudo foi concluído com a Bênção do SS. Sacramento. Foi uma festinha simples, mas linda, lindíssima!

Como nos edifica ver esses sacerdotes tão unidos entre si! Pode-se dizer que eles formam, de fato, um só espírito e uma só vontade. Com tal exemplo diante dos olhos, esta população não pode deixar de ser muito ligada a seus Superiores Eclesiásticos e retribuir-lhes o amor com que é amada por eles.

Foi por isso, Pai, que Irmã Morano chorou tanto naquele dia: ela pôde constatar aqui aquela unidade tão desejável entre clero e povo, que acontece em pouquíssimos lugares.

Fizeram-nos uma sugestão. Se V. Rev.ma achar bom, poderá publicar no Boletim algumas palavras de elogio ao Sr. Arcipreste e a todos aqueles sacerdotes tão cheios de zelo pelo bem das almas, sem esquecer o prefeito Cav. Luís Zanghi, que é todo a nosso favor e se gloria de ver nascer este colégio no seu município. Será um motivo de maior entusiasmo para eles. A história poderia começar assim: "Em Nunziata, pequena localidade que pertence ao município de Mascali, foi aberto..." Isso poderia servir também de anúncio da abertura da casa. Mas, eu queria só dar uma idéia... Cabe ao senhor fazer ou não, conforme achar melhor.

Voltando a falar de nós, conto-lhe que todas as manhãs o Pe. Ângelo vem celebrar a nossa Missa, de modo que... Domingo daremos início ao Oratório Festivo. E já estou com um outro problema: as meninas serão mais ou menos cem; portanto, nem duas de nós seremos suficientes para o catecismo; além disso, ainda temos de cuidar das alunas externas e das internas que virão. Como fazer?

Ah! Pai... Vou parar de levantar esses problemas, porque não tenho mais tempo, e nem adiantaria, não é? Simplesmente nos recomendamos às suas orações, Sim, Pai, reze bastante, especialmente para...

Já faz quatro dias que comecei esta carta e...

Acabei de receber a música que o senhor nos mandou e agradeço-lhe. O senhor não recebeu a lista de livros escolares, de orações, santinhos, terços, medalhas etc. que lhe enviei, faz algum tempo, para que fosse remetida ao diretor da livraria? Estamos precisando desses livros, e não recebemos nada. Por favor, queira atender-nos o mais breve possível. Ainda tenho muitas coisas para lhe dizer, sabia? Mas a pressa me faz esquecer tudo.

Receba os cumprimentos do Padre Francisco; ele lhe agradece a carta recebida e manda dizer que, para a inauguração, que será em maio, quer (não sei nem repetir) a M... venha de B... de Niz... ou de Catânia.

Padre Ângelo também envia cumprimentos.

Irmã Marina, Irmã Santina e Irmã Marieta lhe querem muito bem; eu me uno a elas e, com todo o respeito me declaro, no Coração de Jesus, sua

M. Nunziata, 25 de janeiro de 1883

af.ma filha

Ir. Angelina Buzzetti (3)

(3) Original no Arq. Geral FMA. Cf. Bollettino Salesiano, abril 1883, ano VI, n. 4, pág. 61-62.

VISITA DO PADRE LEMOYNE A DOM BOSCO

A festa de São Francisco de Sales e a próxima partida de Dom Bosco para a França, levam o Diretor Pe. Lemoyne a Turim. Às Superiores, ainda debaixo da impressão dolorosa das mortes recentes, ele diz em tom animador: “É Nossa Senhora que está colhendo as flores mais lindas e perfumadas do seu jardim e as oferece a Jesus. Deixemos que Ela aja, e bendigamos o Senhor por tudo e sempre. Se, pelas horas da manhã, é possível avaliar como será o dia, também este mês de janeiro nos permite fazer um prognóstico do ano todo. . . Mas, quanto mais ele nos trazer pontadas ao coração, tanto maior será o bem do Instituto. E que abundância na colheita de almas! Pensemos só nisso, e fiquemos alegres!”.

A volta do Pe. Lemoyne traz uma alegria. Dom Bosco está contente com suas filhas e as abençoa paternamente; ele não se espanta com nenhuma miséria; recomenda a cada uma o trabalho, a vigilância, a lembrança do grande prêmio que está reservado para nós no Paraíso; e pede que o acompanhem sempre com a oração devota e fervorosa.

Às Superiores, Pe. Lemoyne acrescenta alguma coisa: a recomendação especial do Pai a respeito do trabalho, da vigilância e da lembrança do Céu, inspira-se evidentemente num de seus “sonhos” reveladores, que ele teve na noite de 16 para 17 deste mês. Parte do sonho é a clara indicação do Pe. Provera, que apareceu a Dom Bosco, lindo e luminoso: “Ser um bom vinhateiro e cortar os ramos secos e inúteis, para que a parreira seja vigorosa, dê frutos abundantes e dure por muito tempo. ⁽⁴⁾ É justamente esse o trabalho que Nossa Senhora está fazendo na sua vinha. ⁽⁵⁾ Por isso, o que hoje nos faria chorar, deve, pelo contrário, ser considerado como um verdadeiro motivo de gratidão, sem que deixemos de rezar pelos ramos menos vigorosos, que se separaram do tronco”.

Uma sensação de conforto invade o coração das Superiores; parece-lhes que, na verdade, foi Nossa Senhora que mandou aquela mensagem a Dom Bosco, expressamente para suas filhas; e demonstram seu reconhecimento, também ao bondoso Diretor que a trouxe de Turim.

(4) O sonho encontra-se em MB XVI 16.

(5) É evidente a alusão do pai às informações recebidas da América a respeito de alguma Irmã de pouco espírito religioso.

“JESUS CRISTO, NOSSO DEUS E NOSSO REI”

Da festa da Purificação, o Pe. Lemoyne tira assunto para dar a boa noite à comunidade e às alunas internas, reunidas na igreja. Ele diz que Maria Santíssima, toda santa como era, não tinha nenhuma necessidade de purificação; no entanto, ofereceu o seu Jesus ao Pai, como hóstia de redenção. E nós retribuímos isso, fazendo de seu Divino Filho o alvo de nossas iniquidades!

Portanto, por amor a Nossa Senhora, -exorta a renovar o propósito da última festa do Santíssimo Nome de Jesus: Pronunciar esse Nome adorável com suma reverência e, falando ou escrevendo, não deixar de lembrar o dever cristão de reparar as injúrias infernais que em toda parte lhe fazem.

Quando o Boletim chega, se lê com interesse, no refeitório, o artigo de fundo: “Jesus Cristo, nosso Deus e nosso Rei”.

A reação geral é de protesto: “Realmente é coisa de endemoniados chegar ao ponto de escrever o Nome adorável de Jesus nas ruas, para que seja inevitavelmente pisado pelos transeuntes! E isso, depois de ter tentado, por todos os meios possíveis, impedir que ele seja conhecido pelas crianças, cancelá-lo do coração dos adultos e desacreditar a Igreja, as autoridades e as mais benéficas instituições católicas. A parte final do artigo deveria ser copiada, para servir de motivo concreto de reparação e de apostolado, também através de cartas”.

É esse o pensamento das Irmãs, partilhado também pelas alunas mais ajuizadas.

“— Bendito seja Dom Bosco — conclui alguém — e abençoados sejam os seus filhos, que com tanta eficiência sabem combater os males da sociedade atual, e colocam muito fermento de bem nas numerosas falanges de Cooperadores das obras salesianas, nacionais e de fora do país!”.

Na boa-noite, a Madre pergunta se não seria o caso de transcrever a parte final do artigo nas memórias do Instituto.

O Diretor acrescenta ainda uma sugestão, muito bem aceita: rezá-la em coro, na adoração eucarística da terça-feira de carnaval, no dia 6 de fevereiro.

Portanto, diante de Jesus solenemente exposto, é uma só voz e um mesmo fervor que se eleva da devota igreja de Nossa Senhora das Graças de Nizza Monferrato:

“Jesus dulcíssimo, nós Vos reconhecemos como nosso Deus e, junto com os Anjos, os Patriarcas, os Apóstolos, os Mártires, as Virgens, os Confessores, os Doutores, os Reis da terra, com a Igreja e todos os povos cristãos passados e presentes, nós Vos adoramos como nosso Criador e Salvador. Diante de Vós, queimamos reverentes o incenso de nossa adoração e de nossas preces. A Vós sacrificamos os pensamentos da mente, os afetos do coração, as forças do corpo e, se for preciso, sacrificaremos a vida, derramaremos o sangue. Nós Vos reconhecemos igualmente como Rei dos Reis e Monarca Universal.

Nós Vos elegemos como Rei dos nossos corações e proclamaremos bem alto os vossos direitos soberanos. Pela defesa do vosso trono, pela difusão do vosso Reino, nós dedicamos a palavra e a pena, sentindo apenas não ter qualidades à altura do amor que nutrimos por Vós e pela vossa Igreja. E, como os súditos fiéis que, quando o Rei ou a Pátria estão em risco, dão o que têm de melhor para ajudá-los, assim faremos nós pela vossa glória. Não nos envergonharemos de ser vossos seguidores, vossos servos, vossos soldados, e nem nos esconderemos, por respeito humano, da presença de vossos inimigos. Se hoje a Paixão se renova para Vós e para a vossa Igreja, nós não Vos abandonaremos; mas, junto com o Apóstolo predileto, Vos seguiremos até o calvário, confiantes de que um dia Vos ouviremos repetir para nós aquelas consoladoras palavras que dirigistes aos fiéis discípulos: “Vocês são aqueles que permaneceram comigo nas tentações; e eu coloco meu Reino à disposição de vocês, como o Pai o entregou a mim, para que vocês comam e bebam à minha mesa, no meu Reino, e se sentem no trono para julgarem as doze tribos de Israel”.

Reinai, portanto, nosso Deus e nosso Rei; firmai nas nossas almas, nas nossas casas, nas nossas famílias, o vosso Reino, reino de justiça, de misericórdia e de paz. Sim, reinai em toda parte; mas fazei resplandecer a glória do vosso Reino na nossa Itália que, entre outros tesouros invejáveis, possui em seu seio o trono do vosso Vigário a quem entregastes as chaves do Reino dos Céus. Sim, ó Senhor, venha o vosso Reino! *Adveniat Regnum tuum!*”⁽⁶⁾

MORRE IRMÃ ROSA BONELLI

No primeiro dia da Quaresma, chega de Turim a notícia do sereno passamento de Irmã Rosa Bonelli, considerada por todas como uma pessoa totalmente desprendida de tudo o que não é Deus.

(6) Bollettino Salesiano, fevereiro 1885, ano VII, n. 2, pág. 24.

Escrevem de Valdocco que ela havia pedido a graça de fazer o purgatório neste mundo, e foi atendida; mas o Pe. Cagliari, que a assistiu, com coração de pai e de apóstolo, disse que jamais tornará a dar permissão a alguma de nós para fazer tais pedidos ao Senhor. Mas, nós a invejamos, porque teve uma morte santa. Ela mesma se preparou para ser colocada no caixão, dizendo que queria poupar às Irmãs esse trabalho. Ao terminar, exclamou: “Estou pronta para ir ao encontro do Esposo!”.

Tinha apenas vinte e sete anos de idade e seis de vida religiosa.

A quem lhe pediu uma lembrança para as Irmãs, ela respondeu: “Consciência tranqüila. Confessar-se cada vez, como se tivesse de morrer logo depois”.

NOTÍCIAS DA LIGÚRIA

Das casas da Ligúria chega notícia da passagem de Dom Bosco, que saiu de Turim no dia 31 de janeiro, para a visita anual às casas da França. Ele parou alguns dias em Sampierdarena. As Irmãs lamentam apenas que o viram extremamente cansado e, por isso, nem ousaram detê-lo, mesmo que fosse só por uns poucos minutos. No entanto, ao vê-las, ele sorriu, fez um gesto de bênção e repetiu a sua palavra mágica: “Façam tudo pelo Senhor, sim? Tudo por Ele!”.

As Irmãs de Alássio, mais arrojadas, se apresentaram todas juntas, na esperança de ouvir uma palavra. Então o venerado Pai disse: “Minhas filhas, vocês estão esperando de mim uma palestrinha, mas eu lhes digo apenas que procurem se santificar, sem esperar que os outros as santifiquem. Ajudem-me; sim, ajudem-me a salvar suas almas. Para isso, estejam sempre alegres e contentes, como se nunca tivessem de morrer, mas sempre preparadas, como se tivessem de morrer, de uma hora para outra. É esta a lembrança que eu deixo para vocês, para o ano inteiro”. Depois, ele as abençoou, deixando-as muito felizes.

Em Bordighera, aconteceu que o famoso Grígio de Dom Bosco tornou a aparecer, depois de trinta anos, todo festivo, e o livrou de um sério problema; ⁽⁷⁾ no entanto a permanência de Letícia Lavagnino em Nizza ainda fornece assunto para as más línguas, deixando Salesianos e Irmãs mal vistos, inclusive pelo Bispo de Ventimiglia.

(7) Cf. MB XVI 36.

Dom Bosco viu e ouviu tudo, animando todos a continuarem tranqüilos. ⁽⁸⁾

VOZES DE FAMÍLIA . . .

O Pe. Lemoyne recebe as últimas notícias americanas, por meio do Pe. Bonetti, que o faz em nome do Diretor Geral.

Através da carta que Madre Martini enviou de Buenos Aires-Almagro, no dia 16 de janeiro de 1883 ⁽⁹⁾, percebe-se que, sofrendo com a perda de Ir. Rita Cevennini, estão muito penalizadas com a grave moléstia de Irmã Rita Barilatti, uma das nossas primeiras vocações da América: pode-se prever que, para ela também, o fim está próximo.

A nova casa de Morón foi solenemente inaugurada, com a presença do Arcebispo que, durante a Missa, pronunciou palavras animadoras, exortando todo o povo do lugar a mandar suas filhas para o novo colégio, dirigido por Irmãs “tão boas”, a fim de que obtenham grandes vantagens de uma educação cristã. Também estavam presentes o Pe. Costamagna e outros Salesianos, entre os quais o Pe. Evásio Rabagliati, proveniente do Uruguai, e muitas figuras de destaque. Todos foram depois homenageados com a música da Banda do Colégio Salesiano “São Carlos”.

As Irmãs do Uruguai ficaram felizes com a graça inesperada de um Retiro especial para as Irmãs, depois de um ano inteiro em que quase sempre tiveram de se contentar com as pregações destinadas a toda a paróquia.

Nesse meio tempo, chegaram a Buenos Aires Irmã Teresa Mazarello e Irmã Teresa Gedda, “dois modelos de Religiosas” que, no encerramento do Retiro, farão os votos perpétuos.

. . . E VOZES HOSTIS

O Diretor Geral mandou ao Pe. Lemoyne, junto com as notícias da América, um artigo de um jornal turinês, que parece uma resposta satânica ao brado: “Jesus Cristo, nosso Deus e nosso Rei”, que Dom Bosco fez ecoar pela Itália inteira, através do Boletim Salesiano.

Tornando-o conhecido, o Diretor convida a rezar sempre mais por Dom Bosco, porque — diz ele — é natural que os milagres que

(8) Cf. MB XVI 37 e 463.

(9) A carta é dirigida ao Pe. Cagliero, em espanhol (cópia no Arq. Geral FMA).

Maria Auxiliadora realizou nestes dias, na França, por meio de Dom Bosco, acendam a ira dos maus. Por outro lado, esse é também um meio de propaganda para as obras salesianas, masculinas e femininas; elas são tão apreciadas que chegam a suscitar a oposição de quem deseja desacreditar o Fundador, cuja obra parece que já não encontra quem seja capaz de detê-la.

É bom que o artigo maligno seja inserido entre nossas memórias de família, para que — como diz a observação feita à margem por Dom Cagliero — “as filhas de hoje e de amanhã saibam quanto custam e quanto custaram a seu Pai”.

“DOM BOSCO E OS CONVENTOS — Dom Bosco, não satisfeito de aliciar numerosos rapazinhos, cujos braços serviriam aos trabalhos do campo e da indústria, e cujas mentes poderiam prestar algum serviço à nação; não contente de prender à sua Sociedade salesiana todas essas forças que, em determinado tempo, estarão prontas a irromper em favor do Papa e contra a Itália, Dom Bosco, já faz algum tempo, se voltou também para as meninas.

Abriu inicialmente um mosteiro, em Nizza Monferrato; nisso, ele é auxiliado por uma condessa beata a quem ele chama de mamãe de seus filhos [será a condessa Corsi?].⁽¹⁰⁾

Uma condessa que, podendo beneficiar seus parentes, mas muito bem iludida pelo santo de Valdocco que lhe promete um lugarzinho no Paraíso, ao lado de São Roque, e uma estátua nos altares, dá tudo o que tem para a causa do esperto Padre João.

Por meio dela, Dom Bosco hoje encontra sempre abertas as casas da aristocracia carola, que, além de magnânima, ainda possui alguns títulos de renda. . . Desse modo, ele pôde erguer um mosteiro também em Turim. Dentro de poucos dias, outros irão surgir na Itália.

E isso está acontecendo debaixo dos olhos do governo, sob a jurisdição de um Zanardelli que sabe muito bem que as instituições religiosas estão, por lei, abolidas de fato e de direito.

Com esse meio, Dom Bosco ajunta dinheiro; recruta suas vítimas entre as famílias abastadas. Como ele diz, conquista uma ovelhinha para Deus e um dote para os fundos de sua congregação.

Conheço um pobre pai que, por causa disso, está hoje a poucos passos da miséria, e chora uma pobre filha que morreu sem a sua

(10) Apostila do Pe. Lemoyne.

bênção, vítima da tuberculose, e com o coração em desespero, por não poder beijar pela última vez o seu pai [seria o médico Ferrero, em troca da gratuidade concedida às suas três filhas, no colégio de Mornese?].⁽¹¹⁾

Voltarei a tratar deste assunto e, se for o caso, direi tudo o que penso.

Mas, não seria a hora de o governo abrir os olhos e tomar providências?

Acate''. ⁽¹²⁾

O Pe. Lemoyne acrescenta um comentário seu: "Este é um córego que vem da mesma fonte: o ímpio periódico que sacrilegamente se intitulava: "JESUS CRISTO" e que, difamador que é, no mês de outubro escrevia, entre outras infâmias:

"... abre-se o bazar dos milagres. Faz-se de Dom Bosco um santo, e as roupas dele são vendidas aos pedacinhos como talismãs contra os males deste mundo e de outros mais. Por causa disso, são inventadas histórias de meninos que se tornaram santos, como a de Domingos Sávio, e igualmente de meninas como as irmãs Rigalotti". [Será que pretendia referir-se a Corina Arrigotti?].

DE NICE

Contraopondo-se a uma guerra tão indigna dos liberais e anticlericais turineses contra Dom Bosco, a França católica se apinha em volta dele nos lugares por onde passa, e coloca em suas mãos a esmola abundante que servirá para os orfãozinhos acolhidos em suas casas de beneficência, para a Obra do Sagrado Coração, que está sendo construída em Roma, e para suas expedições missionárias.

Confirma isso, com toda simplicidade, um relatório de Irmã Catarina Cei, de Nice, uma Irmã que, por natureza, não é inclinada a fantasias nem a exageros.

Ela se dirige ingenuamente a todas as Superiores e Irmãs da Casa de Nossa Senhora e, desculpando-se por não saber escrever como deveria, entra logo no assunto, em nome de sua Diretora e comunidade.

"Queremos que todas vocês de Nizza Monferrato gozem conosco, as de Nice, pela sorte que tivemos de ter tido aqui entre nós,

(11) Apostila do Pe. Lemoyne.

(12) Cf. MB XVI 458.

por uns dez dias (sabiam?), o nosso bom Pai Dom Bosco, e ter assistido a fatos que seriam inacreditáveis, se não os víssemos. Quantos visitantes, quanta gente em casa e fora, para ver Dom Bosco, receber uma bênção ou até um simples olhar do nosso querido “pai”, que é santo de verdade.

Contaram-nos que, durante as conferências dele, nem se respirava, por causa da multidão que se acotovelava para ouvi-lo melhor e não perder uma só palavra. Disseram também que as esmolas foram tantas que, por três vezes, foi preciso esvaziar as bandejas das três pessoas encarregadas da coleta: e eram todas moedas de prata e de ouro.

Dom Bosco se alegrava com isso, porque assim podia pagar também as muitas dívidas desta casa. Mas estava mais do que cansado, principalmente à noite.

Um dia lhe aconteceu uma boa, quero dizer, péssima! Tendo de fazer uma visita especial, junto com o Diretor e um grande benfeitor da cidade, para ir mais rápido quis atravessar o Paglione numa pinguela; mas ela era tão estreita que o pobre Dom Bosco caiu dentro d'água. Por sorte, não se machucou e não estava longe do Patronato, mas chegou aqui como se estivesse saindo do banho; e, por onde passava, ia deixando marcas...

Ao vê-lo naquele estado, todos se comoveram. ainda mais quando, com um sorriso, ele pediu: “Arranjem umas roupas para eu me trocar”.

Com lágrimas nos olhos, todos se perguntavam: “Será que temos?”. Na dúvida, suplicavam ao querido Pai que fosse se deitar. E ele teve de ir, forçosamente, pois não se encontrou nada para lhe oferecer: o que não estava sendo usado, estava na lavanderia.

O pobre Diretor, com um nó na garganta, lhe disse: “Como sinto isso! Vê-lo de cama, só porque não temos nenhuma roupa que possa trocar!”. Mas Dom Bosco respondeu: “Mas isso é um prazer para mim! A pobreza é sempre um bom sinal para nossas casas e sempre atrai as bênçãos de Deus. E ainda tem mais: enquanto o sol de Nice enxuga tudo o que entrou comigo na água, algumas horinhas de descanso não me farão mal, sabia? E amanhã eu estarei esperto como um rapazinho!”.

Esse pequeno incidente, digamos assim, foi providencial para a casa, porque, quando a coisa se tornou pública, houve uma verdadeira romaria de pessoas levando roupas brancas, fazendas, meias etc.

para que nunca mais seja preciso mandar Dom Bosco para a cama, por não ter roupas para ele trocar. ⁽¹³⁾

Nosso querido Pai não teve possibilidade de se dedicar a nós; no entanto, sentimos da mesma forma o benefício de sua presença e de sua santidade. Visitando a casa nova, passou também pela cozinha; enquanto ele estava falando com o Diretor, eu mexia a panela de sopa e, de repente, fiquei com uma bela mancha no modestino! Procurei logo disfarçá-la com a mão, para que não a vissem, mas... o que é que Dom Bosco não vê? Imediatamente ele me disse: "É assim que acontece na hora da morte. A alma que, ao morrer, tiver ao menos uma manchinha, sente que não está em condições de entrar na glória do Céu, e, espontaneamente, vai se purificar no purgatório". Essas palavras, que repeti depois na comunidade, valeram para nós como um sermão.

Naquele mesmo dia, na cozinha, sem querer eu ouvi o Diretor dizer a Dom Bosco que era obrigado a incomodar com muita frequência os benfeitores, e muitos deles se mostravam aborrecidos. E ouvi também a resposta de Dom Bosco: "Seja esperto: o que lhe dão em dinheiro e ofertas, é para os seus filhos; mas guarde para você as mortificações".

Foi mais ou menos o que disse a nós, fazendo-nos entender que aquilo que custa mais, tem mais valor, e que, para salvar as almas, não se devem contar os sacrifícios".

O relatório de Irmã Ceí sobre Dom Bosco termina aqui; mas outras Irmãs acrescentam alguma coisa.

Irmã Teresa Facelli diz: "A batina de Dom Bosco bem que podia ter ficado no Paglione! Já estava tão desbotada e rala, que todas nós dissemos: Quanta pobreza numa pessoa tão grande!".

O comentário de Irmã Catarina Caspani é mais detalhado: "Nosso bom Pai chegou aqui com o sobretudo todo picado pelos viajantes que ocupavam com ele o mesmo vagão do trem: foi o que nos contaram. Logo que chegou, ele disse ao Diretor: "Peça às Irmãs que tenham paciência e dêem um jeito neste negócio aqui!".

Muitas de nós ficamos trabalhando até depois da meia-noite, tentando deixar aquele sobretudo em condições razoáveis, tão esburacado ele estava. Depois, nos dias que ele passou aqui, a coisa ficou um pouco melhor, porque, sem que ele percebesse, enquanto dormia, nós substituímos o sobretudo por um novo. Assim, podíamos cortar

(13) Cf. MB XVI 39.

e repartir a presa entre as senhoras e os homens da cidade, sem que precisassem destruir o que Dom Bosco estava usando”.

“Eu também tive a sorte de ajudar a remendar a pobre roupa de Dom Bosco — escreve a noviça Irmã Luisa Bosso. Nas pregas de trás, chegava a faltar um bom pedaço, que alguém cortara para fazer relíquias; e que trabalho deu para consertar esse mal feito! E as Irmãs mais antigas da casa dizem que isso não chega a ser novidade”.

Irmã Modesta Berta, outra noviça, conta: “Irmã Luisa Bosso e eu estávamos com muita tosse, quando Dom Bosco entrou em casa. O médico tinha dito que seria preciso um bom tratamento. Sendo noviças, ao incômodo da tosse se juntava a pena de talvez não poder professar e ter de voltar para casa. A Diretora conseguiu para nós uma bênção do nosso querido Pai; e as duas já estamos curadas”.

DE LA NAVARRE A SAINT-CYR

A Diretora de La Navarre, Irmã Telinelli, e a de Saint-Cyr, Irmã Hughes, não demoraram a se manifestar. Escrevem que, em ambas as casas, Dom Bosco levou a bênção de Maria Auxiliadora.

Algumas Irmãs de La Navarre participaram do lançamento da pedra fundamental da nova capela, e da bênção do novo edifício que vai permitir receber até cento e cinquenta órfãos.

Aquele 7 de março tinha sido marcado pelo mau tempo, mas nem por isso os numerosos benfeitores e admiradores da obra deixaram de aparecer e não deram folga a Dom Bosco, que não pôde se entreter com suas filhas, nem por alguns minutos. Mas elas não ficaram sem o sorriso dele e a sua palavra, transmitida a elas pelo Pe. Álbera e Pe. Cerruti, os Superiores que o acompanharam. E, antes de partir, Dom Bosco mesmo lhes disse, com visível satisfação: “Muito bem! Muito bem! Eu sei que vocês partilham com os Superiores da casa o trabalho e os sacrifícios; irão dividir com eles também o prêmio eterno. Coragem! Estejam sempre alegres!”. E paternamente as abençoou.

Muitas pessoas importantes visitaram Dom Bosco em Saint-Cyr, e puderam testemunhar alguns milagres. As Irmãs entenderam que o bom Pai havia percebido a pobreza delas, que chegava aos limites da miséria, e toda a paciência com que se dedicavam às quarenta órfãzinhas, procurando torná-las boas, trabalhadeiras, e mantê-las fortes e sadias, apesar da penúria material da colônia. Ouviram dele a promessa de que falaria sobre elas com Maria Auxiliadora e também

com os benfeitores do lugar. Por isso, ficaram muito satisfeitas, e esperam muito da sua bênção e do seu coração de santo.

No dia seguinte à partida de Dom Bosco — 8 ou 9 de março — elas receberam a visita da senhora Melânia Revest, que já havia sido operada de hidropisia, por três vezes, sem resultado. Agora, depois da bênção de Dom Bosco, está perfeitamente bem, tendo sido curada instantaneamente. Ela havia desejado que Dom Bosco fosse vê-la em sua casa, mas ele não pôde atendê-la, porque a mansão da senhora ficava longe e sem possibilidade de acesso em charrete. Mandou então dizer-lhe que tivesse fé: quando ele passasse de trem pela estrada, a mais ou menos cem metros da casa dela, iria abençoá-la em nome de Maria Auxiliadora. A graça veio do Céu, na mesma hora, e de modo prodigioso. Por isso, ela sentiu necessidade de ir agradecer pessoalmente a Nossa Senhora, naquela casa cujas órfãs serão, de agora em diante, as destinatárias preferidas de sua beneficência. Estando entre as mais próximas do Orfanato, vai ser fácil para ela conhecer as necessidades mais graves da obra e remediá-las, na medida do possível.

SEXTA-FEIRA DA SEMANA DA PAIXÃO

No dia 16 de março, sexta-feira da semana da Paixão, a Casa de Nossa Senhora de Nizza Monferrato se recolhe em devota homenagem, diante daquele querido quadro de Nossa Senhora das Dores, que é para todas uma lembrança de Mornese e do Padre Pestarino.

O dia 18 — domingo de Ramos — é dedicado às funções próprias, e o dia 19 — festa de São José — leva a uma oração mais intensa pelo Papa, pelas famílias cristãs e religiosas, pelos moribundos e sofredores, pela Itália tão atribulada, e por toda a Igreja militante.

No dia 20 — terá sido um presente de São José? — o Sr. De Rossi entrega a declaração oficial de que a questão entre o Instituto e a Louvel está definitivamente encerrada. Deo Gratias!

A experiência é mestra de vida. Nunca mais, nunca mais receber postulantes com muita idade, apenas para contentar alguém que se apresenta como advogado e protetor delas. Foi isso o que Dom Bosco disse ao Pe. Cagliero, para que ele o repetisse às Superiores de Nizza.

SEXTA-FEIRA SANTA

No dia 23 — sexta-feira santa — chegam da América, Irmã Jacinta Olivieri e Ir. Catarina Fino, cuja volta já fora comunicada

pela Inspectora de lá. É um espinho que há muito tempo vem afligindo as Superiores e, afinal, essa foi a única solução possível.

Já não estão usando o hábito religioso, e a atitude delas impressiona tristemente as Irmãs que, em janeiro de 1879, se despediram delas e das outras missionárias destinadas a Buenos Aires e à Patagônia, cheias de desejos de fazer o bem. O Pe. Cagliero diz que o motivo dessa mudança foi a fraqueza e o fechamento do coração. Por isso não se cansa de repetir: “Coitadas!”.

Na manhã do sábado santo elas partem, no primeiro trem, para Turim, onde são esperadas pelos Superiores.

As muitas interrogações e suposições sobre esse doloroso acontecimento obtêm resposta quando, uns dias depois, chega a Nizza a carta que o Pe. Cagliero recebeu do Pe. Costamagna. É uma carta dolorosa que começa assim: “Ah! quantas cruces, e como pesam!”.

Diz que Irmã Catarina já havia saído escondido uma vez, da casa de Morón. Depois de doze horas, foi encontrada no caminho por algumas Irmãs que estavam voltando do Retiro, e foi com elas para Almagro; esse fato deixou Madre Madalena Martini imersa na mais profunda dor.

Como a coisa ameaçava se repetir, foi decidido que ela voltaria para a Itália.

O Pe. Costamagna acrescenta que as Irmãs mais antigas dizem que Irmã Catarina tivera pouco tempo de noviciado e nem pôde ser bem conhecida por Madre Mazzarello, devido ao número grande demais de postulantes. E que talvez tenha sido mandada para a América, apenas pela necessidade de se completar o número das viajantes.

Mais penosa ainda é a situação de Irmã Jacinta, a respeito da qual não resta senão cantar o “descanse em paz”... Ela perdeu a vocação, por soberba e falta de confiança nos Superiores e Superiores. Quanto à Irmã Fino, ainda se pode ter alguma esperança...

Ele conclui assim: “Uma coisa é certa: se nós pecamos, foi apenas por excesso de bondade e longanimidade; elas mesmas podem dizer isto...”. Acrescenta, por fim, que Madre Martini continua muito doente, e dá notícias do Pe. Fássio e de Irmã Josefina Piccardo, que há dois dias partiram para Patagones. ⁽¹⁴⁾

DEPOIS DO AMARGO, O DOCE

Uma outra carta, também endereçada ao Pe. Cagliero, vem de Irmã Ângela Vallese, com data de 2 de fevereiro. Embora seja “o

(14) Original — em espanhol — de 27/2/1883, Arq. Geral FMA.

doce depois do amargo” — conforme disse Dom Bosco — nós transcrevemos aqui apenas os trechos mais importantes:

“Nossas meninas também mostram grande empenho em fazer o bem, mas têm a cabeça dura... Mesmo assim, muitas foram premiadas após os exames finais. O fato de receberem um prêmio é para todas um grande estímulo, já que aqui nunca se usou premiar os esforços nos estudos, no trabalho e no comportamento.

No próximo ano, esperamos ter um número maior de alunas internas e externas, e assim ganhar mais almas para Deus, e afastar tantas dessas pobres meninas do caminho da perdição.

Quando é que iremos ver aqui entre nós o Padre Cagliero ou a nossa querida Madre Superiora? Que consolo seria para nós!

Entretanto, o que nos conforta é ter Jesus sempre e todo para nós. Ele nunca nos abandona. Que pelo menos possamos amá-lo muito e fazer com que Ele seja amado pelas meninas que, para isso, manda a esta casa!

Quanto à observância da Santa Regra, creio que existe, embora nem sempre tão perfeita como se gostaria. Todas nós temos muito boa vontade de nos aperfeiçoarmos cada vez mais, e caridade e obediência não nos faltam. Por isso, temos esperança de nos tornarmos realmente santas e, um dia estar junto com nossos queridos Superiores e Superiores, na glória eterna. Rezamos sempre por todos, conservando cada um bem dentro do nosso coração de filhas devotadas e muito gratas.

Uma lembrança especial para Dom Bosco, nosso venerado Pai, pedindo que abençoe as suas primeiras e humildes missionárias da Patagônia”.⁽¹⁵⁾

Não se pode negar que dessa carta a comunidade tira boas lições e motivo de edificação; principalmente aquelas que já sonham com a vida missionária, comentam entre si que, na simplicidade de Irmã Ângela Vallese, transparece o bom espírito de sua comunidade.

MANHÃ DE PÁSCOA

Os sinos de Aleluia pascal já estão falando de ressurreição. O Diretor Geral, não querendo que a dolorosa volta das missionárias falidas faça passar a Páscoa com o coração em quaresma, consegue

(15) Carta de Madre Vallese ao Pe. Cagliero, de 2/2/1883. Original — em espanhol — Arq. Geral FMA.

fazer chegar. naquela mesma tarde, um bilhete com palavras de conforto para as Superiores e Irmãs:

“Mas, o que é isso, minhas filhas? Vocês não sabem que Nossa Senhora não deixa lugares vazios em sua fileiras e que, se uma vai embora, cinco ou dez vêm, para dar coragem a quem fica?”.

Depois convida o Pe. Lemoyne a fazer um tríduo de preparação para as novas candidatas à vestição da próxima quinta-feira, 29 de março, e diz que fará todo o possível para estar presente.

Portanto, o glorioso “Dia do Senhor” amanhece cheio de serenidade para toda a Casa de Nossa Senhora.

Mas a tarde traz uma outra nota triste.

MORTE DE DOM GASTALDI

Chega de Turim a notícia da morte imprevista do Arcebispo, Dom Gastaldi. A cidade inteira está de luto. Dom Bosco ainda está em viagem, voltando da França.

VESTIÇÕES EM NIZZA

Apesar dos compromissos do começo da semana, inclusive as cerimônias fúnebres pelo Arcebispo, o Pe. Cagliero consegue cumprir a promessa: chega a Nizza na tarde do dia 28.

Como verdadeiro filho de Dom Bosco, ele descobre os meios de levar serenidade, mesmo nos momentos de vendaval.

Por isso, pede que lhe apresentem, uma por uma, todas as postulantes que, no dia seguinte, receberão o hábito religioso. Não quer tristeza: a festa deve ser completa, total.

A sua boa-noite, na véspera do dia da vestição, tem um tema obrigatório: “Rezar, rezar muito por todas as que foram admitidas, a fim de que possam perseverar e ser verdadeiras Filhas de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco”.

Pela manhã, um grande surpresa! Em vez de doze, são quatorze as postulantes que se aproximam do altar para receber o hábito religioso: é que estão ali também Eulália Bosco e Letícia Lavagnino, que havia ficado indecisa até o último momento. O que aconteceu?

As Irmãs, e até as alunas internas, dizem: “Letícia Lavagnino é o triunfo da paciência da Madre e da incansável caridade do Pe. Cagliero. Esperamos que ela realmente continue a se santificar!”.

O Diretor Geral não sai de Nizza sem dar notícias de Dom Bosco, que atualmente está em Marselha. Não desce a pormenores.

mas diz que, por onde passa, ele encanta as almas e abre os cofres, com a sua humildade, simplicidade e caridade sem limites, espalhando milagres de graças celeste para a vida presente e a eternidade.

CARTA DE MARSELHA

Para confirmar o que já se sabia, chega uma carta de Irmã Meana:

Marselha, 8 de abril de 1885

Reverendas e queridas Madres e Irmãs,

eu queria e deveria contar muitas coisas boas e bonitas que aconteceram no mês de março, pois sei que as nossas queridas Superiores e Irmãs de Nizza estão desejosas de sabê-las. No entanto, terei de me limitar a poucas referências, porque... não sei onde achar tempo para escrever. É verdade que hoje é domingo, mas até os nossos domingos são cheios como um ovo...

Bem, que este começo valha como desculpa e me alcance o perdão por ter de resumir.

Sim, tivemos aqui conosco o nosso querido e santo Pai Dom Bosco; porém, foi quase só para gozarmos com a alegria dos outros... Quanta gente! Quanta gente o prendeu para si!

Ele veio a Marselha na metade de março, e saiu daqui na última segunda-feira, 2 de abril, depois de ter comovido todo mundo com sua presença, sua palavra e seus milagres. Só os Anjos poderão contar isso direitinho, porque nenhuma de nós seria capaz de fazê-lo. Nós, suas filhas, humildes diante de tamanha glória do Pai, passávamos o dia cantando no trabalho estafante, para que a casa de Saint Léon não fizesse feio, e tentando recuperar, do melhor modo possível, as forças tão combatidas do nosso santo. Como nos sentimos felizes com a sorte que nos coube!

Eu lhe garanto, Madre querida, que nem por um momento gostaríamos de trocar de lugar com a mais feliz das rainhas deste mundo!

Não falo de modo especial sobre as outras nossas Irmãs da França, porque sei que elas também escreveram; contarei somente aquilo que elas ainda não sabem. No dia 29, Dom Bosco fez uma conferência para os Cooperadores Salesianos da cidade, e disseram-me que, depois de mostrar sua satisfação por ter visto a nova casinha das nossas Irmãs de Nice, e ter constatado pessoalmente as condições gerais das de La Navarre, falou demoradamente sobre o orfanato de Saint-Cyr, muito necessitado de ajuda. Disseram também que as palavras dele

serão logo publicadas no Boletim Salesiano; sendo assim, poderão tê-las muito mais completas do que eu seria capaz de expressar.

Não podendo recolher muitas ofertas aqui em Marselha, por causa da situação econômica em que a cidade se encontra, Dom Bosco prometeu falar sobre o mesmo assunto em outros lugares, onde espera conseguir o necessário para aquela casa. Isso nos revela o coração do Pai, não é verdade?

Como se comenta, à meia voz, que Dom Bosco sonhou que já estaria garantida para ele uma casa, no subúrbio de Santa Margarida, os Superiores daqui o convidaram a ir até lá, para ver se por acaso se tratava de uma mansão que foi oferecida por uma certa Senhora Pastré, e que parece bem apropriada para uma casa de Noviciado Salesiano. Não se sabe por que, Dom Bosco não quis aceitar o convite. Vamos aguardar o que acontecerá.

E a nós, o que disse o querido Pai? (estavam conosco também as Irmãs da Casa Providência, de Santa Margarida). Ele nos olhou bem nos olhos, como só ele sabe fazer. Depois disse: "Parabéns! Parabéns para as minhas Martas e Marias! Que Nossa Senhora as abençoe, como as abençoa estes Superiores e órfãosinhos, e como neste momento Dom Bosco as abençoa!".

Nós nos ajoelhamos, beijamos a sua mão taumaturga, e com isso ficamos imensamente felizes.

É tudo, Madre querida, Procure ver-nos e ouvir-nos como filhas felizes, suas e de Maria Auxiliadora, todas empenhadas em nos tornarmos santas, como deseja o nosso querido Pai Dom Bosco.

Sempre afetuosíssima, sua
Irmã Amália Meana ⁽¹⁶⁾

CARTA DE LAS PIEDRAS

Depois de ter transmitido às Irmãs essas notícias da França, a Madre comenta: "Faz muito tempo que a casa de Las Piedras, no Uruguai, não manda um sinal de vida. Lá, a Diretora Ir. Josefina Pacotto é sempre a mesma, toda cheia de afeto e gratidão para com as Superiores".

Poucos dias depois, chega a carta de boas-festas daquelas queridas Irmãs, que demonstram todo o seu sentimento e, ao mesmo tempo, contam as próprias novidades.

(16) Cópia no Arq. Geral FMA. Cf. MB XV 53-55; XVI 47-49, 51-57; XVII 49.

Elas estão fazendo um grande bem; a cada hora aumenta o trabalho com a escola, a sala de costura, os catecismos e o Oratório festivo.

De saúde vão razoavelmente bem, mas gostariam de se sentir mais fortes, para agüentar melhor o cansaço diário, multiplicar as formas de bem que o zelo lhes sugere, e fazer muito mais por tantas meninas que quase nada sabem de religião, mas estão bem dispostas a se instruírem e ser beneficiadas. Prova disso são as Filhas de Maria, algumas manifestando claramente a vocação religiosa.

As Irmãs se queixam de terem sido prejudicadas por uma onda de gafanhotos que arruinou completamente as plantações. Além disso, experimentaram o pavor provocado por algumas tempestades que pareciam o fim do mundo.

Elas são muito estimadas em Las Piedras, e, depois de Deus e de Maria Santíssima, seu maior apoio são os Salesianos. Suspiram por uma visita do queridíssimo Dom Bosco, ou do Pe. Cagliero e da Madre,

A conclusão é a mesma súplica de todas as cartas que vêm das missões: "Que venham depressa mais Irmãs para nos ajudar! Mas que sejam melhores do que nós, com uma dose superlativa de humildade, de caridade, de paciência e de espírito de sacrifício a toda prova".

Também desse conjunto de narrativas espontâneas, de desejos e de convites fraternos, a comunidade de Nizza sabe tirar proveito, para um aumento de fervor e de esforço no serviço divino.

UM ACONTECIMENTO INESPERADO

O inimigo do bem se serve até da loucura, para transtornar a casa e arruinar vocações.

A noviça Irmã Rosa Mezzadonna sempre deu prova de valores morais e religiosos, mas, de uns quinze dias para cá, está com a idéia fixa de que não deve mais comer, nem beber, nem rezar. Somente a Madre, depois de uma semana de paciência ilimitada, conseguiu que ela rezasse algumas orações. Mas depois, como ela começou a perturbar bastante uma ou outra pessoa e a casa toda, foi preciso pedir ao irmão dela, que é sacerdote, que viesse buscá-la. Saiu daqui no dia 14 de abril, como um autômato. E não é infundado o receio de que acabe do mesmo jeito da Spanò, que está cada vez pior.

As Superiores e o Pe. Lemoyne insistem: “Rezemos a São José! Peçamos a ele, amanhã, festa do seu Patrocínio, que nos alcance a graça de nos livrar-nos desses elementos e de um mal tão terrível como é a loucura. Mas, que acima de tudo, ele nos livre de todo pecado, mesmo que seja apenas venial deliberado, porque o pecado é a causa de todos os outros males!”.

SÃO JOSÉ E O PAPA

O Diretor lembra os três pontos indicados por S.S. Leão XIII, no dia 8 de abril, à Sociedade Primária Romana para os interesses católicos na Itália: educação religiosa da juventude; difusão da boa imprensa; santificação dos domingos e dias santos. ⁽¹⁷⁾ Reforça o conceito: Que São José nos mostre sua especial proteção, fazendo com que compreendamos bem a importância dos três meios recomendados pelo Santo Padre, e a maneira mais oportuna de pô-los em prática, entre nós, nossos parentes e conhecidos e entre todas as pessoas que a Divina Providência coloca no nosso caminho.

O Papa é o chefe visível da Igreja católica, como São José foi o chefe da Sagrada Família. E como o Papa falou daquele jeito, no domingo, do Bom Pastor, se hoje nós repetirmos a São José o pedido de ajuda para fazermos o que o Papa nos recomendou, é claro que o patrocínio do grande Santo se manifestará gloriosamente sobre a nossa querida Itália e, através dela que é “mestra das gentes”, sobre todas as outras nações, a fim de que venha aquele Reino divino que Jesus Cristo definiu: “Um só rebanho e um só Pastor”.

As Irmãs se entusiasmam; estão profundamente convencidas de que o Céu se serve de tudo para fazê-las subir, sem nenhuma parada, a escada da perfeição cristã, religiosa e salesiana!

UMA CARTA DE NICHELINO

Vem de Nichelino uma outra centelha de alegria para as Superiores e Irmãs de Nizza, pois aqui se vive como numa família.

É a Diretora, Irmã Delfina Guido que escreve:

Nichelino, 15 de abril de 1883

Madre e Superiores queridas,

não podemos deixar de compartilhar com as senhoras a nossa satisfação. Ontem foi o dia da demonstração de nossos queridos e numerosos alunos, diante de toda a população do lugar.

(17) Bollettino Salesiano, maio 1883, ano VII, n. 5, pág. 77.

Durante quase duas horas eles trabalharam, e como! Na verdade é um trabalho para eles: dar prova do que sabem de ginástica, de canto, declamação de poesias, diálogos, leitura, escrita e contas. No catecismo, então, e nas narrativas dialogadas da História Sagrada, pareciam teólogos!

Nem lhes conto os vivas e palmas que receberam, e a festa que fizeram à Banda de Música!

Estavam presentes o Sr. Vigário da paróquia, o ilustríssimo Prefeito Foresto, o Conde Cibrario, o Cav. Silva, o Dr. Coppa e alguns sacerdotes e professores de Turim; todos tão contentes, pareciam meninos entre os meninos, querendo demonstrar sua satisfação com tudo e por tudo.

O Revdo. Sr. Vigário e o Exmo. Sr. Prefeito dirigiram a palavra vibrante de entusiasmo, às numerosas pessoas que compareceram ao ato, elogiando a obra do Jardim da Infância, as Irmãs, a educação religiosa das crianças. Assim, a Paróquia, o Município, pais, parentes e conhecidos, todos ficaram agradecidos e animados a levar adiante tão grande bem.

Nosso querido São José, a quem havíamos confiado o êxito da demonstração infantil, realmente nos atendeu, superando nossos méritos e nossas expectativas. Queremos comunicar tudo isso a Nizza, para que Superiores e Irmãs nos ajudem a agradecer ao glorioso Santo; e que o nosso trabalho feliz entre esses queridos pequeninos, seja visto como a medida do nosso imenso afeto pelo veneradíssimo Pai Dom Bosco, a quem, depois de Deus, nós devemos tudo, inclusive sermos Filhas de Maria Auxiliadora e da nossa queridíssima Madre Catarina Daghero".⁽¹⁸⁾

PREOCUPAÇÕES COM A SPANÒ

A dúvida geral em relação à postulante siciliana Ágata Spanò, agora é uma realidade. O médico consultado diz sem rodeios: "Com esses desvarios e fúrias incontidas, vocês não podem nem devem ficar com ela aqui. É preciso interná-la imediatamente num manicômio, se não quisermos ser todos envolvidos, porque são graves as consequências que já se podem prever".

Mas, o que fazer, se a família se faz de desentendida, e nós não achamos entrada nos lugares a que tentamos bater?

(18) Cópia no Arq. Geral FMA. Cf. Bollettino Salesiano, junho 1883, ano VII, n. 6, pág. 96.

Finalmente, os Superiores de Turim conseguem que as portas do Manicômio Real da cidade se abram, mediante a interferência de uma alta autoridade policial do Estado. Assim, no final de abril, embora com muita dor, a comunidade de Nizza pode se considerar livre do grande perigo de uma verdadeira calamidade.

As Superiores ficam muito angustiadas com tudo isso, principalmente a Madre que, na sua humildade, se sente de certa forma responsável pelo caso. Mas, o pensamento de que “Deus prova os seus escolhidos” é motivo de conforto para todos na casa.

O MÊS DE NOSSA SENHORA

O mês de Maria chega para aliviar todas as penas. Em Turim-Valdocco ele se abre neste ano no dia 3 de maio, porque, por razões litúrgicas, a festa de Maria Auxiliadora será adiada para 5 de junho. O Pe. Lemoyne aconselha que em Nizza se faça como sempre, mesmo que a festa externa tenha de coincidir com a do Sagrado Coração de Maria, que cai no dia 3 de junho.

“Nunca é demais — diz ele — aquilo que se faz pela nossa Mãe do Céu. Depois, aquelas meninas que durante o mês se distinguem pela piedade e exatidão no cumprimento dos próprios deveres, poderão ser premiadas; e o prêmio será poder participar da solenidade de Maria Auxiliadora, em Turim. Os vivas e as palmas das internas acolhem entusiasticamente esse anúncio do Diretor; goza com isso a comunidade das Irmãs, noviças e postulantes.

DOM BOSCO POR SAINT-CYR

O Boletim Salesiano de maio traz as palavras ditas por Dom Bosco em Marselha, a respeito do orfanato de Saint-Cyr, aquelas a que Irmã Meana se referia na sua última carta.

Querendo deixar às futuras Irmãs toda a documentação sobre o que D. Bosco fez por suas filhas, transcrevemos fielmente um trecho:

“Entre as casas situadas fora de Marselha, ainda me falta falar sobre Saint-Cyr. Os perigos e as seduções a que estão expostas as jovens do campo são, de certo modo, muito maiores para as pobres meninas órfãs. Na maior parte, para terem meios de viver, elas são obrigadas a ir para a cidade, adaptando-se a qualquer tipo de trabalho. A falta de educação e de religião, por um lado, e por outro, o escândalo, a malícia, a corrupção, fazem estragos imensos. Quem pode

contar todas as vítimas? Quem pode dizer quantas dessas criaturas podem voltar para a própria casa, exatamente como eram ao deixá-la?

Vocês percebem que é urgente a necessidade de nos opormos a tal perigo de perversão. Era necessário pensar nas orfãzinhas do campo, e se pensou: a casa de Saint-Cyr foi fundada para isso. Lá, cerca de quarenta mocinhas são mantidas, instruídas e educadas; cuidam da terra, recebem instrução intelectual, religiosa e moral; aprendem o que convém a seu sexo e condição; procuram formar o coração nas virtudes sólidas e preparar-se para o futuro.

Mas — eu digo isso com muita pena — essa casa, estando longe demais dos centros urbanos, é pouco conhecida e não goza daquela caridade que sustenta e faz florescer as de Nice, La Navarre e Marselha. Gostaríamos de duplicar o número das alunas, fazê-las passar de quarenta para oitenta, ou cento e vinte, e assim, ter uma centena de almas puras que rezem por nós e dêem glória a Deus. Atualmente nos faltam os meios para isso.

No entanto, não nos falta a esperança de, muito em breve, começar a construção de um novo edifício naquele lugar, já que, tendo declarado guerra ao inferno, não aceitaremos a hipótese de ser vencidos pelos filhos das trevas... ”⁽¹⁹⁾

MAIS DUAS IRMÃS PARA O CÉU

O correio do dia 16 traz as últimas notícias de Irmã Anna Brunetti, falecida na casa de Turim, no dia anterior.

Seis anos de vida religiosa lhe mereceram a graça de partir para a eternidade, cantando uma estrofe de “Louvai a Maria”.

Muito devota de Jesus Crucificado, ela sofreu sempre serenamente e, cheia de caridade para com os outros, nunca mediu o esforço que lhe custava a sua ilimitada doação, mesmo quando ardia em febre. Toda sexta-feira (fato singular e misterioso!) ela era acometida de soluços que duravam 24 horas seguidas, sem que nenhum remédio conseguisse fazê-los parar.

Será o caso de chorar ou de invejar uma Irmã assim?

Ainda não passaram dois dias, e Irmã Madalena Depaoli, de Quargnento, com apenas vinte anos e meio de idade e oito meses de profissão, seguiu Ir. Anna na eternidade.

(19) Conferência de D. Bosco aos cooperadores de Marselha, 29/3/1883. Bolletino Salesiano, maio 1883, ano VII, n. 5, pág. 79.

Era natural de Bellinzago Novarese. Simples como uma menina, costumava dizer que ficara conhecendo o Senhor, na viagem, quando deixava a sua casa para entrar no Instituto: “Eu jamais teria pensado que o mundo fosse tão grande! Se as nossas cidades são assim, como Deus será grande!”.

Quando recebeu a notícia da morte do pai, perguntou com encantadora simplicidade: “Posso chorar um pouquinho?”.

Seu propósito fundamental foi “procurar a perfeição em tudo”. E não se pode dizer que ela tenha falhado alguma vez.

FESTA DE CORPUS CHRISTI

Este ano, o dia 24 de maio coincide com a festa de Corpus Christi. O Pe. Lemoyne sugere: “Não se pode passar melhor este dia do que ficando aos pés de Jesus, solenemente exposto durante algumas horas, para adorar, agradecer, reparar e rezar, em união com Nossa Senhora, pelas intenções do Papa, de Dom Bosco e das Superiores”.

A proposta é muito bem aceita, reaviva a piedade e, certamente, produz frutos em toda a Igreja e em cada obra e casa de Dom Bosco e do Instituto.

FESTA DE MARIA AUXILIADORA EM NIZZA E EM TURIM

Escrevem, de Turim, que estão esperando ansiosamente a volta de Dom Bosco e Dom Rua, da França, no dia 31; é renovam o convite a participarmos em maior número possível, da soleníssima festa de Maria Auxiliadora, marcada para o dia 5 de junho.

Em Nizza, a data escolhida foi mesmo o domingo, 3 de junho, festa do Sagrado Coração de Maria. No dia seguinte se parte para Turim.

Com a Madre, vão algumas Irmãs, postulantes e noviças, entre as quais a Irmã Eulália, a sobrinha-neta de Dom Bosco, e um bom número de internas, alegres como passarinhos.

A recepção lá é muito carinhosa; mas é indescritível a algazarra das oratorianas ao redor de suas primeiras Diretoras, Madre Elisa Roncallo e Madre Daghero.

Pela manhã, chegam também as oratorianas de Chieri, e o pátio só recupera o silêncio durante o solene Pontifical. De repente, desencadeia-se um tremendo temporal: por mais de uma hora, trovões, relâmpagos e chuva torrencial impedem que a multidão que enche o

Santuário possa sair. E, embora já passe do meio-dia, todos continuam aos pés da Auxiliadora. Depois, uns saem correndo, mesmo debaixo de chuva; outros se abrigam sob os pórticos dos Salesianos.

Dom Bosco pensa em tudo e em todos: “As mulheres e as crianças vão para a casa das Irmãs, e que seja dado o necessário a quem não veio prevenida para o almoço. Quanto aos homens e rapazes, eu já disse a Dom Rua o que deve ser feito”.

Em vista disso, o movimento no pátio das Irmãs é extraordinário, com esse novo motivo para todas se prestarem a ajudar, em qualquer circunstância. Para as meninas de Nizza, Chieri e Turim, é mais uma ocasião para uma farrinha inocente.

As horas da tarde são mais calmas. No dia 6, o segundo trem leva de volta a comitiva de Nizza. Ficam ainda em Valdocco, por mais um dia, a Madre, Madre Elisa e a noviça Irmã Eulália Bosco.

UMA SURPRESA PARA DOM BOSCO?

Parece que a vestição da sobrinha foi uma surpresa pouco agradável a Dom Bosco. Será que ele viu nisso, mais um privilégio que merecimento? Portanto, era justo que o procurassem com muita calma, para explicar como a coisa aconteceu e, se preciso, afastar da mente dele qualquer dúvida penosa.

Além disso, a Madre sente o dever de pôr Dom Bosco a par dos casos de loucura que a fizeram sofrer. O Pai também tem alguma coisa a lhe dizer sobre as generosas filhas da França.

Dom Bosco, sempre bom pai, acolhe a Madre como se não tivesse outra coisa em que pensar e, ao se despedir, deixa-lhe uma palavra de confiança: “Fiquemos com Santa Teresa: *“Nada te perturbe, nada te amedronte”*. E com São Paulo: *“Estejamos sempre alegres no Senhor!”*, não esquecendo nunca que Nossa Senhora é sempre a nossa Mãe e Auxiliadora”.

Ele indaga de Madre Elisa como é que Eulália foi admitida à vestição, tão nova e inexperiente como é: só daqui a alguns meses irá completar dezessete anos.

Diante das razões apresentadas, inclusive do pedido de perdão pela involuntária indelicadeza de não ter pedido antes a opinião dele, o Pai concluiu que, como se garante que não houve nenhuma sombra de motivações humanas, deve-se acreditar que Nossa Senhora assumiu tudo o que foi feito e que Eulália queira corresponder realmente a essa graça tão grande, formando-se bem para a vida religiosa.

Irmã Eulália, segundo o que ela mesma contou logo, conversou por algum tempo com o tio sobre o caso: “Meu tio não disfarçou o seu pesar por não ter sido avisado da minha vestição; perguntou-me muitas coisas e deixou que eu falasse enquanto quis, talvez para se certificar de que eu estava bem certa do passo que dei, e para conhecer o método das Superiores e o espírito que reina na casa de Nizza”.

“ADMIREMOS E REZEMOS”

O Boletim Salesiano de junho traz, por extenso, o programa do novo colégio de Bordighera, o belo relatório sobre a demonstração infantil de Nichelino, e um trecho do discurso de Victor Hugo sobre a necessidade do ensino religioso. ⁽²⁰⁾

O Diretor Pe. Lemoyne sugere, numa conferência às Irmãs: “Agradeçam a Dom Bosco, Filhas de Maria Auxiliadora, agradeçam a Dom Bosco que, através do Boletim Salesiano, torna vocês conhecidas. E vocês, que lecionam para as classes mais adiantadas, façam suas alunas decorarem todo o trecho do famoso escritor francês. Será útil para elas, agora e no futuro, e sentirão desejo de rezar pela conversão desse homem, que hoje sente Deus, mas ainda não se decide a se entregar a Ele. Não devemos esquecer isto: da mesma forma que um vaso que contém muito veneno é capaz de conter um precioso licor, assim, um gênio corruptor de consciências pode se tornar um apóstolo Paulo, se alguém rezar por ele e souber oferecer também alguns sacrifícios pela sua conversão. Portanto, admiremos e rezemos”.

Nem é preciso dizer: Madre Assistente mesma manda cumprir a sugestão do Diretor, fazendo com que se preveja a sua eficácia.

“A NOSSA NIZZA TÃO QUERIDA”

Na cidade de Nizza Monferrato, está em pleno florescimento a Sociedade Católica Operária, cujos membros principais são ex-alunos salesianos.

Toda segunda-feira, o Sr. Carlos Brovia vai ao Instituto Nossa Senhora das Graças, para apanhar os sapatos que precisam de conserto. No dia 18, ele contou que no dia anterior um grupo de representantes da Sociedade Operária foi a Valdocco, a fim de testemunhar que também em Nizza se comemoram, de modo solene, os 50 anos de fundação das Conferências de São Vicente de Paulo, às quais Dom Bosco soube dar tanto impulso. Dirigindo uma palavra de agradeci-

(20) Bollettino Salesiano, junho 1883, ano VII, n. 6. págs. 89-96-100.

mento e satisfação a seus queridos ex-alunos, que na oportunidade lhe entregaram o diploma de Membro Honorário da Sociedade Operária, Dom Bosco repetiu: “A nossa Nizza tão querida!”.

Lembrando essa expressão, o Sr. Brovia se mostra contente como um garoto e acrescenta: “A nossa Nizza é assim tão querida a Dom Bosco, desde que as Irmãs vieram para cá! É porque elas estão aqui! E também porque aqui estamos nós, seus fiéis ex-alunos. Irmãs e ex-alunos, somos todos filhos do mesmo Pai Dom Bosco, e da mesma Mãe, Nossa Senhora. Do mesmo modo como as Irmãs se lembram disso, nós também não nos esquecemos”.

Essa conversa é contada e comentada pela Madre, na boa-noite.

DOM BOSCO EM NICHELINO

De Nichelino vem uma outra notícia alegre. Na tarde de domingo, dia 18, as Irmãs daquela casa conseguem que Dom Bosco apareça lá, para a festa da “Santa Infância”.

É preciso reconhecer que elas tiveram coragem!

Sorrindo, a Madre diz: “Assim ele poderá ver os nossos “milagres”. . . Se os considerar de bom quilate, ficará satisfeito; caso contrário, mais uma vez nos ensinará a caminhar, lembrando-se de que ainda somos as mesmas suas filhas de Mornese”.

A fim de que todas fiquem a par de tudo, a Madre manda ler em comunidade o relatório que foi enviado aos Superiores, para ser publicado no Boletim Salesiano. ⁽²¹⁾

MAIS FESTA

O dia 24 de junho — onomástico de Dom Bosco — é todo de oração. Como de costume, o Pe. Lemoyne está em Turim, representando as Superiores, Irmãs, noviças, alunas internas e externas e as oratorianas de todas as casas das Filhas de Maria Auxiliadora.

No dia 30 é a vez de Nizza fazer festa ao Diretor, com funções na capela e sessão acadêmica no salão: comédias e cantos. Louva-se a Virgem Auxiliadora e o bom Diretor.

Foi convidado também o missionário rural Pe. Ricci, e as palavras dele e do Diretor homenageado encerram o dia, elevando ao Alto os corações.

(21) Bollettino Salesiano, julho 1883, ano VII, n. 7, pág. 115.

MORRE MADRE MADALENA MARTINI

Depois das festas, o choro.

O Pe. Cagliariere escreve de Turim, comunicando a santa morte da Inspetora, Irmã Madalena Martini, ocorrida no dia 27 de junho.

Que tristeza para todos os Superiores, Superiores e Irmãs! E quanta vontade de saber todos os pormenores dos últimos dias dela! Para consolo das queridas missionárias, o Pe. Costamagna está em Buenos Aires; ele é para elas pai, superior e apoio material e moral.

Mais ou menos na metade de julho, chegam dele e do Pe. Vespi gnani, algumas breves notícias da triunfal festa de Maria Auxiliadora em Buenos Aires-Almagro, onde, de 7 a 10 de junho, foi solenemente inaugurada a nova igreja dedicada a Ela. Ambos informam sobre o estado de saúde da querida Inspetora, já bem próxima do prêmio eterno.

Também Irmã Otávia Bussolino, que faz apenas uma referência às grandiosas celebrações e à mudança para a casa nova, onde Jesus está na capela, garante que a Inspetora está perfeitamente tranqüila, à espera do Paraíso. O coração de todas as Irmãs, no entanto, está cheio de angústia, na expectativa de se verem logo órfãs de uma Superiora tão querida e tão santa.

Transmitindo a Nizza essas notícias, o Pe. Cagliariere acrescenta algumas palavras de conforto, e dá como certa a próxima vinda do Pe. Costamagna à Itália.

A carta do Diretor Geral traz ainda uma consoladora expressão de D. Genuardi, Bispo de Acireale que, solicitando uma nova fundação em Ací — Santa Lúcia, escrevia no mês passado, dia 27: “Tenho a satisfação de lhe comunicar que foi excelente a impressão que tive das Irmãs de Mascali, por ocasião de minha recente visita àquele colégio que está começando”.

MAIS UMA NOTÍCIA TRISTE

No dia 18 de julho, a morte volta a visitar a casa de Nizza. A Irmã Ângela Saglietti, de apenas vinte e quatro anos, muito devota de São José e do Anjo da Guarda, antes de completar dois anos de profissão, já vai se unir às Irmãs que se mudaram para a casa da eterna paz.

“VIVAMOS DE GRATIDÃO”

Sob a presidência do Superior Salesiano, Pe. Celestino Durando, e do Pe. Turco, salesiano também, realizaram-se os exames finais das alunas da “Casa de Nossa Senhora”; o resultado foi mais que satisfatório.

Os mesmos sacerdotes contaram que Dom Bosco foi à Áustria, chamado com urgência a assistir o Conde Henrique de Chambord, último descendente de São Luís, Rei de França. E poucas horas depois de ter recebido a bênção de Maria Auxiliadora, o moribundo estava prodigiosamente curado.

“É uma honra imensa para a nossa família religiosa — diz o Pe. Durando — e um grande motivo para agradecer à nossa querida Mãe, Nossa Senhora”.

Em nome de Dom Rua, ele diz às Superiores que um outro motivo de ação de graças, não inferior a esse, é a solução do longo processo do Pe. Bonetti: o Papa anulou todas as cláusulas precedentes, com plena satisfação do interessado. ⁽²²⁾

É impossível avaliar a alegria das Mães com essa notícia, mas alguma coisa se deduz das fervorosas palavras da boa-noite sobre o tema: “Vivamos de gratidão”.

RETIRO, EXAMES, PREMIAÇÕES

Antes do início de agosto, as Irmãs de Nizza já começam a preparar as camas e os utensílios, porque as senhoras e moças que farão o Retiro, estão para chegar.

Os pregadores serão o teólogo Giovanni Elena, zeloso cooperador de Brescia, e o Diretor Pe. Lemoyne.

Chega também o Diretor Geral, Pe. Cagliero. À boa-noite, ele lê e comenta uma carta de Dom Bosco, escrita de próprio punho:

Querido Pe. Cagliero

desejava passar ao menos alguns dias em Nizza Monferrato. mas uma série de telegramas me obriga a partir amanhã, para Florença. ⁽²³⁾

Por isso, diga às retirandas que sinto muito não estar aí; rezarei muito por elas, abençoando a todas e, quinta-feira de manhã, celebrarei

(22) Anexo n. 1 d), cf. Ed. It., pág. 338.

(23) Dom Bosco partiu no trem de Florença, mas direto para Pistóia, em companhia do Pe. Costamagna (MB VI 300-302-308).

a Missa por intenção delas. Peço a caridade de rezarem também por mim.

Que Deus abençoe a todos vocês. Creia-me, em Jesus Cristo,
Turim, 7 de agosto de 1883

seu afmo. amigo,
Sac. João Bosco

Nossa Senhora procura compensar essa renúncia com a chegada de surpresa do Pe. Costamagna, enviado expressamente por Dom Bosco, quando estava voltando para o seu Oratório. Ele poderá contar às retirandas, às Irmãs e meninas do colégio, alguma coisa de sua vida missionária.

No dia 10, além do encerramento do Retiro, se faz a festa de premiação das alunas, com cantos, música e discurso.

As cento e cinquenta senhoras e moças voltam para casa com a alma em graça e o coração cheio de alegria. As alunas também vão para as férias.

Na “Casa de Nossa Senhora”, todas estão empenhadas nos preparativos para receber as Irmãs que chegarão para o Retiro anual.

Nesse meio tempo, voltam de Gênova as Irmãs e alunas que prestaram exames para obter o registro de professoras. Não vêm muito contentes... porque, das dez, apenas quatro foram aprovadas definitivamente. Mas não se pode dizer que estejam humilhadas, porque afirmam que neste ano o rigor foi ainda maior, e que elas, de Nizza, em comparação com as demais candidatas de outros colégios, ainda tiveram sorte, porque ficaram dependendo apenas de desenho, que não é uma das matérias fundamentais.

Das “bombas”, passam logo às boas notícias. Assistiram aos preparativos e à recepção do Pe. Costamagna, que chegava da América. E, como por encanto, as línguas se soltam.

LEMBRANÇAS DE MADRE MADALENA MARTINI

O Pe. Costamagna, ao ver as Irmãs tão numerosas e em situação muito diferente daquela que viveram em Mornese, se alegre e se comove.

Ele já havia contado muitas coisas sobre as Irmãs da América, mas a sua permanência foi curta demais para poder dizer tudo.

Agora, as notícias principais estão na carta do Pe. Vespignani que, por recomendação do seu Superior, que partira para a Itália, completa o que foi dito. Junto vem uma carta coletiva das Irmãs de

Almagro, e outras duas que Dom Bosco e o Diretor Geral paternamente lhes mandaram, contentes com a confiança das filhas que eles sentem tão próximas, apesar da distância.

Buenos Aires-Almagro, 7 de julho de 1883

... Enquanto o Revdo. Pe. Costamagna ia construindo a casa e a igreja das Filhas de Maria Auxiliadora, a própria Virgem se encarregava de purificar e preparar as almas, com sacrifícios e tribulações. De fato, foi em 1882 que se manifestou a grave enfermidade da Revda. Madre Madalena Martini, que aos poucos a levaria ao túmulo. Por isso, desde então, o Inspetor teve de assumir sozinho a direção dos dois Institutos.

... No começo de maio de 1883, o edifício destinado às Irmãs estava quase pronto e se pensava na mudança, para poder fazer logo a inauguração. Mas isso só aconteceu no dia 6 de junho, véspera da festa de Maria Auxiliadora. Os alunos do colégio, orientados pelos Superiores e por outros Salesianos, transportaram tudo o que era das Irmãs. Ao anoitecer, a Madre Inspetora, que já não podia caminhar, atravessou a rua carregada numa poltrona, e entrou assim na casa nova.

As lágrimas das boas religiosas ao deixarem aquela pobre morada, eram uma demonstração do seu apego à extrema pobreza do “ranchinho de Belém” que despertava pena e edificação em quem o via.

Entretanto, a Revda. Madre Inspetora ia piorando cada dia, e só estava esperando que o Senhor a chamasse para o Céu. O Superior a assistia continuamente durante o dia, e durante a noite o chamavam diversas vezes. Nas últimas duas ou três noites, não saiu de perto dela.

A doente quis que eu também fosse visitá-la e lhe desse assistência em mais de uma ocasião; fiquei sempre edificado com a sua tranquilidade, serenidade e grande união com Deus naqueles momentos solenes. Ela nos agradecia pela assistência e pelos cuidados com o Instituto, e o recomendava a nós. Comovidos, sentíamos o dever de fazer tudo aquilo que o Venerado Dom Bosco nos ensinara a fim de alcançarmos todos os objetivos da Obra Salesiana. Na noite de 27 para 28 de junho, a boa Madre expirou serenamente.

As principais comunidades religiosas da Capital e das redondezas tomaram parte nos funerais. As benfeitoras da casa, em grande número, velaram o corpo, rezando.

Nosso colégio passou grande parte do dia e da noite seguinte, na igreja de Maria Auxiliadora, rezando o Offício dos Mortos, terços,

vias-sacras etc. e acompanhou, por dois quarteirões, o caixão, que foi carregado pelas Irmãs Dominicanas Terciárias, nossas vizinhas.

No mesmo dia foram celebradas algumas Missas e, no dia seguinte, festa de São Pedro, várias outras.

No dia 5 de julho, sétimo dia, foi celebrada uma Missa solene, com numerosa participação de Salesianos, Cooperadores, alunas e fiéis. A senhora Maria B. de Casón, grande benfeitora da casa, solicitou como uma honra que a Madre fosse sepultada no túmulo de sua nobre família.

Nosso Superior, prevendo a morte iminente da boa Superiora, já vinha preparando uma Irmã para assumir a responsabilidade da casa. Sendo assim, logo depois ele decidiu viajar para a Itália.

Muitas outras coisas podem ser contadas pessoalmente pelo nosso Revmo. Inspetor, que sabe ilustrar tão bem todas as notícias, com outros dados e fatos edificantes. . .

Padre José Vespignani

Reverenda e queridíssima Madre,

. . .que dor e que tristeza para a nossa comunidade, a perda da nossa boa Madre Inspetora!

A sua pouca saúde não resistiu aos duros golpes que seu coração sofreu, e foi acometida por uma tuberculose que logo se declarou incurável.

Sofreu dores terríveis e contínuas, de janeiro a junho, mas sempre como uma mártir de paciência. Recebeu a Extrema-Unção no dia de Pentecostes e, por diversas vezes, o Santo Viático. Foi assistida como merecia, com o amor de filhas terníssimas e inconsoláveis por terem de perdê-la. Expirou santamente, às 10 horas da noite de quarta-feira, 27 de junho. As Irmãs de Morón, Santo Isidro e La Boca não a viram mais, a não ser no caixão. Os ofícios fúnebres, celebrados na igreja nova, não podiam ter sido mais esplêndidos. Mais esplêndida ainda devia estar a sua alma, ao se apresentar a Deus, porque já havia passado pelo cadinho das mais duras provações, para sair dele como ouro puríssimo.

O Padre Superior, que a assistiu até o último instante, pensou em consolar-nos, dando a cada uma de nós uma lembrança dela, que nos ajudasse a não esquecê-la nunca mais. E, numa conferência especial, apresentou a Irmã Otávia Bussolino como Superiora substituta, recomendando-nos que a consideremos como tal, em tudo e por tudo, enquanto se aguarda a confirmação, esperada e desejada.

Tudo isso constituiu um alívio ao nosso vivo e profundo sofrimento. Mas, como nos sentimos ainda enlutadas!...

(...)

Suas filhas afetuosíssimas,
as Irmãs de Almagro

Boca, 5 de julho de 1883

Viva Jesus e Maria Auxiliadora!

Reverendíssimo Dom Bosco,

nestes dias tão tristes para nós, embora sendo eu a última e a mais indigna de suas filhas, atrevo-me a apresentar-me rapidamente ao senhor, Reverendo Pai.

É claro que a morte da nossa Madre sempre querida, e a viagem do Reverendo Padre Superior são coisas muito dolorosas; mas o pensamento de que essa é a vontade de Deus, nos consola um pouco.

Tenho muita vontade de vê-lo, mas, como isso não é possível, me recomendo de todo o coração às suas preces fervorosas, para que possa ser uma verdadeira Filha de Maria Auxiliadora, tornar-me santa e fazer muito bem às pobres meninas que me rodeiam.

Além disso, peço a V. S.^a Reverendíssima que me mande uma bênção de Maria Auxiliadora, pois preciso alcançar uma graça espiritual importantíssima. Quanto ao mais, não se esqueça da última de suas filhas,

Irmã Margarida Bertolini (24)

Há ainda algumas poucas linhas do Arcebispo, Dom Aneyros, a Dom Bosco, e entregues ao Pe. Cagliari, para que fiquem como documento no Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora:

“Passamos pela dor de perder a Revda. Madre Madalena Martini, que era aqui a Superiora das Filhas de Maria Auxiliadora. Como um anjo, voou para o Céu, quase na vigília de São Pedro.

Teve a felicidade de fundar várias casas, sendo a última a de Morón, e de ver terminada e aberta a casa principal, com o grande colégio e a igreja de Maria Auxiliadora, que foi benzida no dia 7 deste mês. A morte dela foi muito sentida, porque sua vida tinha sido motivo de verdadeira satisfação para todos. Que o Senhor nos conceda um bom número de virgens ‘post eam’ ”. (25)

(24) Cópia no Arq. Geral FMA.

(25) Carta de D. Bosco de 6/7/1883. Cf. MB XVI 381-382. Bollettino Salesiano, outubro 1883, ano VII, n. 10, págs. 158-59.

UM NÚMERO EXCEPCIONAL DE RETIRANDAS

Apenas dois dias depois do encerramento do Retiro das senhoras e moças, começa o das Irmãs, noviças e postulantes, com um número jamais atingido antes: quase trezentas, inclusive todas as Diretoras da Itália (menos uma, por motivo de doença). Entre elas está Irmã Madalena Morano que, trazendo sempre consigo as fontes da alegria salesiana, é acolhida festivamente por todas.

Os pregadores são os mesmos do Retiro precedente; o Pe. Lemoine e o teólogo Elena; junto com eles, o Diretor Geral.

A solenidade da Assunção de Maria é celebrada com funções grandiosas, apesar do clima de silêncio. Na boa-noite não faltara a sugestão do Pe. Cagliero: "Amanhã é grande festa dos corações; os Anjos não devem estar mais contentes do que nós! E devemos mostrar isso, sorrindo e cantando, mesmo que não se possa falar!".

DOM BOSCO SEGUNDO SUAS FILHAS

O dia da Assunção lembra também o aniversário do Pai Dom Bosco, por quem se fazem votos cheios de afeto, com orações especiais, porque se sabe que ele está amargurado com certas calúnias públicas, espalhadas descaradamente pelos sectários de Turim, Milão e Roma.

Não foi explicado o conteúdo delas, mas, basta saber que existem, para que as filhas sintam o dever de participar das provações do Pai.

Por isso, como para compensar essas amarguras, e atendendo a uma sugestão da Madre, no recreio do dia 16, durante quase todo o tempo, coloca-se em comum aquilo que de melhor cada uma tem no coração, a respeito de Dom Bosco.

Quem começa é a noviça Ir. Caorlina Manfredi, já conhecida pelo zelo em reunir meninas para levá-las ao Oratório de "Santa Ângela Merici", de Turim, desde os primeiros tempos.

"No mesmo dia da consagração da igreja de Maria Auxiliadora, no ano de 1868, minha mãe me disse: "Venha comigo; vamos comprar alguma coisa na feira beneficente, porque Dom Bosco precisa de muito dinheiro para pagar suas dívidas".

Eram quase sete horas da noite. Fomos a um pátio onde havia uma banca, quase vazia. Dom Bosco estava a poucos passos dali, em companhia de alguns senhores. Logo que viu minha mãe, ele se aproximou, pegou na banca um medalhão de Maria Auxiliadora e o deu

a ela, sem aceitar nenhum pagamento. Depois me olhou, fez o gesto de colocar a mão sobre a minha cabeça e, virando-se para mamãe, recomendou a ela que cuidasse muito bem de mim, porque um dia eu seria religiosa, toda de Jesus. Naquela ocasião eu ainda não tinha seis anos, mas me lembro do que ele disse, como se fosse ontem.

Mamãe realmente cuidava de mim como de uma relíquia. E porque eu me mostrava muito carinhosa com ela e dizia que nunca iria ser religiosa, enquanto ela não fosse para o Céu, a coitadinha, muitas vezes oferecia a própria vida, pelo maior bem da minha alma. E Deus aceitou a sua oferta, porque morreu como uma santa, quando eu estava para completar dezesseis anos. Naquele mesmo dia eu prometi ao Senhor que seria religiosa.

Mas, uma coisa é dizer, outra é fazer.

Certo dia, à uma hora da tarde, eu ia andando sozinha e toda recolhida pela Rua Cottolengo, para ir fazer uma visitinha a Jesus Sacramentado, quando me encontro de frente com Dom Bosco, vestido com a capa de festa. Ele parecia voar! Parei para vê-lo melhor e — coisa mais estranha! — ele voltou atrás, parou um momentinho, olhou bem para mim, e depois continuou seu caminho.

É impossível dizer o que experimentei naquele momento; só posso afirmar que alguma coisa de divino se passou em mim, impedindo-me a ser logo toda de Jesus.

Mas o bendito “logo” não chegava ainda; os meus dezoito anos estavam se completando e eu continuava olhando a lua e as estrelas, sem decidir nada.

Nesse meio tempo, chegou o dia 15 de agosto de 1880, e as Irmãs me convidaram a ir com elas à festa no Oratório Salesiano, onde comemoravam o aniversário de Dom Bosco. Eu fui.

No fim, vi que todos — também as Irmãs — subiam no palco, onde estava Dom Bosco, no meio de muitas pessoas importantes, para lhe beijar a mão. Será que eu teria de ir também? Que coisa mais desagradável! Dei um jeito de me misturar com toda aquela gente, mas não consegui. Então fiquei por último, na esperança de que Dom Bosco fosse embora. Que nada! Tive de me conformar e fazer como os outros. Mal me aproximei, de olhos baixos, e me inclinei para beijar aquela mão bendita, senti que ele tomou delicadamente a minha mão entre as suas, perguntou o meu nome e depois fez um gesto de bênção, deixando no meu coração uma alegria paradisíaca!

Quando descí daquele palco, algumas companheiras me disseram, com uma pontinha de inveja: “Você, heim?! Até parece a predileta de D. Bosco!”.

Quando completei os dezoito anos, senti mais forte o impulso de me decidir finalmente pela vida religiosa. Mas, de tanto chorar a morte de minha mãe, que se fora por minha causa, e devido aos problemas de saúde que surgiram em consequência disso, eu havia emagrecido tanto que se supunha que eu não conseguiria adaptar-me à vida de comunidade. De fato, quando fiz o pedido, ouvi logo um “não” muito franco.

Procurei então a Visitação, e na mesma hora as portas se abriram, também porque a condessa Miraflores, de Turim, se interessou em meu favor.

Porém, antes de entrar, quis me despedir do teólogo Cagliero que, por algum tempo, tinha sido meu confessor. Ele me disse: “Por que queres entrar na Visitação, e não com as Filhas de Maria Auxiliadora, se esta é a tua vocação?”. Quando eu lhe expliquei o motivo, respondeu: “Ah! minha filha! Começa logo uma novena de comunhões em honra de São José; eu pedirei a Dom Bosco que reze por ti; se no fim da novena estiveres melhor, entrarás com as nossas Irmãs. Nesse caso, eu me encarregarei de desculpar-te perante a condessa, que é tua benfeitora e nossa também, e a Superiora da Visitação. Caso contrário, serás de São Francisco de Sales e da Chantal. No entanto, tenho certeza de que Dom Bosco vai alcançar para ti a graça da saúde e a de estar tranqüila a respeito da tua vocação, por toda a tua vida”.

Eu obedeci. No fim da novena a São José, experimentei uma espécie de choque elétrico no corpo todo e, completamente transformada, até na aparência, me senti ótima! Tanto que, três dias depois, vinha para Nizza, em companhia da nossa querida Madre. E aqui estou, como vocês vêem, forte, robusta e feliz. Atribuo à oração do querido Pai Dom Bosco esse imenso favor”.

A postulante Bertilla Bruno, na sua simplicidade fora do comum, também tem o que contar:

“Na primavera do ano passado, meu sobrinho Ernesto Franchino, filho de minha irmã que se casou, pela segunda vez, com o irmão do Pe. Joaquim Berto, secretário particular de Dom Bosco, tinha voltado para casa, porque no Oratório ele fora acometido por uma doença infecciosa. Em quinze dias, estava reduzido às últimas. Depois que recebeu os santos sacramentos, não faltou mais; depois não dava mais

sinal de entender as coisas; e nesse estado ele ficou por quase três dias. A um dado momento, sem ter avisado que viria, chega o Pe. Berto, que vai logo perguntando cheio de ansiedade:

— Ele ainda está vivo?

Espantados, respondemos com outra pergunta:

— Quem lhe contou que estava nas últimas?

— Depois eu conto. Agora levem-me imediatamente para junto dele.

Chegando perto da cama, chamou em voz alta: Franchino!

O moribundo que, como já disse, há três dias não dava nenhum sinal de percepção, virou-se para o Pe. Berto. Ele lhe falou ao ouvido, abençoou-o e, quase em seguida, o menino expirava como um anjinho.

Pe. Berto procurou consolar-nos e aliviar nossa pena de não ter podido avisá-lo de que o garoto estava tão mal, uma vez que ele estava viajando com Dom Bosco e não se sabia para onde enviar a carta. Então ele nos disse que, quando Dom Bosco ficou sabendo que Ernesto e mais dois colegas tinham ido para casa, porque estavam doentes, disse: “Dos três, só um voltará ao Oratório; os outros dois vão morrer, e um deles é o nosso querido Franchino!”.

No trem que os levava de volta a Turim, Dom Bosco perguntou ao Pe. Berto:

— Tem alguma notícia de Franchino?

— Não — respondi.

— Nem eu. Chegando à estação de Porta Novà, em vez de seguir comigo até o Oratório, tome o trem para Avigliana. E bem depressa, se quiser vê-lo ainda,

— Foi o que eu fiz — continuou o padre — Mas, quem contou a Dom Bosco o que estava acontecendo, só ele mesmo poderia dizer. Ele sempre sabe de tudo, e por meios que nós desconhecemos. . .”.

As Irmãs de Borgo São Martino, Irmã Josefina Quarello e Ir. Giovanna Ronco, têm dois milagres para contar. A primeira diz:

“Eu não estava lá no momento, porque havia me oferecido para ajudar na cozinha, onde se preparava o almoço solene da festa de São Luís. Mas a gritaria entusiástica das pessoas, dentro e fora da casa, me fez acreditar de olhos fechados.

Um pobre casal tinha trazido a Dom Bosco seu filhinho de cinco anos, com as pernas tão estropiadas que não conseguia dar um passo,

nem ficar de pé. O nosso querido pai se comoveu; abençoou o menino e confortou aqueles pais, dizendo: “Experimentem se agora ele anda”.

Pois não é que o garotinho começou a andar mesmo, e rápido, sem vacilar? A multidão gritava: Milagre! Milagre!”.

“Pois eu posso dizer que vi — conta Irmã Ronco. No mesmo dia da festa de São Luís, celebrada neste ano no dia 5 de julho, Dom Bosco celebrou na nossa capela. Depois da Missa, veio uma mulher trazendo nos braços um garotinho de pouco mais de dois anos; pedia insistentemente que Dom Bosco lhe desse uma bênção, porque, com aquela idade, ainda não falava uma só palavra, chorava continuamente, deixava cair tudo o que tinha nas mãos; em resumo: era um débil mental.

Dom Bosco ouviu tudo e disse à mulher que voltasse às dez horas. Ela voltou pontualmente, com o menino chorando como sempre.

Dom Bosco o abençoou e lhe deu uma medalhinha; o garoto pegou-a e logo começou a sorrir e a falar. A mãe, feliz, voltou para casa fora de si de tanta alegria.

A minha admiração e a das poucas pessoas presentes foi enorme, mas Dom Bosco, calmo e sorridente, dizia: “É preciso agradecer a Maria Auxiliadora! Agradecer-lhe sempre e por tudo!”.

A Diretora, Irmã Carlota Pestarino, também fala, naquele seu tom suave:

“Nós, de Alassio, não podemos dizer que assistimos a prodígios como esses; no entanto, devemos nos alegrar por termos sido sempre objeto de cuidados especiais de nosso querido Pai Dom Bosco, tanto do ponto de vista material, quanto espiritual. Na última visita que nos fez no inverno passado, nós estávamos todas em volta dele; perguntou se dormíamos bem à noite, se tínhamos comida e roupas suficientes, se cuidávamos da saúde, se nunca perdíamos a alegria, e se o trabalho era demais para nós. E, a respeito disso, concluiu: “Não nos esqueçamos de que o mundo promete isto e aquilo a quem o serve, mas depois não dá senão amarguras. Deus, ao contrário, é fiel às suas promessas; aliás, paga cem por um. Por isso, não sintam pesar de terem de se sacrificar por ele, que recompensa até mesmo um copo d’água dado por seu amor. No Céu haveremos de descansar felizes, por toda a eternidade; mas, por enquanto, temos de trabalhar, trabalhar muito, para agradar a Deus, santificar a nossa alma e cooperar na salvação de tantas outras pobres almas que não conhecem a Deus, ou vivem como se não o conhecessem. Lembrem-se com

frequência desta minha recomendação, e hão de sentir como o Senhor é bom para com aqueles que o amam e servem fielmente até a morte”.

Esse tipo de conversa geralmente é tão eficaz quanto um sermão e nos confirma sempre mais na bela e santa vocação religiosa salesiana. A Madre fica contente e, entre outras coisas, recomenda mais uma vez que nos animemos à prática das grandes virtudes de Madre Mazzarello e das primeiras Irmãs que já estão na eternidade, contando coisas edificantes que mantenham viva a lembrança delas e o desejo de imitá-las.

LEMBRANÇAS DE MORNESE

Irmã Úrsula Dell’Acqua, da casa de Lu Monferrato, é muito querida de todas, por sua clareza de pensamento e de palavra.

Sua lembrança amena e significativa faz voltar em espírito a Mornese.

“Fazia uns trinta dias que eu estava em Mornese, e ninguém falava em me dar a capinha de postulante. Criei coragem e fui dizer à roupeira: “Todas as minhas companheiras já estão usando a capinha... e eu? Minha mãe já fez o pagamento; ela até vendeu uma chácara, para me dar o dote e o dinheiro para o enxoval. Como é que não me entregam a capinha?”.

“Você tem razão” — respondeu a Irmã. E me levou a uma grande sala, onde havia pendurados em pregos muitos vestidos, todos diferentes na cor e no feitio. Olhou um, olhou outro, mas nenhum lhe agradava. Por fim, escolheu um casaco de senhora, cor de café claro, com uma fila de grandes botões, e me disse: “Por enquanto, você veste este; depois faremos a capinha”.

Eu fiquei olhando aquela peça que nunca tinha visto na minha casa, toda poída, com dois bolsos enormes fechados com três botões. Experimentei vesti-lo, examinando-o bem de todos os lados, e acabei dizendo: “Eu não tenho coragem de aparecer para ninguém com este casaco!”.

E comecei a chorar. A Irmã, sem se comover, me fez sair dali vestida daquele jeito. Corri logo para perto de minha irmã Maria, que era noviça, para mostrar a ela aquela peça de museu que me haviam dado em vez da capinha. Minha irmã, sempre sensata, me disse: “Seja boazinha! Eu vou pedir à roupeira que tire estes dois bolsos, e você use o casaco como está. Isto é uma prova que estão dando, para ver se você tem vocação mesmo. É coisa de poucos dias, depois passa!”.

Aquele breve raciocínio me devolveu a serenidade e me dispôs a carregar a minha sorte durante três semanas, até que finalmente encontrei em cima da minha cama, a suspirada capinha que me fez dizer: “Como é suficiente uma coisinha de nada para a gente perder a alegria da vocação! E como basta uma boa palavra, na hora certa, para conservá-la e aperfeiçoá-la! Foi aquela boa palavrinha de minha irmã que me deu coragem de voltar atrás e me animou a procurar a querida Madre Mazzarello. Ela, vendo-me vestida daquele jeito, no primeiro momento não pôde conter o riso; depois me fez ver todas as vantagens da vida religiosa vivida no amor a Jesus e a Maria. Ah! Uma boa palavra! Quanto bem pode fazer!”.

Esse fato dá motivo a aconselhar que não sejamos avaras, mas sim, pródigas de boas palavras, quando temos ocasião de dizê-las.

Dom Bosco faz assim. Madre Mazzarello fazia assim. E assim deve fazer toda verdadeira Filha de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco.

ENCERRAMENTO DO RETIRO E FESTA DO PAPA

Chega o dia 19, encerramento do Retiro: quinze vestições, trinta e quatro profissões, cinco renovações e treze votos perpétuos. Faz-se também a festa do Papa, por ser o dia de São Joaquim, e tudo contribui para a alegria comum dos corações.

Não faltam lágrimas no meio daquelas que devem enfrentar um desapego, tendo de partir para outras casas.

RETIRO TAMBÉM EM VALDOCCO

Terminado o Retiro, chega a hora de partir. Com as Irmãs de Turim, vão também as que devem fazer o outro Retiro, presidido pelo Pe. Cagliero e pela Madre.

Na noite do dia 22 começam as pregações que estão a cargo do mesmo teólogo Elena, do Pe. Ângelo Sávio e, nada menos que do Pe. Costamagna, sempre mais ardente de zelo missionário.

MORRE IRMÃ LÚCIA ROVERO

Durante esses santos dias, precisamente no dia 25, passa da casa de Nizza à eternidade, a jovem Irmã Lúcia Rovero, que fizera o primeiros votos no dia 19 deste mês. Suas companheiras de postulado e noviciado fazem o elogio dela: “Tinha-se proposto imitar Dom Bosco no espírito de sacrifício, de mortificação escondida e de santa

alegria; seu contato com as nossas almas foi como o de um anjo que adverte com delicadeza, anima e leva para Deus, a fim de que fôssemos nesta terra verdadeiras esposas de Jesus e verdadeiras filhas de Nossa Senhora”.

COMO EM NIZZA, FALA-SE SOBRE DOM BOSCO

Dom Bosco se encontra em São Benigno e não pode estar com as retirandas. Todavia, em Turim, como já aconteceu em Nizza, não faltam os depoimentos que, de certa forma, o tornam presente. Irmã Luisinha Boccalatte é quem começa, com alguns episódios inéditos.

“Naquele tempo, Dom Bosco tinha o colégio em Mirabello. Minha mãe dizia que era comum vê-lo ir de Mirabello a Lu, seguido pelos seus meninos com a banda, numa algazarra de soldadinhos em alegre marcha. Quando chegavam, eram acolhidos por meu primo Valério Prada, que lhes dava alguma coisa para comer, o que aumentava a alegria deles.

Um dia, o prefeito de Lu perguntou:

— O que é isto? Por que tanto barulho?

— É Dom Bosco que está aqui, com muitos meninos.

— Mas, Dom Bosco é um louco!

Pois bem. Não passou muito tempo, e aquele prefeito acabou se unindo “àqueles loucos”, e ficou por lá durante quatro anos, não me lembro se até a morte, ou não.

Minha mãe contou que, numa dessas visitas de Dom Bosco ao meu povoado, ele se encontrou com um menininho descalço, carregando os sapatos às costas. Ele disse ao garoto:

— Pára e calça teus sapatos.

O menino respondeu: Ah! Não posso! Minha mãe não quer que eu os calce, para não estragá-los.

Então, talvez pensando em sua própria vida de empregadinho, Dom Bosco pôs na mão dele duas liras, dizendo: “Tu serás um Padre!”.

E foi exatamente o que aconteceu: o garoto é hoje um bom Padre.

Quando Dom Bosco ia a Lu, meu irmão mais velho estava sempre pronto a ajudar a Missa dele, e se oferecia também para servi-lo à mesa. Depois, esteve por alguns anos como estudante no colégio de Borgo São Martinho. Ele teria de prestar o serviço militar, mas

Dom Bosco, sabendo que ele tinha vocação, conseguiu que fosse dispensado. Infelizmente meus outros irmãos não tiveram a mesma sorte; porém, embora no meio do perigo das batalhas, nenhum deles morreu na guerra. Um, até que poderia ter acabado mal, pois se achava no meio de um fogo cerrado, com as balas sibilando em volta dele. Mas Dom Bosco havia dito que nós podíamos ficar sossegados, que todos eles voltariam sãos e salvos. E realmente foi assim.

Contando essas coisas, minha mãe dizia: “Só na nossa família, as graças obtidas pela oração de Dom Bosco passam de cem”.

“De Borgo São Martinho, eu vou contar só aquilo que as Irmãs que estavam em Nizza nos últimos dias, se esqueceram de contar.

Para atender às muitas senhoras que querem falar com ele, Dom Bosco usa a nossa saleta, e é lá que acontecem as curas instantâneas que vocês já sabem.

Um dia, quando já ia saindo, ele se encontrou com uma velhinha, que vinha visitar um neto, aluno do colégio. Dom Bosco parou e perguntou a ela:

— Ei, vovó, colheu muito milho?

— Pouco — respondeu a velhinha — e tirou da sacola um punhado de castanhas, para oferecê-las à Irmã que estava ali. Essa, pensando que no colégio já tinham tanta castanha, disse um ‘obrigada’ frio e sem graça.

Quando a velhinha se foi, Dom Bosco disse à Irmã:

— Nunca se deve olhar o valor do presente, mas o coração que o oferece, e receber com muita gratidão até a mínima oferta. A viúva do Evangelho deu uma insignificante moedinha, mas deu tudo o que tinha, e Jesus a elogiou. Agradeçamos sempre, e sempre com sinceridade. Para nos ajudar, a Providência muitas vezes se serve mesmo de coisas pequenas”.

Num outro dia, ao sair da saleta, Dom Bosco se encontrou no corredor com a senhorinha Pastore, que estava esperando por ele. Ela se aproximou logo e, abrindo a bolsa cheia de moedas de ouro, ofereceu-as a Dom Bosco. Ele aceitou e ia colocá-las no bolso, quando algumas moedas caíram no chão. Eu, que estava por perto, me abaixei para apanhá-las, e Dom Bosco me disse baixinho: “Leve-as à sua Diretora, que está precisando delas”.

Depois de receber aquele belo gesto de caridade, ele disse à senhorinha Pastore: “A senhora faz como os sinos que tocam, cha-

mando as pessoas para a igreja, mas eles mesmos ficam do lado de fora”.

Com essa comparação, o querido Pai entendia dizer: “Esta pessoa paga as despesas e pensão para vários rapazinhos vocacionados ao sacerdócio, e também para algumas boas mocinhas pobres, desejosas de serem religiosas. No entanto, ela mesma é obrigada a ficar em sua casa”.

A moça entendeu e sorriu, vendo naquela expressão paterna um prêmio ao seu bom coração.

As coisas que acontecem em Borgo São Martinho são tantas, mas tantas, que, escritas, dariam vários volumes; no colégio e fora, quem não considera Dom Bosco um santo? O barbeiro, por exemplo, conserva como relíquia a navalha que usa para barbear Dom Bosco, e guarda até os cabelos que corta dele. . .”.

Esses depoimentos confirmam em todas a persuasão de que Dom Bosco é um santo, na opinião dos bons, e que suas obras são obras de Deus.

NOVO FERVOR MISSIONÁRIO

No encerramento do Retiro, dia 30 de agosto — festa de Santa Rosa de Lima — há oito profissões e duas renovações. Como o Inspetor Pe. Costamagna reacendeu nesses dias o fervor missionário, já se fala na escolha de novas missionárias destinadas à América.

O fervoroso missionário disse em tom vibrante:

“A grande santa americana chama vocês. Dom Bosco e Maria Auxiliadora as orientam.

O que mais vocês esperam para ir conquistar a nossa ‘terra prometida?’”.

SÚPLICA FINAL

O Pe. Cagliariero passa à Madre Superiora uma carta chegada da América, para que pense logo na substituição definitiva da Inspetora falecida.

Viva Jesus!

Almagro, julho de 1883

Reverendíssimo Padre Cagliariero,

Com muito prazer estou obedecendo à nossa Madre Vigária,⁽²⁶⁾ e faço eu também — a última de suas pobres filhas da América —

(26) Irmã Otávia Bussolino, V. pág. . . .

uma súplica ao nosso amado Pai, para que se compadeça de nós, Irmãs, noviças e postulantes, órfãs de pai e mãe.⁽²⁷⁾ Estamos realmente desamparadas!

É verdade que temos tudo, porque temos Jesus conosco, e Ele nunca nos abandona; mas ainda não chegamos ao ponto de não sentir falta de outra coisa; por isso, estamos sem quem nos guie pelos caminhos da perfeição religiosa.

Reverendo Pai, o senhor sabe como as postulantes precisam de quem as apoie nos primeiros passos, ajudando, consolando, animando a combater o terrível inimigo que agora se mostra mais prepotente, sabendo que elas estão sem pastor. Parece que está querendo devorar todas as nossas ovelhinhas. Mas, esperamos que Maria Auxiliadora cante vitória sobre ele e sobre as postulantes e noviças.

V. Revma. já deve ter adivinhado qual é a nossa súplica. Sim, querido Padre Cagliero, por favor, mande logo de volta o Padre Superior e, com ele, a Madre e muitas Irmãs.

O senhor talvez diga: “Mas vocês já não têm a Madre? Por que desejam uma outra?”.

Não, Padre, não estamos pedindo outra. Pedimos apenas que suplique ao nosso santo Pai Dom Bosco e a todos os venerados Superiores, que confirmem esta que assumiu provisoriamente, e nos mandem auxílio, para que ela possa vir se estabelecer nesta casa-mãe argentina. Não sei se o senhor sabe, mas, devido às muitas ocupações, ela não fica aqui em Almagro. Vem somente às quintas-feiras, faz-nos uma visita “de médico”, e depois volta para La Boca. Pobre Madre! Tem trabalho demais! Não sabemos como poderá resistir.

Padre, eu lhe agradeço desde já, porque tenho a impressão de que está dizendo: “Mas é claro! O Padre Inspetor deve voltar logo, e a Madre ser confirmada, para que, o mais breve possível, essas pobres filhas não se sintam mais órfãs!”

Nós lhe prometemos — e este burrinho chamado Irmã Luisinha Vallese o promete em nome de todas as postulantes e noviças — que teremos muita confiança na querida Madre Inspetora, e iremos obedecer-lhe sempre, até a morte. Eu, que escrevo, sou a primeira a me reconhecer indigna de ter uma Madre tão santa. É verdade mesmo que Jesus paga bem os sacrifícios: levando de nós uma santa, nos dá logo uma outra. Portanto, que se faça sempre e em tudo a sua santíssima Vontade, na vida e na morte.

(27) O Inspetor Pe. Costamagna está na Itália, a Madre Martini faleceu há pouco.

Reverendo Pai, queira ter a bondade de nos recomendar a Nosso Senhor no Santo Sacrifício da Missa, para que possamos ser Filhas de Maria Auxiliadora, até a morte.

Tenha a bondade de dizer muitas coisas em nosso nome ao querido Pai Dom Bosco, e também ao nosso Padre Superior; e que ele volte logo!

Receba, Reverendo Padre, os nossos mais sinceros cumprimentos. Beijando-lhe respeitosamente as mãos, peço-lhe que me abençoe. Creia-me sua humílima e indigna filha,

Ir. Luisinha Vallese F.M.A. (28)

LEITURA DO “BOLETIM” DE SETEMBRO

Enquanto em Turim-Valsalice se realiza o Capítulo Geral Salesiano — da tarde do dia 1.º à tarde do dia 7 de setembro — na casa de Nizza Monferrato e naquelas onde chegou o aviso da Madre, reza-se à SSma. Virgem, pelas intenções de Dom Bosco. Ao mesmo tempo, com cantos e poesias, se prepara a festa da Natividade de Maria Virgem e o segundo centenário da festa do seu Nome.

Chega o Boletim Salesiano de setembro, com notícias sobre os artigos caluniosos publicados pelo “SÉCULO”, de Milão, “GAZETA DO POVO”, de Turim e o “TRABALHO”, de La Spezia, a respeito de Dom Bosco e do seu Oratório, que é apresentado como um antro contagioso de criminosos. Os sacerdotes, em geral, são vistos como verdadeiros corruptores da juventude.

O mesmo Boletim descreve os triunfos de Maria Auxiliadora em Buenos Aires-Almagro, por ocasião da solene bênção da primeira igreja dedicada a ela na América. Traz notícias também a respeito dos testemunhos gerais de pesar, de estima, de amor e de elogios tributados à memória da pranteada Irmã Madalena Martini.

PADRE LEMOYNE: “ACIMA DE TUDO OS INTERESSES DE DEUS”

Entre a festa de Nossa Senhora das Dores, no dia 16, e a de S. Miguel Arcanjo, no dia 29, toda a comunidade de Nizza Monferrato é assaltada por um grande medo. A Vigária, Madre Henriqueta Sorbone, está doente, vítima de uma violenta febre tifóide, apresentando uma temperatura constante de 40º, quando não mais alta ainda.

(28) Original no Arq. Geral FMA.

Embora o médico garanta que não há motivo para alarme, porque a doença está fazendo o seu curso natural e se pode contar com o coração, muito resistente, a oração das Superiores e Irmãos é incessante.

Madre Vigária é o braço direito de Madre Daghero, um verdadeiro anjo de conselho, acolhedora e compreensiva, sobretudo no cuidado com as novas vocações. É natural que a comunidade inteira esteja empenhada na oração por ela.

As apreensões de todas se soma o receio de que, por causa dessa doença, não seja permitida a entrada das alunas internas que devem iniciar o ano letivo.

A volta do Diretor Pe. Lemoyne, que estava participando do Capítulo Geral Salesiano, infunde nova coragem; ele nos anima com pensamentos de fé e de esperança: “Vocês acham que Deus não cuidará dos nossos problemas, se nós cuidarmos dos dele? Portanto, vamos assumir, como nossos, os interesses de Deus, e Ele pensará em consolar-nos”.

Chama, por isso, a atenção da comunidade para as últimas investidas satânicas para induzir o clero italiano a abandonar o Papa e fazer um deserto em torno do Vaticano. Antecipa algumas notícias sobre a peregrinação que mais de cinco mil sacerdotes, chefiados pelo Cardeal Alimonda, o famoso Arcebispo de Turim, fizeram a Roma.

“Que dia magnífico aquele! — conclui o Diretor, quase comovido — Que grande dia aquele 20 de setembro, quando a imponente massa respondeu ao convite diabólico com um solene protesto: ‘Para o sacerdócio católico, o século de Leão XIII não é um século de fracos, de vis, de traidores, mas de padres invencíveis! O mundo poderá ver no Vaticano uma arena de mártires, mas um deserto, nunca!’.”

Vocês podem imaginar a comoção do Papa naquele momento? E não sentem a divina grandeza da nossa fé? Vivamos desses pensamentos, agradeçamos e rezemos. O Senhor e Nossa Senhora farão o resto”.

Assim, mais uma vez o Pe. Lemoyne reafirma um de seus princípios fundamentais: Acima de tudo, Deus, a sua Igreja, as almas; depois, o que se pode chamar de pessoal e material.

CARTA COLETIVA DE NICE

O dia 29, festa de São Miguel, traz notícias agradáveis e inesperadas de Nice. Aquelas Irmãs têm um jeito todo especial para exprimir sua alegria:

Queridíssima Madre,

para sermos rápidas, vamos fazer o que for possível; e a senhora, tão boa com suas filhas, saberá compadecer-se de nós.

A senhora sabia que Dom Bosco esteve quase escondido aqui, durante o Retiro dos Salesianos? O Padre Prefeito nos disse, muito em segredo: "Ele veio para descansar um pouco; portanto, ninguém de fora deve ficar sabendo".

Nós só tivemos essa notícia meia-hora antes do jantar, para que preparássemos alguma coisa especial para ele, tão necessitado de cuidados.

Todas as manhãs ele vinha celebrar a Missa na nossa capela, para poder estar mais tranqüilo; depois tomava o seu cafezinho, enquanto nós fazíamos o possível para estar perto dele e ouvir alguma daquelas palavrinhas.

Mas, cedo o lugar para quem irá continuar e, com isso, vou aonde esperam por mim.

A sua afma.

Irmã Margarida Rasino".

"Já que sou a menor, a minha Diretora me concede o privilégio de escrever logo depois dela.

Eu estou bem e muito contente. Nestes dias, então estivemos no Paraíso. Vimos um santo celebrar a Missa na nossa igreja; recebemos a comunhão das mãos dele e, certa vez em que eu estava presente enquanto ele tomava o café, nos disse: "É verdade que nesta casa vocês têm de fazer muito sacrifício, mas o Paraíso é de vocês. Porém, lembrem-se de trabalhar só para Deus, e de estar sempre alegres".

Madre queridíssima, sou a sua pequena noviça que está sempre alegre,

Irmã Teresa Grazie".

"Eu também tenho muito prazer de lhe escrever alguma coisa a respeito do nosso querido Pai e Fundador. Uma manhã, enquanto tomava café, pedimos a ele que nos desse uma prática para terminarmos bem o mês. E ele, sempre complacente, nos disse: "Sim, com muito prazer. Que nunca lhes aconteça cortarem a casaca dos outros, sobretudo se a pessoa interessada está ausente e não pode se defender". Depois, com afeto realmente paterno, se pôs a contar muitas coisas bonitas, alegres e edificantes.

Irmã Rosina Rota (sempre rodando)".

“Agora é a minha vez. Ai, que engraçado!

Certa manhã, tínhamos combinado preparar para Dom Bosco, duas gemas batidas no café-com-leite. Eu, eu mesma, achando que talvez não estivesse bem adoçado, criei coragem e perguntei: — “Pai, posso pôr mais um pouquinho de açúcar?”.

— “Pode pôr” — respondeu ele. E eu fui pondo, uma colher depois da outra, esperando que ele me dissesse “basta”. Mas Dom Bosco, talvez porque estivesse pensando em outra coisa, ou porque está habituado a nada pedir e nada recusar, não se deu por entendido; por fim, eu mesma, vendo que aquilo estava virando um mingau, achei melhor parar. E o querido Pai tomou tudo, em santa paz!

Madre querida, a senhora nem pode avaliar a nossa admiração, e também a minha humilhação quando, assim que ele saiu, as Irmãs todas caíram em cima de mim, dizendo: “Como é que você pôde fazer aquela polenta para Dom Bosco? Devia estar repugnante, de tão doce!”.

Mas... eu sou eu mesma, Madre querida, a sua pobre

Irmã Catarina Caspani”.

“Cabe à última contar aquilo que a Diretora quer que lhe conte.

Tínhamos acabado de chegar dos Retiros de Turim e Nizza e, por causa deles, nos atrapalhamos um pouco, porque... O porquê vem depois. A nossa querida Diretora, aproveitando o momento em que Dom Bosco estava conosco, depois da Missa, lhe disse: — “Pai, como é que a gente faz? Entre o Retiro de Nizza e o de Turim, o intervalo é tão pequeno que não dá tempo de chegarem as primeiras, antes que as outras tenham de sair. A casa não pode ficar sem ninguém; e como as Irmãs não podem ficar sem Retiro...”.

Com um sorriso bondoso ele respondeu: — “Diga às que vão primeiro que façam à meia, de modo que um olho, um ouvido, um pé e uma mão fiquem em Nizza, e a outra metade esteja em Turim... Assim, quando voltarem, podem dizer que estiveram nos dois lugares. E as que ficaram em casa podem saber o que foi dito num lugar e no outro e, sobre isso, fazer as contas anuais”.

Nem a Diretora, nem nós, entendemos a brincadeira do querido Pai. E ele, rindo e fazendo-nos rir também, disse depois: — “Faça como puder. Mande metade das Irmãs a Nizza; quando essas chegarem aqui, mande as outras a Turim. Se chegarem depois que o Retiro tiver começado, paciência! O Senhor não será menos generoso do que elas foram, fazendo essa renúncia”. Depois nos repetiu: — “Estejam

alegres! Estejam alegres! No fim da vida vocês irão receber um belo salário!”.

Oh! que consolo!

Sua afma. *Irmã Anna Pavese.*”

“Irmã Anna me mandou ler as últimas linhas e eu acrescento: Quando Dom Bosco disse isso, eu estava atrás das outras, e ele, erguendo a mão e apontando-me com o dedo, disse: “Ei, você! Lembre-se disso, sim?”.

Se fosse agora, eu teria perguntado o que ele queria dizer, mas naquele momento não me ocorreu. É mais uma prova de que sou sempre a mesma. . .

Ir. Caspani, coitadinha!”

“Dom Bosco saiu daqui no dia 24, bastante descansado e contente com a guarda que conseguimos montar para escondê-lo das pessoas de fora, quase até o último momento. Sua bênção paterna nos animou a sermos sempre melhores.

Afma. Irmã Margarida.”

RUMO À SICÍLIA

No dia 2 de outubro, escoltada pelos Anjos da Guarda, Irmã Madalena Morano deixa Nizza e vai para Turim, com as outras quatro que vão com ela para a Sicília já tão querida ao seu coração: Irmã Úrsula Robustelli, Irmã Elisa Marocchino, Irmã Ermelinda Moschetti e Irmã Emanuela Elena.

Vão receber a bênção de Dom Bosco, não apenas para elas, mas para cada uma das Irmãs que já trabalham na Sicília, especialmente para a próxima fundação de Cesarò. Desde o dia 30 de novembro de 1880 tinham pedido duas Irmãs diplomadas, para substituir uma professora não estimada pelas famílias. O pedido foi renovado diversas vezes, sem resultado, porque não se dispunha ainda de casa para as Irmãs, pátios e local para o Oratório Festivo, a sala de costura etc. de que se sentia muita necessidade.

Ainda estão faltando muitas coisas, e não existem por enquanto os móveis e utensílios; mas, levando em conta o mal que precisa ser remediado imediatamente, e a possibilidade de se fazer o bem, chegou-se finalmente ao “sim” tão esperado. As Irmãs escolhidas vão para lá acompanhadas por Padre Cagliero, cheias de confiança de poderem realmente fazer um grande bem.

MORRE IRMÃ ROSA MASSA

No dia 7 de outubro, festa de Nossa Senhora do Rosário, tomase conhecimento de que faleceu em Turim a Irmã Rosa Massa, considerada pelas Irmãs uma verdadeira “tocha de observância religiosa”.

Embora não fosse jovem, tinha sido aceita por Dom Bosco para uma experiência, em vista da sua piedade e espírito salesiano de sacrifício. De passagem por Sampierdarena, ele lhe havia dito: “A senhora terá de se habituar a uma vida de muito sacrifício, principalmente quanto à alimentação e ao repouso. Porém, pode experimentar”.

Irmã Rosa experimentou e resistiu, merecendo fazer os votos perpétuos, depois de apenas dois anos e meio de virtude provada no silêncio, no trabalho e na admirável aceitação de qualquer mortificação. Que página bonita ela deixa para as Irmãs que lhe sobrevivem!

TEMOS UM SANTO À NOSSA DISPOSIÇÃO

Embora persista altíssima a febre tifóide que consome as forças da queridíssima Madre Vigária, e mantém todo mundo intranquilo, depois de ouvir a prudente opinião do médico, fica decidido que as alunas internas poderão voltar ao colégio. As novas chegam, uma a uma; as antigas, em grupinhos barulhentos, e se alegram ao ver terminada a construção da portaria e do locutório.

Prevê-se que, no dia da festa de Santa Teresa, quase todas já estejam em casa, para dar início ao ano letivo. Mas, de repente, se ouve falar nada menos do que em ministrar à querida enferma a Extrema-Unção. Ela está sofrendo delírios e desmaios que fazem temer seriamente por sua vida.

O Diretor Pe. Lemoyne sugere: “Vamos telegrafar a Dom Bosco! Temos um santo à nossa disposição; por que não pô-lo à prova? Enquanto o telegrama segue, ponham debaixo do travesseiro da doente alguma coisa de Dom Bosco, nem que seja só uma assinatura dele; vocês vão ver como Nossa Senhora nos consolará”.

Foi o que se fez. Pouco depois a doente foi tomada por uma sonolência, e a respiração melhorou. Junto do seu leito, na sala de costura, na capela, e até na horta, alguém estava rezando o terço, baixinho ou em voz alta. Durante a noite as condições da enferma não se alteraram, mas na manhã seguinte chegava uma grande bênção do Pai, com palavras de confiança. A doente dá um profundo suspiro, abre os olhos para ver quem está perto dela, sorri e diz claramente: “Estou me sentindo muito melhor!”.

Alguém pergunta: “Será a melhora da morte?”.

Mas o Pe. Lemoyne contesta: “Gente pobre de fé! É a bênção de Dom Bosco que está produzindo seus efeitos!”.

E é verdade. A partir do momento em que recebeu a bênção de D. Bosco, Madre Vigária entrou em franca convalescença; e na festa de Santa Teresa, patrona do Instituto, pode-se cantar com alegria o hino do agradecimento.

MISSIONÁRIAS PARA O BRASIL TAMBÉM?

Quase em seguida surge uma outra alegria: a escolha de um novo grupo de misionárias para responder ao pedido insistente do Inspetor Pe. Costamagna.

Ao mesmo tempo, se pode dar uma esperança ao Inspetor Pe. Lasagna, que espera Irmãs também para o imenso império brasileiro.

O Boletim Salesiano de outubro apresenta justamente o grande campo de bem que se abre naquelas regiões.

NOTÍCIAS DE CESARÒ

Chegam as primeiras e boas notícias da fundação de Cesarò, para onde foram as nossas queridas Irmãs, acompanhadas pelo Pe. Cagliero, no dia de Santa Teresa.

A grande vila, de quase cinco mil habitantes, está a 1.130 metros acima do nível do mar; por isso, embora na “Ilha do Sol”, naquela altura se sente frio.

O clero local, o governo municipal e o povo acolheram festivamente as Irmãs. A residência, apenas suficiente, ainda não permite abrir o Oratório festivo. Porém, os zelosos sacerdotes que promoveram aquela obra — Pe. Zinno, Pe. Gusmão, os irmãos Pe. Calógero e Pe. Ignácio Scaravili — garantem que, junto com a prefeitura, irão providenciar logo tudo o que for necessário.

Portanto, Padre Cagliero deixou lá Irmã Brígida Prandi, como Diretora e professora, Ir. Emanuela Elena, também professora, e a noviça Irmã Veneranda Mananice, para os trabalhos caseiros. Recomendou-as à Virgem SS. para que as proteja e guie no novo campo de trabalho.

É o mesmo pensamento que Dom Bosco escreveu para Irmã Elena, atrás de um santinho de Maria Auxiliadora: “Maria Santíssima seja seu guia; espere nela. Recomende a comunhão freqüente”. E como a Irmã está sempre exibindo esse pequeno “tesouro”, o Diretor

Geral conclui: “Fiquem vocês também com a lembrança de que Irmã Elena tanto fala, e estarão contentes”.

OUTRAS POLÊMICAS A RESPEITO DE CHIERI

Pelo que escreve a Diretora, Irmã Rosália Pestarino, supõe-se que em Chieri haja ainda ares de tempestade. Talvez a insistente recomendação de moderar a alegria pelo vitorioso retorno do Pe. Bonetti àquele Oratório, não tenha sido suficiente, e o fogueiro que ficara escondido debaixo das cinzas se reacendeu, trazendo outras feridas à paz e novos dissabores para as pessoas de bem.

Lemos na carta de Irmã Rosália, do dia 29 de outubro:

“Eu havia feito o propósito de ficar calada, mas ontem uma oratoriana me trouxe um recorte de jornal em que pude ler um pouco de tudo contra nós. Será que a senhora chegou a vê-lo, Madre querida? Em caso afirmativo, o Sr. Diretor Pe. Lemoyne terá adoçado um pouco o amargor; se não, perdoe o desgosto que estou lhe dando com esta carta. Não mando o artigo, porque tive de devolvê-lo; mas guardei bem os pontos principais e posso repetir o conteúdo deles:

‘Dom Bosco tem um formigueiro de padres e irmãos, que cuidam de velhas beatas e de jovens. A lei não admite mais conventos, mas Dom Bosco está criando novos, para enganar muitas pobres moças do povo, e deixar em desespero mães abandonadas e pais que vêem arrancados seus filhos e filhas, vítimas inocentes de freiras e frades frios e egoístas.

No caso das meninas, a desculpa é que elas vão estudar em Nizza, para serem professoras. Depois, as vestem de preto. . . como aconteceu há pouco, com uma menina de quinze anos que foi para lá com a abadessa.

E as Autoridades do governo vêem isso e deixam passar!’

Querida Madre, se quiser saber de tudo direitinho, procure a “Gazeta do Povo”, do dia 6 de outubro, e poderá ver melhor como estão querendo atingir as nossas casas de Chieri e de Nizza.

Mas Nossa Senhora está acima de todos, e o demônio não pode vencer. Entretanto, nós procuramos ser boas e ficar caladas o mais possível, para não dar motivo a outros sofrimentos, e, pelo contrário, dar muitas consolações à senhora e às nossas caríssimas Superiores, bem como aos queridos Dom Bosco e Pe. Bonetti. . .” (29)

(29) Cf. MB XVI 359.

A Madre não se iludia de estar livre de uma outra investida de ventos contrários, vindos de Chieri, mas não com tanta força. E sofre muito com isso, principalmente por causa de Dom Bosco e do Pe. Bonetti. Porém o Diretor Pe. Lemoyne cuida logo de infundir paz e serenidade onde a inquietação querería penetrar.

“— O que a senhora me conta e aquilo que já sei, não passam de uma palhinha do grande palheiro que os raivosos anticlericais tentam acumular contra Dom Bosco. Ele não dá muita importância a isso, e deixa que o Pe. Bonetti desembainhe a sua espada: vai nos fazer uma surpresa, com o lançamento de um outro opúsculo intitulado: ‘Um mosquitinho e uma águia’, em que faz a defesa do *Cardinal Alimonda*”.⁽³⁰⁾

A Madre e as Irmãs se convencem, mais uma vez, de que os Santos não se amedrontam com as manobras dos maus. No coração de todas se reanima a confiança de que o mosquitinho das malvadas insídias não pode contaminar o bem que é feito em nome de Deus.

PALAVRAS DE DOM BOSCO AS FUTURAS MISSIONÁRIAS

Logo após a solenidade de Todos os Santos, as doze escolhidas para a nova expedição missionária viajam para Turim. Madre Vigária vai com elas, a fim de agradecer a Dom Bosco e a Maria Auxiliadora, a cura alcançada. De lá, seguirá para Lanzo, onde continuará sua convalescença.

As missionárias vão ficar alguns dias em Turim, para receberem algumas aulas de espanhol, que o Pe. Costamagna lhes dará. Será só por poucos dias mesmo, porque o Inspetor deve ir se encontrar com o Pe. Cagliari, que está voltando da Sicília. Irão junto a Roma, para expor ao Papa a situação da Patagônia, e receber dele uma bênção para cada um dos missionários prestes a partir.

A cerimônia de despedida dos novos missionários está marcada para o dia 10, e naquela data os dois Superiores estão de volta a Turim.

Entre as missionárias se relembra com muita comoção o encontro com Dom Bosco, no dia anterior. Dom Cagliari aconselha a escrever tudo o que o Fundador disse a elas: “Não se deve perder nada dele, nem uma migalha, entendem?”.

Foi assim que a noviça Irmã Luisinha Vaschetti escreveu suas notas:

(30) Cf. MB XVI 360-61. Bollettino Salesiano, dezembro 1883, ano VII, n. 12, pág. 201.

“Depois de nos animar a empreender a longa viagem para a América tão distante, com muita confiança na proteção de Maria SS. Auxiliadora, e de nos falar sobre a facilidade dessa viagem,⁽³¹⁾ em vista do progresso atual da arte náutica, Dom Bosco concluiu com a seguinte lembrança: “Assim como os Apóstolos, depois de terem realizado muitos prodígios e feito coisas grandiosas para a glória de Deus, se reconheceram servos inúteis, nós, depois de todas as obras que o Senhor se compraz em realizar por meio de nós, devemos nos declarar humildes servos de Deus, na certeza de que tudo aquilo que fazemos é obra do Senhor.

E vocês, Filhas de Maria Auxiliadora, chamadas por Deus às missões, devem se armar de força e de virtude, para que o trabalho que fazem alcance o objetivo desejado. Para isso, é preciso fazer tesouro dos santos princípios e dos santos ensinamentos recebidos na Casa-Mãe. Portanto, vocês devem fazer como os soldados que, enquanto permanecem no quartel, estão sempre se adestrando no manejo das armas que terão de usar, no caso de serem chamados a socorrer uma cidade assaltada, ou espantar bandos de malfeitores etc. E agora vocês terão de pôr em prática as virtudes que lhes ensinaram e, com ânimo forte, superar as dificuldades inseparáveis da grande missão à qual irão se entregar: a salvação das almas.

E qual será o meio seguro pelo qual as Filhas de Maria Auxiliadora poderão estar certas de que a sua vida está de acordo com o espírito adquirido na Casa-Mãe e com o desejo da Superiora Geral? O meio é este: estejam muito ligadas à Santa Regra, em tudo e por tudo. Imitem os hebreus, que tinham duas faixas, uma na frente e outra no peito, e nelas estava escrita a Lei. Isso era para se lembrarem, em toda parte, da obrigação de observar fielmente as ordens de Deus. Vocês devem levar a Santa Regra na mente e no coração, e nunca se afastarem do que ela prescreve.

Amem as Regras, observem-nas com perfeição. Se por acaso uma se esquecesse, eu lhes recomendo que se corrijam mutuamente, avisem umas às outras, sem esperar que os Superiores tenham de fazê-lo. Mas, cuidado para que isso seja feito na caridade, de modo que uma tenha a coragem de corrigir, e a outra, de receber a correção, sem ressentimentos”.

(31) Ele podia descrever quanto lhe fora revelado no recente sonho de 30 de agosto sobre o futuro das Missões (MB XVI 385).

Depois ele nos deu um terço, em cuja ponta havia uma cruz, e disse: “A cruz, em vez da medalha, para que se lembrem de que a cruz deve ser a nossa companheira, sempre e em toda parte”.

Concluindo, desejou-nos de novo uma boa viagem, com a certeza da proteção do Céu, e por fim nos deu a sua bênção paterna. (9-11-1883).”

DUPLA FUNÇÃO MISSIONÁRIA

Na tarde de sábado, dia 10, muito antes da cerimônia esperada, a igreja de Maria Auxiliadora está cheia de parentes, amigos e conhecidos. As Irmãs também participam, com os Salesianos, da cerimônia à qual não faltam lágrimas de silenciosa comoção. Depois, a igreja volta ao silêncio.

Para as Irmãs que não estavam presentes, as missionárias repetem comovidas os três pontos principais com que o Pe. Costamagna concluiu seu discurso: “Precisamos de missionários e missionárias para civilizar os selvagens, moralizar os civilizados e conservar a fé dos imigrantes. Dai-nos missionários, sede missionários: é um dever de caridade, de gratidão para com Deus, e de correspondência à graça”.

Em seguida, um jantarzinho rápido. Mais rápidas ainda as despedidas: abraços, beijos, e todos para a estação. Os Salesianos vão com o Pe. Cagliari para Sampierdarena; as Irmãs, com a Madre, para Nizza Monferrato, onde terão mais um dia de comoção e de devota piedade entre as Irmãs.

O dia 11, domingo, é todo dedicado às missionárias: Santa Missa com cantos e fervorosas comunhões; no refeitório, cumprimentos, homenagens e poesias. À tarde, após as vésperas cantadas em gregoriano, um solene discurso do Pe. Lemoyne: “Gratidão a Deus pela vocação especialíssima ao apostolado entre os selvagens, idólatras e não católicos de todo tipo, e à juventude ignorante dos princípios cristãos. Gratidão a Maria Auxiliadora e a Dom Bosco, por terem escolhido o Instituto tão humilde, e as suas humildíssimas filhas, para que se confirme que à pobreza dos meios correspondem, geralmente, as mais gigantescas obras divinas na terra”.

As preces rituais pelos viajantes e peregrinos, e a bênção solene de Jesus Sacramentado encerram a devota função.

Após o jantar, a boa-noite, que se pode definir “um abraço de religioso afeto”. Em seguida, as últimas orações em comum na igreja

de Nossa Senhora das Graças, e o repouso nos colchões de palha, sempre benéficos, mesmo que não sejam tão macios... Nos sonhos das que dormem, mares e montanhas, florestas e terras desconhecidas; outras ficam de olhos abertos e a alma em oração.

CORAGEM, MINHAS FILHAS!

O dia 12 é de grande trabalho para as que partem e, para as que ficam, oportunidade para prestar mil atenções e favores. Ao entardecer, embora a temperatura não seja a de abril, a comunidade se reúne no pórtico, ao lado da chamada escadinha de Dom Bosco, para os cumprimentos, as promessas e os fervorosos pedidos das viajantes.

Em nome delas, a noviça Irmã Luisa Vaschetti, com versos espontâneos, afirma a vontade inabalável de todas, de se conservarem sempre próximas, mesmo se tão distantes; sempre Filhas de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco, embora em regiões inóspitas; e sempre apoiadas nas orações maternas e fraternas.

Chega a hora da partida. Acompanhadas pela Madre, as generosas Irmãs já estão no vagão de terceira classe. Em Sampierdarena são esperadas pelo grupo dos missionários que chegaram antes, para seguirem juntos na linha: Gênova-Marselha.

O adeus é terno e forte. O Pe. Cagliari, em nome de Dom Bosco, que ficou em Turim, repete: “Coragem, minhas filhas! No mar ou em terra, vocês terão Nossa Senhora sempre a seu lado; ela será para vocês Mãe piedosa e Rainha poderosíssima!”. O Inspetor Pe. Costamagna faz o possível para disfarçar a comoção, e trata de se misturar com os irmãos e os passageiros da mesma cabine; mas, quem o conhece profundamente, comenta: “Que coração grande, debaixo de uma casca tão áspera!”.

PRIMEIRAS NOTÍCIAS DA VIAGEM

No dia 14 de novembro chegam de Marselha as primeiras notícias: — “... Já estamos no navio Béarn, que nos levará ao nosso destino. O Pe. Cagliari está conversando com Madame Jacques que, junto com Irmã Meana, nos acompanhou até aqui, talvez para ver se consegue alguma facilidade para as Irmãs viajantes,⁽³²⁾ e, pelo que parece, estão conseguindo. O Inspetor, Pe. Costamagna, está sempre andando para lá e para cá, sem parar nem um pouquinho; e a gente

(32) Bollettino Salesiano, dezembro 1883, ano VII, n. 12, pág. 202.

sabe o motivo: ele não quer se deixar vencer pela comoção. Todas nós estamos onde está o nosso pensamento, isto é, o nosso coração: em Nizza, em Turim, em casa de nossos familiares... em toda a pátria querida. Mas fugimos daqui a cada momento, para ir à Patagônia ou mais longe ainda, para depois fugir de lá também e esconder-nos no Coração de Jesus, onde se encontra tudo e nada se perde.

Entregaremos esta carta à Irmã Meana, porque o Pe. Cagliero com certeza terá muita coisa para pensar, se é que irá mesmo fazer uma visita às Irmãs da França. Esperamos que esta chegue rápido a Nizza."

A carta é assinada por Irmã Josefina Testa, Irmã Luísa Ferrero, Ir. Clementina Rabagliatti, Ir. Catarina Picco, Ir. Margarida Cantavina, Ir. Aninha Balduzzi, Ir. Emília Fracchia, Ir. Aninha Grassi, Ir. Conceição Bellomo, Ir. Maria Bussetti e Ir. Luísa Vaschetti.

Após as assinaturas, um duplo pós-escrito: "O acréscimo é meu (Irmã Ângela Cagliero), para lhes contar que faz oito dias chegávamos bem a Marselha e que, quando fomos receber a última bênção de Dom Bosco, antes de sair de Turim, eu fiquei tão atrapalhada que não conseguia dizer uma só palavra! Ele teve de me socorrer, dizendo: "Então, você está indo para a América! Vá bem contente, pois, com a ajuda de Maria Auxiliadora, salvará muitas almas!"

"A segunda sou eu, a pobre Irmã Luísa Ferrero, para dizer o que não contei antes: Quando falei com Dom Bosco, em particular, o nosso santo Pai me disse: "Nós não nos veremos mais nesta terra, mas no Paraíso, sim. Você irá sofrer muito, mas Nossa Senhora a ajudará, de forma toda especial. Quanto ao seu passado, fique tranqüila..."

Por isso eu me recomendo às orações de todas, para que o meu passado me deixe em paz e o futuro não me assuste..."

MAIS DUAS CASAS

Nos dias decorridos entre a partida dessas missionárias e as primeiras notícias delas, enviadas de Marselha, foram abertas duas novas casas: a de Villarboit e a de Borgo Cornalese, respectivamente nos dias 12 e 15, para Jardim da Infância, Oratório Festivo e talvez, catequese paroquial e algumas aulas particulares.

Villarboit, na região vercelesa, está plantada entre arrozais; por isso, se pensou logo no espantinho da malária. Mas o zeloso pároco, amigo de Dom Bosco, soube defender de tal modo a própria causa e a do prefeito, que conseguiu logo as Irmãs. Os habitantes do lug-

rejo são pouco mais de mil, porém há muitas crianças, e as mocinhas são tão piedosas que se pode esperar um Jardim bem freqüentado e um florescente Oratório. É o que pensam as Irmãs que estão iniciando aquela obra: Irmã Filipina Canale, diretora, Irmã Rosa Noli, com pouco mais de um ano de profissão, e Irmã Peregrina Gallizio, noviça há três meses.

Borgo Cornalese é um pequeno subúrbio de Villastellone, a uns vinte quilômetros de Turim; fica ali o castelo dos Condes De Maistre. O pedido de fundação foi feito pelo próprio Conde Eugênio, benfeitor de D. Bosco, e não podia deixar de ser atendido. A Diretora é a Irmã Santinha Pisciolli, e com ela vão Irmã Margarida Raineri, que professou em agosto passado, e Irmã Celestina Torretta, noviça de março deste ano.

Vão em nome de Deus, de Nossa Senhora e de Bom Bosco, para o bem da infância e da juventude, e também dos camponeses, quase todos dependentes dos Condes. Espera-se conseguir ali uma abundante colheita para o Céu.

PODEM CORTAR SEM RECEIO

Uma viagem muito diferente — porque não terá volta — foi a de Irmã Giovanna Costa, falecida em Turim, no dia 28 de novembro.

Depois de quatro anos de atrozes sofrimentos, levada pela obediência religiosa, ela se dispôs a aceitar uma operação. E Jesus aceitou a oferta da vontade e da vida de quem soubera dizer aos médicos que a operavam com todo o cuidado e delicadeza: “Podem cortar, sem receio; assim, eu irei mais depressa para o Céu”.

Após uma agonia longa e dolorosa, suportada com admirável paciência e ardente amor ao Crucificado, foi se encontrar com seu Esposo Celeste.

PADRE LEMOYNE — SECRETÁRIO DO CONSELHO GERAL

Antes de voltar de Gênova, o Diretor Geral havia preparado o espírito da Madre para a próxima separação do zeloso Pe. Lemoine, eleito secretário do Conselho Geral Salesiano. Agora chegou o momento de preparar as Irmãs para o sacrifício, e a notícia é comunicada com viva comoção e sincero pesar.

O dia 10 de dezembro, festa da trasladação da Casa de Loreto, marca a partida do bom Diretor: no coração de todas, a gratidão mais sentida. Escrevendo a ele, no dia 18 de dezembro, a Madre a interpreta:

“Era meu desejo e, ao mesmo tempo, uma necessidade do coração, escrever-lhe logo depois de sua partida, muito sofrida para nós.

Primeiro, para lhe pedir desculpas por não ter tido coragem de me despedir, antes de sua ida para Turim.

Em segundo lugar, para retribuir os cumprimentos que o senhor deixou por escrito a toda a comunidade,⁽³³⁾ que ficou petrificada ao saber que já havia viajado e não iria vê-lo mais. Eu não tive coragem de dar a notícia e transmitir os cumprimentos, senão dois dias depois.

Acredite, eu não pensava que iria sofrer tanto: experimentei toda a dor que uma filha muito afetuosa e agradecida sente, quando vê partir seu pai. Agora, mais do que nunca, reconheço quanto bem o senhor fez à minha pobre alma e a toda a Congregação, e o que teria continuado a fazer — conhecendo assim a fundo as nossas misérias e fraquezas — se Nosso Senhor o tivesse deixado ainda como Diretor e Pai de nossas almas...

Mesmo de longe, continue a ajudar-nos, como prometeu, com suas fervorosas orações e sábios conselhos, fazendo-nos de vez em quando a surpresa de uma visita; fique certo de que encontrará sempre em nós, filhas gratas e afetuosas que, para corresponder às suas solitudes paternas, farão o possível para pôr em prática seus conselhos, tanto os gerais como os particulares.

... Agradeço-lhe a atenção que teve conosco, falando com o nosso bom Pai Dom Bosco. Sim, agradeço a Deus que ele possa estar, de algum modo, a par de tudo, e que ele seja sempre Pai para mim, como eu sinto que sou para ele, filha afetuosa e sempre mais aberta.

... Espero escrever-lhe novamente...

Todas do Conselho me incumbem de transmitir-lhe seus cumprimentos muito especiais, e agradecer tudo o que fez por elas. Garantem que jamais esquecerão o bem recebido, e sempre rezarão pelo senhor. O mesmo gostaria de dizer, a uma só voz, toda a Comunidade...

... Abençoe-nos a todas, especialmente a pobre, mas gratíssima e afetuosíssima filha,

Irmã Catarina ⁽³⁴⁾

(33) V. Cartões com lembranças para a Madre, as Irmãs, as Noviças, as postulantes, no Arq. Geral FMA.

(34) Cópia no Arq. Geral FMA.

FESTA DE NATAL

Para homenagear o novo Diretor, Pe. Luís Bussi, que já chegou de Sampierdarena, o Natal deste ano tem uma novidade: a representação teatral do presépio de Belém, inclusive a adoração dos Reis Magos. É uma cena histórico-fantástica, que desperta um amor mais vivo ao Divino recém-nascido e completa a festa dos corações.

CARTA DE DOM BOSCO À MADRE

Respondendo aos votos de Feliz Natal que lhe foram enviados de Nizza, Dom Bosco tranqüiliza a Madre a respeito de algumas preocupações que ela havia manifestado, por causa de uns comentários vagos de que tivera conhecimento.

Revda. Senhora Madre Geral,

recebi os seus votos e os das Irmãs e alunas.

Agradeço-lhes, de coração, e peço a Deus que lhes recompense largamente a caridade de suas orações por mim.

Não dê importância às palavras que alguém anda espalhando a respeito das nossas casas. São coisas vagas, incoerentes, ambíguas. Por isso, quem quiser alguma coisa, que a diga e fale com clareza.

Fique tranqüila: quando eu tenho necessidade de dizer alguma coisa, não mando recados, mas falo pessoalmente, ou escrevo eu mesmo.

Deus as abençoe e dê a perseverança à senhora, às suas Irmãs e a todas as alunas que lhe são confiadas. Creia-me em Jesus Cristo, Turim, 25 de dezembro de 1883

humilde servidor

Sac. João Bosco ⁽³⁵⁾

PADRE CAGLIERO EM NIZZA

A festa dos Santos Inocentes traz o Pe. Cagliariero de volta a Nizza, e com muitas notícias boas e bonitas, entre as quais os pormenores a respeito da menina parálitica, instantaneamente curada por Dom Bosco, na tarde do dia 20 deste mês. ⁽³⁶⁾

(35) Cf. MB XVI 433.

(36) MB XVI 315-16.

Comenta também o artigo de um jornal romano, no qual um correspondente define Dom Bosco “um santo” e “glória da Itália”.⁽³⁷⁾

Acrescenta outras notícias sobre a ótima viagem das queridas missionárias destinadas à Argentina e à Patagônia. Não deixa de mencionar a linda conferência que Dom Bosco fez em Casale Monferrato, onde o Pai ilustrou magnificamente a obra das Filhas de Maria Auxiliadora.

Para alegrar ainda mais o coração da Madre e das Irmãs, o Pe. Cagliariere entrega algumas cartas de boas-festas que as missionárias escreveram a Dom Bosco, dizendo que o bom Pai gostou muito delas e permite que sejam lidas também pela comunidade de Nizza, para que se conserve sempre essa santa simplicidade e cortesia para com os Superiores, de perto e de longe.⁽³⁸⁾

Na mesma tarde, o Pe. Cagliariere dá início a um tríduo de pregações para as novas candidatas à vestição religiosa, desenvolvendo o tema central: Amar Jesus, amar exclusivamente a Jesus, consagrando a Ele pensamentos, desejos, palavras, obras e todo o ser, para agradecer-lhe e caminhar para Ele com mais segurança; amar Nossa Senhora, os santos Anjos da Guarda que nos levam a Jesus, e todos aqueles que nós temos de levar a Jesus.

(37) MB XVI 317.

(38) Anexo n. 10, cf. Ed. It., pág. 359.

ANO DE 1884

ANO NOVO E NOVAS VESTIÇÕES

O Ano Novo se abre à luz jubilosa de novas vestições; entre as quatorze candidatas, está Bianca Lemoyne, irmã do Diretor.

Prevê-se que esta será a última cerimônia desse tipo a que o Pe. Lemoyne assistirá. Ele está em Nizza, por pouco tempo.

Em meio à comoção geral, ressoa alta e decidida a palavra do Pe. Cagliari: “O mundo é perverso, porque Jesus Cristo não é amado. As almas se perdem, porque Cristo não reina entre nós. É preciso que Jesus triunfe em nós e em torno de nós. E Jesus triunfará, se Maria Santíssima for, de fato, a nossa divina Imaculada Auxiliadora!”

As novas noviças, cheias de alegria, renovam o firme propósito de serem ardentes apóstolas de Jesus e de Maria.

UMA CARTA DE DOM BOSCO

Depois de alguns dias passados na salesiana serenidade da Casa, o novo Diretor Pe. Bussi apresenta à comunidade uma linda carta que Dom Bosco, retribuindo os votos de Boas-Festas, envia às suas filhas que lhe dão tantas consolações:

V. J. M. J.

Minhas boas e queridas filhas em Jesus Cristo,

é grande a consolação que experimento, cada vez que recebo palavras de respeito e de carinho da parte de vocês, minhas boas filhas. Mas, as afetuosas expressões que, por carta ou pessoalmente, vocês me dirigiram com os votos de Feliz Natal e Ano Novo, exigem de

mim um agradecimento especial, como resposta ao carinho filial que me demonstraram.

Portanto, quero lhes dizer que estou muito contente com vocês, com a prontidão com que enfrentam todo tipo de trabalho, assumindo até grandes cansaços a fim de promoverem a maior glória de Deus nas nossas Casas e entre as jovens que a Divina Providência vai nos confiando a cada dia, para que nós as levemos pelo caminho da virtude, da honra, pelo caminho do Céu.

De muitos modos e com variadas expressões, vocês me agradeceram pelo que tenho feito; ofereceram-se para trabalhar corajosamente comigo, e comigo partilhar os cansaços, a honra e a glória aqui na terra, para conseguir o grande prêmio que Deus reserva para nós no Céu. Disseram-me ainda, que não desejam outra coisa a não ser descobrir o que eu considero bom para vocês, a fim de praticá-lo com exatidão. Eu recebo com agrado essas palavras preciosas e, como pai, respondo simplesmente que lhes agradeço de todo o coração, e que vocês me darão o maior prazer do mundo, se me ajudarem a salvar sua alma.

Minhas boas filhas, vocês bem sabem que eu as aceitei na Congregação e constantemente estou fazendo de tudo pelo bem de vocês e para garantir-lhes a salvação eterna; por isso, se vocês me ajudarem nessa grande tarefa, estarão fazendo aquilo que meu coração paterno espera de vocês. Quanto ao que devem fazer para realizar esse projeto, é fácil adivinhar: observar a Santa Regra, destinada a ser o guia de sua alma, para o bem espiritual e material de suas alunas. Essas Regras já foram lidas e estudadas, e agora são objeto das promessas e votos com que vocês se consagraram ao Senhor.

Portanto, eu lhes recomendo com todas as minhas forças, que nenhuma deixe escapar palavras de pesar ou, pior ainda, de arrependimento por se ter consagrado dessa forma a Deus. Seria um ato de negra ingratidão. Tudo o que temos, tanto na ordem espiritual como material, pertence a Deus; por isso, quando nos consagramos a Ele, não fazemos nada mais que oferecer a Deus o que Ele mesmo, por assim dizer, nos emprestou, mas que é de sua propriedade absoluta.

Portanto, faltando à observância dos votos que fizeram, vocês roubam ao Senhor, e, diante de seus olhos, retomam, pisam e profanam aquilo que lhe haviam oferecido e colocado em suas santas mãos.

Alguna de vocês poderia dizer: 'Mas a observância das nossas Regras é difícil!' A observância das Regras é difícil, para quem as pratica de má vontade, para quem não lhes dá importância. Mas,

para as cuidadosas, as que querem o bem da própria alma, essa observância se torna — no dizer do Divino Salvador — um jugo suave e um peso leve: “JUGUM MEUM SUAVE EST ET ONUS MEUM LEVE”.

E afinal, minhas queridas, vocês querem talvez ir para o Céu de carruagem? Vocês se fizeram religiosas, não exatamente para gozar, mas para sofrer e alcançar merecimentos para a outra vida; vocês se consagraram ao Senhor, não para mandar, mas para obedecer; não para se apegarem às criaturas, mas para praticar a caridade para com o próximo, levadas apenas pelo amor de Deus; não para levar uma vida cômoda, mas para serem pobres com Jesus Cristo, sofrer com Jesus Cristo na terra, para se tornarem dignas de sua glória, no Céu.

Portanto, minhas boas e queridas filhas, coragem! Vocês colocaram a mão no arado. Fiquem firmes. Que nenhuma de vocês se vire para trás, para olhar o mundo falaz e traidor. Vamos para a frente. Isso nos custará cansaços, nos custará privações, fome, sede, e talvez até a morte; mas responderemos sempre: “Se a grandeza dos prêmios é tão atraente, o cansaço que temos de suportar para merecê-los não nos deve desanimar, de forma alguma: “SI DELECTAT MAGNITUDO PRAEMIORUM, NON DETERREAT CERTAMEN LABORUM”.

A graça do Senhor e a proteção da Virgem Santa estejam sempre com vocês e as ajude a perseverar no divino serviço até os últimos momentos da vida. Assim seja!

Turim, 6 de janeiro de 1884

Afmo. em J.C.

Sac. João Bosco

A “ESTRÉIA” DA MADRE

“Assim seja! Assim seja!” — responde entusiasmado o coro das filhas. O propósito geral se torna um renovado programa de fidelidade a Deus e de santidade pessoal. Para animar a comunidade nesse empenho, contribui também a “estréia” que a Madre escreveu para todas as suas filhas, resumida nestes quatro pontos: Presença de Deus — Obediência — Guarda do coração — Espírito de sacrifício.⁽¹⁾

O Boletim Salesiano de janeiro, com o belo relatório de Dom Bosco aos Cooperadores sobre o campo sempre mais vasto que se abre ao zelo salesiano, também nos confirma nos fervorosos propó-

(1) Anexo n. 11, cf. Ed. It., pág. 360.

sitos: "Apóstolos de Jesus e de Maria, onde se está e aonde se vai".
"DA MIHI ANIMAS CETERA TOLLE".

A PRIMEIRA MORTE DO ANO

No dia 15 de janeiro, faleceu Irmã Teresa Maritano, em casa da família, para onde tinha ido, por motivo de saúde. As Irmãs que admiravam a extraordinária humildade dela, apesar do temperamento ardente, choram sinceramente o seu fim prematuro e, sobretudo, o fato de ela não ter tido o conforto de morrer na casa religiosa.

ENCONTRO COM O NOVO ARCEBISPO DE TURIM

As Irmãs de Turim, contentes por terem cumprimentado o seu novo Arcebispo, o Cardeal Alimonda, na sacristia da igreja de Maria Auxiliadora, contam às Irmãs de Nizza a alegria que tiveram. Dizem que ele é um "presente de Deus" para a Arquidiocese de Turim, que há um século não tinha tido mais um Cardeal, e contam que ouviram dele palavras de paterna benevolência.

Sabe-se que na cidade não faltavam atitudes de oposição ao novo Arcebispo. Por prudência, ele chegou sem dar na vista, mas sem se importar com as maldades dos sectários. Mas, quando os bons católicos o viram entrar na catedral sem nenhuma cerimônia solene, as provas de devotamento não podiam ser maiores.

Dizem que ele tem uma estima toda especial por Dom Bosco, e realmente dá prova disso! Quando Dom Bosco lhe pediu uma audiência, o Cardeal é que veio ao Oratório, para poupar um incômodo a Dom Bosco! O Boletim Salesiano de fevereiro conta o fato com detalhes.⁽²⁾

As Irmãs dizem: "Ele tem um jeito tão amável, que deixa o coração à vontade, e é capaz de converter até aqueles que não o queriam".⁽³⁾

MAIS UMA IRMÃ PRONTA PARA O CÉU

Enquanto a comunidade de Turim está imersa na alegria, a de Sampierdarena se encontra de luto, por causa da morte de Irmã Catarina Massa, vítima de tabes, uma doença da coluna vertebral que a afligiu com sofrimentos atrozes.

(2) Bollettino Salesiano, fevereiro 1884, ano VII, n. 2, pág. 20-27.

(3) Cf. MB XVI 357-65.

Já no início de sua vida religiosa, Dom Bosco lhe havia dito: “Se você não puder ajudar muito o Instituto com o seu trabalho, vai poder fazer bastante com seu sofrimento”. Na verdade, a querida Irmã padeceu sobre sua duríssima cruz, durante seis anos.

NOTÍCIAS DA ARGENTINA

Finalmente, as nossas últimas missionárias dão sinal de vida, através de umas poucas linhas enviadas de Buenos Aires.

“Saímos num sábado e chegamos num sábado, no encerramento do mês mariano, que aqui coincide com a festa da Imaculada. Fizemos boa viagem, e tivemos uma acolhida calorosa e fraterna. O resto fica por conta do nosso Inspetor, sempre mais generoso. Por enquanto... lágrimas... e, no coração, o passado, o presente e o futuro.

Suas filhas, ó Madre queridíssima!”.

Portanto, aguarda-se o “resto” que virá no Boletim Salesiano de fevereiro.⁽⁴⁾

CARNAVAL EM CASA

Aproxima-se o Carnaval, que lembra a necessidade de criar condições para que as meninas estejam alegres e prevenir qualquer perigo. Na Casa de Nossa Senhora será organizado um entretenimento músico-teatral, com convites espalhados pela cidade.

Os cuidadosos preparativos ocupam todo mundo.

Os primeiros convites são tão bem aceitos que o local não comporta todas as pessoas que desejam entrar. A confusão aumenta e, para evitar maiores inconvenientes, pede-se que todos tenham paciência e voltem às suas casas, mesmo sem ter visto nada além de confusão: um passatempo original... Mas, somente a promessa de uma nova sessão consegue convencer os que não puderam entrar.

No dia seguinte — 19 de fevereiro — se renovam as convites, mas só entre as famílias mais conhecidas, esclarecendo que *o convite é pessoal!* Com isso, tudo sai muito bem. O salão de teatro está completamente cheio, mas sem prejuízo da ordem. Músicas, cantos, comédia e farsa são apresentados com perfeição, e os espectadores saem rasgando elogios: “Foi ótimo! Trabalham muito bem! Esperamos que muito breve possamos passar outras duas horas tão agradáveis!”.

(4) Carta do Pe. Costamagna a Dom Bosco: Boletim Salesiano, fevereiro 1884, ano VIII, n. 2, págs. 29-30.

No dia 26 o espetáculo volta a se repetir, e se inicia a quaresma com a certeza de ter impedido muitos pecados e semeado bons pensamentos e sentimentos cristãos.

NOTÍCIAS ALARMANTES SOBRE A SAÚDE DE DOM BOSCO

Chegam de Turim algumas notícias alarmantes sobre a saúde de Dom Bosco. Ao mesmo tempo se sabe que, embora exausto e doente do estômago, ele não quer renunciar a uma viagem à França, com a finalidade de recolher esmolas para ajudar no pagamento das muitas dívidas e prover às novas e urgentes necessidades de sua família religiosa.

Surge imediatamente uma porfia filial de orações e ofertas pessoais, algumas até heróicas, para suplicar ao Céu vida e novas forças para o queridíssimo Pai comum.

O Pe. Lemoyne confirma as notícias com uma nota: “É verdade que fomos convidados a ir à Rússia, mas por enquanto não podemos pensar em outra coisa a não ser em Dom Bosco, que não está nada bem. Portanto, nenhuma descure aqueles atos de virtude capazes de obter para ele a recuperação de suas energias, para que possamos tê-lo ntre nós... por mais cem anos ainda”.

Pouco tempo depois, vêm outras notícias muito breves, sobre a ida de Dom Bosco à França. Pelo visto, ele está melhor. Mas, estará mesmo?

ORAÇÕES PELO PAPA

No dia 3 de março, aniversário da coroação do Papa Leão XIII, na comunidade de Nizza, como no Oratório em Turim, reavivam-se os sentimentos de devoção ao Pontífice; e, além das orações pelas necessidades dele, o dia inteiro é dedicado a agradecer.

DOM BOSCO EM ALÁSSIO

Algumas linhas, enviadas pelas Irmãs de Alássio, vêm satisfazer o desejo de todas. Dom Bosco esteve com elas “como se fosse uma visão”; puderam beijar-lhe a mão, receber dele um sorriso e a bênção paterna e ouvir uma palavra: “Vocês querem uma lembrança minha? A Santa Regra... a Santa Regra, que é como uma corrente de lembranças”. E quando as abençoou, todas ficaram comovidas ao vê-lo assim tão alquebrado, a ponto de parecer muito mais velho do

que realmente é. Nessa viagem ele estava acompanhado por Dom Barbéris e Dom Sávio.

A Madre, depois de ter comentado essas notícias, conclui: “Rezemos e rezemos bem, e multipliquemos “florzinhas”, para que São José nos traga a alegria de notícias ainda melhores”.

No dia 19, festa do grande Santo, tudo é solene: Missa cantada, sermão e Bênção do Santíssimo.

Mas o dia seguinte traz um novo luto: falece em Bronte a Irmã Josefina Alessi, com 17 anos de idade. Viveu sonhando ser Filha de Maria Auxiliadora, e nos deixa, após dois meses de profissão religiosa.

NOTÍCIAS DE NICE

Lá pelo fim do mês, as Irmãs de Nice dão sinal de vida, e completam as notícias enviadas antes pelo Diretor Pe. Bussi.

Uma conta a chegada de Dom Bosco e as festas de recepção; outra diz apenas a que lugares ele foi, para contentar seus benfeitores e receber esmolas; alguém comenta o abatimento dele e se compadece; outra ainda fala de graças prodigiosas e verdadeiros milagres acontecidos nos lugares onde ele passava. Não falta quem se queixe de não ter podido falar com ele. Mas a narrativa especial de Irmã Carolina Rota supera todas as outras e merece ser transcrita:

“Também nós, de Nice, fizemos de tudo para estar junto com os Salesianos, no momento da chegada do nosso bom Pai.

Ele nos pareceu muito depauperado e, depois de uns quinze minutos passados no meio de tanta gente que disputava a oportunidade de lhe beijar a mão, ele não recusou o convite de se retirar para o quarto e repousar um pouco.

Pela manhã, tivemos a agradável surpresa de vê-lo na nossa capelinha para celebrar a Missa, e recebemos dele a Santa Comunhão.

Após a Missa, o acompanhamos ao locutório para o café. Havíamos preparado uma gemada para ele. Tranqüilamente foi colocando mais açúcar, uma colherinha depois da outra, várias.

— “Mas, o que está fazendo, Dom Bosco?! — exclamou o seu secretário — um mingau de açúcar? Como vai poder engolir isso?”.

Sorrindo, ele respondeu: “Doçura, doçura... São Francisco de Sales amava tanto a doçura... e Dom Bosco deseja imitá-lo”.

A risada foi geral. Terminado o café, olhando para nós que não tirávamos os olhos de cima dele, disse com energia: “Minhas boas filhas, estejam atentas para não cortar a casaca de ninguém, nem de

uma com a outra . . .” E repetiu essas mesmas palavras mais uma vez. Eu, inexperiente ainda, não entendi naquele momento o que ele queria dizer: fugir da murmuração, que ele detesta!

Nos dias que Dom Bosco passou em Nice, uma benfeitora ficou tão penalizada com o triste estado de saúde dele, que todas as manhãs lhe mandava um lindo frango, já limpinho. Uma outra, mandava um grande pedaço de carne de vaca. Nós ficávamos muito contentes e preparávamos um bom caldo para o almoço e o jantar de Dom Bosco.

Frango e carne ferviam juntos em banho-maria e davam um caldo clarinho, grosso e substancioso, como se fosse gelatina. A carne do frango cozido era cortada bem fininha e depois misturada na sopa de tapioca ou de massinha “cabelos de anjo”, feita com o tal caldo . . . No almoço, depois da sopa, Dom Bosco comia dois ovos com salada de tomates ou verdura, terminando com um pequeno pudim.

Com isso, procurávamos fortalecer e recuperar o organismo do bom Pai para que ele pudesse viver muito, para o bem da Congregação e das almas. E com que carinho fazíamos tudo isso, junto com a Diretora, Irmã Rasino!

Assim foi durante quinze dias, e a Divina Providência nos ajudou generosamente, através das benfeitoras que traziam até potinhos de extrato de carne, chocolates, doces, biscoitos e frutas.

Antes de partir, Dom Bosco foi convidado a falar num Instituto de Religiosas. Como estava se sentindo bem, aceitou sem dificuldade. E dizem que fez ali uma conferência tão eficaz e tão bem aceita pelos ouvintes que, de uma só vez, recebeu a generosa oferta de trinta e nove mil liras. Não era pouco!

No dia de viajar, ele nos disse: “Estou me sentindo muito, mas muito melhor! Que será que aconteceu? Em Turim também me dão sopa, carne, verdura e fruta, mas estou sempre me sentindo tão fraco! Aqui, pelo contrário, sinto-me recuperado. Por que será?”

Quem estava com ele virou-se para mim, que era a cozinheira, para me pedir a receita das coisas que havíamos feito para Dom Bosco. Eu respondi rindo: “Não adianta. Em Turim não poderiam aproveitá-la!”

Depois, Dom Bosco disse ao Diretor: “Vou embora contente e agradecido, com o estômago forte e a carteira cheia, pesada . . .”.

Louvado seja Deus! E que Dom Bosco abençoe mais uma vez esta filha,

Irmã Carolina Rota”.

LEMBRANÇAS DA VIAGEM DE DOM BOSCO À FRANÇA

Com a volta de Dom Bosco, na verdade muito melhor de saúde, mais aliviado de espírito e... de bolso, as suas filhas de Turim se unem aos do Oratório para a festiva recepção. Nessa ocasião ficam sabendo de mais alguma notícia interessante para comunicar a Nizza e às Irmãs de Alássio e da França. Pode-se dizer — com a Mãre — que são “doces memórias de família, memórias preciosas que não podem ser levadas pelo vento”.

Por isso, nós as transcrevemos de forma sintética, para que possam ser conservadas através dos tempos.

Se no dia 2 de março haviam chorado em Alássio, por ver Dom Bosco quase incapaz de se manter de pé, no dia 3 de abril respiraram aliviados ao vê-lo voltar menos curvado e mais disposto a fazer sorrir suas filhas, meio confusas no meio dos Salesianos, dos alunos e de tanta gente de fora.

Foram poucas, mas dulcíssimas, as palavras que ele lhes disse: “Muito trabalho, não é? Muito trabalho! Mas o Paraíso é de vocês. Estejam alegres, e façam tudo por Nosso Senhor!”.

Em Nice ele ficou do dia 4 ao dia 12. Mas causava pena assistir, mesmo que fosse só por uma vez, e por poucos momentos, à passagem dele recolhendo esmolas, no meio daquela multidão que mal lhe permitia respirar!

No entanto, apesar das pernas trôpegas, era ele mesmo que passava humildemente a bandeja, para recolher as esmolas. Uma pessoa ia abrindo caminho e lhe oferecia apoio, para aliviar o cansaço da caminhada; o Diretor da casa ia atrás, com uma sacola, onde, de vez em quando, se despejava o conteúdo da bandeja repleta.

Para que logo depois da Missa ele não fosse assaltado pelas pessoas que o esperavam, para pedir uma bênção ou contar-lhe os próprios desgostos, o querido Pai aceitou celebrar várias vezes na capela interna das Irmãs, e depois tomava o café com elas. Eram momentos de ouro aqueles, com conversas rápidas, mas sempre úteis. Uma manhã, quando lhe pediram uma prática para o dia, ele lembrou brincando, os pedacinhos cortados de sua capinha, repetindo num tom brincalhão: “É preciso ter cuidado para que não nos cortem a casaca, e para não cortar as dos outros, principalmente se os donos estão ausentes e não podem se defender”.

Certo dia, depois de ter atendido confissões durante várias horas na nossa capelinha, contentando com isso um bom número de senhoras, saiu do confessional com os lábios tão secos que se pensou

logo em preparar um copo de refresco para aliviá-lo. Mas o querido Pai, sorridente e paterno, recusou: “Não, não! Dom Bosco não está com sede; e, se estivesse, bastaria um bom copo de água fria”.

Irmã Andreone, toda agitada, quis lhe contar que os meninos tinham tirado todas as maçãs e outras frutas que ela havia reservado para a mesa dos hóspedes. Muito calmo, o Pai respondeu: “A culpa é dos meninos, ou de vocês? Não se deve pôr o jovem na ocasião de fazer coisas erradas. Por isso, vamos dizer ao ecônomo que reforce com grade de ferro a janela da despensa. . .”

Noutra manhã — é a mesma Irmã Andreone quem conta — saindo da capela e passando perto da janela que dá para a Praça das Armas, Dom Bosco não resistiu a este comentário: “Vejam lá quanta gente e quantos carros! Até parece que o Pai Eterno chegou! No entanto, é apenas este pobre padre que eles estão esperando!”.

No dia de Santo Tomás de Aquino, não deixou suas filhas sem um bom pensamento para o dia: “Hoje é a festa do grande Santo que se aperfeiçoou com o silêncio; e o silêncio é escola de sublimes virtudes. Quem sabe não será bom para vocês também?”. O sorriso do Pai recebe, como confirmação, o de suas filhas.⁽⁵⁾

As Irmãs de Nice garantem que descobriram um remédio contra dor de cabeça, usando o gorrinho velho e gasto de Dom Bosco, que elas haviam substituído por um novo.⁽⁶⁾

Irmã Emília Montani, que estava junto com elas e muito bem de saúde, voltou para a Casa de Nossa Senhor, em Nizza Monferrato. Dom Bosco, vendo-a ali, havia dito: “Treze? Vocês são treze mesmo? É preciso que venha mais uma, ou que uma de vocês vá para o Céu!”.

Aquilo foi tomado como uma brincadeira; mas logo depois Irmã Emília foi acometida por uma doença tão estranha que, quase imediatamente foi necessário mandá-la de volta para Nizza. E está aqui, esperando a sua sentença: se vai viver um pouco ainda, ou se morrerá. . .”⁽⁷⁾

As Irmãs de La Navarre, sem se deterem muito na festa da chegada, que foi de incontido entusiasmo, entram logo no assunto: “O nosso Dom Bosco é realmente um milagre de Deus! Entre os dias 12 e 27, ele passou por Cannes, Frejus, Marselha e Toulon, movendo até as pedras!

(5) Relação de Ir. Cristina Castellotto.

(6) Relação de Ir. Luiza Bosso.

(7) Relação de Ir. Cristina Castellotto.

Nós estávamos com uma noviça ⁽⁸⁾ que, ao limpar as vidraças, havia levado um tombo tão feio que não podia sair da cama, estando quase imobilizada. Ao saber que Dom Bosco já estava em casa, pensou: “Se para os estranhos ele faz o que faz, por que não fará por mim?...” Pediu então uma bênção do querido Pai. Ele, ao saber do triste estado da noviça e do seu pedido, a atendeu prontamente. E a quase paralítica se pôs de pé, voltando a cuidar de seus afazeres, como se nada lhe tivesse acontecido.

A notícia, é claro, passou da boca das Irmãs aos ouvidos dos Salesianos e dos meninos, causando espanto; e logo se disse: “É um verdadeiro milagre!”.

Contam que, em Marselha Dom Bosco deu a vista a um cego e a saúde a uma menina que há cinco anos sofria de cárie óssea; devolveu a paz a um jovem que exorcizou e, com uma medalha de Maria Auxiliadora colocada sob o travesseiro de um ateu obstinado, que até então jurara fidelidade ao demônio, alcançou para ele a salvação eterna.

Como é possível deixar de dizer que o próprio Dom Bosco é um milagre vivo? ⁽⁹⁾

Entre La Navarre e Saint-Cyr a distância não é grande. Dom Bosco vai até lá, de boa vontade, e lá também acontecem coisas extraordinárias.

Lá também ele disse, em tom de brincadeira, aquilo que os condes Colle contam com freqüência: “Não me cortem o sobretudo, por favor! Não me obriguem a fazer papel ridículo! Se querem a minha batina, me dêem outra que me sirva bem!”.

Tanto em La Navarre como em Saint-Cyr, Dom Bosco repete: “Quem já é bom, se torne melhor; quem é santo, se santifique ainda mais!”.

Antes de ir embora, ele recomenda: “Procurem fazer bem cada coisa, na hora certa: quando estiverem na igreja, rezem bem; quando estiverem na cozinha, preparem bem todos os alimentos; os Salesianos e os meninos todos ficarão contentes, e vocês, mais do que eles, porque sentirão que Deus e Nossa Senhora estão contentes com vocês”. ⁽¹⁰⁾

(8) Irmã Teresa Barale.

(9) Relação de Ir. Paulina Gazot.

(10) Relação de Ir. Tereza Panc.

Algumas senhoras e moças, benfeitoras daquelas duas casas paupérrimas, e que, de vez em quando, visitam também as nossas Irmãs, dão outras notícias, das quais escolhemos estas:

“Morava perto de mim uma pobre mulher, que estava muito mal e não queria se confessar. Assim que lhe puseram ao pescoço a medalha recebida de Dom Bosco, a graça da conversão foi imediata, e a doente teve uma morte santa”.

“Eu ouvi a Condessa Colle dizer a todos: ‘Bem antes da morte do meu Luisinho, Dom Bosco me disse: ‘Cuide bem desta sala, porque um dia ela será consagrada ao Senhor!’”.

E antes que Luisinho se fosse, Dom Bosco me havia dito: ‘Deus o quer no Céu, não aqui na terra’. Quando meu filho morreu, ele me disse que recorresse ao Luisinho em qualquer dificuldade em que me encontrasse; eu faço isso e sempre sou atendida. Um dia, bateu à minha porta um tipo mal encarado, querendo dinheiro. Eu dei a ele uma esmola que achei boa para a sua necessidade, mas o malandro ameaçou acabar comigo se eu não desse o que ele exigia. Eu estava sozinha em casa. Lembrei-me da recomendação de Dom Bosco, pedi ao meu Luisinho que me ajudasse naquele momento tão difícil. O tal sujeito, como se tivesse levado um grande susto, desceu a escada aos pulos, e nunca mais o vi!”.⁽¹¹⁾

“Deixem-me contar esta — disse Irmã Vicência Bessone —: Quando eu era menina, costumava assistir a algumas conferências de Dom Bosco. Uma vez resolvi fazer a ele a minha confissão geral. Em poucos minutos, tudo estava pronto! Eu não tive de fazer outra coisa a não ser responder às perguntas que ele ia me fazendo, e não sei explicar a paz e a alegria que senti, quando me disse: ‘Fique tranqüila, não pense mais em nada disso; eu vou pôr seus pecados para queimar, no Coração de Jesus!’.

Eu estava realmente feliz por ter me confessado com um santo que havia lido até o fundo de minha alma”.

A Diretora Irmã Meana nos informa que Dom Bosco, tanto em público como em particular, não fez mistério também a respeito da nossa pobreza naquelas casas da França. Diz também que ele não soube disfarçar sua pena ao ver, na salinha de visitas, algumas toalhas e tapetes, e disse: “Sim, vocês ganharam isso de presente... e usam em atenção a pessoas de certa categoria que vêm conhecer a casa... Mas, os tapetes não combinam conosco. Ordem e limpeza, sim, e

(11) Relação de Ir. Modesta Berta.

sempre; mas, tapetes, não. Nós somos pobres: todo mundo sabe disso e é bom que todos nos vejam pobres”.

Irmã Meana acrescenta: “Quando escutei essa confidência feita por quem costuma nos chamar fraternalmente de “as nossas Irmãs dos panelões e dos trapos”, eu me lembrei da primeira advertência paterna à nossa primeira Diretora de Turim, justamente a respeito de tapetes... e fiquei caladinha. Entre nós, “pobres Irmãs dos trapos”, não será tão cedo que cairemos nesse tipo de tentação!”.

Saindo de Marselha no dia 1.º de abril, Dom Bosco foi para Nice; no dia 3 estava em Alássio, e no dia 4 em Sampierdarena ⁽¹²⁾ onde se demorou vários dias. Convocou os outros Superiores do Conselho para reuniões especiais: foram dias muito trabalhosos para a sua mente de Superior-Mor, e para o seu coração de pai de uma família que está brotando como videira na primavera.

Nossos votos e nossas orações o acompanham até Roma, onde ele já se encontra desde a metade do mês; estamos aguardando outras notícias interessantes, através do Pe. Lemoynes que foi com ele e continua sempre generoso conosco.

TRÊS FESTAS NUMA SÓ

De 21 a 23 de abril, realiza-se em Nizza Monferrato um Retiro que termina com a vestição de dezesseis postulantes.

Desde janeiro já se constatara a conveniência de fazer várias vestições ao longo do ano, por causa do consolador aumento de vocação e da sempre crescente necessidade das obras. De fato, esta é a segunda de 1884.

O Diretor Geral, cheio de ardor apostólico, faz as três pregações e preside à cerimônia do dia 24 em que, junto com Maria Auxiliadora, homenageamos aquela que a representa no meio de nós: a Madre Superiora.

São, portanto, três festas em uma; aliás, quatro, se pensarmos que no Oratório de Turim se inicia fervorosamente o mês da Auxiliadora, e em Nizza, por sugestão do Diretor Geral, se acrescenta a festa onomástica de Madre Daghero, na comemoração de Santa Catarina de Sena.

Atendendo ao desejo da própria Madre, na bela e grandiosa sessão acadêmica da noite, festeja-se também o queridíssimo Pe. Ca-

(12) Cf. MB XVIII 63.

gliero, aproveitando a presença dele em casa. Não importa se, para isso, seja preciso antecipar a festa para o dia 25, em vez de 30.

Até Dom Bosco, o Pai querido, está presente a esse dia tão festivo para nós: a Madre recebe de Roma um santinho de Santa Catarina de Sena, com este autógrafo: “Ó Santa Catarina, abençoi a Madre Geral, vossa filha, as Irmãs, as aspirantes e as alunas, e guiai-as todas pelos caminhos do Paraíso!

Sac. João Bosco (13)

Dom Bosco não esqueceu ninguém; todas se sentem dentro do coração do Pai, e agradecem ao Senhor esta graça, pois é assim que a consideram.

IRMÃ VILLATA É CHAMADA AO CÉU

Começa-se assim o mês mariano, com um reavivado amor à própria vocação e com o desejo de corresponder melhor, da melhor maneira possível, ao chamado. As “florzinhas” se multiplicam, também como oferta pela visita que a Madre está fazendo às casas mais próximas.

Em vista da ausência dela, adia-se a festa de Nossa Senhora para o dia em que ela voltar, mais precisamente para 8 de junho.

Bem dentro do mês de Maria — 12 de maio — morre em Turim — Valdocco, a Irmã Matilde Villata: figura mansa e suave que, em apenas cinco anos e meio de vida religiosa, acumulou tesouros para o Céu, com sua operosidade silenciosa e constante docilidade à obediência.

AUDIÊNCIA PONTIFÍCIA PARA DOM BOSCO

Como se esperava, chegam de Roma as primeiras notícias a respeito da audiência pontifícia concedida a Dom Bosco, no dia 9 de maio.

O Pe. Lemoyne escreve que teve a honra de acompanhar Dom Bosco e foi por ele apresentado ao Papa como ex-Diretor das Filhas de Maria Auxiliadora.

A Madre se apressa em comunicar às filhas alguns pormenores contados por Dom Bosco, e que o fiel secretário anotou, juntamente com as expressões de benevolência paterna do próprio Pontífice: “Oh! Dom Bosco! Como eu lhe quero bem! Eu lhe quero bem! O senhor

(13) O santinho com o autógrafo conserva-se no Arq. Geral FMA.

não me parece muito saudável... É absolutamente necessário que se cuide. Faça os outros trabalharem. A sua vida e a sua orientação ainda são muito necessárias à sua Congregação. Faça pelo senhor o que faria por mim. A Igreja precisa do senhor neste momento. É sua missão mostrar ao mundo que é possível ser bons católicos e, ao mesmo tempo, cidadãos honestos; que, sem entrar em conflitos de natureza política, se pode fazer um grande bem à juventude pobre e abandonada.

Por isso, o Papa, a Igreja, o mundo pensam no senhor: cuide-se. Não é o senhor quem age na sua Congregação, admirada pelos homens de critério e temida pelos maus — é Deus mesmo. Diga isso, escreva-o, publique-o. É esse o segredo que lhe permitiu vencer e continuar vencendo todo tipo de obstáculo. O Papa continuará a protegê-lo e abençoá-lo.

Mas, o senhor tem de ter cuidado, para se conservar o mais possível: esta é uma ordem que lhe dou!” (14)

DIA DE GRAÇA

No dia 31 — festa de São Luís — deveria ser celebrado em Nizza o onomástico do Diretor, mas preferiu-se adiar a festa para o dia seguinte, por ser domingo. A Missa foi cantada, as Vésperas solenes, houve quinze novas inscrições de Filhas de Maria, e uma sessão acadêmica.

O dia 25 traz uma outra graça, a da visita de Dom Sciandra, o queridíssimo Bispo Diocesano, que se alegra de ministrar a Crisma a dez alunas internas, entre as quais a sobrinha do Pe. Cagliero. A madrinha é a senhora Adelina Terzano.

Com a lembrança de uma visita assim tão agradável, permanece gravada nos corações a forte recomendação do Pai: “Rezar, e rezar bem, para que seja afastado o perigo de cólera que vai se alastrando também na Itália, e bem perto de nós. Rezar pelas muitas vítimas que morrem sem os sacramentos, e sem ao menos um pensamento de fé”.

No dia 30 encerra-se o mês do Coração de Jesus, com uma fervorosa pregação do Pároco de Nichelino, Pe. José Reviglio. Que mais se poderia desejar, nesta abençoada Casa de Nossa Senhora?

(14) Uma ampla relação sobre a audiência aparece nas MB XVII 97-106. Cf. Bollettino Salesiano, junho 1884, VIII, n. 6. pág. 81-82.

A MADRE VAI A TURIM PARA O ONOMÁSTICO DE DOM BOSCO

Indo a Turim, para o onomástico de Dom Bosco, a Madre recebe outras notícias boas que chegaram da América. O Pe. Lemoyne lhe diz: “Os nossos, lá de baixo, escreveram; vocês vão ficar sabendo de tudo, quando lerem o Boletim Salesiano de julho e agosto. Entretanto, vão preparando outras missionárias, boas e capazes como aquelas que estão fazendo milagres, lá onde estão. E Nossa Senhora ficará feliz de ter vocês por filhas”.

Voltando a Nizza, a Madre dá a boa-noite e relata uma boa parte dos “casos” de Madre Petronilla, que foi de Lanzo a Turim para se encontrar com ela, e deixou por escrito alguns pormenores que transcrevemos aqui:

“Logo depois da sua festa onomástica, Dom Bosco foi a Lanzo para festejar São Luís com os filhos de lá. No dia seguinte, depois da Santa Missa celebrada na capelinha das Irmãs, foi tomar o café na sala de trabalhos delas, em companhia do Diretor, Pe. Scappini. Quando lhe serviram uma xícara de gemada, ele percebeu que o Diretor não recebera a mesma coisa, e simplesmente trocou de xícara com ele, dizendo: “Tome você. Dom Bosco não deve dar mau exemplo”. Mas, quando o Diretor lhe pediu que aceitasse, para dar prazer às Irmãs, condescendeu logo; e todos ficaram muitos edificados.

Antes de ir embora, quis saber se todas estavam bem e sempre contentes na casa de Nosso Senhor. Quando lhe disseram que uma das Irmãs estava bastante doente, animou-a a servir a Deus com generosidade e a rezar com bastante fé, concluindo com energia: “Nosso Senhor jamais nos deixou faltar o necessário, nem para os sãos, nem para os doentes. Se os médicos receitarem dois frangos para você, a Congregação providenciará isso. Ajudem-me a levar o meu barco para a frente!”. Ele disse isso, dando uma olhada rápida para aquela Irmã. Teria lido no seu coração?... O fato é que ela sentiu necessidade de falar com ele, mas quis que a Diretora, que estava a par de tudo, estivesse presente.

O bom Pai a ouviu; e quando ela lhe disse que os irmãos estavam querendo que ela voltasse para casa, onde cuidariam melhor dela, embora na casa religiosa não lhe faltasse nada, Dom Bosco respondeu: “Aqui você está com o Paraíso garantido; na sua casa, estará também? Eu não posso lhe afirmar isso... E não preciso repetir só para você, aquilo que disse a todas. Pense bem!”.

A pobrezinha entendeu a lição e até agora está toda agitada, porque no fundo sente que tem mais amor à saúde do que à vocação. Mas, para as outras, até a sua atitude fechada em si é uma lição que, esperamos, seja útil para todas.

Madre Petronilla acrescenta ainda: “O Diretor Pe. Scappini lhe contara que sentia um grande pesar cada vez que a mãe vinha suplicar-lhe, diante dos clérigos, e às vezes até na hora da aula, que voltasse para casa com ela, que era pobre e vivia sozinha. Madre Petronilla então sugeriu a Dom Bosco que pensasse num modo de livrá-lo dessa preocupação, e o querido Pai lhe havia dito: “Sim, é claro que tenho de pensar nisso, e vou dar um jeito, o mais depressa possível!...”.⁽¹⁵⁾

A Madre conclui chamando a atenção para a paterna compreensão de Dom Bosco, que pensa em todos e, sem descanso, faz o que pode por todos.

A COMUNIDADE DE NIZZA E AS VÍTIMAS DO CÓLERA

A ameaça da cólera se faz sentir também em Nizza Monferrato e nas redondezas; por isso é preciso tomar providências urgentes. Com a devida permissão de Turim, a Madre oferece à Prefeitura a casa vizinha, “La Bruna”, para o isolamento dos casos suspeitos.

Nem uma Irmã deixa de se oferecer como enfermeira, porque todas estão confiantes na palavra tranquilizadora de Dom Bosco: “A medalha benta de Maria Auxiliadora preserva de todo mal!”.⁽¹⁶⁾

Realmente, nenhum Salesiano, Padre ou aluno, nenhuma Filha de Maria Auxiliadora, nem qualquer aluna interna ou externa, ninguém foi atingido pela terrível enfermidade.

No entanto, a morte chega por outro caminho, à nova casa de Borgo Cornalese ou Villastellone, levando a Diretora, Irmã Santina Pisciolí, que em seus últimos momentos sintetizou o seu grande propósito: “Viver de obediência e, por obediência, morrer!”.

(15) Dom Bosco pensou realmente. E em dezembro de 1885 abria em Mathi Torinese a casa para as Mães dos Salesianos.

(16) O vol. XVII das MB, págs. 232-233, traz: “Também as Filhas de Maria Auxiliadora deram o seu contributo, pois em Nizza Monferrato, com o pleno consentimento de Dom Bosco, cederam ao Município a própria casa de campo, a fim de que servisse como lugar de quarentena às pessoas que vinham da França, e as Irmãs se ofereceram para a assistência. A Municipalidade acolheu com gratidão a generosidade, abrigando ali pessoas que provinham de países onde grassava o cólera, e que recebiam roupas e alimentos das mesmas irmãs”.

“LA BRUNA” SE TRANSFORMA NUM PIEDOSO CENÁCULO

Já sem os doentes, e devidamente desinfetada, a chácara “La Bruna” é destinada a se tornar a residência de um primeiro grupinho de Irmãs.

O Diretor Geral, que havia feito a proposta, prepara a festa de inauguração, marcada para o dia 31 de julho.

Participam também o Diretor local e o Pe. José Campi.

A saleta destinada à capela é benzida e dedicada à Imaculada e a São José. O Pe. Cagliero celebra ali a primeira Missa, alegrada com os cantos da comunidade.

Por volta de sete e meia da noite, se retorna para a Bênção Eucarística, que é precedida por uma oportuna explicação a respeito dos lugares destinados ao culto divino. Novos cantos e alegria expansiva dos corações, e por fim, a festa de inauguração é encerrada com luminárias e archotes colocados do lado de fora, em volta da casa.

O RETIRO DAS SENHORAS

No dia 1.º de agosto, na Casa de Nossa Senhora, começa o Retiro espiritual das senhoras, num clima de recolhimento digno de um claustro. São perto de cento e trinta, e os pregadores são o Diretor local, Pe. Bussi, e o Cooperador Salesiano Pe. Ascânio Sávio.

Desta vez falta Dom Bosco que, por ordem médica, está fazendo um período de repouso na casa de campo da Diocese, em Pinerolo. Seu representante, sempre bem recebido, é Padre Cagliero. É ele quem dá a boa-noite.

Na verdade, já se deveria dar ao Diretor Geral o título de Monsenhor porque, desde novembro, ele foi eleito Vigário Apostólico da Patagônia setentrional e central; mas o coração das filhas, que o sentem sempre mais “Pai”, não sabe dar-lhe outro nome.

Dom Bosco, sempre presente em espírito, chega às retirandas através de uma carta do dia 6 de agosto, dirigida ao Pe. Cagliero. Este fica muito feliz de ler essa carta, quase por inteiro, às retirandas. ⁽¹⁷⁾

Meu querido Padre Cagliero,

estou muito satisfeito de saber que as senhoras retirandas estão aí em número considerável, como você me escreveu, apesar dos boatos

(17) Cf. MB XVIII 213.

desalentadores que circulam a respeito do cólera que ameaça a nossa região.

O que mais me consolou mesmo, foi saber que é exemplar a atitude dessas almas escolhidas, durante estes dias de Retiro. Você sabe como fazer para afastar todo receio da doença. O remédio é um só: a medalha de Maria Auxiliadora, com a jaculatória "Maria Auxilium Christianorum, ora pro pro nobis", e a comunhão freqüente. Basta isso.

Depois, como a fonte de toda graça é o Sagrado Coração de Jesus, eu creio que você faria uma boa coisa se, com a permissão da Madre Superiora, promovesse uma coleta para a igreja e o Instituto do Sagrado Coração, em Roma.

Embora a minha saúde tenha melhorado muito, não posso ir a Nizza, como tanto desejava. Porém, procuro fazer daqui, aquilo que posso. Desde o dia 1.º de agosto, tenho feito, cada manhã, uma prece especial na S. Missa, pelas nossas retirandas, enviando a elas a santa bênção de Maria Auxiliadora. E continuarei a fazer isso até o dia da Assunção de Maria ao Céu.

Nestes dias temos a sorte de estar na preciosa novena da Assunta, e eu gostaria de falar com cada uma e dar-lhe um conselho que lhe garantisse o caminho para o Paraíso. Parece-me que neste momento Maria esteja propícia e diga assim: "Minhas filhas, não demorem a romper definitivamente com o mundo. Ele é um inimigo que, ou não paga, ou paga mal e traiçoa. Consagrem-se total e generosamente ao meu Filho Jesus: os seus bens, a sua saúde, o coração de vocês sejam de Jesus, agora e sempre, a custo de qualquer sacrifício, mesmo grave".

Ó filhas queridíssimas de Maria, rezem também por mim, e façam uma Santa Comunhão por minhas intenções, e eu continuarei rezando por vocês. Até à vista, um dia, no Céu, com Jesus e com Maria. Assim seja. . .

Deus nos abençoe a todos e Maria nos ajude a seguir pelo caminho do Céu.

Pinerolo, 6 de agosto de 1884.

Afmo. amigo

Sac. João Bosco

P.S. Cumprimentos às nossas Irmãs. (18)

(18) Original autógrafo no Arq. Geral FMA.

A leitura da carta é seguida de sonoros aplausos, enquanto diversas vozes se fazem ouvir: "As Irmãs de Dom Bosco são também as *nossas* boas Irmãs".

Durante o Retiro, houve na Casa de Nossa Senhora uma nota dolorosa: a morte de Irmã Josefina Seralla, no dia 5 de agosto. Ela ainda não completara vinte anos, e poderia ser chamada de "faisca elétrica", por seu caráter vivacíssimo e pronto a acender-se; mas, na mesma medida, estava sempre pronta a humilhar-se e sempre disposta a fazer favores, o que a tornava querida a todos.

A morte fixou seu semblante numa expressão de paz, e até as meninas que quiseram vê-la no caixão, disseram espontaneamente: "Parece uma santa!".

PRIMEIRO CAPÍTULO GERAL DO INSTITUTO

Nesta época se prepara um acontecimento muito importante: a celebração do 1.º Capítulo Geral.

Dom Bosco fez tudo de maneira muito simples, sem nenhuma convocação oficial; o convite feito a todas as Diretoras da Itália a estarem nestes dias em Nizza, não fala de Capítulo, mas apenas de reuniões importantes que se fariam, antes do próximo Retiro Espiritual para as Irmãs.

De acordo com o Diretor Geral, Dom Bosco queria que se fizesse, pela primeira vez, aquilo que foi estabelecido pelas últimas Constituições. Por isso, o Pe. Cagliero vinha preparando o terreno, há tempo, com oportunas explicações sobre o significado de um Primeiro Capítulo Geral, inculcando o dever de rezar para garantir o bom êxito dele.

Já estão na Casa de Nossa Senhora, quase todas as Diretoras da Itália; faltam as da França (onde o cólera está fazendo estragos) e as da América, devido à enorme distância.

No dia 11, ao anoitecer, todas se reúnem na igreja para rezar o Terço, seguido do canto do *Veni Creator* e do sermão de abertura, no qual é colocado o motivo e a utilidade deste que, pode-se dizer, será o Primeiro Capítulo Geral do Instituto.

Profundamente compenetradas da importância de semelhante ato, todas as presentes se encaminham ao local determinado para as reuniões. Quem está de fora, pensa e reza, reconhecendo que tem o dever de contribuir para uma obra de bem, se não com a própria voz e presença, pelo menos com a oração.

O Diretor Geral, Padre Cagliero, preside o Capítulo, na qualidade de representante de Dom Bosco; assistem a ele o Diretor local, Pe. Bussi e o Pe. Bonetti que, junto com o Pe. Bertello, pregará o Retiro.

Os dias de reuniões iniciam-se e concluem-se com a oração, conselhos práticos para uma observância sempre mais fiel das Regras, e com o estudo das deliberações do Capítulo Salesiano, na medida em que podem ser aplicadas também à nossa família religiosa.

Porém, os dias estabelecidos — de 11 a 15 de agosto — se mostram insuficientes para tanto trabalho; então, fazendo da necessidade virtude, é preciso conciliar as duas coisas, dando ao trabalho uma maior intensidade espiritual.

RETIRO PARA AS IRMÃS

A festa da Assunção é celebrada com solenidade especial, e na mesma noite tem início o Retiro para Irmãs e Diretoras. A preparação imediata de um bom número de vestições e profissões religiosas, que o Diretor Geral marcou para o dia do encerramento, concorre para que reine em casa a melhor disposição de espírito.

O Diretor convidou as Irmãs a não deixarem de contar tudo o que souberem sobre Dom Bosco, de modo que a casa inteira é um cenáculo de recolhimento e oração.

Nesse meio tempo, o Pe. Cagliero, as Superiores e os Pregadores se entendem a respeito de pequenas alterações no horário. Haverá apenas uma reunião por dia, e assim, sem prejuízo para o Retiro, será possível continuar os trabalhos capitulares, cujo término se prevê para o dia 22, ao meio-dia.

Padre Cagliero não deixa de manter informado o venerado Pai e Fundador, e o faz por meio de Dom Rua, o “outro eu” de Dom Bosco. Na verdade, ele disse publicamente que lhe escreveu o seguinte: “O Capítulo Geral das Irmãs vai de velas estendidas, porque segue o dos Salesianos. Já fizemos a revisão da Santa Regra, e agora estamos adaptando as nossas deliberações salesianas, e tudo está consignado em atas “estilo Montecitorio”.⁽¹⁹⁾ Pode-se acrescentar que o Retiro das senhoras e moças foi abençoado e espera-se dele uma colheita de boas vocações”.⁽²⁰⁾

(19) Montecitorio: sede da Câmara dos Deputados do Parlamento Italiano.

(20) Cf. MB XVII 213.

A MADRE ENVIA A DOM BOSCO UM RELATÓRIO DO CAPÍTULO

No dia 22, como estava previsto, os trabalhos do Capítulo podem se considerar encerrados. A Madre dá relação de tudo a Dom Bosco, com esta carta:

V. J. M. J.

Revmo. Pai,

graças à Divina Providência, que sempre nos assiste de modo admirável, encerramos esta manhã o nosso primeiro Capítulo Geral, que foi presidido em seu nome, nosso R. P. Reitor-Mor, pelo Sr. Pe. Cagliero, e no qual tomaram parte algumas vezes, o Revdo. Sr. Pe. Bonetti, o nosso Diretor, e o Teólogo Bertello.

Foram quinze as conferências; nas primeiras, foram lidas as nossas Santas Regras; sem reformar nada, foram acertados alguns pontos tirados das Regras dos nossos irmãos Salesianos. Nas últimas conferências procuramos adotar para nós as belas e importantíssimas deliberações dos Capítulos Gerais dos Salesianos, nossos irmãos e seus dignos filhos. Da observância delas eu espero um ótimo resultado para o bom andamento da querida Congregação.

Era isso, Revmo. Pai, o que eu tinha intenção de trazer ao seu conhecimento; e o faço também em nome deste Capítulo e das Diretoras. Os Atos ⁽²¹⁾ e as deliberações tomadas serão remetidos à P.V.R. o mais breve possível, para que faça o que "in Domino" achar melhor e, se os considerar úteis para as suas filhas em Jesus, ponha neles o seu visto.

O nosso Retiro está no fim e, para seu consolo, baseando-me no que me disseram estes Reverendos Superiores, posso lhe dizer que foi frutuossíssimo. Devemos isso às suas orações, Ven. Pai, e ao zelo destes bons Pregadores. Deo gratias!

No próximo domingo faremos a Comunhão Geral pela conservação de sua vida, querido Pai; nesse dia teremos umas vinte vestições, trinta votos trienais e seis perpétuos.

Participaram deste Retiro cerca de duzentas e cinqüenta Irmãs e umas sessenta postulantes.

O estado moral e físico da Congregação me parece bastante bom, graças a Deus. Porém, contamos com a sua fervorosa oração e com seus preciosos conselhos, e assim, espero poder continuar dando-lhe boas notícias.

(21) Anexo n. 12, cf. Ed. It., pág. 362.

Aceite os respeitosos cumprimentos da Comunidade e especialmente das futuras professoras e noviças. Reze muito por mim e por todas nós, para que nenhuma se torne indigna das divinas misericórdias.

Com todo o respeito e veneração de filha, me declaro, agora e sempre, em Jesus,

Nizza Monferrato, 22 de agosto de 1884.

filha humilde e gratíssima
Irmã Catarina Daghero (22)

ENCERRAMENTO DO RETIRO

No dia 24 se encerra solenemente o Retiro, com vinte vestições e vinte e três profissões. No número dessas escolhidas estão as duas irmãs, sobrinhas-netas de Dom Bosco: Rosina, que veste o hábito religioso, e Irmã Eulália, que faz os primeiros votos.

Padre Cagliero fala por três vezes à comunidade, como se não pudesse conter o fogo que lhe arde no coração.

Talvez ele sinta que se aproxima a hora de uma nova separação da pátria, destas suas filhas que lhe querem tanto bem, e deste nosso campo onde Maria Auxiliadora vai semeando a mãos cheias.

Um escrito, datado justamente de 24 de agosto, diz assim: “Parte tranqüilo, ó bom Pai; não serão indignas de ti as tuas filhas que, na dor da separação, mas com a força de Jesus e de Maria, ficam aqui e te esperam ainda!”.

Padre Cagliero parte para Turim; vai a Valsalice, oferecer a Dom Bosco o fruto do trabalho realizado durante este mês, na Casa de Nossa Senhora, de Nizza Monferrato.

CARTA DE DOM BOSCO À SOBRINHA-NETA, EULÁLIA

Dom Bosco, sabendo que sua sobrinha-neta Eulália foi admitida à profissão, se faz presente com uma carta que vale como precioso ensinamento para todas. Ele não se refere à irmã de Eulália, Rosina, admitida à vestição no mesmo dia, talvez porque essa notícia lhe tenha sido comunicada com atraso.

Minha boa Eulália,

eu bendisse o Senhor quando tomaste a decisão de te fazeres religiosa; agora eu agradeço a Ele, de todo o coração, por ter conservado em ti a boa vontade de romper definitivamente com o mundo e consagrar-te totalmente ao bom Jesus.

(22) Original no Arq. Geral FMA.

Faze de boa vontade essa oferta e reflète na recompensa, que é o cêntuplo na vida presente, e o verdadeiro prêmio, o grande prêmio, na vida eterna.

Porém, minha boa Eulália, que isso não seja feito por brincadeira, mas a sério. E lembra-te das palavras que o pai da Chantal disse a ela, em circunstância semelhante: “Que aquilo que se dá a Nosso Senhor não seja retomado”.

Lembra-te de que a vida religiosa é vida de contínuo sacrifício, e que cada sacrifício é largamente recompensado por Deus.

Só a obediência, a observância das Regras e a esperança do prêmio celeste é que constituem o nosso conforto nesta vida mortal.

Tenho recebido sempre, e com prazer, as tuas cartas. Não respondi, por falta de tempo.

Deus te abençoe, Eulália. Maria seja teu guia e teu conforto, até o Céu. Espero que ainda nos vejamos nesta vida; se não, adeus! Na feliz eternidade nós nos encontraremos para falar de Deus. Assim seja!

Desejo à Madre Geral e a todas as Irmãs, noviças e postulantes de Maria Auxiliadora, todas as bênçãos do Céu.

Estou devendo uma resposta à Madre e a darei.

Reza por mim e por toda a nossa família, e sente-me sempre em J. C.

Pinerolo, 20 de agosto de 1884.

afmo. tio

Sac. João Bosco ⁽²³⁾

AS IRMÃS FALAM SOBRE DOM BOSCO

A proposta do Pe. Cagliero foi muito bem acolhida pelas Irmãs que, animadamente contam como foram seus encontros com Dom Bosco. Uma delas é a Irmã Marieta Rossi:

“Na última vez que estive em Turim, além de doente eu estava apavorada com a possibilidade de uma operação, pois havia entendido que daquela vez seria preciso ir até a raiz do mal; e eu me sentia tão fraca! Por isso perguntei a Dom Bosco:

— Eu vou morrer. Pai? Realmente eu me sinto muito mal!

(23) Original autógrafa no Arq. Geral FMA.

— Não! — respondeu ele, com muita segurança — você não vai morrer desta doença; viverá longamente e fará um grande bem. ⁽²⁴⁾

Então a minha esperança se reavivou, e com mais serenidade enfrentei a cirurgia. Porém, ao sair do hospital, estava de tal modo debilitada que desmaiava seguidamente, cada vez que, entre 9 e 10 horas da manhã tentava levantar-me, para experimentar se estava em condições de voltar para Nizza.

Não havia jeito de me recuperar; por isso, mais desanimada do que nunca, eu mesma resolvi pedir os Santos Óleos, mas não fui atendida.

Minha boa mãe, que morava com as Irmãs de Turim, sofria mais do que eu por ver-me naquele estado: chorava, rezava e mandava dizer não sei o quê a Dom Bosco. Um dia, por um feliz acaso, ao atravessar o pátio do Oratório, ela se encontrou com Dom Bosco e ele lhe perguntou:

— Ó Mari, Mari... como vai?

— Eu estou bem, senhor Dom Bosco, mas a minha Marieta... está muito mal mesmo!... e começou a chorar.

Bondoso, Dom Bosco lhe fez algumas perguntas sobre o mal que me afligia e depois lhe disse, com mais segurança ainda:

— Pode ir tranqüila! E diga à sua filha que tenha fé: eu lhe mando a minha bênção e Nossa Senhora fará o resto.

A partir daquele dia, eu não desmaiei mais. No dia seguinte, não sentia mais nada e, como vocês vêem, estou aqui! Oh! quanto devo a Dom Bosco! E como ele gosta de mim! Quando recebo a sua bênção, e ele põe a sua santa mão sobre a minha cabeça, é como se eu sentisse a força de uma virtude que não sei explicar. E quando alguém chega de Turim e me dá uma medalhinha, dizendo: 'Foi Dom Bosco que mandou para você' — eu nem sei dizer o que sinto aqui dentro!... É qualquer coisa de sobrenatural, diria mesmo, celestial!...".

Irmã Antonietta Baratti também tem um caso para contar:

— Eu tive a sorte de ir levar Irmã Maria Luísa Ferrari, que estava doente, para que Dom Bosco lhe desse uma bênção.

Toda feliz, ajoelhei-me aos pés do bom pai, como Madalena quando ia beijar os pés de Jesus. Com um gesto rápido da mão, ele me disse docemente: — "Afastese um pouco..." — e acrescentou: "Vá em paz, porque irá fazer um grande bem".

(24) Ir. Marieta Rossi morreu em Turim, em 1947, com 87 anos de idade.

Naquele momento eu entendi a grande prudência do nosso pai, e nunca esquecerei isso.

Noutra ocasião, ele me deu um santinho de Maria Auxiliadora, onde escreveu: "Que morte bonita a de quem morre assistido por Maria!

Sac. João Bosco"

Eu conservo com amor essa lembrança!"

A noviça Irmã Josefina Allais, que ainda não voltou a Turim, conta:

"Uma tarde, durante o recreio, tivemos a surpresa da visita do nosso bom Pai, em companhia de Padre Cagliero. Oferecemos a eles uma xícara de café, e lhe passamos um modesto guardanapinho. Dom Bosco o olhou e viu nele as nossas iniciais: C.M.A. Imediatamente ele o passou ao Pe. Cagliero, e disse: "Vamos, vamos... cantemos 'magnificat anima mea Dominum!'. Depois riu conosco, dizendo que gostava daquelas iniciais; e isso lhe deu assunto para uma conferência de quase meia-hora, em que nos animou a perseverar na santa vocação e a não recuar por qualquer dificuldade; pelo contrário, ser gratas por isso, porque Maria Auxiliadora seria sempre o nosso guia, a nossa protetora, a nossa Mãe".

MORTE DE IRMÃ ÂNGELA GARBAGNA

No dia 27, morre em Turim a querida Irmã Ângela Garbagna, que ainda não havia completado vinte anos. Era considerada irrepreensível em tudo, e seu semblante era sempre iluminado pelo mais doce sorriso. Ao passar do tempo para a eternidade, havia dado sinais evidentes de contato com o sobrenatural.

NOTÍCIAS DE BUENOS AIRES

Uma carta do Pe. Costamagna, datada de 27 de junho, e que chegou a Nizza durante o Capítulo, traz notícias das Irmãs da América.

O Inspetor se queixa com a Madre de que outras cartas enviadas por ele se extraviaram, e fala sobre a solene festa de Maria Auxiliadora, celebrada em Almagro, com a profissão de Irmã Maria Estela Soliman, e os votos perpétuos de Irmã Emília Mathis, Irmã Rita Barilatti e Irmã Juliana Prevosto.

Uma outra cerimônia muito bonita tinha sido realizada no dia 1.º de junho para a despedida de Irmã Anna Brunetti, Irmã Marga-

rida Cantavena e Irmã Anna Balduzzi, enviadas como reforço para o pessoal da Patagônia, onde se fará a abertura de uma segunda casa, em Viedma.

Ele lembra também que em fevereiro, em Almagro mesmo, foi aberto o internato, com quinze internas; é uma possibilidade maior de ampliar o bem que já vem sendo feito.

Junto com essas notícias confortadoras, no entanto, ele acrescenta outras, bem diferentes: “Ontem o governo proibiu o ensino de catecismo nas escolas... Pobres almas das crianças argentinas! Nós nos entregaremos sem medida, e vamos trabalhar ainda mais...”.

Em seguida, cita nominalmente as várias Irmãs, pedindo com insistência notícias de cada uma, e conclui com um paterno augúrio: “Ah! que Jesus as conserve todas santas... Coragem, o sofrimento é breve, e eterna a felicidade que nos espera!”.⁽²⁵⁾

UMA SEGUNDA CASA NA PATAGÔNIA

Uma outra carta, vinda diretamente da Patagônia, conta como foi a inauguração da casa de Viedma, que fica situada defronte a Carmen de Patagones, na margem oposta do Rio Negro.

A casa, embora fique no centro, não passa de um barracão de um andar só, construído de pau-a-pique... Porém, foi solenemente inaugurada no dia 1.º de junho, festa de Pentecostes, na presença do Governador Geral Winter, que elogiou muito a obra salesiana na Patagônia, saudando o surgimento da nova escola para as meninas, como uma verdadeira bênção para o lugar.

A pequena comunidade é formada por três Irmãs apenas: Irmã Mariana Balduzzi, Irmã Margarida Cantavena e Irmã Joana Borgna, que é a responsável, com o título de vigária, porque a Diretora é a mesma Madre Ângela Vallese que, morando em Patagones, deverá atravessar o rio para atender contemporaneamente as duas casas.

Essas notícias alimentam sempre mais o entusiasmo missionário já suscitado pelo nosso Diretor Geral Padre Cagliero, que, enquanto aguarda a hora de partir novamente, não deixa de fazer apostolado em favor da sua querida Patagônia.

(25) Carta do Pe. Costamagna à Madre Daghero, de S. Nicolás de los Arroyos, de 27/6/1884 — original no Arq. Geral FMA.

ABERTURA DO JARDIM DA INFÂNCIA DE LINGOTTO

Dois de setembro é dia de partida, não para terras distantes, mas para Turim, das três Irmãs destinadas à fundação do Jardim de Infância de Lingotto; essa nova obra foi incentivada pelo pároco, Pe. Omegna, presidente do Conselho de Administração, pelo Cav. Fornara, proprietário da fábrica e pelo Conde Carlos Félix Nicolis de Robilant.

A pequena comunidade será formada pela Diretora, Irmã Josefina Rosa Tamiati, transferida de Quargento, Irmã Carlota Fasolo e a noviça Irmã Catarina Bensi, que fez vestição em abril deste ano.

Toda a comunidade as acompanha com a oração e votos de que possam fazer muito bem às crianças do Jardim e às pobres meninas da sala de costura e do Oratório Festivo, naquele subúrbio situado às portas de Turim, e habitado quase exclusivamente por famílias de operários.

SÚPLICAS A NOSSA SENHORA MENINA PARA QUE NOS LIVRE DO CÓLERA

Nesse tempo se inicia em casa, com fervor todo especial, a novena em preparação à festa da Natividade de Maria SSma., como Dom Bosco determinou, a fim de alcançar a graça de ficarmos livres do cólera que já se espalhou também na Itália, em vinte e quatro municípios ⁽²⁶⁾ Todas as noites temos a bênção com o SS. Sacramento e, durante o tríduo final, celebrado conforme as determinações do Santo Padre, pelas mesmas intenções, o Diretor acrescenta um sermãozinho. Com esse fervor, a comunidade celebra solenemente a festa do dia 8 de setembro, numa súplica cheia de confiança ao Coração de Maria Santíssima.

IRMÃ FRANCISCA MOFFA ENCERRA SUA JORNADA TERRENA

No dia 12 — festa do Santo Nome de Maria — uma outra filha vai se encontrar com a Mãe, no Céu.

Irmã Francisca Moffa — que todas chamavam de Francisquinha — tinha apenas vinte e três anos; parece que adoeceu em consequência do esforço para adquirir uma constante doçura e amabilidade de palavras e de trato.

Atendendo ao pedido dos parentes, as Superiores a haviam mandado ficar algum tempo em casa, na esperança de conseguir alguma

(26) Cf. MB XVII 230.

melhora. Infelizmente, Irmã Francisquinha continuava piorando e, percebendo que estava chegando ao fim, suplicou à família que a levasse para morrer numa casa do Instituto. Por isso, foi levada à casa mais próxima, Chieri, onde dentro de pouco tempo encerrou sua breve jornada terrena e foi colher o prêmio de sua delicada caridade.

Com a lembrança muito viva da querida Irmã Francisquinha, inicia-se em Turim, no dia 18, o Retiro espiritual pregado pelo Pe. Bonetti e Pe. Botello, e presidido por Madre Elisa, que veio de Nizza uns dias antes.

No encerramento, a alegria de seis novas profissões.

A MADRE VAI A SAINT-CYR PARA O RETIRO

No início de outubro, a Madre viaja para Saint-Cyr, em companhia de Madre Vigária, a fim de presidir a dois Retiros. É a primeira vez que se realizam retiros na França, porque, devido ao cólera, as Irmãs estão impedidas de vir à Itália.

O primeiro deles começa no dia 10 de outubro, pouco depois da morte do benemérito Padre Vincent, que morreu santamente no Orfanato, no dia 7, tendo o consolo de deixar garantidas as suas duas obras, confiadas à caridade de Dom Bosco.

O encerramento se faz no dia 17, com duas novas profissões. Na mesma noite começa o segundo, pregado também pelo Inspetor Pe. Álbera e pelo Pe. Perrot, Diretor de La Navarre. No dia 24, no encerramento, se festeja a vestição das três Terciárias de Padre Vincent: a antiga superiora, Irmã Claire Agnely, que com devotada fidelidade o assistira até o fim, Irmã Ângela Arnaud e Irmã Maria Charles, a humilde e incansável pedinte em favor dos orfãozinhos de La Navarre.

Todas vêem nisso um prêmio à paciente bondade da nossa Madre que, como Diretora do Orfanato naqueles difíceis inícios, tinha sabido conquistar o coração das boas Terciárias, até então responsáveis por tudo ali, de modo a fazer nascer nelas o desejo de pertencer à mesma família religiosa, em plena comunhão de vida e de aspirações.

De sua visita à França, a Madre havia dado relação a Dom Bosco, numa carta enviada por meio do Pe. Cerruti; no dia 5 de novembro ele se apressava em garantir a ela que havia entregado a carta, pes-

soalmente. E acrescentou que Dom Bosco iria se interessar por todos os assuntos tratados. ⁽²⁷⁾

NOVA FUNDAÇÃO EM CANDIA CANAVESE

Enquanto a Madre está na França, inicia-se uma outra fundação, em Candia Canavese, próxima a Ivrea, atendendo ao pedido do Pároco, Pe. Cuffia, ao Pe. Cagliero, que tinha sido seu professor em Valdocco.

No dia 12 de outubro, vão abrir ali um Jardim da Infância a Irmã Josefina Daghero, como Diretora, Irmã Vicência Razzetti, que vem da vizinha casa de Borgomasino, e a noviça Irmã Teresa Biglia. Com elas vai a bênção do Bispo, que espera da obra das Irmãs um grande bem para aquela paróquia.

PARTE-SE TAMBÉM... PARA A CASA DO PAI

Em outubro, junto com novas fundações e profissões, não faltam viagens também para a casa do Céu.

No dia 8 morre Irmã Lúcia Ferraris, que foi Diretora em Incisa Belbo; chamada de volta a Nizza, por causa de sua saúde, esperava-se vê-la restabelecida. No entanto, o Senhor a esperava aqui para os últimos preparativos para o Céu, enriquecidos por alguns sofrimentos.

Falando sobre ela com a comunidade, uma das Superiores diz: "É verdade, Irmã Lúcia se apresenta a Deus com a responsabilidade do seu ofício de Diretora; mas feliz dela que sempre agiu com retidão!".

Quinta-feira, 9, é a vez de Irmã Rosina Noli, de vinte e cinco anos, doente há muito tempo, na mesma enfermaria. Quando estavam retirando o corpo de Irmã Lúcia, ela disse serenamente: "Amanhã vocês vão me levar também."

No dia seguinte não tinha podido se levantar e, antes do anoitecer, ela voava mesmo para o Céu, iluminada por seu inalterável sorriso.

Nem vinte dias depois — dia 28 do mesmo mês — uma terceira, de Borgo Masino, vai ao encontro das outras duas. É a noviça Rosa Serafino, de apenas dezoito anos, verdadeiro anjo de humildade e caridade, que parecia ter feito o propósito de sempre procurar para si o último lugar.

(27) Carta de Pe. Cerruti à Madre Daghero, de Alássio, de 5/11/1884, no Arq. Geral FMA.

O DIRETOR GERAL É ELEITO BISPO

Nesses dias começa a circular aqui e ali a notícia da elevação do Pe. Cagliero à dignidade episcopal.

No dia 4 de outubro, o Cardeal Protetor Nina, e no dia 9, Monsenhor Jacobini, Secretário da "Propaganda Fide", escreveram em caráter particular ao Arcebispo de Turim, Cardeal Alimonda, para que comunique isso "ao querido Dom Bosco".⁽²⁸⁾

Não demora a chegar a comunicação oficial, feita pelo Cardeal Simeoni ao Cardeal Alimonda e a Dom Bosco, de modo que, antes mesmo de receber o "breve" pontifício do dia 30 de outubro, a notícia se espalha rapidamente, despertando a maior alegria.

As Irmãs de Alássio são as primeiras a saber, através do Diretor Pe. Cerruti, e se apressam a manifestar ao eleito seus sentimentos, por meio desta carta:

Viva Jesus!

Reverendíssimo Monsenhor e nosso sempre queridíssimo Pai,

A notícia que o nosso Padre Diretor nos deu, de sua nomeação como Bispo e de sua próxima consagração episcopal, encheu-nos da mais sincera e indescritível alegria!

Portanto, nosso sempre queridíssimo Pai, permita que também nós, suas pobres filhas, últimas por merecimento, mas não as últimas no afeto à sua sagrada pessoa, lhe apresentemos as mais cordiais congratulações e os votos mais afetuosos.

É verdade que a nossa alegria não é completa; o pensamento de que terá de nos deixar em breve, amargura-nos o coração. Mas, considerando que, o senhor nos deixa para ir conquistar almas para Deus e livrar do erro e do vício tantos infelizes, transforma em júbilo a nossa dor, consola-nos e nos dá forças. Portanto, nós o acompanharemos na sua partida; sofrendo, é verdade, mas num sofrimento resignado e tranqüilo, pedindo de todo o coração a Nosso Senhor que compense o nosso sacrifício, concedendo-lhe a conversão de tantas almas quantas forem as lágrimas derramadas por estas suas filhas.

Confiantes de que ainda nos seja possível beijar pessoalmente suas mãos, nós as beijamos em espírito e lhe pedimos que obtenha de Deus para nós aquilo que constitui o objetivo maior e o mais santo dos desejos de seu coração, isto é, a santa perseverança na vida religiosa.

(28) Cf. MB XVII 287.

Nós nos lembraremos do senhor sempre, com o mais vivo afeto cristão, até que a morte nos reúna para sempre no Céu.
Alássio, 20 de outubro de 1884.

afmas. filhas em Jesus Cristo,
de V. S.^a Revma.

Ir. Carolina Curino
Ir. Secondina Fontana
Ir. Henriqueta Gamba
Ir. Catarina Bosso
Ir. Mariana Manara
Ir. Marieta Sorbone
Ir. Domingas Barbero

Ir. Henriqueta Telésio
Ir. Clara Preda
Ir. Teresina Moretta
Ir. Luisinha Desirello
Ir. Maria Cattaneo
Ir. Maria Succetti
Ir. Maria Demartini ⁽²⁹⁾

A Madre também, voltando da França, envia imediatamente uma palavra de congratulações e augúrios a Monsenhor Cagliariero; no dia 6 de novembro ele responde de Turim, acrescentando: "... como espero que não queiram me aposentar do cargo de Diretor de vocês, não me façam suspirar muito pelo caderno de atas, para que eu possa verificá-lo. Mesmo de longe, continuarei fazendo isso... mas, sem muita pressa...". ⁽³⁰⁾

Falando depois sobre os paramentos que estão sendo feitos em Nizza, para sua despedida, comenta brincando: "Estou com receio de que, por minha causa, as bordadeiras se cansem demais; podem ir devagar e com calma; assim eu ficarei mais tempo com vocês...".

Porém, em Nizza se trabalha com entusiasmo, a fim de poder oferecer os diversos presentes a Monsenhor na próxima festa da Imaculada, em Turim, dia da consagração episcopal, em que ele já prometeu usar o roquete novo, preparado especialmente para aquela cerimônia.

A Madre havia escrito também uma circular às principais benfeitoras, semelhante à que Dom Rua escrevera aos Cooperadores, solicitando ofertas, com o objetivo de adquirir vasos e objetos sacros a serem oferecidos a Monsenhor nessa feliz circunstâncias. ⁽³¹⁾

AMPLIAÇÃO DE EDIFÍCIOS E DE OBRAS

Desde setembro os pedreiros estão em casa, trabalhando na construção de uma nova ala junto à igreja, em Nizza. Foram feitos os alicerces para que, na próxima primavera, os trabalhos possam continuar.

(29) Original no Arq. Geral FMA.

(30) Original da carta no Arq. Geral FMA.

(31) Ver anexo n. 14, cf. Ed. It., pág. 378.

O nosso querido Pai Dom Bosco pensou também na necessidade de ampliar o terreno ao lado do Oratório Festivo e, no dia 16 de outubro, fez um requerimento à Prefeitura de Nizza. ⁽³²⁾

Nele, solicita a cessão de um trecho da estradinha que leva à torrente Belbo, e a compra de um campo situado defronte à antiga casa do Diretor. O objetivo é evitar que as aulas e as funções religiosas sejam perturbadas bem como acabar com o inconveniente da quebra de vidraças e batidas de carros contra o muro, sem falar nos perigos para a moralidade, provenientes das más conversas que, com muita frequência, são ouvidas bem debaixo das janelas.

Um outro motivo apresentado por Dom Bosco é poder dispor de uma sala de trabalhos e de um pátio de recreio, a fim de beneficiar exclusivamente as meninas mais necessitadas da cidade.

Essa sala de trabalho é inaugurada no dia 12 de novembro, com grande alegria de todos, na esperança de que ali se possa fazer um grande bem.

MAIS DUAS IRMÃS PARA A ETERNIDADE UMA PALAVRA SÉRIA DE DOM BOSCO

Durante a novena da Imaculada, mais duas Irmãs são chamadas à eternidade. No dia 1.º de dezembro, falece em Turim a Irmã Cândida Bósio, de 29 anos. Cândida de nome e de alma, em pouco tempo ela percorreu um longo caminho de virtude. Tinha vindo de La Navarre, doente, ao que parece, em consequência de um acontecimento apavorante que se deu naquela casa, que fica muito isolada, no campo.

Algum tempo depois, chega a notícia de que no dia 30 de novembro havia morrido também a Irmã Filomena Bologna, que estava em Pamparato (Cúneo) em casa dos irmãos. Se é sempre penoso morrer fora da casa religiosa, muito mais deve ter sido para Irmã Filomena que, tendo pouca saúde, tinha tanto medo da morte. E, pior ainda, é a lembrança de uma conversa tida com Dom Bosco.

Era ela a Irmã que — conforme contara Madre Petronilla ⁽³³⁾ — se apresentou ao nosso querido Pai em Lanzo, para expor a ele o desejo dos irmãos de tê-la em casa por algum tempo, na esperança de que os ares nativos e os cuidados da família pudessem melhorar a sua saúde. A resposta de Dom Bosco foi um pouco séria; depois de

(32) Cf. MB XVII 404-405.

(33) Já houve aceno na pág. 237-38.

ter-se certificado de que na comunidade não lhe faltassem os cuidados necessários, ele dissera:

“— Como é, você prefere viver uns anos a menos e ter o Paraíso garantido, ou viver alguns anos a mais? . . . Porém, eu não posso lhe garantir . . .”.

“— São os meus irmãos que querem isso”, respondeu a Irmã.

E Dom Bosco reafirmou:

“— Se você acha que assim é melhor . . . De minha parte, eu não posso fazer outra coisa a não ser repetir o que já disse”.

Passados uns quinze dias, um dos irmãos foi visitá-la e Irmã Filomena decidiu ir com ele para casa, certa de que voltaria melhor. Infelizmente, não haveria volta: uns meses depois, segundo consta, uma grave pneumonia iria levá-la em pouco tempo ao túmulo.

A lembrança desse fato é uma advertência salutar a não se deixar levar pelo apego aos parentes, e a preferir sempre, mesmo em caso de doença, aquilo que a Congregação nos dá; e com isso, garantir a felicidade de morrer na casa religiosa.

COROA MISSIONÁRIA CONQUISTADA EM POUCO TEMPO

Pouco tempo depois chegou a notícia da morte de outra irmã, em Morón, na Argentina, no dia 30 de outubro. Irmã Catarina Picco, de vinte anos apenas, em poucos meses conquistou uma bela coroa de missionária. Havia partido logo depois da profissão, em novembro do ano passado, e bem depressa foi atingida pela doença que lentamente a conduziu ao túmulo.

O pensamento da morte não a angustiava; pelo contrário, tinha sido para ela um motivo de alegria, pela expectativa do Paraíso. Tanto que o Pe. Costamagna, ao dar notícias dela à Madre, quinze dias antes, assim se expressava: ⁽³⁴⁾ “Ela está muito mal . . . Outro dia a encontrei acabada, mas tão alegre de fazer inveja! Não quer que se reze por sua cura, mas para que possa voar logo para o Céu”.

O PENSAMENTO DE DOM BOSCO SOBRE AS VOCAÇÕES

Os vazios que se sucedem nas nossas fileiras são preenchidos por outras que Maria Auxiliadora escolhe para serem suas filhas. Algumas têm a sorte de serem recebidas pessoalmente por Dom Bosco.

(34) Na citada carta à Madre Daghero, 16 de outubro 1884.

Entre essas está Catarina Pagliassotti que, acompanhada pelo pai, se apresentou ao Fundador, em Turim, no dia 25 de novembro passado e ouviu dele estas palavras: “Coragem! Os espinhos daqui de baixo se transformam em rosas para o Céu!”. Ao pobre pai, comovido por ter de se separar de sua única filha, Dom Bosco havia dito: “É uma grande graça que Deus concede a uma família, quando dá a vocação religiosa a um filho ou a uma filha!”. Depois deu aos dois uma medalha de Maria Auxiliadora, e outras para cada um dos outros membros da família. E ao se despedirem, deu-lhes a bênção de Nossa Senhora, deixando-os com a alma cheia de grande paz.

Dom Bosco garante que muitas jovens seriam agraciadas com o dom da vocação religiosa, mas nem todas sabem cultivá-lo, e o perdem.

Este ano, em Turim, a noviça Irmã Catarina Dabbene ouviu essa afirmação. Ela conta que uma moça foi levar a Dom Bosco uma postulante, e o bom Pai lhe perguntou:

“— E a senhorita, por que não se faz religiosa?”

“— Eu não tenho vocação” — respondeu a moça.

E Dom Bosco retrucou:

“— Muitas moças têm vocação, mas a deixam pendurada na “ciuenda”; ⁽³⁵⁾ os gaviões passam e a roubam...”.

O PERIGO DAS LEITURAS

Aves de rapina — segundo o pensamento de Dom Bosco — são também os livros maus ou perigosos. É um assunto que interessa muito ao nosso querido Pai, esse das leituras. Neste ano, no dia de Todos os Santos, ele enviou a todos os colégios uma circular sobre isso. ⁽³⁶⁾

Nessa longa carta, depois de ter falado com veemência sobre os gravíssimos danos espirituais causados pelos livros declaradamente maus, aconselha a se acautelar em relação àqueles que, embora “bons ou indiferentes em si, podem se tornar perigosos, por não serem convenientes à idade, ao lugar... às inclinações... à vocação. Esses também devem ser excluídos”.

Recomenda, além disso, que se excluam os romances de qualquer tipo, que não sejam provenientes da tipografia salesiana...

(35) “Ciuenda” palavra do dialeto piemontês: arca feita de bambu ou arbusto.

(36) Anexo n. 15, cf. Ed. It., pág. 379.

E termina com palavras comovidas, de afetuosa ternura: "...Escutem, gravem, pratiquem estes meus avisos. Percebo que meus anos estão chegando ao fim. Os de vocês também vão passando velozmente. Portanto, trabalhem com zelo, para que seja abundante a messe de almas salvas que pudermos apresentar ao bom pai de família, que é Deus...".

É uma recomendação preciosa que devemos guardar para toda a juventude confiada aos nossos cuidados.

UM SEMANÁRIO TURINÊS ELOGIA OS NOSSOS INTERNATOS

Talvez não seja fora de propósito recordar aqui que o semanário de Turim "A estrela consoladora", em seu número de quinta-feira, 28-10-1884 recomendou os nossos seis internatos de Nizza Monferrato, Chieri, Torriione de Bordighera, Bronte, Mascali e Trecastagni. O artigo se intitula "PARA A JUVENTUDE ESTUDIOSA". Dá indicações exatas de cada um dos colégios e põe em destaque o fato de que ali se dá uma instrução completa, juntamente com sólida formação cristã.

Parece que é a primeira vez que publicações não salesianas falam sobre os nossos institutos, e nós nos alegamos com isso, pensando que, quanto mais as nossas obras se tornarem conhecidas, mais irá crescendo a possibilidade de termos um maior número de meninas às quais podemos fazer bem.

CONSAGRAÇÃO EPISCOPAL DE MONSENHOR CAGLIERO

A vigília da Imaculada marca o tão esperado acontecimento da consagração episcopal de Monsenhor Cagliariero que, desde o ano passado, havia sido nomeado Vigário Apostólico da Patagônia Setentrional.

Agora, com decreto de 30 de outubro, S.S. Leão XIII elegeu-o Bispo Titular de Mágida, na Panflia, publicando a nomeação no Consistório do dia 13 de novembro. ⁽³⁷⁾

A Madre Geral vai a Turim, com a neo-missionária Irmã Catarina Grillone, para assistir, juntamente com um bom grupo de Irmãs, à função solene que tem início às 17 horas e 30 minutos, na igreja de Maria Auxiliadora. ⁽³⁸⁾ Dom Bosco, extremamente comovido, assiste

(37) Bollettino Salesiano, dezembro 1884, ano VIII, n. 12, pág. 169.

(38) Bollettino Salesiano, janeiro 1885, ano IX, n. 1, pág. 4; MB XVII 288.

a tudo no presbitério, sentado à esquerda da cátedra, ao lado de Dom Macedo Costa, Bispo do Pará, no Brasil. Ele chegara ao Oratório uns dias antes, para pedir a Dom Bosco que enviasse missionários também para a sua Diocese.

No grupo dos familiares está presente também a quase nonagenária mãe de Monsenhor Cagliariro, que nestes dias está hospedada na nossa casa de Turim.

É enorme a participação de convidados e benfeitores, de juventude e de povo: a igreja está repleta de pessoas.

A solenidade é acompanhada por cantos admiravelmente executados com música do Maestro Dogliani, composta especialmente para a ocasião. O Cardeal Caetano Alimonda é o consagrante, assistido por seu Auxiliar, Dom João Batista Bertagna, Bispo Titular de Cafarnaum, e Dom Emiliano Manacorda, Bispo de Fossano.

Terminada a função, foi comovente o encontro do novo Bispo com sua velha mãe; quando ela tentava ajoelhar-se diante do filho, para lhe beijar as mãos, ele se antecipou, apertando-a ao coração, num afetuoso abraço. Não menos comovente foi o encontro com Dom Bosco, que estava esperando respeitosamente, com o barrete na mão, mas foi impedido de se ajoelhar diante do novo Bispo: este, num ímpeto de amor filial, abraçou-o com muita ternura. Depois, estendeu-lhe a mão, até aquele momento escondida entre as pregas da veste: queria que Dom Bosco fosse o primeiro a beijar o seu anel episcopal.

Durante o dia todo, foram se sucedendo as manifestações de júbilo em Valdocco; são muito solenes também as funções da tarde, com Vésperas pontificais e a Bênção Eucarística, dada pelo novo Bispo. À noite, o primeiro Bispo Salesiano recebeu novas homenagens, durante uma bela sessão lítero-musical.

No dia seguinte, solenidade da Imaculada, Dom Cagliariro canta a Missa Pontifical e as Vésperas, na igreja de Maria Auxiliadora, e dá novamente a tríplice Bênção Eucarística.

IRMÃ NAZASSI E IRMÃ TESTA TAMBÉM SÃO CHAMADAS À ETERNIDADE

Ainda vibra na casa de Turim o eco jubiloso dessas festas, quando, no dia 10 de dezembro, a morte vem buscar Irmã Teodolinda Nazassi. Tinha trinta anos. De um espírito de sacrifício a toda prova, sempre pronta a ceder, a esquecer, a disfarçar qualquer pena, a sorrir, para ajudar, aliviar e consolar as Irmãs, podia ser chamada a personificação da bondade.

Parece que a causa da doença mortal foi a mesma que levou Irmã Bósio à última etapa na enfermaria de Turim: o tremendo susto que tiveram em La Navarre.

Dois dias depois, em Bordighera, é a vez de Irmã Anna Testa, de apenas vinte anos. Quando lhe perguntaram, no leito de morte, se alguma coisa a incomodava, respondeu: "Sim, tenho muito pesar de estar assim tão tranqüila, se daqui a pouco tenho de me apresentar ao tribunal de Deus".

ACABARAM AS PREOCUPAÇÕES?

Finalmente, no dia 14 de dezembro, consegue-se encontrar um lugar para Maria, a "negra", no Instituto BOM PASTOR de Turim. É o melhor para ela, já que todas as tentativas de bondade e de paciência foram inúteis, devido à sua índole agressiva e indomável. Que Nossa Senhora a acompanhe e vele maternamente por sua pobre alma!

A Spanó⁽³⁹⁾ também foi devolvida à Sicília, com grande alívio das Superiores. No fim de outubro, após dezoito meses de tratamento, recebeu alta do manicômio de Turim e, suficientemente restabelecida, foi entregue à família. Esperamos que com isso acabe a longa série de preocupações e sofrimentos causados por suas maluquices.⁽⁴⁰⁾

NOVENA DE NATAL: AUGÚRIOS A DOM BOSCO

Começa no dia 16 a grande novena do Santo Natal, junto com os preparativos para a anunciada consagração da igreja de Nizza. Dom Cagliero, que a benzerá em 1878, virá consagrá-la, antes do fim do ano.

Mais perto das festas natalinas, enviam-se, como de costume, os votos de Boas-Festas, e, em primeiro lugar, a Dom Bosco. A Madre junta à carta das Irmãs e das alunas, esta sua:

V.J.M.J.

(39) Cf. MB XVII 571.

(40) No entanto, preocupações e aborrecimentos estão bem longe de acabar: o caso será aproveitado pela propaganda anticlerical para novos e ferozes ataques a D. Bosco e às instituições religiosas.

Meu venerado e querido Pai,

junto à carta de Boas-Festas, duas linhas para lhe reafirmar a minha sincera e filial dedicação e, ao mesmo tempo, dizer-lhe que aqui nesta Casa santa, o senhor é considerado realmente como nosso Pai e Superior muito querido; por isso, as poucas e fracas expressões que irá ler nesses nossos escritos, são realmente a essência do coração de suas filhas.

Ó Pai! Se lhe fosse possível ver quantas orações se elevam diante do Sagrado Cibório, para que Deus lhe conserve a vida e a saúde! . . . É tudo o que podemos fazer, o senhor bem sabe; mas, se nos manifestar o desejo de qualquer coisa, será um grande prazer para nós dar-lhe prova do nosso amor santo e sincero, obedecendo-lhe prontamente, como se Jesus mesmo nos falasse.

E agora, Pai da minha alma, gostaria muito de fazer-lhe um augúrio que o consolasse. . . mas sou uma pobre filha, e por isso me contento de pedir ao Menino Jesus que lhe conceda a graça de ver todos os seus filhos e filhas animados pelo espírito da Congregação, desejosos somente da glória de Deus e do bem das almas. . .

Termino, Pai Veneradíssimo, pedindo-lhe uma bênção especial para mim e assegurando-lhe que, com a ajuda de Deus, quero ser, agora e sempre, intérprete fiel da sua vontade, de modo que, com sinceridade e de todo o coração, possa dizer que sou, em Jesus, de V.P. Rev.ma.

23-12-1884.

humilde e gratíssima filha
Irmã Catarina Daghero (41)

MORTE DE MAMÃE TERESA

A festa de Natal transcorreu serenamente em Nizza. No entanto, em Turim, teve um final triste, com a morte imprevista da mãe de Dom Cagliero. (42)

A boa mamãe Teresa, depois de se preparar com grande fervor e íntima alegria para a solenidade do Natal, havia assistido às três Missas de meia-noite, na capela das Irmãs, e recebido a Comunhão.

Gostaria de ter ido à igreja de Maria Auxiliadora, na manhã seguinte, para assistir ao solene Pontifical, celebrado pelo filho Bispo que, havia chegado de Roma, dois dias antes. Cederia, porém, à insis-

(41) Original no Arq. Geral FMA.

(42) A notícia foi publicada também no *Bollettino Salesiano*, janeiro 1885, ano IX, n. 1, pág. 13.

tência de quem a aconselhara a renunciar a essa alegria, por causa do tempo muito frio, ameaçando nevar.

À tarde, porém, às três e meia, quis de todo jeito ir às Vésperas. Ao subir os degraus do santuário, sentiu que as forças lhe faltavam e, apoiada em quem a acompanhava, caiu prostrada na soleira da porta. Já estava nas últimas. Um sacerdote salesiano, que veio imediatamente, mandou levá-la para um quarto no andar térreo da nossa casa, onde lhe ministrou a extremaunção. Mal havia terminado, e a querida velhinha, rica de merecimentos, exalava placidamente o último respiro.

Entretanto, o filho Bispo, sem saber de nada, assistia pontificalmente às Vésperas. Terminado o sermão e a Bênção solene, foi avisado e apressou-se em ir benzer o corpo de sua piedosa mãe e expandir livremente a sua dor.

Os funerais solenes se realizaram no sábado, dia 27, com grande participação de Irmãs e oratorianas, que com isso prestavam um tributo de profunda e comovida gratidão por todo o bem recebido de seu grande filho.

NIZZA EM FESTA COM A CHEGADA DE DOM CAGLIERO

No dia 30, terça-feira, a nossa casa de Nizza está em festa com a chegada de Dom Cagliero: é a primeira vez que ele vem aqui, revestido das insígnias episcopais, e vem para a consagração da igreja. Irmãs e alunas se sentem felizes de poder beijar-lhe o sagrado anel e receber dele a bênção. No entanto, a alegria geral é ofuscada pelo recente luto do Bispo, e também pela lembrança de que em breve ele partirá para a América.

Acompanhado pelo secretário, Pe. Antônio Riccardi, pelo Pe. Sala e Pe. Rabagliati, ele chega às 15 horas e vai logo para a Igreja, onde é acolhido pelo canto festivo do "Ecce Sacerdos", composição sua. Demora-se algum tempo em oração diante do SS. Sacramento e depois se levanta para dar-nos a sua primeira bênção pastoral e a do Santo Padre, recebida também para nós, na audiência do dia 22 deste mês. Fala com muita emoção, da benevolência que o Papa lhe demonstrou, e do seu vivo interesse por Dom Bosco, repetindo a paterna recomendação: "Diga a Dom Bosco que se cuide bem, porque a saúde dele é preciosa, não apenas para a sua Congregação, mas para a Igreja toda".⁽⁴³⁾

(43) Cf. MB XVII 297.

Na mesma tarde, ele se põe à disposição das Superiores e das Irmãs, e, com paterna bondade incansável, faz o mesmo durante todos os dias que passa aqui conosco.

Às sete da noite dá a Bênção Eucarística; depois, ainda revestido das vestes pontificais e acompanhado pelo Cônego Berta, Chanceler da Cúria Episcopal de Acqui, dirige-se à capela provisória, preparada na sala de trabalhos das externas, para expor à veneração as sagradas relíquias (com o selo de Dom Sciandra) que ficarão definitivamente inseridas no altar que amanhã será consagrado.

Depois, o Bispo se retira; os outros sacerdotes ficam para o canto de Matinas.

A RENOVADA CONSAGRAÇÃO DA IGREJA DE NIZZA

O último dia do ano marca a data, ansiosamente esperada, da reconsagração da nossa igreja, onde tudo está convenientemente preparado para o sagrado rito. Por isso, todas as Missas são celebradas na capela provisória. D. Cagliero celebra para a comunidade e, antes da Comunhão, não pode deixar de nos dirigir a palavra, num fervoroso sermãozinho que prepara os ânimos às grandes graças desse dia extraordinário. E às oito horas, assistido pelos três párocos da cidade, pelo Cônego Berta e pelos Sacerdotes Salesianos presentes, dá início ao rito cheio de simbolismo.

Todas o acompanham comovidas, pensando que o consagrante é o mesmo nosso queridíssimo Diretor Geral, hoje primeiro Bispo Salesiano, e que esta nossa igreja é a primeira que ele consagra, dedicando-a, conforme seu título primitivo, a Nossa Senhora das Graças.

O altar é solenemente consagrado e, às onze e meia, o Pe. Sala celebra a Santa Missa, assistido pelo Bispo e por toda a comunidade.

Para que se conserve a lembrança do solene acontecimento, lavra-se a ata relativa. ⁽⁴⁴⁾

No período da tarde se multiplicam fervorosas visitas à igreja reconsagrada, para poder receber as indulgências próprias deste dia. Ao anoitecer, as solenes Vésperas cantadas são assistidas pontificalmente por Dom Cagliero que, em seguida, fala sobre o festivo acontecimento e sobre a circunstância especial do último dia do ano.

O canto do 'Te-Deum' e a Bênção Eucarística dada pelo Bispo, encerram a devota cerimônia e também este ano, rico de tantos eventos e de graças especiais de Nosso Senhor.

(44) Anexo n. 16, cf. Ed. It., pág. 385.

Para os "Anexos" (Allegati) consultar:

CRONISTORIA — vol. 4.

Scuola Tipografica FMA — Roma, 1978 — pág. 335-384.

INDICE

INTRODUÇÃO	5
ANO 1881	
Herança materna	7
Uma resposta ao pensamento de Dom Bosco	8
Notícias da América e volta do Pe. Cagliari	8
Nova ala construída em Nizza Monferrato	9
"Boletim Salesiano" de junho	9
Pela Superiora Geral falecida	11
Em Bordighera: bênção da nova capela	11
Lembranças fecundas de bem	11
No cemitério	13
Madre Catarina em Turim	13
Parada em Chieri	14
Notícias da Argentina	15
Ir. Marieta conta	15
Uma palavra tranqüilizadora do Pe. Lemoyne	17
Dom Bosco fala	18
Notícias do Uruguai e da Argentina	20
Notícias tristes e luto por Madre Ferrettino	21
Caridade Salesiana	22
Retiros para as Senhoras	24
Dom Bosco em Nizza	24
A sobrinha Eulália	24
Ir. Olímpia Martini garantiu seu lugar no paraíso	25
Dom Bosco entre as Retirandas	25
Informações sobre a situação atual da vida cristã. Luta contra a Igreja	26
Uma profissão perpétua	27
As boas-noites e a "lembrança" de Dom Bosco às retirandas	27
Retirandas e eleitoras	29
Preparativos da véspera	29
Dia de eleição	29
Notícias e comunicados diversos	33
Retalhos de conversas	34
Para Dom Bosco e para a Madre eleita	36
Eleições das outras Superiores	37
Uma hora de festa em família	39

Esta é a Mãe de vocês	40
Festa da Assunção e notícia que faz pensar	41
Da Argentina e do Uruguai	41
Retiro espiritual	42
Festa do Papa e Jubileu	42
Encerramento do retiro: vestições e profissões	44
Precisamos aprender umas das outras	44
Retorno e transferências	45
Nova turma de retiro	45
Em obediência à ordem do Arcebispo	46
Novas profissões e festa de encerramento	46
Fundação de Trecastagni	51
Fundação de Nichelino	51
Primeiras notas biográficas de Madre Mazzarello	52
Sufrágios por Madre Mazzarello em Cascinette	52
Cartas da América	53
Morte do Pe. Chicco	57
Orações pela paz	57
Para aumentar a devoção ao Papa	57
Notícias da Patagônia	61
Morte de Ir. Tersilla Ginepro	62
Fundação em Visone e em Fontanile	63
Provações familiares e vocação vitoriosa	63
A Mãe em Roma	64
“Eu iria estragar tudo”	65
Ir. Lúcia Bertolo morre	65
Fundação de Sampierdarena	66
Fundação de Marselha	66
Lembrança dos benfeitores	68
Notícias de Trecastagni	69
Venda do Colégio de Mornese	70
Primeira conferência salesiana em Casale Monferrato	71
De Borgo São Martinho escrevem de Dom Bosco	72
Primeira festa onomástica da nova Superiora Geral	73
Novena da Imaculada	76
Notícias da França	77
Nova carta da Argentina	78
Festa da Imaculada	80
Morre Ir. Catarina Sucetti	81
Alegre novena em preparação ao Natal	81
Padre Cagliari em Fontanile	81
Uma festa original	82
Notícias de Fontanile	83
Notícias de Quargnento — Lições de experiência	85
Celebrações natalinas	87
Presente do céu	87

ANO 1882

O desejado “sonho”	88
Morre Ir. Maria Brega	91
Progressos consoladores	91
Mais dois lutos	92
O motivo daquele “oremus”	93

Notícias sobre a visita de Dom Bosco a Marselha	93
“Bem depressa no céu” como Dom Bosco havia dito	94
Carta de Ir. Meana	95
O Diretor Geral escreve	97
Orações pelo Papa	97
Carnaval	97
As manobras da espinhosa história de Mornese	97
Fundação de Rosignano Monferrato	100
A Madre anuncia sua visita às casas da França	100
Rumo à França	101
Regresso festivo	101
Notícias de Madre Martini	104
Segunda-feira santa: vestições	105
“Rezar sempre, rezar muito”	105
Mês de Maria. Uma página do Boletim Salesiano	107
Notícias da Argentina	108
Fundação de Incisa Belbo	112
Primeiro aniversário da morte de Madre Mazzarello	112
As internas de Nizza vão a Turim para a festa de Maria Auxiliadora ..	114
O Pe. Cagliari em Nizza	115
Notícias da América	116
Dom Scotton vê o que Nossa Senhora fez	118
Esclarecida a confusão de Mornese	118
A situação de Chieri — Novos relatórios	119
A Madre em Valdocco para a festa de Dom Bosco	120
Madre Petronilla conta suas experiências	121
Uma carta de Borgo São Martinho	122
Ainda as missionárias	125
Fechada a casa de Visone	128
Retiro espiritual para as Senhoras	128
Dom Bosco chega	129
Dom Bosco para o Papa	131
Agora, não! Mais tarde	132
Dom Bosco deixa Nizza	132
Alegria renovada	133
Fecha-se também a casa de Cascinetta	134
Retiro espiritual em Turim	135
Morre Ir. Inocência Bologna	135
Notícias e comentários	136
Solução pontifícia para o caso do Pe. Bonetti	137
Motivos diferentes para uma mesma exortação	137
Preparativos para o ano letivo	137
Propaganda liberal	138
... e reação	139
Notícias recentes da América	139
Terceiro Centenário de Santa Teresa	141
Partida para a Sicília e provas inesperadas	141
Ataque anticlerical	143
Notícias da Sicília	144
A sobrinha-neta de Dom Bosco é postulante	145
Da Sicília ao Piemonte	145
Ir. Cevnini, a primeira da Sicília a ir para o céu	146
Novena e festa da Imaculada	147

Ir. Boccalatte volta com boas notícias	147
Notícias de Bordighera	149
Carta de Buenos Aires para o Pe. Cagliero	149
Lembrança de Ir. Cevennini	150
A primeira Ir. de Maria Auxiliadora falecida na Sicília	150
Preparação para o Natal	151
Natal	153
Chegada do Pe. Cagliero	154

ANO 1883

Primeiro decênio do Instituto	155
Uma postulante “estranha”	155
Boas notícias da Argentina	156
Ir. Maria Terzano, missionária de desejo	157
Últimas páginas de Ir. Bertello e Ir. Miglietta	158
Uma carta de Nunziata de Mascali	159
Visita do Pe. Lemoyne a Dom Bosco	163
“Jesus Cristo, nosso Deus e nosso Rei”	164
Morre Ir. Rosa Bonelli	165
Notícias da Ligúria	166
Vozes de Família	167
...e vozes hostis	168
De Nice	169
De La Navarre a Saint-Cyr	172
Sexta-Feira da Semana da Paixão	173
Sexta-Feira Santa	173
Depois do amargo, o doce	174
Manhã de Páscoa	175
Morte de Dom Gastaldi	176
Vestições em Nizza	176
Carta de Marselha	177
Carta de las Piedras	178
Um acontecimento inesperado	179
São José e o Papa	180
Uma carta de Nichelino	180
Preocupações com a Spanó	181
O mês de Nossa Senhora	182
Dom Bosco por Saint-Cyr	182
Mais duas Irmãs para o céu	183
Festa de Corpus Christi	184
Festa de Maria Auxiliadora em Nizza e em Turim	184
Uma surpresa para Dom Bosco?	185
“Admiremos e rezemos”	186
“A nossa Nizza tão querida”	186
Dom Bosco em Nichelino	187
Mais festa	187
Morre Madre Madalena Martini	188
Mais uma notícia triste	188
“Vivamos de gratidão”	189
Retiro, Exames, Premiações	189
Lembranças de Madre Madalena Martini	190
Um número excepcional de retirandas	194
Dom Bosco segundo suas filhas	194

Lembranças de Mornese	199
Encerramento do retiro e festa do Papa	200
Retiro também em Valdocco	200
Morre Ir. Lúcia Rovero	200
Como em Nizza, fala-se sobre Dom Bosco	201
Novo fervor missionário	203
Leitura do "Boletim" de setembro	205
Pe. Lemoyne: "Acima de tudo os interesses de Deus"	205
Carta coletiva de Nice	206
Rumo à Sicília	209
Morre Ir. Rosa Massa	210
Temos um Santo à nossa disposição	210
Missionárias para o Brasil também?	211
Notícias de Cesaró	211
Outras polêmicas a respeito de Chieri	212
Palavras de Dom Bosco às futuras missionárias	213
Dupla função missionária	215
Coragem, minhas filhas!	216
Primeiras notícias da viagem	216
Mais duas casas	217
Podem cortar sem receio	218
Padre Lemoyne — Secretário do Conselho Geral	218
Festa de Natal	220
Carta de Dom Bosco à Madre	220
Pe. Cagliero em Nizza	220

ANO 1884

Ano Novo e novas vestigiões	222
Uma carta de Dom Bosco	222
A "estréia" da Madre	224
A primeira morte do ano	225
Encontro com o novo Arcebispo de Turim	225
Mais uma Irmã pronta para o céu	225
Notícias da Argentina	226
Carnaval em casa	226
Notícias alarmantes sobre a saúde de Dom Bosco	227
Orações pelo Papa	227
Dom Bosco em Alássio	227
Notícias de Nice	228
Lembranças da viagem de Dom Bosco à França	230
Três festas numa só	234
Ir. Villata é chamada ao céu	235
Audiência pontifícia para Dom Bosco	235
Dia de Graça	236
A Madre vai a Turim para o onomástico de Dom Bosco	237
A Comunidade de Nizza e as vítimas do cólera	238
"La Bruna" se transforma em piedoso cenáculo	239
O retiro das Senhoras	239
Primeiro Capítulo Geral do Instituto	241
Retiro para as Irmãs	242
A Madre envia a Dom Bosco um Relatório do Capítulo	243
Encerramento do Retiro	244

Carta de Dom Bosco à sobrinha-neta, Eulália	244
Morte de Ir. Ângela Garbagna	247
Notícias de Buenos Aires	247
Uma segunda casa na Patagônia	248
Abertura do Jardim da Infância em Lingotto	249
Súplica a Nossa Senhora Menina para que nos livre do cólera	249
Ir. Francisca Moffa encerra sua jornada terrena	249
A Madre vai a Saint-Cyr para o retiro	250
Nova fundação em Cândia Canavese	251
Viaja-se também... para a Casa do Pai	251
O Diretor Geral é eleito Bispo	252
Ampliação de edifícios e de obras	253
Mais duas Irmãs para a Eternidade — Uma palavra séria de Dom Bosco	254
Coroa missionária conquistada em pouco tempo	255
O pensamento de Dom Bosco sobre as vocações	255
O perigo das leituras	256
Um semanário turinês elogia nossos internatos	257
Consagração episcopal de Monsenhor Cagliariro	257
Ir. Nazassi e Ir. Testa também são chamadas à eternidade	258
Acabaram as preocupações?	259
Novena de Natal: augúrios a Dom Bosco	259
A morte de Mamãe Teresa	260
Nizza em festa com a chegada de Dom Cagliariro	261
A renovada consagração de igreja de Nizza	262

Serviços gráficos:

Grupo Impressor — Gráfico e Editores Ltda.

Press Grafic — Editora e Gráfica Ltda.

São Paulo